



Leonardo Mamede
pelo Espírito Matheus

POR TRÁS DA ESCURIDÃO

DOS ABISMOS DA ESCURIDÃO, EM DIREÇÃO AO
VERDADEIRO CAMINHO PARA A REDENÇÃO, ATRAVÉS
DE LIÇÕES DE SUPERAÇÃO E ESPERANÇA.

CASA EDITORA
O CLARIM

Por trás da escuridão

Leonardo Mamede, pelo Espírito Matheus

Por trás da escuridão

Matão, SP
1ª edição
2015
CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 2015 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: fevereiro/2015, 6 mil exemplares

Impresso no formato 16x23 cm

ISBN 978-85-7357-131-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Lúcia Helena Lahoz Morelli

Catálogo na Publicação (CIP)

M264p Mamede, Leonardo

Por trás da escuridão / Matheus, [psicografado por] Leonardo Mamede. – 1. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2015.

432p.; 23 cm

ISBN 978-85-7357-131-8

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Dedico estas humildes páginas à minha querida família e à amada esposa
Aline, por todo auxílio e incentivo.

CONSIDERAÇÕES DO AUTOR:

A Procura por Deus

Dizem que a gente só procura por Deus quando os nossos problemas já alcançaram tamanho tal que parecem não mais ter solução, ou então quando todas as nossas esperanças na medicina dos homens já se extinguiram. Pois bem, comigo aconteceu algo semelhante.

No início de 2004, depois de um longo e cansativo ano na empresa onde trabalhava, passei pela triste e dolorosa perda de um ente querido, minha bisavó, que faleceu aos 94 anos de idade.

Como ela residia em Santos e eu em São Paulo, dirigimo-nos, minha família e eu, até essa cidade praiana, a fim de acompanhar seu velório. Sabe quando você tem aquela sensação de que algo estranho vai acontecer? Fui o percurso inteiro sentindo isso. Ao chegarmos, quando vi minha bisavó no caixão, confesso que algo me incomodou ainda mais. Não consigo dizer exatamente o que eu sentia, estava apreensivo e com a garganta seca. A única explicação

que vinha à minha mente naquele momento era a tristeza por sua perda.

Quase todos os meus parentes estavam no velório, prestando suas últimas homenagens a alguém que fora muito querido. E foi somente após sua partida que me dei conta do tamanho do carinho que nutria por ela. Creio que quase todos nós somos assim, amamos nossos entes e amigos, mas dificilmente conseguimos expressar (ou perceber) o quanto estes são importantes para nós.

Não bastasse o estresse vivido por todos devido àquela perda, minha bisavó, por problemas que não saberei agora explicar, não poderia ser enterrada no mesmo túmulo onde estavam outros parentes. Após algum tempo de discussão com os responsáveis pelo cemitério, eu e meus tios não tivemos outra alternativa senão enterrá-la em outro local.

Infelizmente, esse não foi o primeiro velório que acompanhei, e, como nos outros, havia algo que me incomodava no recinto onde se encontrava o caixão. É difícil explicar, mas, sobre o caixão e em torno deste, havia uma névoa semelhante a uma pequena nuvem esbranquiçada cobrindo-o. Além de um aroma muito característico de flores também se fazer presente, alguns sussurros seguidos de uma estranha movimentação quase imperceptível confundiam-me a visão. Como eu era praticamente leigo nos assuntos espirituais, para mim aquela névoa que me incomodava os olhos era fruto de minha

comoção; o aroma era proveniente das coroas de flores próximas ao caixão; e os sussurros eram de meus parentes conversando na sala. Mas eu não conseguia (e ainda não consigo) entender a sensação que tinha de movimentação em torno do ataúde. Infelizmente até hoje é algo difícil de explicar: imagine-se olhando para algo, em cujo entorno você percebe, bem sutilmente, uma luz rodeando.

Após o término do velório, enquanto nós retornávamos para São Paulo, tive uma crise de pânico no carro. Suava frio, não sentia as pontas dos dedos e, por mais que tentasse, não conseguia respirar. Como minha família percebeu que algo estava errado, dirigimo-nos o mais rápido possível para um hospital, antes de sairmos do trecho urbano da rodovia.

Ao chegar à instituição de saúde, senti um forte aperto no coração e uma sensação de desmaio. Os médicos então logo me encaminharam para o atendimento, a fim de realizarem todos os exames possíveis. Foi muito pouco o tempo que permaneci no hospital, mas para mim pareceram muitas horas. Só me recordo de abrir os olhos e ver, aos pés da cama onde eu estava, minha mãe observando-me.

Depois de estabilizarem-me, os médicos disseram que não haviam encontrado nada de errado em mim e que provavelmente aqueles sintomas eram oriundos do estresse sofrido por causa do velório.

Pois bem, retornamos para casa, imaginando que fora uma casualidade, mas infelizmente mais crises passaram a me acompanhar. E cada nova crise vinha mais intensa que a anterior. Então comecei a realizar diversos exames médicos, procurando encontrar uma resposta para o que estava sentindo.

Em cada novo exame, nada era encontrado, o que, de certa forma, ao invés de me deixar aliviado, aumentava ainda mais a minha preocupação. Pois como poderia não ter nada se as crises continuavam se sucedendo? E assim segui por quase seis meses.

Nada parecia explicar o que eu estava sentindo. Foi quando minha mãe aconselhou-me a tentar realizar uma cura espiritual. Sempre fui católico, mas algumas vezes, quando mais novo, acompanhara meu pai até um centro espírita localizado perto de casa. Como nas vezes em que frequentara o centro eu me sentira muito bem, e o assunto não me era de todo tão estranho, decidi acatar a ideia de minha mãe.

A cura espiritual seria ministrada por um médico integrante da equipe espiritual do Dr. Bezerra de Menezes, do qual, até então, eu nada conhecia a respeito. Após me inscrever, alguns dias depois eu recebi uma carta, indicando o dia e os preparativos que deveria fazer. Um misto de apreensão e curiosidade invadia-me. Pensava em como seria aquela cura espiritual.

Chegado o dia, subi para o quarto e, conforme me fora recomendado, orei e deitei-me. Em seguida, tomei um copo com água, que, segundo dizia a carta, seria abençoado, e cobri-me com um lençol, aguardando pelo momento indicado. Enquanto, de olhos fechados, eu aguardava, iniciei uma pequena oração. Pedi para, se me fosse permitido, receber a cura de minhas crises, através das mãos daquele médico espiritual. Logo em seguida, permanecendo ainda de olhos fechados, comecei a sentir que pessoas entravam no quarto. Nada ouvia, mas sabia que conversavam entre si.

Sentia-me calmo, e uma agradável sensação de paz invadiu-me por completo. Então, aos poucos, consegui visualizar em minha mente a silhueta de três pessoas: um homem alto, de cabelos ralos, muito sorridente; um senhor muito sereno, de barba, do meu lado direito; e, aos pés da cama, para a minha surpresa, uma figura muito conhecida, observando-me com o olhar fraterno: era minha querida bisavó. Constatar sua presença emocionou-me muito, pois via claramente que ela estava bem e compreendia que, mesmo após sua partida, ainda zelava por nós. Meu coração se encheu de alegria, e agradei imensamente a Deus por aquela abençoada oportunidade.

Logo, enquanto me deixava ser tomado por aquela sensação, comecei a não mais sentir meu corpo, pois era como se estivesse flutuando. Senti, então, que alguém ao meu lado colocava suas mãos sobre mim e destas saía um confortável calor que me invadia. Até

então nunca havia experimentado tamanha sensação de paz e segurança. Quando acordei no dia seguinte, sentia-me muito tranquilo e confiante. Não sabia se a cura havia ocorrido, mas sentia-me feliz por Deus ter permitido o encontro com aqueles amigos e, principalmente, com minha bisavó. Aquilo era para mim algo inimaginável e surpreendente.

Nos dias que se passaram, perguntava-me quem realmente teria sido o senhor Bezerra de Menezes para ter uma equipe de médicos espirituais. A dúvida seguiu-me até que, ao acaso, indo à residência de minha namorada (hoje, minha esposa), encontrei um livro contando a história desse homem. Pedi o livro emprestado para conhecer quem teria sido aquele bondoso senhor, que as pessoas falavam agir com sua equipe na espiritualidade após sua morte. Fascinei-me com a história de bondade e com a simplicidade do Dr. Bezerra. A partir daí, o assunto relacionado ao plano espiritual interessou-me cada vez mais, aumentando minha vontade de me aprofundar no tema.

No geral, creio ter sido essa minha primeira experiência consciente com o plano espiritual. E posso afirmar com toda a certeza que isso me serviu como bela lição para que eu abrisse meus olhos a esta maravilhosa obra de Deus, que conhecemos como vida. Porque a vida não cessa com a morte física; a vida se propaga e prossegue por toda a eternidade. E o nosso papel é o de nos

empenharmos e procurar buscar sempre o melhor, independentemente de quais sejam as dificuldades. Pois quando nos entregamos e acreditamos em Deus com toda a fé, jamais nos encontramos desamparados.

Após aquela minha primeira experiência espiritual, comecei então, no início de 2008, a receber (do plano espiritual) algumas melodias intuitivamente. No ano seguinte, tive um sonho, no qual me diziam que, se quisesse me aprofundar nos estudos da doutrina, deveria procurar ler as obras de um tal “Chico”. Foi então que fui conhecer um dos grandes exemplos de amor, bondade e humildade que surgiram após Jesus, nosso querido Chico Xavier.

Mais familiarizado com a espiritualidade e as músicas recebidas através de intuições, no início de 2010 escrevi minha primeira mensagem psicografada. No começo, não compreendi muito bem, mas aos poucos foi surgindo uma mensagem após a outra. Todas de caráter elevado. E, antes que eu pudesse concluí-las, iniciou-se também a produção do livro *Por trás da escuridão*.

Desta forma, acredito que, mesmo que tudo fosse obra apenas da mente, ainda assim deveria ser considerado tão importante e dignificante quanto seria caso viesse a lume pelos pensamentos de outrem (por intuição), pois o objetivo é o de elevar o pensamento em direção a Deus, através dos ensinamentos que Jesus Cristo nos deixou, e é isso que tem verdadeira importância.

Assim, venho até vocês sem pretensão alguma de exigir que acreditem ou aceitem tudo o que foi aqui descrito, e muito menos de influenciá-los a isso. Apenas espero que, assim como aconteceu comigo, tudo o que foi aqui narrado possa de alguma forma servir-lhes de incentivo e de lição de que todas as nossas atitudes, quando não condizentes com o verdadeiro caráter cristão, serão sempre passíveis de remissão se assim realmente desejarmos. Pois Deus não nos julga ou condena. Como nosso Pai amoroso que é, Ele sempre nos oferece suas mãos, auxiliando-nos a encontrar o sublime caminho da felicidade.

Compreendamos que essas mãos que Deus nos estende chamam-se “Jesus Cristo”. E que, assim como esse iluminado ser veio nos mostrar essa sublime verdade, existem também verdadeiros discípulos do amor acompanhando-nos e guiando-nos, empenhados em auxiliar-nos nos mais simples detalhes de nosso percurso. São queridos irmãos em Deus, que torcem por nosso avanço moral e anseiam que nos tornemos pessoas cada vez mais simples, sinceras, humildes e dedicadas umas às outras, mas também, e principalmente, a nós mesmos.

A fé acaba com a dúvida. Quem tem fé possui em seu interior a certeza de suas convicções, independentemente de haver ou não alguém para sustentá-las.

Leonardo Mamede

São Paulo, 23.1.2013

MISERICÓRDIA DIVINA

Graças à misericórdia divina, nós temos a chance de poder renascer e tentar corrigir os erros que cometemos no passado. Não fosse isso, estaríamos alguns fadados a conviver com a dor, por não termos conseguido realizar aquilo que poderíamos como filhos de Deus, e com a dúvida, se realmente teríamos agido de outra forma caso a oportunidade surgisse novamente diante de nós.

Queridos irmãos, peço-lhes a gentileza de permitir que eu conte a minha história.

Tive diversas encarnações, residi em muitas localidades, e em todas elas aprendi um pouco mais sobre esta longa estrada que percorremos chamada vida. Possuí várias aparências físicas e diferentes nomes; contudo, para facilitar-lhes o entendimento, adotarei para todas as minhas existências um único nome: “Matheus”, por ser este o que recebi na encarnação que considero a mais elucidativa em termos de aprendizado e compreensão.

Atualmente, encontro-me desencarnado e junto a valorosos companheiros que estiveram presentes nos momentos mais importantes da minha vida. Meu intuito, com esta narrativa, é

contar-lhes um pouco mais sobre os tortuosos caminhos que percorremos e tentar demonstrar, de forma clara e simples, o quão maravilhosa é a providência divina, que nos conduz de forma sábia e inerente, porém respeitando nosso livre-arbítrio e permitindo-nos seguir adiante conforme as nossas necessidades se façam presentes.

Narrarei a minha história - entre algumas encarnações e desencarnações - em meio à de pessoas que, direta ou indiretamente, se relacionaram com ela e contribuíram para que eu pudesse estar neste atual nível de entendimento.

Posso dizer que a minha vida, tanto espiritual quanto física, passou por diversas provações e alterações, com as quais eu nada teria aprendido se não as tivesse enfrentado, pois sempre fui uma pessoa muito perdida e distante dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Em uma de minhas encarnações, tive de lidar com a perversidade que se alojara em mim durante os anos em que estive distante de Deus. Cruzei o caminho de diversas pessoas, modificando-as para sempre. Fui fraco, egoísta, e, quando desejava algo, não media esforços para atingir meus objetivos. Mas o ciclo da vida nos prova que sempre temos a oportunidade de corrigir nossos erros anteriores e traçar novos caminhos.

Para poder descrever tudo o que enfrentei e aprendi, irei voltar alguns anos e contar inicialmente a vida de alguns companheiros que foram muito importantes e que me influenciaram para que

alguns erros, que eu vinha carregando ao longo dos tempos, pudessem ser compreendidos e corrigidos. E, desta forma, narrar como uma pessoa completamente descrente de Deus e de si própria pode voltar a renascer em si.

Espírito Matheus

São Paulo, 21.2.2010

APRESENTAÇÃO

Por trás da escuridão

Posso dizer que, evidentemente, tudo que o leitor encontrar narrado nesta obra foi cuidadosamente planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram desta tarefa no plano espiritual, e que, naturalmente, se dedicaram também à sua transmissão.

Este livro, *Por trás da escuridão*, narra o encontro de um jovem chamado Cláudio com a doce e gentil Elisa, cuja dedicação encontrava-se totalmente voltada para seu irmão mais novo, Pedro, e seu pai, Júlio, que ficou desolado após o desencarne de sua esposa Matilda.

Revoltado com a vida que levava, Júlio sentia ódio do mundo e, principalmente, da igreja, por acreditar ser Deus o culpado por seus tormentos; esse sentimento negativo representava um forte atrativo ao enlace de espíritos obsessores e revoltados. Esse rancor acumulado de Júlio eclode quando surge em seu caminho Matheus, um rapaz rebelde e perdido, capaz de atos de extrema crueldade por

conta do ódio que carrega consigo; suas atitudes acabam trazendo sofrimento não somente a ele próprio, mas a todos à sua volta.

Contudo, enquanto, no plano físico, algumas criaturas como Júlio e Matheus seguem perdidas e distantes de qualquer ensinamento de Jesus Cristo, no plano espiritual, valorosos benfeitores e amigos do bem se dedicam a auxiliar a todos esses irmãos em constante aprendizado.

Podemos, então, verificar como o amor, o carinho e o amparo desses abnegados espíritos de luz são capazes de romper qualquer tipo de barreira. Para isso, basta que desejemos, busquemos e nos permitamos receber seu auxílio.

Não se podem compreender as mudanças sem antes realmente conhecer quais foram as dificuldades envolvidas. Um homem não se torna mau simplesmente da noite para o dia. São as suas escolhas e atitudes que moldam o seu caráter no decorrer de cada existência.

Matheus, ao longo dos tempos, foi se envolvendo em verdadeira escuridão. Uma criatura cujo ódio, alimentado através das existências físicas, acabou por transformar em alguém capaz de causar ao próximo dor e sofrimento, sem esboçar qualquer sinal de arrependimento ou remorso. Seu único intuito era realizar seus desejos de vingança e, desta maneira, tentar satisfazer a uma necessidade incompreendida.

O objetivo desta obra não é apenas focar-se na obscuridade que envolve determinadas criaturas, mas sim procurar remover as pesadas nuvens que cercam aqueles que caem em verdadeiras trevas, e mostrar o que realmente existe por trás da escuridão. Iremos apresentar um pouco do importante e caridoso trabalho de auxílio realizado pelas inúmeras correntes de benfeitores espirituais, que tanto se empenham em ascender-nos à meta do amor e da humildade, e também elucidar que qualquer criatura, por mais perdida, cruel e voltada à violência que seja, pode perfeitamente encontrar sua verdadeira luz interior e o caminho à tão almejada felicidade, independentemente de quais tenham sido suas escolhas e atitudes.

Narrados não somente pelo espírito Matheus, mas sim por uma grande equipe de colaboradores do plano espiritual, estes escritos constituem uma simples, humilde e verdadeira lição de esperança e conforto, demonstrando que a luz, o auxílio e o amparo necessários à libertação estão sempre ao alcance de qualquer um que esteja perdido ou revoltado, seja este um espírito encarnado ou não, bastando apenas o seu próprio arrependimento.

Veremos aqui como nossas más atitudes são as únicas responsáveis por moldar-nos o caráter e colocar-nos a seguir indeterminadamente por um inevitável caminho tortuoso, até que

possamos, através dos ensinamentos de Jesus Cristo, ter reais condições de seguir adiante.

Por isso, estendamos as nossas mãos ao próximo, abstendo-nos dos sentimentos de orgulho, raiva e inveja. Conforme nos descrevem nossos amáveis companheiros do plano espiritual, nós somos todos uma grande e eterna família, unida e abençoada pelo sublime e eterno amor de Deus.

1. O ENCONTRO

O ano é 1862, e o cotidiano na pequena vila do interior do estado de São Paulo, onde Cláudio e sua querida mãe, a senhora Marta, moravam, era muito calmo e tranquilo.

Nascido ali, na própria vila, Cláudio fora abandonado pelo pai, no dia em que sua mãe descobrira que estava grávida, pois o homem não se conformara com a ideia de ter um filho; ele queria aproveitar a vida e acreditava não ser aquele o seu destino. Por isso, desde pequeno, Cláudio passara a ajudar a mãe no sustento da casa. Hoje, já com 17 anos, dedicava a maior parte do tempo ao trabalho nas plantações com seu tio Alberto. Nunca tivera a oportunidade de estudar, pois o trabalho não lhe permitira. Mesmo assim, sempre que lhe sobrava algum tempo, folheava os livros antigos que tinha em casa, tentando aprender a ler sozinho.

- Cláudio! Aonde vai? É Natal, e eu gostaria que ficássemos juntos, meu filho.

- Eu sei, mãe. Não me demoro. Quero muito comprar algo para lhe dar de presente; minha semana foi muito corrida e infelizmente

ainda não consegui encontrar nada para presentear a senhora neste ano.

- Imagina, meu filho! Você sabe muito bem que não faço questão de receber nada. Seu carinho já é mais que o suficiente para mim.

- Mesmo assim, mãe, eu faço questão! Não me demoro, vou num pé e volto no outro.

- Bem, você que sabe. Só não se esqueça de que o almoço está quase pronto e que eu trouxe alguns doces muito gostosos, lá da capital, para sobremesa.

- Pode deixar, mãe. Vou dar um pulo no mercadinho do seu Pierre. Aposto que lá deve ter um presente bem bonito para a senhora.

- Oi, seu Pierre, como está? - disse Cláudio, chegando à loja.

- Estou muito bem, Cláudio. Ah! E antes que me esqueça, um feliz Natal para você!

- Muito obrigado! Um feliz Natal para o senhor também. Ainda bem que o senhor abriu hoje; preciso muito encontrar algo para presentear minha querida mãe.

- Pois é, abri sim, pelo menos até a hora do almoço estarei por aqui. Mas, diga-me, Cláudio: você deseja algo em especial?

- Então, seu Pierre, eu quero muito dar um presente para minha mãe, mas não faço ideia do que possa ser. Por acaso o senhor teria algo para me recomendar?

- Acho que tenho algo que sua mãe, a Dona Marta, vai gostar; chegou estes dias da cidade... Está aqui, veja: é uma bela imagem de Nossa Senhora. E, como eu sempre vejo sua mãe lá na igreja, acredito que ela irá gostar.

- Nossa, seu Pierre, mas que imagem linda! Nunca havia visto uma como esta. Não com esta riqueza de detalhes. Tenho a impressão de que ela está olhando para mim. Eu vou levá-la! Aposto que minha mãe irá gostar muito. Mas, antes, vou levá-la à igreja para que o padre Antônio possa benzê-la.

- Muito bem. Estão está aqui, Cláudio! Espero que sua mãe goste. Novamente, um feliz Natal para você, e mande lembranças à sua mãe.

- Pode deixar, seu Pierre, mando sim. Até mais.

- *Nossa! Minha mãe irá se apaixonar por esta imagem, nunca vi nada parecido. Este, sim, é um presente que ela merece. Assim que o padre benzer esta imagem, ela já estará pronta para ser entregue à minha mãe* - pensou Cláudio, chegando à igreja.

- Oi, padre Antônio, um feliz Natal para o senhor.

- Olá, Cláudio. Um feliz Natal para você também, meu filho. Como vão as coisas? E sua mãe como está?

- Ela está muito bem, graças a Deus. Vim aqui porque gostaria muito que o senhor benzesse esta santinha, que darei de presente a

ela. Tenho certeza de que ela vai adorar. O senhor faz esse favor por mim?

- Claro, meu filho, eu benzo, sim.

- Muito obrigado, padre. Enquanto isso, eu vou aproveitar para rezar um pouco e agradecer a Deus pela saúde de minha querida mãe, pelo trabalho que tenho e também pelo dia de hoje, já que é o dia do nascimento de seu querido filho.

- Fique à vontade, Cláudio. Eu vou benzê-la e já volto, com licença.

- Toda, padre.

- *Puxa vida! Tenho trabalhado tanto que nem tenho tido tempo de vir à missa. Preciso vir mais vezes, sempre que venho sinto-me tão bem, uma calma, uma paz interior, como se minhas energias fossem renovadas* - pensou Cláudio, começando uma oração:

- Senhor meu Deus, sei que tem algum tempo que não converso com o senhor, mas é que tenho estado na correria lá com o trabalho com meu tio. Gosto muito de trabalhar com meu tio Alberto e poder, assim, ajudar no sustento lá de casa. Enfim, eu tenho tanto para falar que nem sei por onde começar. Gostaria, antes de qualquer coisa, de lhe agradecer pelo mês passado, foi um mês muito bom para o dono de onde trabalhamos. A colheita foi muito boa e ele nos deu até alguns alimentos como gratidão pela dedicação que temos com as plantações. Senhor, meu Deus, obrigado também por...

Cláudio interrompe sua oração ao ouvir alguém chorar, tenta prosseguir, mas é interrompido novamente.

- *Puxa vida, não consigo me concentrar com essa choradeira. Por que será que aquela garota está chorando tanto? Deixe-me ver o que está acontecendo* - pensou.

- Oi, moça. Desculpe se estiver me intrometendo, mas posso lhe perguntar o que foi que houve? Eu estava ali e não pude deixar de notar que estava chorando. Posso lhe ajudar de alguma forma?

- Eu que lhe peço desculpas, não queria atrapalhar - disse a moça.

- Imagina, é na casa de Deus onde encontramos o consolo para nossos corações. Será que posso lhe ajudar de alguma forma? - questionou Claudio, preocupado.

- Não se preocupe, não quero incomodá-lo com meus problemas. Tive uma discussão com meu pai. Ele não me escuta quando digo que, para seu próprio bem, ele deve ter mais paciência com meu irmão. Pedro é jovem e se distrai facilmente com as coisas. Às vezes, preciso arrastá-lo para a escola. Ele passa mais tempo na rua do que na sala de aula. Compreendo que os pais querem o melhor para os filhos e, às vezes, acabam sendo autoritários quando estes não seguem o caminho esperado. É que meu irmão é muito avoado. Por várias vezes a professora quis conversar com meu pai a seu respeito e, por pena de meu irmão, eu que fui conversar com ela, sem que

meu pai soubesse, alegando que ele não podia comparecer por estar viajando. Sempre cuidei de meu pai e de meu irmão, depois que minha saudosa mãe veio a falecer no parto de Pedro.

- Compreendo. Diga-me: que idade tem seu irmão?

- Hoje ele está com oito anos. Pedro é um garoto muito especial, custou a entrar na escola. Ele possui uma mente muito avançada para sua idade; às vezes, chega a assustar-me.

- Puxa! Que legal! Não é à toa que seu pai se preocupa tanto com ele.

- Só que, infelizmente, Pedro não consegue manter a mente muito tempo focada nos assuntos. Os médicos dizem que ele nasceu com uma pequena disfunção cerebral que o impossibilita de se manter alerta. Às vezes, ele age como se fosse bem mais velho e nós mantemos diálogos que vão muito além da minha compreensão; mas, em determinados momentos, age feito uma criança com metade da sua idade.

- Nossa! Deve ser bem difícil para vocês - surpreende-se Cláudio.

- Bastante... E o problema é que sua professora não compreende e fica achando que ele é somente um garoto desatento e desleixado. Quantas vezes não passei horas com ele, refazendo todas as suas lições de casa... Eu tenho me esforçado para ajudá-lo, mas confesso que tem sido bem difícil para mim.

- Mas, e seu pai? - indaga Cláudio.

- O que tem ele? - pergunta Elisa.

- Ele não tem essa sensibilidade que você tem? Não procura ser mais paciente com seu irmão?

- Ele tenta. Confesso que, mesmo meu pai sendo uma pessoa tão amargurada, ele tem seu lado bom. Às vezes, pego meu pai chorando de saudade da minha mãe; tem dias que ele adormece segurando um vestido que ela usou quando se conheceram.

- É... Realmente não deve ter sido nada fácil para seu pai cuidar de vocês quando sua mãe faleceu.

- Eu mesma sonho bastante com ela, chega a doer o coração de tanta saudade. Meu pai não compreende que, por mais que tenhamos amado nossos entes queridos, devemos deixar que sigam sua jornada de evolução em paz. Às vezes, sinto que ele olha para meu irmão como se ele tivesse sido o culpado pela morte dela.

- Puxa! Como ele pode pensar isso? - surpreende-se Cláudio.

- Eu tenho dó do meu pai, sei que ele não faz por mal. Mesmo assim, ele deveria estar feliz pelo filho que tem, e não culpá-lo. Não compreende que, quando chega a hora da pessoa, é assim mesmo.

- Verdade. Lá em casa, é o contrário: minha mãe vive querendo me agradar, apesar de meu pai tê-la deixado quando descobriu que estava grávida de mim. Ela me contou que meu pai era uma pessoa muito despreocupada com a vida, que só queria saber de aproveitar.

- Mas onde ele está agora? - indaga Elisa.

- Minha mãe nunca teve notícias dele após meu nascimento. Eles começaram a namorar cedo e, logo, minha mãe engravidou. Quando meu pai soube, entrou em desespero. Como um rapaz tão jovem e cheio de anos pela frente iria agora ter de assumir um filho?

- Mas que pensamento mais imaturo! Desculpe-me falar assim de seu pai, mas ele deveria ter pensado nisso antes.

- Tudo bem, não se preocupe. Eu não guardo ódio dele; acho que esse tipo de sentimento é atraso de vida. Hoje, eu e minha mãe vivemos muito bem; não possuímos grandes bens, mas conseguimos ter o suficiente para nos manter felizes.

- Que bom! Fico feliz por vocês - comenta Elisa.

- Nossa! Estamos conversando há um tempão e nem perguntei seu nome - indaga Cláudio

- Chamo-me Elisa.

- Elisa... Que belo nome!.

- Sou Cláudio, muito prazer.

- Prontinho, Cláudio, a imagem de Nossa Senhora para sua mãe já foi benzida - interrompeu padre Antônio.

- Muito obrigado, padre! - agradeceu Cláudio.

- Elisa, você por aqui? Faz tempo que não a vejo - comentou o padre.

- Oi, padre. Tudo bem com o senhor? - perguntou a jovem.

- Tudo. E como vão seu pai e seu irmão, Elisa?

- Estão bem, graças a Deus... - respondeu a jovem.

- Que bom, fico contente. Sinto falta de sua ajuda aqui na igreja.

- Eu também, padre, tenho muita vontade de voltar a ajudá-lo.

Mas, como de uns tempos pra cá meu pai parece ter voltado a ficar triste com a falta da minha mãe, eu prefiro ficar com ele até que melhore.

- Faz muito bem, Elisa, seu pai precisa muito de seu apoio. Imagino o quanto deve sofrer pela perda de sua mãe. Mas gostaria muito que voltassem a frequentar as missas. A palavra de Deus sempre nos traz muito consolo. Não gosto de imaginar que ele fique preso ao passado. Deve continuar em frente e pensar nos filhos.

- Eu sei, padre. Mas o senhor sabe como ele é. Ele não me escuta. Poucas são as vezes em que se senta à mesa conosco, quase sempre prefere comer em seu quarto sozinho.

- Mas faça um esforço, Elisa. Sei que ele a ouvirá. Traga-o à missa hoje. Afinal, é dia de Natal... Quem sabe não aproveitamos este espírito natalino e conseguimos fazê-lo abrir os olhos?

- Eu vou tentar, padre. Bem, preciso ir, já passei muito da hora do almoço e não quero fazer meu irmão esperar.

- Está certo, um feliz Natal para vocês, Elisa! Vá com Deus - desejou o padre.

- Para o senhor também, padre. E foi um prazer conhecê-lo, Cláudio, gostei muito da nossa conversa.

- O prazer foi meu, Elisa, espero que venham à missa hoje. Eu e minha mãe sempre comparecemos - respondeu Cláudio.

- Irei tentar. Até mais, Cláudio - despediu-se Elisa.

- Nossa, padre, eu não consigo nem imaginar o peso que ela deve carregar nas costas por ter de cuidar do pai e do irmão.

- Pois é, Cláudio. Mas Deus sabe o que faz. Vamos torcer para que ela consiga convencer o pai a vir à missa hoje.

- Seria muito bom padre. Bem, já vou; minha mãe já deve estar preocupada. Eu disse que não demorava.

- Está certo, Cláudio. Vejo vocês na missa, então.

- Até mais, padre.

- *Espero que minha mãe não esteja preocupada, acabei demorando mais do que imaginava* - pensava Cláudio a caminho de casa.

- Oi, mãe.

- Meu Deus, Cláudio! Onde você estava? Eu já ia sair pra te procurar.

- Desculpe a demora, mãe. É que fui até a igreja. Ah! E antes de mais nada, tome. Um feliz Natal para a senhora - disse Cláudio, entregando-lhe a imagem de Nossa Senhora.

- Muito obrigada, meu filho. Mas não precisava ter se preocupado.

- Imagine, mãe, eu fiz questão. É o mínimo que poderia fazer. Espero que a senhora goste.

- Mas como é linda, Cláudio! Eu nunca tinha visto uma imagem como esta. Nossa! Adorei, linda mesmo!

- Então, mãe, já está benta, por isso me demorei, fui levá-la até a igreja para que o padre Antônio a benzesse.

- Ah! Muito obrigada, ela ficará bem aqui, do lado da minha cama. Mas agora vamos almoçar, não quero que a comida esfrie.

- Vamos sim! Estou morrendo de fome! - comenta Cláudio.

- Cláudio, ponha os pratos na mesa, por favor, enquanto vou pegar o almoço.

- Coloco, sim, mãe.

- Espero que goste, fiz aquele peru que tanto me pediu, Cláudio.

- Hummm... Deve estar muito bom, mãe.

- Não quero que a senhora se preocupe, deixa que eu sirvo a gente... Nossa! Está maravilhoso, muito melhor do que quando experimentei na casa da tia.

- Que bom, meu filho, então coma bastante.

- Mãe, por acaso a senhora conhece uma menina chamada Elisa, que tem um irmão mais novo? Acho que ela disse que ele se chama Pedro.

- Esse nome me é familiar. Não é uma que perdeu a mãe quando era novinha?

- Isso mesmo, mãe! A senhora a conhece?

- Conheço, sim. Ela ajudou o padre Antônio lá na igreja durante um período. É uma menina muito boa. Soube que cuida do irmão como se fosse sua própria mãe.

- Pois é, mãe. Hoje eu estava lá na igreja e a encontrei. Ela tinha ido lá por causa do pai. Contou-me das dificuldades que tem passado por causa do irmão e das discussões com seu pai. Confesso que fiquei com dó da situação em que se encontra. Gostaria de poder fazer algo.

- É, meu filho, você não imagina quanto essa menina teve de amadurecer para cuidar do irmão.

- Então, mãe, ela me contou que o irmão tem alguns problemas e que por isso vai mal na escola. Mas o problema mesmo é seu pai. Acredita que ela disse que ele não se senta à mesa para comer com eles? Parece que vive isolado, chorando pela perda da esposa.

- Coloque-se na situação dele, Cláudio. Imagina perder alguém que se ama, de forma inesperada. Não é fácil, precisa de muito tempo para superar essa perda. Tem pessoas que nunca conseguem.

- Tem razão, mãe. O padre Antônio pediu para que ela fosse à missa hoje e que tentasse levar seu pai. Espero que consiga convencê-lo.

- Vamos torcer para que ela consiga, meu filho. A missa é uma boa hora para refazermos nossas energias. Ouvir a palavra do Senhor é sempre o melhor caminho.

2. QUERIDO PEDRO

Ao entardecer, Cláudio e sua mãe se preparam para ir à missa.

- Vamos, Cláudio, não quero chegar atrasada.

- Já vou, mãe. Eu estava procurando um livro muito bom que eu li há algum tempo, que me esclareceu muita coisa. Pensei em dar de presente à Elisa para ela entregar a seu pai. Prontinho, mãe, já peguei. Podemos ir.

- Venha, vamos, Cláudio, pegue seu casaco e a capa; parece que o tempo vai mudar e irá chover.

- Nossa, mãe, quem diria que, depois do belo dia de calor, o tempo iria esfriar tanto assim... - disse Cláudio no caminho para a igreja.

- Veja, filho, lá está a Dona Maria com seu marido, o seu Fausto. Eles nunca perdem a missa do dia de Natal. Venha, vamos cumprimentá-los.

- Oi, Dona Maria, como está a senhora? - perguntou a mãe de Cláudio.

- Estou muito bem, Dona Marta. Que bom que a senhora veio e trouxe seu filho - respondeu Dona Maria.

- E o senhor, seu Fausto, melhorou das dores nas costas? - questionou Dona Marta.

- Ainda incomoda um pouco, mas a gente vai levando, Dona Marta.

- Vai melhorar, seu Fausto, tenha fé. Puxa! Vamos entrar, falta pouco tempo para iniciar a missa - alertou Dona Marta.

- Nossa, mãe, poucos vieram se compararmos com os anos anteriores, não é mesmo? - surpreendeu-se Cláudio.

- Tem razão, deve ser por causa do mau tempo. Ainda bem que conseguimos chegar antes da chuva.

- Mãe, a senhora está vendo Elisa em algum lugar?

- Não, talvez ela se atrase por causa da garoa que começou a cair.

- Espero que ela venha - desejou Cláudio.

- Silêncio, o padre Antônio já começou - disse Dona Maria.

- Irmãos e irmãs, felizes são os convidados para ouvir as palavras do Senhor. Naquele tempo, Jesus disse: *“Todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante do meu Pai”*. Meus caros, o que Jesus quis dizer com isso? Que devemos transmitir suas palavras, seus ensinamentos para todos - pregava o padre Antônio.

- Veja, mãe, não é a Elisa lá na porta? Vou lá ver o que aconteceu.

- Ai, por favor, alguém me ajude! - disse Elisa, chorando.

- Calma, Elisa, me diga o que aconteceu - pediu Cláudio, preocupado.

- Meu irmão, o Pedro, sumiu!

- Mas como sumiu? Aconteceu algo? - surpreendeu-se Cláudio.

- Na hora do almoço, fui levar o prato do meu pai até seu quarto, mas ele não estava. Foi quando o encontrei no quintal, cavando um buraco.

- Meu Deus, Elisa! Mas que coisa mais doida! E para que esse buraco?

- Ele não me respondeu, parecia estar fora de si. Poucas horas depois, ele começou a tocar fogo em um monte de cartas antigas que guardava. Meu irmão ficou assustado e começou a chorar. Aí meu pai perdeu o controle e agrediu o Pedro, obrigando-o a parar com aquele choro. Foi quando entrei no meio e consegui tirar meu pai de cima do Pedro e levá-lo a seu quarto. Foi o tempo de eu descer para tentar entender o que meu pai estava fazendo e quando retornei ao quarto para ver o Pedro, ele já não estava mais lá. Procurei-o por toda a casa e arredores, mas não o encontrei. Por favor, Cláudio, me ajuda a encontrá-lo?

- Claro, Elisa, ajudo, sim. Deixe-me apenas avisar minha mãe.

- Está bem, mas não demore, por favor - disse Elisa, aflita.

- Mãe, mãe! - chamou Cláudio.

- O que houve, Cláudio? O que a Elisa tem para estar lá na porta? Parece estar chorando... - perguntou Dona Marta.

- É que o irmãozinho dela desapareceu e ela veio pedir ajuda.

- Meu Deus, Cláudio, mas que coisa horrível! Ela já o procurou na casa de algum colega ou vizinho?

- Acho que não. Ela está tão desesperada que nem deve ter pensado nisso. E também, ela disse que ele não tem amigos e dificilmente sai sozinho de casa. Vou ajudar a procurá-lo, está bem?

- Vá, sim, meu filho. Vou esperar a missa terminar para não criar tumulto e depois vejo se reúno algumas pessoas para ajudar a procurá-lo também.

- Pronto, Elisa. Vamos, vamos! - disse Cláudio, saindo da igreja.

- Ai, meu Deus! Cláudio, onde será que Pedro está? Ele nunca fez isso.

- Calma, Elisa, não chore, iremos encontrá-lo.

- Espero que ele esteja bem. Ai... Meu pai é um cabeça-dura! Assim que encontrarmos o Pedro, vou urgentemente procurar ajuda para meu pai.

- Verdade, dessa vez ele foi longe demais. Onde já se viu agredir uma criança? Venha, vamos por ali, Elisa.

- Estou começando a ficar assustada, Cláudio. Voltou a chover e meu irmão é muito sensível, fica doente por qualquer coisa. E nesta escuridão... Ele não conhece direito a região...

- Veja, Elisa, é o Paulo, vigia da casa da Dona Cida. Quem sabe ele não viu o Pedro passar por aqui...

- Ei, Paulo, por acaso viu um garoto de oito anos, pele branca, passar por aqui? Elisa, você se lembra como ele estava vestido? - perguntou Cláudio.

- Estava com uma camisa marrom e um *short* claro - informou Elisa.

- Puxa vida, Cláudio! Desculpa não poder ajudar, mas não vi nenhum garoto por aqui, não - respondeu o vigia.

- Tudo bem, de qualquer forma, eu lhe agradeço. Paulo, se você o vir, por favor, me avise, sim? - pediu Cláudio.

- Claro, aviso, sim!

- Venha, Elisa, vamos continuar procurando. Vamos até o campinho de terra.

- Isso! Boa ideia, Cláudio! Ele adora quando brincamos lá.

- Por aqui... Conheço um atalho. Fique tranquila, Elisa, iremos encontrá-lo.

- Que Deus o ouça! Não sei o que faria da minha vida se algo acontecesse ao meu irmão.

- Calma, vai dar tudo certo! Veja, lá está o campinho. Mas não estou vendo Pedro em lugar nenhum.

- Pedro! Pedro! Ai... Cadê ele, Cláudio? - gritou Elisa, aflita.

- Elisa, por acaso você não se lembra de algum lugar aonde seu irmão gosta de ir?

- Não, não me lembro, saímos tão pouco. Espere... Uma vez eu o levei até a imagem da Nossa Senhora que há lá na cachoeira. Lembro-me de ele ter gostado muito. Disse que a mamãe falou com ele.

- Venha, vamos lá, então.

- Mas está muito escuro, Cláudio, não sei como meu irmão teria conseguido chegar lá nessa escuridão e debaixo dessa chuva. Além do mais, é muito longe daqui para ele ter ido sozinho.

- Mesmo assim, venha, vamos lá.

- Já sei! Tive uma ideia: vamos voltar e falar com Paulo novamente, pois, se não me engano, ele tem um cavalo. Vamos pedir emprestado, assim chegamos mais rápido.

- Paulo, Paulo! - disse Cláudio, aproximando-se do vigia.

- E então, Cláudio, conseguiram achar o menino? - perguntou Paulo.

- Ainda não. Achamos que ele foi até a cachoeira da santa.

- Nossa! Mas é bem longe para vocês irem até lá numa hora desta.

- Verdade, Paulo. E por isso gostaria de saber se você nos emprestaria seu cavalo.

- Claro, Cláudio, empresto sim, está lá atrás. Espere um pouco.

- Atchim! - era Elisa espirrando.

- Nossa! Ficar debaixo dessa chuva não está lhe fazendo bem, Elisa. Já está ficando resfriada. Pegue, vista minha blusa; ela está mais seca que a sua.

- Mas você não vai sentir frio, Cláudio?

- Não, tudo bem, não se preocupe comigo.

- Prontinho, Cláudio, está aqui o meu cavalo. O nome dele é Malhado e ele é bem obediente - disse Paulo, entregando-lhes o cavalo.

- Muito obrigado, Paulo! Prometo cuidar muito bem dele.

- Imagine, pode levar sem problemas. Só não vou com vocês ajudar a procurar o garoto porque, se a Dona Cida souber que não estou aqui, ela ficará muito brava - respondeu Paulo.

- Não se preocupe, Paulo, já está ajudando bastante emprestando seu cavalo.

- Venha, Elisa, suba aqui, vamos.

- Por ali, Cláudio, pela rua da praça a gente chega mais rápido à estrada que leva até a cachoeira.

Enquanto isso, ao fim da missa, já na porta da igreja, Fausto avista Cláudio e pergunta:

- Aquele montado em um cavalo não é o seu filho, Dona Marta?

- Nossa, é o Cláudio mesmo! Será que descobriram onde o menino está? Venha, vamos atrás dele, seu Fausto. Enquanto isso,

Dona Maria, vá até a casa da Elisa ver se por acaso Pedro não voltou para lá, por favor – disse Dona Marta.

- Pedro! Pedrooo! – gritou Elisa no trajeto à cachoeira. – Atchim! Atchim!

- Nossa, Elisa, parece que você está piorando. Aguarde mais um pouco que logo chegaremos.

- Cláudio, desculpe por fazê-lo passar por isso em pleno dia de Natal.

- Que é isso, Elisa? Não se preocupe. É o mínimo que eu poderia fazer.

- Nossa! O que é aquilo, Cláudio?

- Acho que houve algum desabamento – respondeu ele.

- Ai, meu Deus! Isso era hora de a estrada ficar interditada? E agora, Cláudio, como nós faremos para atravessar para o outro lado?

- exclamou Elisa, tossindo.

- O pior é que não podemos nem contornar, e a única ligação com a cachoeira é por aqui – advertiu Cláudio.

- Ai! Minha cabeça está doendo... – reclamou Elisa.

- Vamos fazer assim, Elisa, fique ali me esperando enquanto eu tento atravessar para o outro lado. Nas condições em que você está, é capaz de piorar se continuar tomando essa chuva. Venha, fique aqui debaixo desta árvore com o cavalo de Paulo, enquanto vou até a cachoeira. Não está trovoando, então não há perigo.

- Ah, não, Cláudio! Eu quero ir com você procurar meu irmão.

- Melhor não, Elisa. Não quero que piore. Confie em mim. Se ele estiver lá, eu irei encontrá-lo.

- Mas você não conhece meu irmão! Como irá fazer?

- Não se preocupe, lembro-me bem das descrições que me deu, e acho muito improvável ter mais alguém por lá nesta hora, debaixo dessa chuva.

- Promete que vai achar meu irmão?

- Prometo, confie em mim, Elisa. Eu vou dar a volta pela mata. Não voltarei sem seu irmão, prometo!

Enquanto caminhava, atravessando a mata, Cláudio pensava:

- Ainda bem que já estive algumas vezes lá na cachoeira. Lembro-me de ter feito algumas trilhas por dentro dessa mata. Nossa! Há muito barro, e essa chuva não dá trégua! Não sei se foi uma boa ideia ter entrado nesta mata para contornar o desabamento. A terra aqui está bem solta... Mas não vou desistir, prometi a Elisa que voltaria com seu irmão e não vou falhar. Ainda bem que pelo menos estou de sapato... Acho que vou subir, pois aqui a mata está bem fechada... Quantos espinhos! Preciso tomar mais cuidado com onde me apoio. Com essa escuridão, fica quase impossível ver por onde estou indo, mas o jeito é continuar subindo; acho que lá de cima deste morro já conseguirei avistar a cachoeira.

- Atchim!... Ah, não! Não posso ficar doente agora, preciso me apressar. Não posso fazer a pobre da Elisa ficar lá me esperando por

muito tempo! – exclamou Cláudio.

– Se pelo menos essa chuva parasse um pouco, eu poderia ir correndo, mas, com todo esse barro, não consigo nem ficar em pé direito. Espero que Elisa esteja certa, que Pedro realmente esteja na cachoeira. Só mais alguns metros e já estarei no topo deste morro, tenho certeza de que de lá eu conseguirei avistar a cachoeira... Pronto! Finalmente consegui chegar. Agora vejamos para que lado fica a cachoeira. Bem... Pelo som, ela deve estar por ali. Ah! Lá está! Nossa! Havia-me esquecido do quanto ela é bonita. Eu vinha muito aqui para relaxar, mas com essa correria por causa do trabalho com meu tio, nunca mais tive tempo... Engraçado, não vejo ninguém – continuava a pensar.

– Pedro! Pedrooo! – gritava Cláudio, procurando o garoto.

– Ah, não! Não acredito que tive todo esse trabalho em vão. Mas, espere, acho que tem alguém lá embaixo. Será que é o Pedro? Está tão escuro que mal consigo ver se a sua descrição é a mesma que a Elisa passou.

– Pedro! Pedroooo! – chamava, mas, sem obter resposta, tentava chegar mais perto da beirada para ver melhor.

– Pedro! Sou amigo de sua irmã Elisa, eu quero ajudá-lo.

– Puxa vida! Quem será? E por que não responde? Vou tentar chegar mais perto para ver se ele me escuta... Só mais um pouco... – raciocinava Cláudio, quando escorregou da beirada do morro.

– Ahhhhhhhh! Não!!! Socorro! – gritou Cláudio, agarrando-se à beirada. Por favor, alguém me ajude! Não vou aguentar me segurar

por muito tempo! Socorro! Socorrooooo!

Apesar de seu esforço, Cláudio não conseguiu se segurar e acabou caindo na cachoeira.

3. AMOR DE MÃE

- Estou começando a ficar preocupada com o Cláudio. Já tem mais de uma hora que ele foi até a cachoeira e ainda não voltou. Se pelo menos a estrada estivesse livre, eu já teria ido atrás dele. Ainda bem que pelo menos a chuva parou... Meu Deus, por favor, proteja o Cláudio e meu irmãozinho
- pensava Elisa.

Algum tempo depois, finalmente chegaram Sr. Fausto e Dona Marta, que tinham seguido Cláudio.

- Ei, menina! Tudo bem aí? - perguntou Fausto, preocupado.

- Calma, seu Fausto, é a Elisa, amiga do Cláudio - disse Dona Marta.

- Mas por que está sozinha? Onde está o Cláudio? - indagou ele.

- Elisa, sou eu, Dona Marta. Conhecemo-nos lá da igreja do padre Antônio - disse a mãe de Cláudio, aproximando-se da jovem.

- Atchim! Oi, Dona Marta, o que está fazendo aqui?

- Viemos atrás de vocês por causa do desaparecimento do seu irmão. Cláudio disse que ele sumiu.

- Sim, é verdade. Pedro nunca fez isso antes e estou tão preocupada com ele... - respondeu Elisa, começando a chorar.

- Acalme-se. Nós estávamos lá na igreja, quando vimos você e o Cláudio vindo para cá nesse cavalo. Onde está o Cláudio, Elisa?

- Ele foi sozinho atrás do Pedro. Eu contei a ele que, quando éramos mais novos, vínhamos muito à cachoeira da santa. A senhora conhece?

- Conheço essa cachoeira. Fica aqui por perto, não é? - perguntou Dona Marta.

- Isso mesmo. Fica a menos de um quilômetro daqui, logo depois daquele morro. Porém, mais ali à frente, houve um deslizamento que bloqueou toda a estrada. Então, Cláudio decidiu contornar o morro, e pediu para que eu o esperasse aqui. O problema é que já tem mais de uma hora que ele foi até lá e ainda não voltou. Estou ficando preocupada.

- Não se preocupe, Elisa. Cláudio é um rapaz muito esperto, apesar da pouca idade que tem. Tenho certeza de que ele está bem. E, se o seu irmão estiver lá, ele o trará de volta.

- Mesmo assim, Dona Marta, a senhora não acha que deveríamos ir atrás dele?

- Acho melhor esperarmos ele voltar. Com toda essa chuva que caiu, deve estar muito perigoso andar naquele morro. Tenha fé, que tudo dará certo. Além do mais, pode haver mais desabamentos.

- Dona Marta tem razão. Está muito escuro e pode haver mais desabamentos. O melhor que nós podemos fazer é esperar o Cláudio

voltar – observou Fausto.

- Não se preocupe, Cláudio conhece bem esta região e logo voltará em segurança – lembrou Dona Marta.

- Vamos rezar para que a senhora esteja certa – desejou Elisa.

Enquanto isso, após ter caído na cachoeira, Cláudio consegue sobreviver e, desacordado, é guiado pela correnteza até a beira, em segurança. Inconsciente, o jovem é espiritualmente conduzido a um outro plano.

- *Ai, minha cabeça! Só me lembro de ter ido procurar Pedro na cachoeira e, ao aproximar-me da beirada... O que houve? Não me recordo* – pensava Cláudio, enquanto tentava entender o que havia acontecido.

- Fique tranquilo, Cláudio, você está bem. Eu lhe trouxe em desdobramento a um plano menos denso que o seu. Eu sou Matilda, mãe de Elisa – explica uma senhora enquanto se aproxima dele.

- O quê? Mas como? Elisa me contou que a sua mãe faleceu há muito tempo. Eu estou morto? – assusta-se Cláudio.

- Não, meu filho. Você está bem. Pedi para lhe trazerem aqui, pois preciso de sua ajuda para que eu possa seguir adiante. Ainda possuo algumas pendências e gostaria que me auxiliasse.

- Não compreendo. Por que eu? – indaga Cláudio.

- Tenho observado você há algum tempo, e vi que tem um grande coração. Não somente por sua história e pelo auxílio que tem dado à sua mãe, mas também por ter aceitado ajudar Elisa a

encontrar Pedro, mesmo sem possuir qualquer vínculo com eles. Não se deixou interromper pelas barreiras impostas em seu percurso, e seguiu em frente, em busca de seu objetivo: auxiliar um semelhante, não importando as dificuldades. Além do mais, os laços que os unem não são desta vida.

- Era o mínimo que eu podia fazer, Dona Matilda.

- Exatamente. Você considera o mínimo a ser feito, mas para outros seria o contrário. Poucos se dispõem a ir tão longe, Cláudio.

- Mas, me diga, Dona Matilda: em que gostaria que eu a ajudasse?

- Primeiro, gostaria que conhecesse um amigo. Este é Cássius. Foi graças a ele que pude chegar até você.

- Olá, Cláudio! - diz um homem aproximando-se dele. - Graças à Misericórdia Divina, quando encarnamos em um novo corpo somos poupados de conhecimentos referentes às vidas passadas. Mas, em um passado não muito distante, nós fomos grandes amigos. Desfrutamos dos mesmos trabalhos e fomos presenteados com os mesmos ensinamentos. Por isso, ainda hoje, continuo ao seu lado - revelou Cássius.

- Então, como vê, Cláudio, só pude chegar até você graças a Cássius. Se estiver disposto ao trabalho, Cássius irá orientá-lo para que obtenha sucesso - disse Matilda.

- Diga-me, então, Dona Matilda: qual é o trabalho?

- Infelizmente, não posso entrar em detalhes, Cláudio. Fazendo isso, eu estaria infringindo preceitos aos quais todos somos conduzidos.

- Eu não compreendo, senhora. Como posso aceitar o trabalho se não sei o que terei de fazer?

- Não se preocupe, Cláudio. Quando chegar o momento oportuno, você saberá o que fazer. Cássius estará ao seu lado, pronto a orientá-lo. Agora, chegou o momento de você retornar. Eu conto com você. Vá com Deus, meu filho - despediu-se Matilda.

- Não! Espere! Eu vou me lembrar disso quando acordar? Espere! Espere! - grita Cláudio enquanto é conduzido novamente ao seu corpo.

Então, após Cláudio ter ficado algumas horas desacordado, retoma a consciência e escuta alguém falando com ele:

- Ei, tio, tudo bem com você?

- Ai! Minha cabeça está doendo - reclama Cláudio.

- Nossa! Você teve sorte. Nunca vi ninguém pular lá de cima da cachoeira. Fico contente que esteja bem. O que fazia lá no alto?

- Eu fui procurar um garoto. Espere! Você é o Pedro, irmão da Elisa?

- Sim, sou eu, sim, tio!

- Ah! Graças a Deus! Ficamos tão preocupados com você! Eu sou amigo de sua irmã e ela pediu que a ajudasse a procurá-lo.

- Desculpa, tio, não queria causar preocupações. Meu pai brigou comigo e eu resolvi vir aqui falar com minha mãe.

- Sua mãe! É! Elisa me contou que ela faleceu quando você nasceu. Eu sinto muito.

- Não se preocupe. Nós estamos mais unidos do que nunca, tio.

- Nossa! Bem que sua irmã disse que você era um garoto bem esperto.

- Venha, vamos! Elisa está muito preocupada com você. E também ela está ficando doente, espero que esteja bem. Mas me diga como você conseguiu chegar tão longe e sozinho - indaga Cláudio.

- É que eu vim de carona com um moço até aqui - explica Pedro.

- Que coragem! Bem, vamos, então, porque sua irmã está desesperada por causa do seu desaparecimento.

- Está bem. Só deixe eu me despedir da minha mãe.

- Tudo bem. Vá em frente, eu espero.

- *Coitado! Deve sentir muita falta da mãe para imaginar que fala com ela* - pensou Cláudio, sem se lembrar de que havia conversado espiritualmente com Matilda.

Após esperar por alguns instantes, enquanto o garoto à beira da cachoeira falava sozinho, Cláudio, sem compreender e preocupado em retornar logo para ver como Elisa estava, decide chamá-lo, e este logo responde:

- Pronto, tio, nós já podemos ir. Minha mãe disse que você é uma pessoa muito especial e que posso confiar em você.

- Ah... imagina. Bondade dela... Venha, agora vamos.

- Vamos, mas não por aí, tio. Eu conheço um caminho que passa pelo sítio aqui atrás, que vai dar direto lá na estrada.

- Mesmo? E eu sofrendo, vindo lá por cima! Como você é esperto! Tem certeza de que tem somente oito anos?

- É que minha irmã me ajuda muito com os deveres. Às vezes, eu a vejo chorando, escondida no quarto. Mas ela não gosta que a vejam chorar. Eu tenho muito orgulho da minha irmã, tio. Ela me trata como se eu fosse filho dela.

- É, Pedro. Não posso nem imaginar o que sua irmã teve de enfrentar quando sua mãe partiu. Você é um garoto de sorte por ter uma irmã boa como ela. Agora me responda, Pedro: você sabe por que seu pai estava cavando aquele buraco?

- Então, tio, eu não entendi direito. Estava tudo bem lá em casa. Eu estava brincando no quintal, quando ele apareceu, gritando que queria enterrar o passado, e começou a fazer o buraco.

- Que estranho, Pedro. Elisa me contou que seu pai ainda sofre muito pela perda de sua mãe, mas não compreendo sua atitude.

- Então, aí ele entrou e voltou com um monte de cartas. Estava muito bravo e gritando bastante. Aí ele pegou e colocou fogo. Só que

eu tenho medo de fogo, porque, quando era mais novo, eu fui mexer em uma fogueira e acabei me queimando. Olha, foi aqui neste braço.

- Nossa! Eu sinto muito, Pedro. Mas, também... criança não pode mexer com fogo. Isso é muito perigoso. Ainda bem que não foi nada grave.

- É, eu sei, tio. Mas eu queria só ver como era, e não gostei. Doeu muito. Aí, quando meu pai acendeu o fogo, eu fiquei com medo e comecei a chorar. Foi então que ele começou a gritar e me bater, tio.

- Elisa me contou. Quando voltarmos, temos que ter uma conversa muito séria com seu pai. Ele não pode fazer isso. Onde já se viu bater em uma criança? Eu vou conversar com o padre Antônio e pedir para ele também falar com seu pai.

Depois de caminharem por alguns metros, finalmente eles conseguem chegar ao caminho que Pedro havia informado.

- Pronto, tio. A estrada está bem ali.

- Nossa! Você tinha razão, Pedro. Por aqui é bem mais rápido. Veja! Lá está sua irmã. Ah... que bom! Minha mãe está com ela.

- Olhe, Elisa, é o Cláudio e seu irmão! Não lhe disse para confiar nele? - exclamou Dona Marta.

- Graças a Deus... estão bem! - agradeceu Elisa.

- Mana, manaaa! - gritou Pedro.

- Vem cá, maninho. Desculpa deixar o papai machucar você. Prometo não permitir que isso aconteça de novo. Você me deu um

susto! Está tudo bem com você? Não está machucado?

- Não, eu estou bem. Eu estava com a mamãe, e ela cuidou de mim. E o tio Cláudio me ajudou a voltar.

- Ah! Muito obrigada, Cláudio! Não sei o que eu teria feito sem a sua ajuda.

- Imagina, Elisa, você teria feito o mesmo por mim. E você, como está? Passou a dor de cabeça? - perguntou Cláudio.

- Passou sim, graças à sua mãe eu estou bem agora.

- Obrigado, mãe. Mas como a senhora nos achou? - questionou Cláudio.

- Eu estava saindo da igreja quando vi vocês passarem correndo a cavalo. Então, decidi ir atrás de vocês. Imaginei que haviam descoberto onde Pedro estava - respondeu Dona Marta.

- Foi Elisa quem se lembrou de procurarmos por ele lá na cachoeira - comentou Cláudio.

- Mas venham. Vamos todos para casa, logo irá amanhecer, ficaram nessa busca a noite toda e devem estar muito cansados. Foi um grande susto, mas graças a Deus todos estão bem agora - disse a mãe de Cláudio.

- Ah! seu Fausto!

- Sim, Cláudio?

- Será que o senhor me faria o favor de devolver o cavalo do vigia da casa de Dona Cida, o Paulo?

- Claro, Cláudio. Devolvo, sim.

- Muito obrigado, seu Fausto. Diga ao Paulo que nós não teríamos conseguido encontrar o Pedro sem a ajuda dele.

- Pode deixar que eu falarei, sim.

- Então, venham, vamos para casa. Vocês todos precisam descansar - sugeriu Dona Marta.

- Vamos, sim, mãe. Vamos todos voltar para casa.

4. PERDOEM MEU PAI

- Bem, então é isso, pessoal. Graças a Deus, Pedro está de volta e todos estão bem - disse Dona Marta, quando chegavam à casa de Elisa.

- Graças a Deus, Dona Marta. Eu agradeço muito pelo que Cláudio e a senhora fizeram pela gente - disse Elisa, agradecida.

- Que é isso, Elisa? Não precisa agradecer. O importante é que tudo ficou bem e que já estão novamente em casa.

- Você não quer mesmo que eu entre com vocês, Elisa?

- Não precisa, Cláudio. Prefiro eu mesma conversar com o meu pai. Tenho certeza de que conseguirei acalmá-lo e tudo voltará ao normal.

- Bem, tudo bem, então. Se precisar de ajuda para qualquer coisa, pode me procurar. Moramos na terceira casa à direita do mercadinho do seu Pierre.

- Pode deixar, Cláudio, eu procuro, sim. Novamente muito obrigada a todos. Venha, Pedro, vamos entrar, despeça-se e vamos.

- Tá, mana! Tchau, tio Cláudio, muito obrigado.

- Imagina, Pedro! Pode contar comigo sempre que precisar, tá?

- Tchau, tia Marta.

- Até mais, meu querido. Tome um bom banho, coma bastante, que deve estar com muita fome, e vá descansar, viu?

- Tchau, tchau, pessoal! – despediram-se Elisa e Pedro.

- Tchau! – responderam.

- Ai, ai... como é bom estar em casa; fiquei preocupada com você, maninho, mas graças a Deus está de volta. Prometa que nunca mais irá sumir desse jeito – pediu Elisa.

- Desculpa. Fiquei com muito medo do papai.

- Imagino. Agora vá tomar um bom banho, enquanto eu lhe preparo algo para comer... Puxa, que estranho! Onde será que está o papai? Vai lá, Pedro, vai tomar banho, eu vou ao quintal ver se ele está lá fora.

- Tá bom, mana.

- Pai! Pai, o senhor está aí? O Pedro voltou, pai!

- *Puxa, que estranho, não está aqui. Aonde será que ele foi? Nossa, mas que bagunça ele fez aqui fora, quanto papel jogado pelo chão. O que será que ele estava queimando, e o que será que ele quis dizer com “enterrar o passado”? Será que se referia à morte da mamãe?* – pensava Elisa ao olhar o buraco cavado pelo pai.

- *Mas o que é isso? É uma carta. Tem o nome do meu pai. Por que será que esta carta estava dentro desse buraco que ele cavou? Não sei se devo ler, não gosto de me intrometer em sua vida. Bem, mas depois do que aconteceu*

hoje, já é hora de começar a fuçar em seu baú. Talvez assim consiga ajudá-lo. Bem, aqui diz: "Ao meu eterno amor". De quem será? Não tem nome. Ah, quer saber? Vou ler, vai que é da mamãe – pensou Elisa ao encontrar e ler a carta que dizia:

"Querido amor, obrigada por existir em minha vida. Sinto que você é o único que me compreende. Eu nunca conheci ninguém que me fizesse querer largar tudo e fugir. Quando estou ao seu lado, sinto como se tudo parasse e nada além daquele momento fosse importante para que eu existisse.

Eu não vejo a hora de podermos estar juntos para sempre. E levaremos a vida da melhor maneira possível. Somente eu e você. Venha comigo, vamos fugir e deixar todo o resto para trás.

Sei que você também me ama e possui as mesmas vontades. Largue essa sua esposa que é um peso na sua vida e venha viver comigo. Não se preocupe em deixar também a sua filha. Você não merece essa família nas suas costas.

Aproveite agora que sua esposa está grávida e a acuse de ter engravidado de outro homem. Eu lhe darei os filhos que você merece. Prometo que sempre estarei ao seu lado.

Encontre-me hoje à noite, no mesmo lugar de sempre.

Espero você, meu amor.

Estarei com você hoje e sempre.

Beijos de quem te ama de verdade.

Assinado: Madalena”.

- Não, isso não pode ser verdade. A tia Madalena vinha quase sempre em casa. Como ela pôde trair a própria irmã? Não, essa carta deve ser falsa. Deve haver algum mal-entendido. Mas, espera! Ela disse que iria encontrar meu pai. Deixe-me ver a data da carta... Está escrito aqui! 8 de junho de 1854. Não acredito! É o dia em que minha mãe faleceu. Meu pai disse que não poderia estar no nascimento do meu irmão porque tinha negócios a resolver. Ai, meu Deus! Enquanto a minha mãe dava à luz Pedro e lutava pela vida, meu pai estava com outra! Como pode? Meu pai dizia morrer de amores pela minha mãe – pensava Elisa, quando foi interrompida pela chegada de seu pai.

- Elisa, Elisa! Que bom que você está de volta. Conseguiu encontrar o Pedro?

- Sim, pai. Nós o encontramos. Graças a Deus, ele está bem.

- E onde ele está? Eu quero lhe pedir desculpas. Sei que exagerei e perdi o controle.

- Ele está lá em cima, tomando banho.

- Eu vou lá falar com ele.

- Não, espere, pai. Eu preciso conversar com o senhor.

- Sim, pode falar. É sobre o Pedro?

- Não. Diga-me uma coisa, pai. Onde mesmo o senhor estava quando o Pedro nasceu?

- Eu já lhe contei, Elisa. Estava tratando de negócios, por isso não pude ir. Você sabe disso.

- Mas, pai, que tipo de negócios eram esses, tão mais importantes que o nascimento de seu filho? A mamãe pediu tanto para o senhor estar ao lado dela, e o senhor nem apareceu.

- Bem... Ah, minha filha, você sabe como eu gostaria de ter estado lá. Eu sei que prometi, mas surgiu um assunto muito importante e não pude ir.

- Por acaso o nome desse assunto importante era Madalena, pai?

- Como assim, Elisa? Não estou entendendo.

- Deixe-me mostrar. Por acaso o senhor conhece esta carta aqui?

- O quê? Mas o que você está fazendo com as minhas coisas?

- Ah, então é verdade mesmo! Isto aqui lhe pertence!

- Elisa, quantas vezes eu já não disse para não mexer nas minhas coisas?

- Como pôde, papai? A mamãe precisando do senhor e o senhor com outra! Anda, me fala! Chega de mentira! Fala logo, o senhor estava ou não tendo um caso com a tia Madalena?

- Claro que não, minha filha. Eu amava a sua mãe.

- Chega! Chega de mentiras! Aqui nesta carta diz tudo. Que o senhor e a tia Madalena estavam tendo um caso e que pretendiam fugir juntos... Como pôde, papai?! A mamãe confiava no senhor. Ela

vivia somente para o senhor. E, mesmo assim, o senhor tinha outra mulher.

- Éééé... - murmurou o pai de Elisa, buscando uma resposta.

- Não. É melhor não dizer nada. O seu silêncio já diz tudo. Não acredito que teve essa coragem.

- Minha filha!

- Não, por favor, papai. Prefiro que o senhor não diga nada. Eu vou embora e levarei meu irmão comigo.

- Não, filha, espera. Não é assim.

- Como "não é assim"? O que o senhor vai dizer? Qual desculpa vai inventar? Agora é tarde, papai. A mamãe já não está mais aqui. E nós, seus filhos, que sempre fomos um estorvo, um peso na sua vida, não o seremos mais. A gente vai embora. E se você amava e respeitava a mamãe como diz, peço que não venha atrás de nós.

- Mas para onde vão, minha filha, e a esta hora da noite?

- Não importa. Qualquer lugar é melhor do que estar aqui com o senhor. Eu vou lá pegar as nossas coisas e lhe peço que não diga nada ao Pedro. Ele não merece passar por isso.

5. A CASA DE DEUS

Após algum tempo, depois de deixar o desolado pai em seu quarto entregue aos seus pensamentos, Elisa solicita ao irmão que se apressem.

- Venha, Pedro. Termina de arrumar suas coisas, que precisamos ir - pediu Elisa.

- Mas por quê, mana? Aonde nós vamos?

- Não sei ainda. Mas aqui nós não podemos mais ficar.

- Mas e o papai, Elisa?

- Ele precisa ficar sozinho. Precisa pensar nas coisas erradas que fez. Pronto? Pegou tudo, Pedro?... Vem, vamos porque logo, logo vai escurecer.

- Pra onde a gente vai, mana? Eu não quero ir, quero ficar com o papai.

- Desculpa, Pedro. Não chora. Vai ficar tudo bem. Eu vou cuidar de você. O papai não está bem para que a gente continue aqui com ele.

- Posso ir ao quarto dele dar tchau?

- Não, Pedro, desculpa, mas é melhor não. Deixa ele pensar direito no que fez. Quem sabe assim consiga o perdão de Deus. Vem, vamos. Dá aqui, deixa que eu carregue sua mala.

Enquanto isso, em casa, Cláudio conversa com sua mãe.

- Estou preocupado com Elisa, mamãe. Não confio em deixá-los lá sozinhos com aquele pai...

- Tenha calma, Cláudio. Elisa é uma moça bem esperta. Sabe se cuidar. Tenho certeza de que estão bem.

- Espero que a senhora esteja certa, mãe. Eles têm passado por muitas dificuldades desde a morte da mãe. Não quero que sofram. Já chega terem perdido sua querida mãe, Matilda.

- Como sabe que o nome dela é Matilda, Cláudio? A Elisa lhe contou?

- Que estranho, mãe... Eu não me lembro. Mas acho que contou, sim, senão como eu saberia?

Elisa, chegando à praça, fala com seu irmão.

- Vem, Pedro, vamos ficar aqui hoje. Já está muito escuro e você necessita descansar. Aqui na praça não precisa ter medo. A gente está pertinho da igreja. E você sabe que lá é a casa de Deus, né? Vem, vou colocar estas mantas aqui pra você ficar bem quentinho. Deita aqui no meu colo, que eu esquento você.

- Eu te amo, mana.

- Também te amo, meu amor. Agora dorme, que você precisa descansar.

- Mana, será que você poderia contar uma história para eu dormir?

- Claro, Pedro, conto sim: Era uma vez um menino muito bom, que gostava de ajudar todo mundo. Ele se chamava João. Ele tinha um coração tão enorme que adorava distribuir carinhos. Ele também tinha um cachorrinho. O nome dele era Malhado. Ele era um cachorro bem pequenininho. Tinha a cor metade branco e metade marrom. Eles eram inseparáveis. Certo dia, João estava conversando com seus amiguinhos sobre as frutas de que mais gostavam e decidiram ver quem conseguia colher mais frutas...

Elisa interrompeu a história ao perceber que Pedro já havia dormido, e pensou:

- Nossa, Pedro já dormiu. Também, estava tão cansado e passou por tanta coisa hoje. Ai, maninho, desculpe por fazê-lo passar por isso. Sei que devemos perdoar as pessoas, mas não posso nem pensar na hipótese de perdoar meu pai. Como ele pôde fazer isso com minha mãe? Minha pobre mãe se dedicou tanto à vida que levava com meu pai, e o que ela recebeu em troca? Nada além da falsidade e da traição. Espero que um dia ele possa compreender o verdadeiro mal que fez e consiga se redimir com Deus. Deus, perdoe-me por ter deixado o meu pai. Mas acredito que só assim ele compreenderá o que fez.

- Pode dormir, maninho... Durma bem. Eu prometo cuidar de você - disse Elisa, carinhosamente.

Na manhã seguinte, Cláudio se prepara para ir trabalhar.

- Cláudiooooo! Não vá se atrasar, seu tio Alberto já deve estar lhe esperando.

- Já vou, mãe. Só mais um pouco.

- O café já está na mesa, Cláudio.

- Pronto! Desculpe o atraso. Estava tentando tirar o barro que ficou em meu sapato. Não quero estragá-lo.

- Faz muito bem. Venha, agora coma.

- Mãe, como a senhora acha que está a Elisa? Eu sonhei muito com ela, e no sonho parecia preocupada.

- Bem, por que não vai vê-la depois do trabalho? Tenho certeza de que ela irá gostar de revê-lo.

- Acho que vou, sim. Só espero não encontrar aquele pai dela. Sou capaz de falar um monte de coisa para ele.

- Não faça isso, Cláudio. Não lhe ensinei a ser grosso com as pessoas. E, além do mais, não devemos julgar ninguém. Só Deus tem esse direito.

- Tudo bem, a senhora está certa, mãe. Prometo comportar-me quando o encontrar.

- Ainda bem, Cláudio. Agora vai, termina logo de comer para não se atrasar.

- *Puxa, depois de toda aquela chuva de ontem, quem diria que hoje iria fazer este dia tão bonito... Benza Deus - pensava padre Antônio, a caminho da igreja.*

- Bom-dia, padre Antônio. Está indo para a igreja?

- Bom-dia, Dona Lurdes, estou sim. Deseja algo?

- Sim, é que minha filha já está melhor das dores nas costas e eu gostaria de agradecer a Deus.

- Mas, Dona Lurdes, não é necessário a senhora ir até a igreja para que o Senhor a escute. A casa de Deus é todo lugar onde exista um bom ambiente de harmonia entre as pessoas, e se deseje realmente seguir as orientações do Senhor.

- É, eu sei, padre, mas lá na igreja eu sinto estar mais perto Dele.

- Tá certo, Dona Lurdes, como preferir. Só me dê alguns minutos para organizar as coisas por lá, e já poderá ir. É que ontem, devido às festividades do nascimento de Jesus, não tive tempo de preparar a missa.

- Tudo bem, padre, vou daqui a pouco.

- *Ai, ai... uma pena que as pessoas busquem somente esta casa de Deus para se comunicarem com ele - pensava padre Antônio - Puxa! Quem será que está deitado ali na praça? Pobre irmão... Quem sabe eu possa ajudá-lo...*

- Ei, amigo, tudo bem com você? - perguntou à pessoa deitada na praça.

- Ah, oi, bom-dia, padre...

- Quê? Elisa e Pedro?! O que estão fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa na casa de vocês?

- Não, padre. Na realidade em casa está tudo bem - respondeu Elisa.

- Então o que houve, minha filha?

- Foi por causa do meu pai. Eu descobri uma coisa que ele fez no passado. Será que nós podemos conversar lá dentro da igreja, padre? É um assunto delicado.

- Mas claro que sim, Elisa. Venham, deixe-me ajudá-la a carregar isso. Entrem. Sentem-se aqui.

- Muito obrigada, padre. Eu estava precisando me abrir com alguém.

- Fique à vontade, minha filha, pode dizer o que houve.

- Só um instante, padre. Pedro, faça-me um favor, maninho? Fica sentado aqui neste banco que eu vou até ali conversar com o padre e já volto.

- Então, padre, deixe-me contar o que aconteceu.

- Por favor, minha filha.

- Não sei se o senhor soube, mas Pedro havia fugido de casa por causa de um ataque de loucura de meu pai.

- Não, não estava sabendo, Elisa. Quando foi isso?

- Foi ontem. Pedro se assustou e fugiu quando meu pai começou a cavar um buraco no quintal e a pôr fogo em um monte de cartas antigas. Depois que conseguimos encontrar Pedro e voltamos para casa, eu fui procurar meu pai e vi aquele monte de cartas jogadas pelo chão. Então decidi pegar uma para ler e ver se entendia o motivo da raiva do meu pai. Foi então que levei o maior susto quando soube do que se tratava a carta. O senhor não vai acreditar, padre!

- Hum... De quem era, Elisa?

- Era da minha tia Madalena, dizendo que amava meu pai e que queria fugir com ele.

- Meu Deus! Minha filha...

- Eles eram amantes, padre, e queriam fugir. No dia do nascimento de Pedro.

- Sinto muito... Inclusive, foi o dia em que sua mãe faleceu, não é?

- Isso mesmo, padre. O senhor acredita que ele teve a coragem de trair minha mãe? Mesmo depois de todo o amor que ela lhe deu?

- É, Elisa, é realmente difícil de acreditar. Então você pegou o Pedro e decidiu sair de casa?

- Isso, padre. Não tinha cabeça, nem condições de ficar lá. Juntei tudo e viemos embora.

- E seu pai? Como ele ficou?

- Ah... no começo ele negou, depois acabou assumindo. Ele ficou lá, trancado em seu quarto. Acho que foi melhor assim, padre. Deixá-lo pensar no que fez e pedir perdão a Deus.

- Compreendo, minha filha. Mas eu não deixarei que fiquem na rua. Imagine... Vocês ficarão na igreja. Não tenho espaço para acomodá-los em casa. Mas pelo menos aqui na igreja tem um cômodo onde podem ficar.

- Não, imagine, padre. Não saí de casa para lhe dar trabalho.

- Que é isso, Elisa? Não é trabalho nenhum. Podem ficar o tempo que quiserem. Pelo menos aqui é quentinho e vocês não ficam por aí. Ainda mais o Pedro, tão pequeno do jeito que é, se ficar ao relento vai adoecer rápido.

- Puxa vida! Nem sei como lhe agradecer, padre.

- Não precisa. Ficarão aqui até que tudo se resolva.

Enquanto isso, Cláudio trabalhava com seu tio.

- Nossa, Cláudio! Nunca te vi trabalhar assim tão sorridente. O que houve?

- Não foi nada, tio. É que eu conheci uma pessoa ontem e gostei dela.

- Hum! Olha só, que maravilha. Você vai namorá-la, Cláudio?

- Não, imagina. Acabamos de nos conhecer. Eu só quero o bem dela.

- Ué, Cláudio, mas gostar de alguém que se acabou de conhecer não tem problema. Nunca ouviu falar de amor à primeira vista?

- Que é isso, tio Alberto? Eu só quero que ela fique bem. Nem passa pela minha cabeça namorá-la.

- Sei...sei... Mas, me conte, Cláudio: como ela é? Tem nome essa sua amiga?

- Ela se chama Elisa, tio. Bem, ela tem cabelos compridos, quase na altura da cintura. São bem claros, às vezes parecem dourados, como de um lindo amanhecer. E aparentam ser bem macios... Ela tem a pele clara e muito bem cuidada. Tem as mãos macias, com unhas benfeitadas. Os olhos são claros, verdes como a cor do mar. Nunca vi nada igual. Às vezes, dá vontade de mergulhar, de tão profundos que são. Tem o rosto bem delicado, nem parece carregar as marcas do passado. Ela é uma pessoa muito responsável, é muito madura, tem muito carinho pelo irmão e é muito compreensiva com seu pai.

- Puxa vida! Que descrição, hein, Cláudio?! Isso porque você disse que a vê somente como amiga... Mas você não me falou que idade ela tem.

- Na realidade, eu não sei, não perguntei. Acredito que ela deve ter uns 15 anos. Mas quem a vê nota que se trata de uma pessoa bastante madura.

- Entendi, Cláudio. E ela tem namorado?

- Acho que não, tio. Também, a coitada nem tem tempo para si, dedica toda a atenção ao pai e ao irmão.

- Mesmo assim, Cláudio. Todos têm o direito de gostar de alguém. Não devemos levar a nossa vida somente em função dos outros. Sabe se ela tem amigos?

- Creio que não, tio. O padre Antônio disse que ela não costuma sair muito.

- Então, você faz muito bem em nutrir esse sentimento por ela, Cláudio. Pessoas como essa moça costumam passar por muita coisa e nunca se abrir com ninguém. Deixe que seus ouvidos sejam esse porto seguro para ela.

- Foi exatamente assim que nos conhecemos, tio. Ela tinha ido à igreja desabafar os problemas em casa. Foi pura sorte eu estar lá e ela me contar o que estava acontecendo.

- Está vendo, Cláudio? Mais um motivo. Nada acontece por acaso nesta vida.

- Pronto, tio! Já terminei. Posso ir, agora?

- Claro, Cláudio, pode ir, sim. Depois do que me contou, você tem a obrigação.

- Tá! Muito obrigado, tio.

- Ei, Cláudio!

- Pois não, tio?

- Só não se esqueça de tomar banho. Trabalhou duro hoje e deve se manter apresentável.

- Tudo bem, tem razão, tio!

- Vai lá, então. Até amanhã, Cláudio.

- Até amanhã, tio.

6. POBRE ALMA

- Venha, Elisa, chame Pedro. Eu fui buscar algumas coisas para vocês comerem. Devem estar com fome - disse padre Antônio.

- Ah! Muito obrigada, padre. Prometo que irei retribuir.

- Não se preocupe, minha filha. Onde come um, comem dois, ou três. Venha, comam.

- Está gostoso, Pedro?

- Está sim, padre, muito bom.

- Então agradeça, Pedro. Não se esqueça de sempre ser educado com as pessoas - lembrou-lhe Elisa.

- Obrigado, padre - disse Pedro.

- Imagina, meu filho, não precisa agradecer. Pode comer à vontade.

- Elisa, eu estive pensando. Você não gostaria de voltar a me ajudar aqui na igreja? Eu havia colocado o filho de uma comadre para ajudar-me, mas ele nunca aparece.

- Eu também estava pensando nisso, padre. Pelo menos é uma forma de eu lhe retribuir o acolhimento enquanto estivermos aqui.

Mas, e se o antigo rapaz aparecer de volta, padre? Ele não vai ficar chateado?

- Não se preocupe com isso, Elisa. Eu só o coloquei a pedido de seu pai, para ver se ele se endireitava. Mas, pelo visto, ele nunca quis se corrigir.

- Então, por mim, tudo bem, padre. Eu aceito, sim. Quero muito fazer algo.

- Combinado, então, Elisa. Amanhã você começa a me ajudar. Hoje você aproveita para descansar.

- Mas eu estou bem, padre. Deixe-me começar agora mesmo.

- De forma alguma, minha filha. Faço questão que descanse hoje. Vá passear, distrair a cabeça. Aí, amanhã, você começa, está bem?

- Tudo bem, então, padre. O senhor é quem manda.

Cláudio, em sua casa, se arruma para sair.

- E então, Cláudio, aonde vai com tanta pressa, meu filho? Ainda mais assim, de banho tomado e todo arrumado?

- Eu vou até a casa da Elisa, mãe. Quero saber como estão.

- Vai, sim, Cláudio. Tenho certeza de que ela irá gostar de sua visita. Tome, leve um pedaço deste bolo que preparei.

- Muito obrigado, mãe. Eu não me demoro.

- Não se preocupe, meu filho, não tenha pressa. Aproveite bastante o tempo. Ela deve sentir falta de alguém da idade dela para conversar.

- Então, já vou indo. Beijo, mãe.

- Beijo, meu filho. Mande lembranças minhas.

A caminho da casa de Elisa, pensava Cláudio:

- Bem, agora me deixe ver se lembro direito do caminho que fizemos ontem até a casa dela... Ah! Já me lembrei. Sua casa fica próxima à da Dona Conceição. Espero estar bem apresentável. Deu um belo trabalho tirar todo aquele barro do meu sapato... Pronto, lá está sua casa. Que eu tenha a sorte de não encontrar seu pai por lá. Mesmo com todo mundo falando para não me intrometer na vida dela, e deixar que resolvam os problemas em família, eu não consigo me acalmar diante do que aconteceu. O importante é trazer-lhe alegria. Quero tirá-la desse mundo atormentado em que vive.

- Ó de casa! Elisa! É Cláudio! Espero não ter chegado em má hora...

- Ó de casa! - repetiu.

- Que estranho, será que estão dormindo? Mas ainda nem escureceu. Nossa, que esquisito! A porta está aberta... - observou.

- Ó de casa! Elisa! É Cláudio! Tudo bem aí? A porta está aberta! Vou entrar, tá? Oi, tem alguém aí?

- Que estranho, aonde será que eles foram com tanta pressa para deixar a porta aberta? Não gosto de entrar assim na casa dos outros. Mas estou ficando preocupado... Quem sabe não estão em seus quartos, dormindo... Deixe-me ver - refletiu.

- Com licença, Elisa, você está aí?

- Quem é você? E o que faz aqui em minha casa? - disse o pai de Elisa, assustando-se.

- Ah, desculpe-me. O senhor deve ser o pai de Elisa. Eu sou Cláudio, muito prazer, sou amigo dela. O senhor sabe onde ela está?

- Então quer dizer que você é um dos amiguinhos idiotas dela? Elisa não está, ela se foi.

- Como assim, ela se foi? Foi para onde?

- Não sei! Elisa é uma ingrata! Depois de tudo que fiz, como pôde ter ido embora?

- Mas por que ela fez isso, senhor? Eu não entendo. Qual o motivo de ela ter ido embora assim, sem avisar?

- Não é da sua conta, fedelho! Vai ver foi você quem fez a cabeça dela, para ela querer me deixar!

- Desculpe-me, senhor. Mas acho que o senhor não conhece direito sua filha. Ela tem bastante maturidade para decidir o que fazer. Aposto que o senhor teve algo a ver com isso.

- Já lhe disse para não se intrometer em nossa família, seu moleque.

- Novamente, eu lhe peço desculpas, senhor. Não tenho a intenção de me intrometer, só quero ajudar.

- Pois ajude bem longe daqui, seu malcriado! É melhor virar as costas e ir embora, se não quiser levar uns tapas. Se sua mãe não lhe

deu educação e não ensinou você a não ir se intrometendo na vida dos outros, eu vou lhe dar uma bela surra para você aprender.

- Desculpe-me, mas a minha mãe me deu muito mais educação em meus 17 anos do que o senhor teve em toda a sua vida.

- Olha, seu fedelho miserável, com quem pensa que está falando?

- Com uma pessoa sem alma, que não tem respeito pelos outros.

- Cale essa sua boca e vá embora.

- Eu vou sim. Mas não porque o senhor está mandando e sim por respeito à Elisa, que não merece o pai que tem.

- Vá embora, seu frangote miserável. Vá e não volte nunca mais!

- *Nossa! Agora entendo por que o Pedro fugiu de casa. Também, conviver com um pai desses deve ser horrível... E agora? Para onde devem ter ido Pedro e Elisa? Espero que estejam bem. No mínimo esse pai deles deve ter feito alguma coisa. A Elisa é uma pessoa tão responsável. Se me lembro bem, ela nunca falou em ter parentes por aqui... Acho que vou pra casa. Se ela foi embora sem avisar, deve ser porque não queria ser encontrada - pensava Cláudio, caminhando.*

- Ei, Cláudio! Aonde vai com essa cara, rapaz?

- Ah, oi, seu Fausto. Estou indo pra casa.

- E com essa cara? O que aconteceu para você estar assim, Cláudio?

- O senhor se lembra da Elisa e do Pedro, de ontem?

- Sim, Cláudio, claro que me lembro. Aconteceu algo com eles?

- Na realidade eu ainda não sei, seu Fausto. Acabo de vir da casa deles e não estavam lá. Estava somente aquele monstro do pai deles.

- Puxa, que estranho! Você perguntou ao pai deles onde eles estavam?

- Eu tentei, seu Fausto, mas parece ser impossível dialogar com aquele homem. Nunca conheci ninguém tão grosso e arrogante assim.

- É... o seu Júlio é mesmo uma pessoa muito grosseira. Nunca vi ele dar um sorriso sequer. Ele está sempre com cara de poucos amigos. É bom você ficar longe, Cláudio.

- Ah, então quer dizer que é esse o nome daquele ser?

- Isso mesmo, Cláudio. Seu Júlio se tornou uma pessoa de poucos amigos depois que a esposa faleceu. Lembro-me de que eles andavam para cima e para baixo. Inclusive, tinha uma irmã dela que também não desgrudava do seu Júlio. Como era mesmo o nome dela? Ah! Lembrei! Madalena era o nome da irmã da Dona Matilda. Ela chegou a morar um tempo com eles. Depois que a irmã faleceu, ela também desapareceu. Dizem que não aguentou a perda da irmã e foi embora de nossa vila. Mas, sabe, Cláudio, desde a época em que a Dona Matilda era viva, que eu desconfiava desse homem.

- Como assim, seu Fausto?

- Ele batia na Matilda. Você acredita, Cláudio?

- Depois do que vi hoje, não duvido de mais nada em se tratando desse homem.

- Mas, então, Cláudio. Quer dizer que você foi lá procurar Elisa e ele disse que ela foi embora?

- Isso mesmo. Ele disse que ela se foi. E ainda teve a coragem de dizer que fui eu quem influenciou a cabeça dela para que ficasse contra ele.

- Não se preocupe com isso, Cláudio. Não ligue para o que aquele sujeito diz. Elisa deve ter ido à casa de algum amigo por não suportar mais o pai.

- Não sei, não, viu, seu Fausto. Elisa não tem amigos. Pelo menos até onde eu sei.

- Mantenha a calma, Cláudio. Verá como logo, logo ela aparece. Apesar das coisas que o pai dela faz, sei que ela o ama muito. E não o deixaria sozinho por muito tempo.

- Espero que o senhor esteja certo, seu Fausto. Bem, eu vou para casa; já está escurecendo e eu prometi à minha mãe que não demoraria. Se não fosse por isso, eu iria atrás deles.

- Faz isso, Cláudio. Vá para casa. Verá como amanhã ela já estará de volta.

- Bem, até mais, então, seu Fausto.

- Até mais, Cláudio.

7. NO OUTRO PLANO

No plano espiritual, Matilda encontra Cássius.

- E então, meu caro Cássius, como está se saindo nosso querido amigo Cláudio?

- Está indo bem, Matilda. Não foi fácil ele se controlar quando encontrou o pai de Elisa. Eu lhe dei sugestões para que se mantivesse calmo e não ligasse para as palavras ofensivas que Júlio estava dizendo. Mas confesso que não será tarefa fácil a de Cláudio. Mesmo eu lhe aconselhando a manter a calma, e tentar ajudar Júlio a se controlar, ele preferiu ir embora.

- Não se preocupe, Cássius. O Cláudio é um rapaz de bom coração e tenho certeza de que irá colaborar conosco. Continue assim, pois, apesar de ainda não compreender, Cláudio está no caminho certo.

- Você não acha que teria sido mais fácil lhe dizer mais detalhadamente o trabalho?

- Sabe que não podemos fazer isso, Cássius. Nós não devemos interferir nos caminhos escolhidos por cada um. Cláudio tem sua missão e necessita passar por suas tarefas. Sabe que se eu lhe

contasse que ele precisa ajudar Júlio, para que eu possa seguir meu caminho, ele se desviaria de seu rumo e não cumpriria suas tarefas.

- Tem razão, Matilda. Mas, conhecendo bem o Cláudio, como conheço, tenho certeza de que ele ajudará aquele homem.

- Meu marido está preso às energias negativas. Eu tento me aproximar dele para acalmar seu espírito, mas, infelizmente, não consigo. Ele mantém aberta uma ferida profunda e parece fazer questão de permanecer assim. Mas tenhamos fé, meu caro Cássius. Elisa e Pedro escutam-me. Ela compreendeu perfeitamente quando lhe sugeri sair de casa naquele momento. Meu marido precisa passar por isso para que compreenda a que ponto chegou e, assim, possa se libertar dos fluidos negativos que carrega. Mesmo depois desse processo, Júlio ainda traz consigo as correntes do passado... Continue acompanhando Cláudio. Oriente-o para que encontre Elisa. Ela precisa da companhia dele.

- Pode contar comigo.

- Muito obrigada, Cássius...

- Olá, meus amigos, como vão? - disse Alfredo, aproximando-se.

- Ah! Cássius, quero apresentar-lhe Alfredo. Ele localizou minha irmã Madalena nas zonas escuras ou mais precisamente nas regiões inferiores. Ela se encontra lá desde que se desvencilhou do plano físico, após seu desencarne. Minha pobre irmã deixou o físico pouco

depois que parti, ceifando sua própria vida em momento de desespero.

- Tivemos grande dificuldade em localizá-la. Ela é acompanhada por criaturas que partilham das mesmas necessidades. Juntar-me-ei a alguns irmãos para tentarmos auxiliá-la. Não podemos nos demorar; quanto mais o tempo passa, mais ela vai se afixando e aceitando esse estado. Até que não haja muito a fazermos - disse Alfredo.

- Vamos, então, Alfredo. Cássius, eu conto com seu auxílio - disse Matilda.

- Pode contar comigo, Matilda. Eu tenho grande dívida com Cláudio e não me desviarei do trabalho.

- Muito obrigada, Cássius. Sabia que poderia contar com você.

- Matilda, antes que se vá, deixe-me fazer-lhe uma pergunta: como sua irmã foi parar nas regiões inferiores?

- Como você sabe, meu marido Júlio e minha irmã mantinham um relacionamento mesmo quando eu ainda estava no plano físico. Eu amava muito meu marido e confiava plenamente em minha irmã, tanto que, quando ela teve problemas, veio morar conosco. Eu estava tão voltada aos cuidados do lar, para que minha filha Elisa e meu marido sempre tivessem um bom ambiente em casa, que nem me dei conta do que estava acontecendo. Encontrava-me tão cega, que não vi o que acontecia em minha casa. Nunca imaginei que Madalena e

Júlio mantivessem um relacionamento. De certa forma, acredito que tive grande influência para que isso acontecesse, porque eu tinha tanto amor por Júlio, o queria tão bem, que nunca lhe perguntei se ele estava contente com a nossa vida. Não o culpo por isso. Sei também que Madalena não agiu dessa forma por maldade, afinal de contas nós sempre nos tratamos bem. O fato é que ainda estamos muito pouco preparados para compreender e seguir os ensinamentos do Senhor.

- Verdade... - observou Cássius.

- No dia do nascimento de meu filho Pedro, meu marido Júlio não estava presente. Eu gostaria muito que ele estivesse, inclusive solicitei a sua presença, mas ele disse que tinha negócios inadiáveis. Mesmo diante das evidências de que nosso relacionamento estava com problemas, eu nunca imaginei que ele pudesse estar mentindo. Júlio trabalhava tanto, nunca deixou faltar nada em casa, que não poderia imaginar tal situação. Mas, graças a Deus, minha querida filha Elisa estava comigo, e seu amor me bastou naquele momento. A gravidez de Pedro foi tão inesperada que nos pegou de surpresa. Durante o período de gestação, tive muitas crises de dor, mas nada que confirmasse algum problema. Quando chegou o dia do parto de Pedro, eu me senti muito mal. Mas estava mais preocupada com a saúde de meu filho do que com a minha. Infelizmente, não pude ver

em vida os olhos de meu querido filho. Parti antes mesmo de ver Pedro.

- Sinto muito... - disse Cássius.

- Mas, graças a Deus, ele estava bem. E sabia que Elisa cuidaria bem dele. Quando Júlio soube de meu desencarne, entrou em estado de choque. Ele estava com Madalena, disposto a largar nossa família. Mas, ao saber do que me acontecera, Júlio decidiu deixar minha irmã, por acreditar ter sido o culpado pela minha partida. Madalena, porém, mesmo sabendo do que me acontecera, não aceitava perder Júlio. Ela acreditava que sua vida estaria vazia sem ele. Então, pouco tempo depois que parti, ela decidiu colocar um fim em sua vida. Confesso que as influências negativas contribuíram para que ela chegasse a esse ponto. Mas a decisão final foi sua. Ela se enforcou, pondo um fim à sua dor física. Esse foi mais um motivo para que Júlio se revoltasse com sua vida. Além de acreditar ter sido o causador de minha partida, agora também carregava a culpa pelo suicídio de minha irmã.

- É... realmente, Matilda, não consigo nem imaginar quanta dor seu marido deve estar carregando.

- Por isso pedi o auxílio de alguém para ajudá-lo. E, graças a Deus, encontramos Cláudio. Não quero que Júlio aceite as influências negativas e tenha o mesmo destino de Madalena.

- Novamente, quero que saiba que pode contar comigo. Tenho grande afinidade com Cláudio e sei que ele vai me ouvir.

- Eu agradeço seu esforço, Cássius. Bem, vamos, Alfredo. Não podemos perder mais um minuto sequer! Vamos tentar auxiliar Madalena. Até mais, meu querido Cássius.

- Até mais! Pode confiar em mim.

8. VOCÊS ME PAGAM

No plano físico, Cláudio conversa com sua querida mãe.

- O que houve, Cláudio? Você saiu daqui tão animado...

- Então, mãe. Eu fui até a casa da Elisa, mas nem ela nem o Pedro estavam. Só aquele grosso do pai dela.

- E onde eles estavam, Cláudio?

- Ele não me disse. Falou que ela tinha partido e que eu não deveria me intrometer.

- Nossa, meu filho, que estranho!

- É, mãe, realmente é estranho. Pelo pouco que eu conheço da Elisa, tenho certeza de que ela nunca abandonaria o pai e a casa sem um motivo bastante grave.

- Não fique chateado, Cláudio. Amanhã, com certeza, ela estará de volta.

- O que me deixou indignado, mãe, foi aquele pai dela ter-me acusado de haver influenciado a Elisa em sua decisão de sair de casa. Como ele pôde pensar isso?

- Não liga para ele, Cláudio. Aquele homem é uma pessoa muito perturbada.

- Se quer saber, mãe, faltou bem pouco para eu partir pra cima dele. Foi por Deus mesmo que eu não fiz isso. Ele merecia uma bela surra por ser tão arrogante com as pessoas.

- Ainda bem que você não fez isso, Cláudio. Não vá se meter em encrenca com os outros.

- Eu sei, mãe. Mas, agora que o conheci, posso imaginar pelo que a Elisa e o Pedro têm passado desde que a mãe deles faleceu.

- Vá descansar, que amanhã você tem de acordar cedo para trabalhar, filho. Amanhã nós perguntamos pela vizinhança sobre eles. Com certeza alguém deverá saber o que houve.

- Está bem. Vou me deitar, que o dia hoje foi difícil. Boa-noite, mãe.

- Boa-noite, Cláudio, durma bem.

Enquanto isso, na igreja, o padre acomodava Elisa e Pedro.

- Prontinho, Elisa! Você e o Pedro podem dormir aqui. Esta cama está um pouco velha, mas ainda é muito boa.

- Muito obrigada, padre. Obrigada mesmo. Não sei o que faríamos sem a sua ajuda.

- Não se preocupe, faço questão, Elisa. Se vocês precisarem de alguma coisa, eu estarei aqui perto, está bem? Você se lembra onde moro, não é Elisa? Descendo aqui a primeira rua, estou na quinta casa. Qualquer coisa, é só bater lá.

- Não se preocupe, padre Antônio, nós estamos bem, não é mesmo, Pedro?

- Tudo bem, mana.

- Está confortável aí? Gostou da cama, não é? Já está todo estirado aí... Ficaremos bem, padre. Pode ir tranquilo.

- Está bem. Até amanhã, meus filhos.

- Até amanhã. Bênção, padre.

- Deus a abençoe, minha filha. Boa-noite.

Júlio, sozinho em casa, pensava: *Como a minha filha teve coragem de me abandonar? Como ela pôde fazer isso? Aposto que foi culpa daquele fedelho. Maldito garoto! Ainda por cima teve a ousadia de vir aqui me julgar. Quem ele pensa que é para vir à minha casa e querer me dar lição de moral? Não pense que deixarei por isso mesmo. Primeiro, cuidarei de trazer aquela ingrata da Elisa. Depois, cuidarei desse moleque. Eu nunca deveria ter permitido que Elisa fosse embora. Fui pego de surpresa. Mas agora abri os olhos e já sei o que tenho que fazer. Elisa é propriedade minha, deve ficar aqui. Tenho certeza de que eles não estão muito longe daqui. Irei agora mesmo atrás deles. Devem ter parado em algum lugar para descansar. Elisa, você me paga por ter ido embora! Voltará para casa nem que seja amarrada!*

Na casa de Cláudio, sua mãe conversa com ele:

- Bom-dia, Cláudio! Dormiu bem?

- Bom-dia, mãe... Mais ou menos. Fiquei a maior parte do tempo pensando em Elisa. Estou preocupado com eles, sozinhos por aí,

talvez com fome.

- Pelo que vejo, você não irá ficar tranquilo enquanto não souber onde estão. Façamos assim, então, Cláudio: não vá trabalhar hoje. Deixe que eu falo com seu tio Alberto. Tenho certeza de que ele irá compreender.

- Não precisa, mãe. Eu não quero abandonar o tio. Ele precisa de minha ajuda e precisamos do dinheiro. Não se preocupe, estou bem. Apesar de ter dormido mal e desta preocupação com Elisa, eu sei que, onde quer que estejam, eles estarão bem. Elisa é muito esperta.

- Tem certeza disso, Cláudio? Eu tenho algumas reservas, o dinheiro de hoje não nos fará falta.

- Não precisa, mãe, sério mesmo. Eu vou trabalhar hoje. Amanhã, que é minha folga, eu procuro por eles.

- Tudo bem, Cláudio, você que sabe.

- Não se preocupe, mãe, eu estou bem. Vou indo porque não quero me atrasar. Tchau, mãe.

- Tchau, Cláudio. Vá com Deus.

- Amém.

Cláudio mal podia imaginar que Elisa estava bem mais perto do que ele pensava.

- Bom-dia, Elisa, dormiu bem?

- Bom-dia, padre. Dormi sim. A cama é muito boa.

- Vejo que levantou cedo. Está preocupada com algo?

- Na realidade, estou preocupada com meu pai, padre. Às vezes penso se tomei a decisão certa quando fui embora e o deixei sozinho.

- Não se preocupe, Elisa. Seu pai é uma pessoa difícil de lidar. Mas tenho certeza de que está bem.

- Espero que o senhor esteja certo, padre. Apesar de estar com raiva dele pelo que fez, eu ainda o amo muito e não quero que sofra.

- Se você quiser, Elisa, mais tarde eu posso passar em sua casa para ver como ele está. E também para explicar onde vocês estão. Dizer que os acolhi e que não estão dormindo na rua. Não acha uma boa ideia?

- Ainda não sei, padre. Não sei se quero que ele saiba onde estamos. Tenho medo de ele vir atrás de nós. Ele aceitou ir embora com muita tranquilidade; não sei, não, se ele não planeja algo.

- Bem, você que sabe, Elisa. Mais cedo ou mais tarde, ele vai acabar sabendo pela boca de alguém.

- Aí, não tem problema, padre. Só não quero que ele saiba ainda. Eu preciso de um tempo longe dele para tentar perdoá-lo.

- Compreendo, minha filha. Bem, vamos arrumar o altar e organizar a capela. Daqui a pouco, as pessoas começarão a chegar.

- Pode deixar comigo, padre. Eu me lembro direitinho de como fazia na época em que o ajudava.

- Perfeito. E Pedro? Dormiu bem?

- Meu irmão ainda não acordou, padre. Ele estava tão cansado que preferi deixá-lo dormir mais um pouco.

- Fez muito bem, Elisa. Deixe que ele descanse. Quando ele acordar, você dê a ele estes pães que eu trouxe. Não quero que fiquem em jejum. Aproveite você também para ir comer. Não se esforce de barriga vazia.

- Muito obrigada, padre. Vou lá comer e já volto. Estava com fome mesmo. Não me demoro muito.

- Não se preocupe, Elisa. Coma com calma. Se comer correndo, vai acabar passando mal. Vá lá, coma tranquilamente e depois venha.

- Tá certo, padre. O senhor é quem manda. Já volto.

No trabalho de Cláudio, ele e seu tio Alberto conversam.

- Ihh... O que foi, Cláudio? Por que está com essa cara? Não deu certo seu encontro ontem?

- Não deu nada certo, tio. Fui ontem até a casa de Elisa, mas ela não estava. Encontrei somente o pai dela. Ele disse que ela tinha ido embora e ainda me insultou.

- Eu sempre soube, Cláudio, que aquele pai dela não era boa pessoa. Mas ele não disse para onde ela foi?

- Disse nada. Acho que nem ele sabe.

- Nossa! Que estranho, Cláudio. Como alguém vai embora assim e abandona a casa e tudo?

- É realmente bem estranho, tio. Mas hoje mesmo eu vou até as autoridades contar que ela sumiu e pedir que interroguem o pai dela. Com certeza ele fez alguma coisa.

- Faz muito bem, Cláudio.

Sem que Cláudio soubesse, o pai de Elisa já não estava em casa. Havia passado a noite na rua procurando Elisa e planejando o que faria para castigar o “fedelho”, pelo sermão que lhe dera.

- Prontinho, padre. Já terminei de organizar o altar e também aproveitei para fazer uma bela limpeza no chão.

- Muito obrigado, Elisa. Ficou muito bom. E Pedro, onde está?

- Ele comeu e foi brincar. Quero afastá-lo um pouco deste momento por que passamos. Não quero que ele fique pensando que o pai o abandonou, ou que não voltaremos mais para casa.

- Faz muito bem, Elisa. Não é bom para o Pedro ter de se preocupar com essas coisas. Você também não deveria ficar tão apreensiva, Elisa. Mas sei que tem maturidade e é uma pessoa bem centrada.

- Pois é, padre. Tive de amadurecer à força, quando minha mãe faleceu. Mas, tudo bem, não reclamo por viver assim.

Infelizmente, Elisa tivera de passar ainda muito jovem pela dor da perda da mãe. Com somente sete anos de idade suas preocupações já se haviam voltado para os cuidados com o irmão.

Seu pai nunca fora uma pessoa presente em sua vida, mas, depois que sua Matilda falecera, qualquer vestígio de família desaparecera completamente.

Fora graças à ajuda de uma senhora, antiga amiga de Matilda, que Elisa conseguira superar os primeiros anos. Porém, infelizmente, esta possuía idade avançada e falecera pouco tempo depois.

Na igreja, Dona Lurdes encontra padre Antônio.

- Bom-dia, padre.

- Bom-dia, Dona Lurdes. Pensei que a senhora fosse vir ontem.

- Pois é, padre. Eu estava pronta para vir, mas minha filha pediu que eu passasse o dia com ela. Não pude recusar. Estava tão contente por ela ter melhorado das dores nas costas.

- Fez muito bem, Dona Lurdes. Aproveite bastante sua família. É assim que Deus gosta de ver seus filhos. Sempre contentes.

- Aí, então, vim hoje cedo para rezar por ontem.

- Não se preocupe com a quantidade, Dona Lurdes. Quando rezamos, não é necessário quantidade e sim qualidade. Se a senhora fizer uma única oração com bastante fé, ela valerá por muitas realizadas às pressas. Quando estiver orando a Deus, pense calmamente em cada palavra. Assim, a senhora se concentra melhor. Eleve o pensamento e não desvie a atenção durante esse momento. Deixe que as palavras ressoem em seu coração. Ore com amor, e não por obrigação, Dona Lurdes.

- Pode deixar, padre. Vou orar prestando bastante atenção às palavras.

- Isso mesmo, Dona Lurdes. Se precisar de mim, eu estarei no confessionário.

- Obrigada, padre.

- Padre! Padre!

- Oi, Elisa, pode falar... O que foi, minha filha?

- Padre, será que posso dar um pulo na minha casa? Eu gostaria de pegar uma carta de minha mãe que esqueci e também gostaria de ver como está meu pai.

- Claro que pode, Elisa. Pode ir e ficar o tempo que precisar.

- Obrigada, padre. Eu sei que disse que não queria que meu pai soubesse onde estou, mas pensei bem e acho melhor que ele saiba.

- Faz muito bem, Elisa. Pode ir.

- Muito obrigada, padre.

Enquanto isso, Cláudio vai até as autoridades.

- Então, seu delegado, gostaria muito que alguma providência fosse tomada.

- Bem, se tudo isso que me contou é verdade, então pedirei que alguns homens se dirijam até a casa desse seu Júlio para pedir explicações sobre o paradeiro de Elisa e seu irmão.

- Muito obrigado, seu delegado. O senhor não imagina o quanto ficarei mais tranquilo sabendo que irão falar com ele.

- Partirão imediatamente... Tobias!

- Sim, seu delegado.

- Chame alguns homens e acompanhe este rapaz. Quero que encontrem um homem chamado Júlio. Questione-o sobre o paradeiro de seus filhos. Uma garota de quinze anos e um garoto de oito. Descubra o que aconteceu com eles. Se for necessário, tragam Júlio até aqui para o interrogarmos.

- Pode deixar, seu delegado.

- Cláudio, mostre a Tobias onde fica a residência.

- Sim, senhor! E, novamente, muito obrigado, seu delegado.

9. RETORNO AO LAR

Ao chegar em casa, Elisa percebe que seu pai não tem permanecido ali, dada a completa desordem do local.

- Pai! Pai, o senhor está aí?

- Puxa, que estranho! Será que fiz mal em ter saído de casa? Parece que invadiram minha casa. Está tudo revirado. Estou ficando preocupada. Onde será que ele está e por que está tudo jogado pelo chão? Vou agora mesmo atrás dele. Estou com um mau pressentimento – pensava.

Não conseguindo encontrar o pai, Elisa decide então voltar para a igreja, para ver se Pedro está bem. Logo depois, Cláudio chega com os homens do delegado à casa de Elisa.

- É aquela casa ali, Tobias.

- Tá certo, Cláudio. Acho melhor você esperar aqui. Se esse Júlio for tão mau-caráter como você disse, pode ser que tenhamos trabalho.

- Não se preocupe, Tobias, eu sei me cuidar e também quero estar presente quando o interrogarem... Veja, a porta está aberta, mas parece não ter ninguém em casa.

- Quero que vasculhem tudo. Quero saber exatamente o que houve aqui e por que tudo está assim revirado.

Antes de sair de casa, Júlio revirara tudo, à procura de joias que pudesse vender.

- Nossa, Tobias, é realmente estranho o que aconteceu por aqui. Parece que quem fez isso estava atrás de algo - comentou Cláudio.

- Continuem vasculhando, quero saber o que a pessoa que fez isso estava procurando.

- Tobias, venha ver isso - disse Cláudio.

- O que foi?

- Veja, parece que algo foi enterrado aqui no quintal. Tem uma vala que foi tapada e inclusive colocaram um sinal da cruz.

- Depressa, peguem aquela pá e comecem a cavar. Quero saber o que está aí embaixo.

- Ai, meu Deus! Tobias, você acha que pode ser alguém?

- Calma, mantenha a calma, rapaz. Meus homens já descobrirão o que foi enterrado ali.

- Mas como manter a calma, Tobias? Elisa e seu irmão sumiram sem deixar rastros. Seu pai é um sujeito que bate nos filhos... e agora isso...

- Calma, rapaz. Não se desespere... E, então, homens, acharam algo?

- Ainda não, Tobias. O que quer que tenha sido enterrado aqui, está bem fundo.

- Continuem cavando. Não sairemos daqui sem saber o que está aí.

Enquanto isso, Elisa chega à igreja.

- Padre, o senhor sabe me dizer se Pedro já voltou?

- Não sei, Elisa. Veja se ele está lá no quarto.

- Vou lá agora mesmo... Pedro! Pedro, você está aí?

- Oi, mana!

- Puxa, graças a Deus você está aqui.

- Por quê, mana? Aconteceu algo?

- Não! É besteira da minha cabeça. E, então, brincou bastante?

- Brinquei, sim. Eu fazia de conta que era o cavaleiro que salvava a donzela presa na torre.

- Elisa, está tudo bem aí?

- Está sim, padre, agora está.

- Você passou tão depressa que nem tive tempo de lhe perguntar sobre seu pai. Tudo bem na sua casa?

- Então, padre, o senhor não sabe... Ele não estava em casa. E, pela bagunça, parece que nem tem dormido lá. Onde o senhor acha que ele pode ter ido? Será que está bem?

- Não se preocupe, minha filha. Tenho certeza de que está tudo bem. E a casa deve estar uma bagunça porque você não está mais lá.

- Não sei, não, padre. O senhor conhece o meu pai.

- Fique tranquila, Elisa. Assim que seu pai souber que você está bem, e que está aqui na igreja com o seu irmãozinho, ele vai se acalmar e colocar a cabeça no lugar.

- Vamos torcer. Amanhã eu volto lá para falar com ele.

- Faça isso, minha filha.

Enquanto o padre acalmava Elisa com relação a seu pai, Cláudio entrava em desespero, quanto mais fundo cavavam no quintal, os homens do delegado.

- Ai, meu Deus, Tobias... Por que será que ainda não encontraram nada?

- Acalme-se, Cláudio. Temos que manter a confiança.

- É que essa demora me dá angústia. Se for Elisa que estiver aí, não sei o que faço.

- Tobias, venha ver - disse um dos homens que ajudavam na busca.

- E, então, encontraram algo?

- Veja isto, parece um baú.

- Pois, então, tirem-no daí. Vamos ver o que há dentro. Tragam para cá. Ponham ali no chão... E, então, o que estão esperando? Abram logo!

- Veja, Tobias! Parece que só tem papel aqui.

- O quê? Papel? Deixe-me ver... É... tem razão. Parecem cartas. Viu, Cláudio? São apenas cartas velhas.

- Nossa, graças a Deus, Tobias. Mas por que será que ele enterrou essas cartas no quintal? E ainda por cima colocou uma cruz, como se houvesse um morto aí?

- É, Cláudio, isso está realmente muito estranho. Temos que encontrar o seu Júlio para pedir-lhe explicações.

- Venham, homens, vamos agora mesmo contar ao delegado o ocorrido e ver se organizamos uma busca para encontrar essa família. E, enquanto isso, Cláudio, quero que se acalme e volte para casa. Fique tranquilo, que encontraremos respostas para o que está havendo aqui.

- Mas eu quero ir junto com vocês, Tobias. Não irei me acalmar indo para casa sem saber onde estão.

- Novamente eu reitero, Cláudio. É melhor você ir para casa descansar. Confie no delegado, ele saberá o que fazer. Vá para casa e descanse. Quando tivermos alguma informação, eu o aviso.

- Está bem, Tobias. A última coisa que quero é atrapalhar vocês. Mas, por favor, avisem-me assim que souberem de algo.

- Fique tranquilo, Cláudio. Dou-lhe a minha palavra de que será o primeiro a saber... Venham, homens, vamos voltar imediatamente para falar com o delegado.

Mesmo Cláudio sendo um rapaz muito calmo e tranquilo, começava a dar sinais de intensa preocupação com a situação em que se encontrava. Elisa e seu pequeno irmão, Pedro, haviam sumido sem dar notícias, e, como se não bastasse, o único que poderia lhe dar informações mais concretas sobre o ocorrido também se fazia ausente.

- E então, meu filho, foi até as autoridades contar sobre o desaparecimento da Elisa?

- Fui, sim, mãe. Eu contei para eles tudo o que aconteceu, e então o delegado mandou alguns homens até a casa dela para interrogar seu pai, mas ele também não estava lá.

- Nossa, Cláudio! Que coisa mais estranha. Agora todo mundo resolveu sumir, é?

- É realmente muito esquisito, mãe. O pior não foi isso. Quando chegamos lá e o pai dela não estava, fomos até o quintal e havia uma cruz sobre um monte de terra. Dava a impressão de que havia alguém enterrado ali.

- Ai, meu Deus, Cláudio! Que coisa mais horrorosa!

- Mas, graças a Deus, não havia ninguém ali. Somente um baú com um monte de cartas antigas.

- Que intrigante! Que cartas serão essas para ele querer enterrá-las? Nossa, meu filho, isso está bem estranho mesmo.

- Então, aí os homens do delegado pegaram tudo e levaram lá para ele ver e decidir qual atitude tomar.

- Puxa vida, Cláudio. Sinto muito que esteja passando por isso. Mas tenha fé, que tudo irá se resolver.

- Espero que a senhora esteja certa, minha mãe.

- Cláudio, você gostaria de rezar um pouco? Faz tempo que não rezamos juntos, e vai ajudar.

- Eu até gostaria, mãe, mas não estou muito bem para rezar. Sei que nessas horas é que mais precisamos, mas eu estou bem desanimado. Se não se importa, deixarei para rezar amanhã. Pretendo até ir à missa, já que é domingo, orar para Deus e pedir proteção a Elisa e seu irmão.

- Faz muito bem, Cláudio. Vá, sim, será muito bom para você. Procure o padre Antônio e lhe diga o que está acontecendo. Tenho certeza de que ele saberá o que fazer.

10. LEMBRANÇAS DO PASSADO

Enquanto Cláudio buscava forças para acreditar que Elisa estava bem, e que logo a encontraria, Júlio estava embrenhado em um casebre na mata, pensando o que faria para se vingar de seus filhos e, principalmente, de Cláudio, que ele acreditava cegamente ser o responsável pela decisão de Elisa de sair de casa:

- Esse maldito me paga! Eu juro que ele irá se arrepender de ter cruzado o meu caminho. Insolente e safado, ainda teve a cara de pau de dizer que não teve nada a ver com a decisão da Elisa... Essa é outra que irá me pagar também! Depois de tudo o que eu fiz, ela vem me acusar de trair a mãe dela. Se ela soubesse que a mãe dela foi a única culpada por ter chegado àquele ponto... Eu amava Matilda, era capaz de qualquer coisa por aquela mulher. Mas Matilda estava mudada. Não era mais a mesma de quando nos conhecemos. Só pensava em rezar, ir à igreja, ficar acendendo velas para os mortos. Parecia estar enlouquecendo, acreditava que os mortos podiam nos ouvir e que mereciam respeito.

- Besteira, quanta besteira! Onde já se viu, acreditar em tamanha bobagem? Nunca gostava quando ela vinha com esse papo. Quantas vezes não fui humilhado por colegas de trabalho, que diziam ser ridículo ter uma

esposa que se dedicava mais aos mortos do que a seu marido? Eu estava sentindo sua falta. Possuía necessidades de marido. E ela, cada vez mais distante.

– Foi justamente na época em que sua irmã Madalena veio morar conosco. Eu estava há tempos sem manter intimidades com Matilda, quando sua irmã começou a se insinuar. Mulher bonita, benfeita, disposta a tudo para atingir seus objetivos. Não pude evitar. No começo, mesmo com as insistências de Madalena, eu resisti ao máximo, pois ainda acreditava que Matilda iria acordar e logo voltaria para mim, disposta a compensar o tempo perdido. Mas o tempo foi passando, eu ficava cada vez mais tempo sozinho com Madalena em casa, e esta, por sua vez, sempre me provocava. Aguentei até onde pude e tentei afastar aqueles pensamentos que me invadiam com relação à Madalena.

– Foi quando veio a gota d'água. Em ato de últimas esperanças, larguei de lado minha masculinidade e voltei-me até a cozinha para tentar fazer algo que demonstrasse o meu amor por Matilda... Tempo perdido em vão... Mais uma vez, Matilda se fazia ausente e minhas esperanças caíram e se enterraram de uma vez. Minha esposa Matilda havia se transformado em mulher devota, e passava mais tempo com a sua igreja do que comigo.

– Foi quando Madalena, se aproveitando do momento, se insinuou mais uma vez perante meus olhos obscuros e meu corpo tomado por desejos, fazendo com que eu fosse parar em seus braços. A partir daquele momento, confesso que já começava a ver Madalena com outros olhos. Eu a desejava

cada vez mais. Sempre que Matilda saía de casa, acabávamos juntos. Aos poucos, a lembrança da mulher que conheci e amei foi desaparecendo, e a figura de Madalena se tornava cada vez mais clara em minha mente.

– No fundo eu sabia que aquela situação não se prolongaria por muito tempo. Cada vez mais, eu me via entrelaçado nos braços de Madalena, e esta, por sua vez, demonstrava sua inveja por Matilda. Às vezes, parecia estar disposta a qualquer coisa para tomar o lugar da irmã.

– Com o passar do tempo, eu fui percebendo que Madalena possuía um lado obscuro, que, cada vez mais, se fazia presente, conforme íamos ficando mais íntimos. Eu me via preso, enjaulado por uma mulher possessiva, que enchia minha mente com palavras que feriam Matilda. Confesso que me deixei levar pelo desejo que sentia por aquela mulher. E a ausência de Matilda em meu âmbito fazia com que eu aceitasse as sugestões impostas por Madalena.

– Foi quando, numa noite, em mais um encontro às escondidas, fomos surpreendidos pelo repentino retorno de Matilda ao nosso lar. Nunca me senti tão mal e tão vazio. Fui consumido por aquele olhar que me adentrava profundamente a alma. Pensei que Matilda fosse esbravejar, falar tudo que uma mulher traída falaria. Mas Matilda não pronunciou uma única palavra. Simplesmente, abaixou a cabeça, como se aceitasse aquela situação, e virou as costas. Após aquele instante, compreendi que naquela casa já não haveria ambiente para que sua irmã Madalena continuasse conosco. Foi então que pedi a ela que se retirasse.

– Matilda não pronunciou uma única palavra, parecia aceitar sua culpa como parte daquela situação. Madalena se recusava a sair tranquilamente, ela sabia que nosso lar estava destruído e queria aproveitar o momento para reclamar seus direitos e suas vontades. Ela falava alto, para que todos ouvissem o ocorrido. Dessa forma, tentava induzir-me a ficar a seu lado. Eu já havia tomado minha decisão. Mesmo sem ter coragem de olhar nos olhos de Matilda, e pedir-lhe perdão, eu peguei todas as coisas de Madalena e a coloquei para fora, tentando assim redimir, um pouco que fosse, a minha culpa. Afinal, eu havia construído um lar, tinha uma filha e, mesmo com a cabeça e o corpo desejando Madalena, eu precisava fazer aquilo.

– Madalena implorou para que eu ficasse a seu lado, fazendo juras de amor eterno, pois sabia que os sentimentos que eu nutria por ela eram muito fortes, e que Matilda demonstrava aceitar a perda do marido. Mesmo assim, eu me mantive irredutível e não quis manter mais contato com Madalena, pelo menos assim eu pensava.

– Nos dias seguintes, fui por diversas vezes procurado por Madalena, sempre tentando me convencer a fugir com ela e abandonar tudo. Como eu não a atendia, ela tentava de outras formas, mandando cartas com juras de amor. Acreditava ser ela a pessoa certa em minha vida. E não se importava em passar por cima da história que eu tinha com sua irmã.

– Os dias se passaram, os meses se passaram, até que finalmente consegui, em uma brecha, sentir novamente a pele suave e macia de Matilda que havia muito não sentia. Fato este ocorrido apenas como forma de tentar

se fazer presente em retribuição ao passado. Matilda não teve nenhuma reação, não esboçou um gesto sequer. Manteve-se imóvel, apenas deixando que eu saciasse as minhas vontades.

– Alguns meses se passaram e eu sabia que, no fundo de sua pobre alma, Matilda ainda carregava a lembrança daquele dia. Foi quando soubemos de sua gravidez. Estava para ter nosso segundo filho.

– Eu imaginava que, talvez, as coisas fossem mudar; que Matilda fosse voltar a me amar e que perdoaria definitivamente meu erro. Mas os meses de sua gestação foram cheios de dúvidas e tormentas. Desejava muito receber mais uma vez Matilda em meus braços, mas ela não estava bem. Sua gestação era cercada de dor e sofrimento. Quantas vezes não a surpreendi chorando, em silêncio, em decorrência das fortes dores que sentia, e assim ficava cada vez mais difícil voltarmos a estreitar nossos laços. A vontade me consumia, eu desejava muito saciar os meus desejos. Chegava a ter alucinações com o momento que nunca chegava. Foi quando, como se em uma prova de forças, recebi mais uma vez uma carta de Madalena, declarando seu amor por mim e implorando para que eu largasse tudo e fosse viver com ela.

– Era o dia do nascimento de nosso filho. Finalmente, Matilda iria se livrar daquelas dores. Cheguei a prometer diante de minha filha que de maneira alguma deixaria de estar presente no nascimento de Pedro. Mas a vontade me consumia, muitas dúvidas pairavam em minha mente. E se

Matilda não mais me desejasse? E se eu largasse tudo e fugisse com Madalena?

– Aqueles segundos, aquelas horas que se passaram pareciam durar uma eternidade, como se o tempo me cobrasse alguma resposta. Fui fraco, fracasei como ser humano. Naquela tarde, havia decidido me entregar mais uma vez às tentações, e deixar Matilda à sua própria sorte. Algo em mim dizia que Madalena estava certa. Deveríamos ficar juntos e reviver aqueles sentimentos que possuíamos. Sucumbi ao desejo e fui a seu encontro, alegando à Matilda que não poderia comparecer ao parto de nosso filho por ter assuntos de extrema urgência.

– Parecia que Matilda sabia aonde eu ia. Notei um brilho diferente em seus olhos, como se aceitasse minha decisão. Aquela foi a última vez que vi seus olhos abertos. Eu a abandonava ali, de vez, acreditando que assim seria mais fácil para ela, e que, quem sabe um dia, ela pudesse me perdoar. Passei a noite inteira ao lado de Madalena, quando, pela manhã, fui surpreendido, como um cravar de estaca em meu coração, com a morte de Matilda. Ela havia falecido no parto devido a complicações. Tentaram salvar os dois, mas somente meu filho sobrevivera. Filho este concebido à força, durante um único momento que tive com Matilda.

– A dor me consumia. O céu havia desabado em minha cabeça. Como aceitar o fato de ter sido o causador da morte de Matilda? Isso jamais teria ocorrido se eu não a tivesse tomado em meus braços. E na hora final eu não estava a seu lado. Estava com sua irmã, disposto a abandoná-la à sorte da

vida. Havia enterrado aquilo que restava de mim. O pouco que restara de alguém que merecia caminhar por estas terras. A dor, o ódio, o desespero me consumiam. Não me achava mais digno de respirar. Nada mais tinha sentido. Não mais queria saber de Madalena. Desejava me isolar de todos e de tudo para assim poder entender o que fizera.

– Mesmo com a perda da irmã, Madalena parecia não se importar e via aí a oportunidade de realizar suas vontades. Queria que eu esquecesse do passado e abandonasse os filhos para viver com ela, longe de tudo aquilo. Madalena parecia ter olhos somente para si e suas vontades. Nada mais parecia importar. Foi quando, mais uma vez, a coloquei para fora de minha vida e acabei com todas as expectativas que ela ainda tivesse de viver aquele romance. E então, mais uma vez, Madalena me surpreendeu, quando, bem à minha frente, ela tirou sua vida, após eu me recusar a aceitar a proposta de viver com ela.

– A vida parecia estar me castigando. Levava de uma só vez as pessoas das quais eu mais me aproximara. Parecia ser uma forma de punição por meus atos. Como se não bastasse carregar a morte de Matilda em minhas costas, juntava-se ao peso a morte de Madalena.

– Os dias passaram, os anos passaram, nada apagava da minha mente a culpa por tudo o que acontecera. Meus filhos cresceram, a vila havia mudado. Mas eu continuava o mesmo. Nunca consegui apagar o que aconteceu. Sempre seria considerado o culpado pela morte das duas. O ódio e a raiva nunca me abandonaram. A vida não mais era justa e nada mais me

importava. E agora, mais uma vez, estou à beira de perder a única mulher que sobrou em minha vida, minha filha Elisa.

– Não poderia e não posso aceitar perder mais uma vez. Eu preciso fazer algo, não importa o que seja. Não deixarei que um zé-ninguém, um rapaz maldito, venha e me leve a minha filha. Algo precisa ser feito. Não vou perder a única mulher que sobrou em minha vida. Esse Cláudio me paga, ele vai ver com quem está lidando. Nem que para isso eu tenha de ir às últimas consequências. Você me paga, seu fedelho miserável. Você me paga!

11. UM NOVO AMIGO

No plano espiritual, Cássius seguia entregue em seus pensamentos.

- Realmente, a tarefa de Cláudio não será nada fácil. Júlio parece estar decidido a fazer algo para prejudicá-lo. Por mais que eu tente aproximar-me de Júlio para dar-lhe algumas sugestões, não consigo ultrapassar o campo vibratório de energias negativas criadas por ele no decorrer dos anos. E as sombras que o acompanham tornam sua percepção e seu raciocínio muito complicados - pensava Cássius.

- E então, meu caro Cássius, como vai o trabalho com seu pupilo?

- Ah! Olá, Dionísio. Não vai nada bem. Por mais que eu tente higienizar o ambiente entre Cláudio e Júlio, parece-me que fica a cada segundo mais difícil.

Dionísio era um grande amigo de Cássius e, assim como este, seguia em auxílio aos irmãos no plano físico.

- Compreendo, meu amigo. Mas é assim mesmo. É a partir das grandes dificuldades que conseguimos as maiores conquistas, Cássius. Além do mais, se Matilda confiou-lhe essa tarefa e acredita na perseverança de Cláudio, tenho certeza de que tudo dará certo.

- Tenhamos fé, Dionísio. Mas, me fale: já receberam alguma notícia de Matilda, que foi até as regiões inferiores tentar resgatar sua irmã Madalena?

- Ainda não. Esses trabalhos costumam demorar, Cássius. Por mais que nossos queridos irmãos estejam dispostos ao auxílio, a iniciação do trabalho depende muito da aceitação por parte dos atendidos. E, segundo me consta, a irmã de Matilda conseguiu desvencilhar-se há pouco, e por isso puderam localizá-la. E quando isso ocorre, deve-se ter paciência para que a aproximação não cause o efeito contrário. Mas tenhamos fé que tudo há de dar certo, meu caro amigo. E quanto à garota Elisa e ao seu irmão Pedro, Cássius, estão aceitando bem o fato de saírem de casa?

- Sim. Graças ao Senhor. Eles foram acolhidos pelo padre Antônio e este tem lhes transmitido muita tranquilidade. Ele compreende que o momento pelo qual estão passando é delicado. Além do mais, Elisa é uma garota muito forte e possui bastante luz. Sabe ter calma e paciência.

- Fico contente em saber disso, meu amigo. Mas, venha, obtive informações muito importantes sobre o que pode dificultar o trabalho de seu pupilo Cláudio, e gostaria que você soubesse. Quero que conheça uma pessoa.

- Claro, Dionísio. Qualquer informação que venha a somar será de grande utilidade.

- Cássius, quero que conheça Balthazar. Ele está conosco há muito tempo. Vem trabalhando arduamente em seu amadurecimento e no refazimento de nossos queridos irmãos encarnados.

- É um prazer conhecê-lo, Cássius. Pedi a Dionísio para termos a oportunidade desta conversa - disse Balthazar.

- O prazer é meu, Balthazar. Estou à inteira disposição.

- Muito obrigado, Cássius.

Neste ponto da história que estou narrando ao querido leitor, antes de prosseguir com o diálogo entre Cássius e Balthazar, algumas informações se fazem necessárias para a compreensão de quem eu fui em uma de minhas encarnações, e como a minha história se interliga com os acontecimentos aqui narrados.

Em uma encarnação passada, decorrida na Jordânia, fui detentor de grande perversidade, sem que me desse conta do caminho ao qual ela me levaria.

Possuí uma família muito rica e detentora de várias terras da região, onde meu pai foi um grande líder, e sua palavra era aquiescida sem contestações. Eu era o comandante de seus soldados e cumpria suas ordens, independentemente das dificuldades que encontrássemos pela frente.

Sempre fui muito fiel ao meu pai. Eu o idolatrava e nunca julgava suas atitudes. Sempre procurei ser o melhor aos seus olhos, mas infelizmente acreditava nunca ter o reconhecimento devido. Não me recorde de uma única vez ter sido parabenizado por ele, por minha fiel obediência. Mas, mesmo assim, nunca me deixei abalar por qualquer situação, até a chegada, ao âmbito de minha família, de um homem chamado Balthazar (o mesmo que, neste ponto da história, conversa com Cássius no plano espiritual).

Ele era uma pessoa humilde, porém fazia manifestar em mim os sentimentos mais negativos que até aquele momento eu não conhecia. Comecei a invejá-lo, a odiá-lo e a desejar que ele sofresse tudo o que pudesse ser feito contra uma pessoa.

Mas a continuidade dessa parte da história será desenvolvida a seguir, pelas palavras do próprio Balthazar.

Por agora, apenas lembro ao caro leitor de que sou o “Matheus” mencionado a partir daqui.

- Antes de lhe explicar o motivo de ter vindo até você - disse Balthazar a Cássius -, gostaria de lhe contar um pouco da minha jornada. Em uma de minhas encarnações, vivi na antiga Jordânia, durante um período de grandes tribulações e mudanças. Meu povo não possuía muita liberdade e, constantemente, passávamos por conflitos atribuídos àqueles que desejavam tão somente causar o

caos e a desordem. Venho de uma família humilde e desprovida de bens. Eu trabalhava como escravo para uma família muito rica e influente na época. Meu senhor se chamava Teófilo, e sua senhora, Carmela. Possuíam dois filhos: Matheus, filho mais velho de meu senhor, fruto de seu antigo relacionamento com Isabel, e Thiago, filho com a atual companheira.

- Entendo... - disse Cássius.

- Quando jovem, eu tinha sete irmãos e morávamos em um pequeno vilarejo, nas proximidades da cidade. Meu pai, um trabalhador dedicado, e minha mãe, sempre devotada à família. Não possuíamos posses ou bens. Vivíamos em uma total pobreza, havendo dias em que nem sequer uma simples fruta havia para saciar nossa fome. Embora eu e três de meus irmãos já tivéssemos força suficiente para trabalhar, o serviço era muito escasso. Quando muito, conseguíamos acompanhar os pescadores no auxílio, pois nem mesmo uma simples embarcação nós possuíamos. Vivi assim durante alguns anos, até que, em um ataque sofrido pela minha vila, eu fui levado junto com meus irmãos para trabalhar como escravo para os senhores da época. Após esse dia, nunca mais tive notícias de minha família, já que, se desacatasse as ordens de meu senhor, eu seria condenado à morte. Meus irmãos foram levados para outros senhores da época, todos a trabalhar como escravos.

- É... infelizmente, ao longo dos anos, constatamos situações muito semelhantes, querido Balthazar...

- Meu senhor era um homem muito rico e influente. Possuía muitas terras e todos o respeitavam. Confesso que durante longo período tive muito medo de sua pessoa, por ser um homem de pulso firme, cujas ordens nunca eram contestadas. O meu serviço era diverso, desde trabalhar em construções, cuidar dos animais, até servir ao meu senhor durante seus festejos. Quantos escravos eu não vi serem açoitados noite adentro por terem desacatado alguma ordem sua... Eu sempre obedeci às suas ordens e nunca julguei nenhuma atitude sua, mesmo quando não concordava com ela. Nunca o maldisse pelo fato de ter me tirado de casa, sem que eu jamais pudesse voltar a ter contato com minha saudosa família. Pelo contrário, eu acredito ter sido bom para meus pais o fato de termos sido levados. Apesar do que aconteceu e da saudade que ficamos sentindo, sei que, na situação em que nos encontrávamos, essa era a melhor opção para que não morrêssemos todos de fome.

- Compreendo, meu amigo...

- O trabalho na casa de meu senhor não era fácil. Conviver naquele ambiente e aturar tudo de cabeça baixa não era tarefa simples. Mas sempre lhes obedeci e nunca os julguei. Fato este que foi o motivo de minha desgraça. Pois, como o passar do tempo, fui sendo observado de outra forma pelo meu senhor, tendo havido

vezes em que, como que por um milagre, cheguei a ser elogiado por ele pela minha dedicação. Mas esses elogios não eram motivo de orgulho para mim e sim de preocupação, pois com isso meu senhor gerava a inveja de seu filho mais velho, Matheus, para comigo. Matheus sempre estivera ao lado de seu pai, cumprindo as suas ordens e, muitas vezes, as exercendo de forma totalmente desnecessária. Por ser filho de outro relacionamento, Matheus sempre se considerara um desprivilegiado com relação ao seu pai.

- Por quê? - indaga Cássius.

- Embora Teófilo nunca houvesse dito ou realizado algo para que Matheus se pusesse nessa situação, ele foi criando um sentimento de inveja em relação a todos aqueles por quem seu pai pudesse demonstrar ter afeição. Mesmo por seu irmão mais jovem, Thiago, Matheus demonstrava, no olhar, nutrir sentimentos ruins. Até mesmo perante sua madrasta Carmela, ele se colocava sempre como um rejeitado por seu pai. Sua mãe Isabel havia sido expulsa de casa por Teófilo, por este acreditar que ela não exercia a contento sua função de mulher. Embora seu pai tivesse feito isso, Matheus nunca demonstrou sentir raiva dele; ao contrário, procurou sempre seguir o que ele falava. Posso dizer que ele sempre esteve mais interessado em obter a atenção de seu pai e, conseqüentemente, receber suas terras, do que no que este fizera com sua mãe.

- É mesmo? Nossa...

- Então, quando comecei a receber esses elogios pelo meu trabalho, Matheus, vendo a atitude do pai, começou a odiar-me e sentir inveja por eu ser um simples escravo e receber elogios, enquanto ele, um homem de boa vestimenta e sempre ao lado de seu pai, nunca os ter recebido. Não achava justo que eu, um simples escravo, ganhasse aqueles olhares de aprovação de seu pai, enquanto ele, quem sempre cumprira as ordens paternas, nunca houvesse recebido nada. Com o passar do tempo, meu senhor começou a me dar mais liberdade e a valorizar o trabalho que eu vinha realizando durante aqueles anos. Eu sabia do sentimento de Matheus para comigo, mas não podia fazer nada. Tentar conversar com ele seria considerado uma ofensa ainda maior, e deixar de realizar as minhas tarefas seria um desacerto para com meu senhor. Então continuei, mesmo sabendo que aquela situação não duraria por muito tempo. Por diversas vezes, Matheus me obrigou a realizar tarefas difíceis e humilhantes para tentar me fazer desistir ou fracassar. Mas, com muito esforço, sempre as cumpri, mesmo quando minhas forças físicas já estavam no limite. Vendo minha dedicação e meu esforço, Matheus constatou que não seria um simples trabalho que me faria desistir e, conseqüentemente, receber uma punição pelo fracasso.

- Certamente...

- Com o passar do tempo, eu fui realizando todas as tarefas sem questioná-las ou hesitar, e fui aceitando todas as humilhações impostas por Matheus, sem me deixar abater. Mas, infelizmente, Matheus viu seu plano voltar-se contra si, pois, conforme eu ia realizando meu trabalho, meu senhor ia me observando e vendo que eu me colocava sempre à disposição para fazer o melhor, sem pronunciar uma única reclamação. Essa situação chegou ao fim quando, em um dos festejos, fui convidado por meu senhor a juntar-me à mesa, o que nunca ocorrera com Matheus, uma vez que, quando estavam em festividades, seu pai ordenava que a guarda sempre estivesse alerta, e, sendo Matheus o comandante da guarda, ele nunca se fazia presente às festividades.

- E, então, o que houve?

- Quando Matheus soube do ocorrido, ao acaso, por um dos amigos de Teófilo, decidiu que aquela situação não poderia mais permanecer como estava. Algo precisava ser feito, para que eu aprendesse onde era o meu lugar: o de um escravo que só recebia ordens e deveria agradecer por ainda estar vivo. Foi quando, nos dias que se seguiram, eu soube do real plano que Matheus havia arquitetado para que eu caísse em desgraça e meu senhor perdesse a confiança em mim. Durante a noite, enquanto todos dormiam, Matheus juntou alguns de seus homens e foi até uma de suas plantações de trigo colocar em prática algo que nem mesmo eu

poderia acreditar. Eles atearam fogo na plantação de trigo, cultivada com muito esforço por mim e que era um dos motivos de orgulho de meu senhor. Em poucos minutos, o fogo se espalhou rapidamente, destruindo tudo. Eu fui acordado aos berros por um dos homens de Matheus, pedindo auxílio. Mal sabia eu que aquilo fazia parte dos planos do filho do meu senhor.

- Posso imaginar, meu amigo...

- Sem perder tempo, corri para a plantação para ajudar no que pudesse. Logo me dei conta da real situação. As chamas estavam altas e o vento ajudava na sua propagação. Pouco poderia ser feito. Mas decidi tentar mesmo assim. Foi quando surgiu um dos homens de Matheus dizendo que eu deveria ajudar de outra forma. Ao invés de trazer água, eu deveria trazer tochas para iluminar melhor seu trabalho. Confesso que na hora, com todo aquele fogo, eu não entendi o motivo. Mas concordei e fui buscar as tochas. Corri ao celeiro, acendi algumas tochas e retornei. Quando voltei, não encontrei mais o homem, somente aquele fogo que se alastrava cada vez mais. E eu ali, parado, sem entender. Foi quando Matheus surgiu juntamente com meu senhor Teófilo; eles me viram ali, com as tochas nas mãos. O que fazia eu ali, em frente a um incêndio, com tochas nas mãos, ao invés de estar jogando água para tentar controlar o fogo?

- Tem razão... Imagino o que deve ter pensado o seu senhor, diante de tal cena - comentou Cássius.

- Então, Matheus começou a gritar, dizendo que eu era o causador daquele incêndio. Por mais que eu negasse, não tinha muito que explicar. Nitidamente, pude ver em meu senhor o olhar de decepção e espanto. Sentia como se uma lança estivesse atravessando meu corpo. Nada pude fazer. O plano de Matheus havia dado certo. Acabara de perder ali a confiança que meu senhor havia depositado em mim. Matheus decidiu que tal ato não deveria ser perdoado e que eu tinha de ser punido com a perda da própria vida, para que isso servisse de lição para todos. Fui condenado a receber mais de 50 chicotadas e em seguida ser enforcado diante de todos.

- Nossa! Sinto muito, meu irmão...

- Eu lhe peço desculpas, Cássius, por estar lhe contando a minha história, mas era necessário para que você soubesse quem realmente foi o causador de minha vinda para este plano. Confesso que não nutro por ele nenhum sentimento de raiva pelo que me causou. Muito pelo contrário, hoje sei que aquilo que passei foi necessário para que compreendesse muita coisa. Agora, deixe-me explicar o que isso tem a ver com você, ou seja, com o seu trabalho e o de seu pupilo, Cláudio: é que Matheus reencarnou novamente, com a chance de tentar corrigir seus atos do passado. Já tem alguns anos

que o acompanho, tentando auxiliá-lo, mas Matheus ainda carrega consigo as marcas de outras vidas e, por mais que eu tente, sua força de vontade não é muito grande e vejo, pouco a pouco, ele se desviar do real objetivo.

- Imagino o seu pesar ao testemunhar isso...

- Durante alguns anos, ele se manteve tranquilo, frequentava a igreja e auxiliava o padre nas tarefas. Matheus parecia ter aprendido a respeitar as pessoas e a dar valor para os ensinamentos do Senhor. Mas estranhamente ele começou a mudar suas atitudes e decidiu abandonar tudo. Logo então, veio a morte do pai. Sua mãe havia falecido quando ele ainda era pequeno, e este via no pai aquele que era tudo em sua vida. Havia resgatado os sentimentos pelo pai e a devoção à figura paterna de outras vidas. Por isso o idolatrava e seguia sempre suas orientações sem hesitar. No entanto, algo aconteceu. E com a morte de seu pai ele mudou completamente, parecendo até tratar-se de outra pessoa. Matheus revoltou-se contra tudo e contra todos. O ódio começou a aumentar a cada dia que passava. A partir daquele momento, não mais acreditou no Senhor e apagou de vez a lembrança do rapaz que fora até aquele momento. Ele abandonou o trabalho que possuía e se voltou ao seu interior, única e exclusivamente para odiar tudo e todos. Eu nunca mais consegui me aproximar dele; todas as minhas sugestões e intenções de auxílio se perdiam no espaço.

- Desculpe-me interrompê-lo, Balthazar. Mas ainda não compreendi onde Cláudio se encaixa nesse assunto.

- Eu que lhe peço desculpas, Cássius, por não me fazer compreender. É que Matheus reencarnou em 25 de agosto de 1833 na cidade vizinha, e aos 15 anos veio com seu pai morar na vila de Cláudio. Inclusive ele também trabalhou na igreja de Nossa Senhora, a mesma onde Cláudio e Elisa se conheceram. Mas, hoje, com 29 anos, ele já possui uma alma negra, e a igreja é um dos locais contra os quais Matheus decidiu lançar sua ira. Não somente contra ela, mas contra o padre Antônio e contra todos a quem ele considera obstáculos em seu caminho.

- Hum... compreendo, Balthazar. Então quer dizer que Matheus vive na mesma vila de Cláudio, e fará de tudo para prejudicar os seguidores dos ensinamentos de Jesus?

- Isso mesmo, meu amigo. Peço-lhe desculpas por ter deixado Matheus chegar a esse nível.

- Imagine, meu irmão. Sabemos todos que as vontades do Senhor não devem ser questionadas e que somente Ele sabe o que é necessário acontecer para o aprendizado de seus filhos. Balthazar, eu lhe agradeço muito por ter me contado sua história e por ter se preocupado com o que poderá ocorrer nas ações de Matheus contra Cláudio. Mas confiemos no Senhor. Ele sabe aquilo que é melhor para seus filhos e, caso Cláudio e Matheus se encontrem, iremos

auxiliar naquilo que pudermos, para que cada um possa receber seu aprendizado e seguir em busca daquilo que procura.

12. NÃO ME ABANDONE

No plano físico, padre Antônio encontra Elisa.

- Bom-dia, Elisa. Levantou cedo.

- Bom-dia, padre. Eu perdi o sono no meio da noite e não consegui dormir mais.

- Ainda preocupada com seu pai, minha filha?

- Pois é, padre. Estou preocupada com ele, não sei se foi boa ideia abandoná-lo. Estou preocupada com onde ele possa estar. Parte-me o coração imaginar que ele esteja sofrendo por minha culpa.

- Não fique assim, Elisa. Por que você não vai hoje novamente ver se ele não voltou para casa?

- Quem sabe, se ele estiver lá, eu não consiga convencê-lo a vir à missa?

- Faz muito bem, Elisa. A casa de Deus trar-lhe-á conforto. Mas procure ser delicada com ele. Eu sei que está sendo difícil para você aceitar o que ele fez, mas pense que seu pai está precisando de ajuda. E você é a pessoa capaz de fazê-lo entender o que fez e pedir perdão pelos seus atos.

- Eu sei, padre. Apesar do que ele fez com minha mãe, eu não sinto mais raiva dele. Eu sinto pena e quero poder ajudá-lo.

- Que bom, minha filha. Sua mãe deve estar orgulhosa de sua postura.

- É graças a ela que consigo manter os pés no chão e cuidar de Pedro. Sei que, mesmo sem demonstrar, meu irmão também está sofrendo bastante por estar longe do pai. Mas eu não irei agora até minha casa. Eu pretendo ir algumas horas antes da missa; quero aproveitar o dia bonito que está fazendo para ficar com Pedro.

- Isso mesmo, aproveite este belo sol e vá se divertir com seu irmão.

- Vou, sim, mas antes vou preparar tudo para a missa e depois iremos.

- Imagina, Elisa, não precisa se preocupar. Pode deixar que eu faço isso.

- De jeito nenhum, padre. Esse é o meu serviço e é o mínimo que eu posso fazer diante do acolhimento que recebemos do senhor.

- Está certo, você que sabe, minha filha.

Nessa mesma noite em que Elisa não conseguiu dormir por causa do pai, Cláudio também não conseguiu pegar no sono, preocupado com ela.

- Ué, Cláudio, já está de pé tão cedo? Não quis aproveitar para dormir até tarde, já que é sua folga?

- Bom-dia, mãe. Pois é, não consegui ficar na cama. Perdi o sono, e o pouco que dormi foi muito mal, me revirando de um lado para o outro.

- Mas por quê, meu filho? Ainda chateado com o que o pai da Elisa lhe disse?

- Não, não estou preocupado com isso, não. Na realidade, estou mesmo é preocupado com a Elisa. Gostaria de saber seu paradeiro. Não paro de pensar onde será que ela e seu irmão estão.

- Puxa vida, meu filho. Tenha fé que eles estão bem.

- Estou tentando, mas não é fácil. Além do mais, estou angustiado por não ter recebido notícias de Tobias a respeito do conteúdo daquelas cartas enterradas no quintal da casa da Elisa.

- Não fique assim, meu filho. Por que não vai passear um pouco e aproveitar este belo dia que está fazendo?

- Estou tão desanimado que não consigo nem pensar em aproveitar o dia.

- Não pense assim, meu filho. Verá como tudo se resolverá logo. Não vamos perder as esperanças.

- Eu acho que vou aproveitar hoje para ler um pouco. Faz tempo que não leio.

- Bem... Você que sabe, meu filho. Mas pelo menos vai à missa comigo, hoje, não é?

- Ainda não sei, mãe. Estou sem vontade de sair de casa. Acho que, se eu sair, poderá chegar alguma notícia do Tobias e eu não estarei aqui para saber. Quando for mais tarde, eu penso direito se irei ou não.

- Está certo, Cláudio. Você que sabe.

E, no plano espiritual, Dionísio conversava com Cássius.

- Pois é, Cássius, mesmo com suas tentativas de fazer Cláudio e Elisa saírem para se encontrar, eles continuam fixos demais ao desânimo e à preocupação, para conseguirem ouvir as suas sugestões.

- É verdade, Dionísio. Infelizmente, com esses sentimentos em mente, fica difícil qualquer sugestão. Mas tenhamos fé. Continuarei tentando sugerir a Cláudio que compareça à missa de hoje. Tenho fé que conseguirei fazê-los se reencontrarem e harmonizar seus ambientes. E, quanto a Balthazar, você sabe se ele conseguiu manter algum contato com Matheus?

- Creio que não, Cássius. Parece que grandes forças negativas circundam Matheus, criando um bloqueio e impedindo sua aproximação. Acredito ser esse o motivo de Balthazar ter ido se encontrar com um de nossos mais experientes companheiros, que tem nos auxiliado intensamente aqui, o Eliseu. Tenho certeza de que ele fará todo o possível para auxiliá-lo. Ele está conosco há muito tempo e possui a experiência necessária.

Enquanto isso, Elisa e Pedro passeiam e aproveitam o dia de sol.

- Ah! Que dia mais lindo, não é mesmo, Pedro?

- É mesmo, mana, está bem bonito.

- Olha ali, Pedro, está vendo aquelas borboletas amarelas? Veja como são lindas.

- É mesmo. Vamos ver quem consegue pegar elas? Aposto que você não consegue.

- Espera, Pedro, espera! Vem cá, seu danadinho.

- Eu te amo, mana.

- Eu que te amo, maninho. Vou estar sempre com você, tá?

- Ah, eu sei, mana. Quando a gente vai voltar pra casa? Eu estou com saudades do papai.

- Logo, logo, Pedro. Eu também estou com saudades dele. Mas não se preocupa, tá? Eu prometo que a gente vai voltar assim que der.

Na casa de Cláudio...

- Cláudio, eu vou comprar algumas frutas; você gostaria de algo em especial?

- Não, mãe, não faço questão de nenhuma, pode trazer a que a senhora quiser.

- Você não gostaria de vir comigo? Sair um pouco, aproveitar para tomar um pouco de sol...?

- Desculpe-me, mas gostaria de ficar em casa, mãe. Ainda estou chateado. Se não se importa, prefiro ficar aqui lendo.

- Está certo, então, não me demoro.

Por mais que Marta se esforçasse, nada fazia com que Cláudio saísse de casa. A dor e a preocupação não abandonavam a mente do rapaz. Nem mesmo os esforços de Cássius para fazer com que Elisa e Cláudio se encontrassem surtiram algum efeito. Restava apenas torcer para que a situação se resolvesse o mais breve possível.

- Olá, Dona Marta, como vai a senhora?

- Vou bem, Dona Maria, e seu filho, como está? Aquele dia na missa, tudo foi tão rápido que nem conseguimos nos falar.

- Muito bem, graças a Deus. Alexandre tem perguntado do Cláudio, ele nunca mais apareceu em casa.

- Pois é, Dona Maria, ultimamente Cláudio tem trabalhado muito, e, no tempo que sobra, ele sempre ocupa a cabeça com alguma coisa.

- Cláudio é um rapaz muito esforçado; a senhora deve sentir muito orgulho de seu filho, não é, Dona Marta?

- Sinto, sim! Cláudio sempre foi um moço bem ajuizado.

- A senhora vai à missa hoje, Dona Maria?

- Vou sim, irei com Fausto e quero ver se levo junto nosso filho. E a senhora vai, Dona Marta?

- Irei sim. Estou tentando convencer Cláudio a ir comigo, vamos ver se consigo.

- Leve-o sim, vai ser bom o Alê voltar a ver o amigo.

- Até mais, Dona Maria.

- Espero que consiga levar o Cláudio. Não sei por quê, mas sinto que será muito bom pra ele ir hoje à missa.

Na igreja, Elisa ajuda o padre com a organização para a missa.

- Prontinho, padre. Já arrumei o altar, limpei os bancos, e está tudo certinho para receber as pessoas. Agora que terminei, vou até a minha casa ver se meu pai já voltou e, quem sabe, acertar as coisas.

- Vá, sim, minha filha. Desejo-lhe sorte e que os anjos a acompanhem.

- Muito obrigada, padre. Até mais tarde! Diga a Pedro que não me demoro.

- Pode deixar, Elisa. Vai tranquila.

Dona Maria, chegando em casa, conversa com seu marido.

- Fausto, você não sabe quem encontrei comprando frutas... a Dona Marta. E parecia estar chateada. Será que aquela história sobre o desaparecimento do menino, que o Cláudio se meteu a procurar, ainda a preocupa?

- Acredito que não, Maria. Ela deve estar preocupada com outra coisa.

- Será? Bem, de qualquer forma, ela me disse que irá hoje à missa e pretende levar Cláudio. Sabe do Alê?

- Ele está lá no quarto, por quê?

- Como ele e Cláudio não se veem faz tempo, acho que seria uma boa ele ir e rever o amigo. Você também vai comigo, não é?

- Irei sim, sabe que não gosto de ficar em casa quando tem missa.

- Que bom, vou lá então falar com o Alê.

Enquanto Maria contava a seu filho sobre o encontro com a amiga, Elisa se dirigia à casa de seu pai, na esperança de acertar as coisas com ele.

- Espero que desta vez meu pai esteja em casa. Não sei o que vou fazer caso ele não esteja - pensava Elisa.

- Papai! Papai, o senhor está em casa?

- Que estranho, a porta está fechada, nós nunca fechamos a porta. Será que foi ele?

- Papai! O senhor está aí? Sou eu, Elisa! - gritou.

- Será que ele não está? Mas quem fechou a porta, então? Será que consigo pular o muro? Ah... é o jeito, eu que não vou sair daqui até ter alguma notícia sua. Só espero que ninguém me veja fazendo isso.

- Ai... pronto!

- Espero que a porta da cozinha esteja aberta... Ah, está! Graças a Deus!

- Papai, o senhor está em casa?

- Que barulho é esse? Parece vir do quarto. Será meu pai?

- Papai? Mas o que o senhor está fazendo? – indagou Elisa.

- Elisa? Como conseguiu entrar aqui? – espantou-se Júlio.

- O senhor me desculpa, eu gritei e o senhor não ouviu, então pulei o muro.

- Ah, filha... filha querida! Que bom que voltou. Eu pensei que a tivesse perdido. Graças a Deus está de volta.

- Desculpe-me por ter saído de casa, papai. Eu fiquei com raiva e não pensei direito, perdoe-me.

- Claro, minha filha. Você tinha toda a razão em ter ficado brava, eu não a culpo. Sou eu quem deve pedir desculpas. Mas que bom que você voltou para mim, minha filha. Eu senti tanto a sua falta.

- Eu também senti, papai, não só eu, mas Pedro também.

- Mas onde vocês estavam, minha filha? Eu fiquei preocupado.

- É uma longa história, papai. Quando saímos de casa, não sabia para onde ir, e acabamos dormindo lá na praça. Aí, quando foi de manhã, o padre Antônio me acordou e pediu para ficarmos na igreja até que acertássemos as coisas.

- Ai, que bom, minha filha, pensei que estavam por aí, passando fome.

- Mas e o senhor, papai, onde o senhor estava? Eu vim aqui ontem e tudo estava revirado. O senhor não estava ficando em casa?

- Então, eu não sei o que aconteceu comigo. Me lembro de estar bravo por vocês terem ido embora, e ter saído para refletir um

pouco. Mas depois, só me recordo de ter acordado hoje cedo lá na mata que tem perto do rio, e estar todo sujo e com fome.

- Nossa, papai, que estranho! E o senhor nem sabe como foi parar lá, ou o que fez para estar todo sujo?

- Não, filha. Não me lembro do que aconteceu. Mas isso não importa, o importante é que você está de volta e não vai mais me abandonar, não é?

- Eu prometo, papai, me desculpe pelo que eu lhe disse.

- Imagina, Elisa, sou eu quem lhe deve desculpas, e também quero lhe explicar o que fiz no passado.

- Claro, papai, tenho certeza de que o senhor teve seus motivos.

- E Pedro, Elisa, quando ele voltará?

- Então, papai, como ele está lá na igreja, eu gostaria de lhe pedir um favor. Será que o senhor não quer aproveitar que hoje tem missa e ir comigo para lá? Assim, assistiremos à celebração do padre Antônio juntos e depois voltaremos todos para casa.

- Claro, minha filha. Eu vou sim, faz tempo que não vamos juntos.

- Ai, que bom, papai!

- Eu só vou me banhar e trocar estas roupas sujas; daí nós vamos, tá?

- Tá, papai, tudo bem, eu espero.

13. O PODER DA ORAÇÃO

Elisa não fazia ideia de que por trás daquela simulação de arrependimento, Júlio escondia um sentimento de ódio e vingança por terem-no feito passar por aquilo.

Quando saíra para refletir sobre o que havia acontecido, uma personalidade agressiva começara a tomar conta dele, fazendo com que aquele abandono e a discussão que tivera com Cláudio criassem uma energia negativa tão forte a ponto de conectá-lo, sem que ele soubesse, com as sombras acompanhantes de Madalena, que vagava nas regiões inferiores.

Como estava muito voltado ao ódio e à vingança, Júlio não percebeu que havia permitido àquelas criaturas tomarem o controle de seu corpo, de forma a somar com suas próprias vontades. Durante o tempo em que ficou embrenhado naquela cabana na mata, esteve completamente tomado por esses sentimentos, culminando em um total descontrole.

Foi somente graças à intervenção de sua dedicada esposa Matilda, que ele conseguiu se libertar e voltar a si.

- E, então, Cláudio, já está quase na hora. Vamos à missa comigo?

- convidou Dona Marta.

- Acho que não irei, mãe. Ainda continuo chateado para sair de casa.

- Ah, meu filho, não fica assim. Logo, logo você terá notícias da Elisa. Vem, Cláudio, vamos à missa. Verá como isso vai lhe fazer bem. Estou com um pressentimento de que será muito bom para você.

- Não sei, mãe, não consegui tirar Elisa da minha cabeça nem por um minuto. Pensei que ler um pouco me ajudaria, mas não consegui me concentrar.

- Então, Cláudio. É mais um motivo para você sair de casa e vir comigo. Verá como vai lhe fazer bem. Confia em mim

- Está bem, mãe. Se a senhora acredita mesmo que vai ser bom, então eu vou com a senhora.

- Ai, que bom, Cláudio. Além do mais, lembra de seu amigo Alê, filho de Dona Maria? Hoje eu a encontrei, e ela me disse que ele tem perguntado por você e que ele irá à missa com ela hoje.

- Puxa vida, mãe. Quanto tempo que eu não vejo o Alê, que saudades dele...

- Pois então, Cláudio, vai ser bom.

- A senhora tem razão, mãe, vou sim. Eu vou me trocar e a gente já sai, tá?

- Está bem, Cláudio, eu vou esperar lá na sala.

- Tá, eu não me demoro.

Cássius conversa com Dionísio, no plano espiritual.

- Graças a Deus, Cláudio resolveu ir à missa.

- Tem razão, Cássius, que bom que a mãe de Cláudio sentiu suas sugestões e insistiu para que ele fosse à missa com ela.

- É verdade, Dionísio. Graças a Deus, Marta é bastante espiritualizada e possui uma mente bem limpa e tranquila para sentir as vibrações.

- Agora é só esperar eles se encontrarem na missa e rezar para nada dar errado, Cássius.

- Mas, se quer saber, Dionísio, eu estou temeroso em relação à reação do pai de Elisa quando encontrar Cláudio na igreja. Espero que mantenha a calma.

- É verdade. O pai de Elisa vai com ela à missa...

- Bem, meu caro Dionísio. Tenhamos fé que tudo sairá bem. Vamos rezar.

Ainda em casa, Elisa conversa com seu pai.

- E então, papai, vamos à missa?

- Vamos, vamos sim, minha filha. Deixe-me apenas colocar uma roupa melhor e já vamos.

- Está bem. Eu já organizei um pouco a casa, agora ficará mais fácil o senhor encontrar as coisas... Ah! Papai, a propósito, eu voltei a ajudar o padre Antônio, tudo bem para o senhor?

- Então, filha, para ser sincero, eu não gosto, não. Acho que você é muito nova para ficar enfiada numa igreja, e também seu irmão precisa de você muito mais do que o padre. Você ainda não sabe, minha filha, mas quando voltarmos da igreja eu lhe conto o que aconteceu de verdade entre mim e sua falecida mãe.

- Está bem, papai. Nós precisamos realmente conversar porque eu não gostaria mesmo de abandonar o trabalho na igreja. Eu me sinto bem sempre que me dedico a fazer algo voltado para isso.

- Você está me fazendo lembrar sua mãe. Mas vamos deixar para falar nisso depois, Elisa. Este é um assunto bem delicado.

- Tudo bem, papai. Venha, vamos, porque não quero me atrasar. Na casa de Cláudio...

- Vem, Cláudio, senão nós iremos chegar atrasados. Não se esqueça de pegar seu casaco, porque está esfriando.

- Desculpe-me, mãe. Prontinho, podemos ir. Já estou pronto.

Quando Cláudio e Elisa pareciam finalmente poder se reencontrar, o destino criava mais uma situação delicada em suas vidas. Como se estivesse pressentindo essa união, eu, Matheus, havia decidido aparecer também na igreja, mas, infelizmente, com o

intuito de obter vingança e prejudicar a todos que a frequentavam e buscavam paz.

Como foi explicado por Balthazar a Cássius anteriormente, eu passava por um momento de muita revolta, e o ódio cegava minha razão. Eu culpava tudo e todos pela dor que seguia me consumindo pouco a pouco. Queria provar que Deus, sua misericórdia, o amor e caridade não existiam, e provocar em todos o mesmo sofrimento pelo qual eu passava. E, para isso, havia arquitetado um plano que colocaria um ponto final naquela situação.

- Nossa, mãe, a igreja vai encher hoje, olha quanta gente lá na porta - observou Cláudio.

- Verdade, parece que todo mundo decidiu vir à missa hoje. Venha, vamos entrar, Cláudio, quem sabe não conseguimos um lugar lá na frente...

- Vamos, sim, senão a gente não vai conseguir nem se sentar... Ali, mamãe, bem ali tem lugares para a gente ficar, pode ser?

- Pode, sim, meu filho, vamos ficar lá mesmo. Está quase na frente, aqui já está bom.

- Veja, Alê! Ali na frente, não são Marta e Cláudio? - disse Dona Maria

- Acho que sim. São eles, sim, mamãe, eu vou até lá falar com Cláudio.

- Oi, Cláudio - disse Alê se aproximando.

- Alê? Ei, olá, meu amigo. Bem que minha mãe falou que você viria. Há quanto tempo, hein?

- Pois é, Cláudio. Você sumiu, nunca mais foi em casa. Trabalhando muito?

- Sim, estou ajudando meu tio Alberto, já tem um tempinho, tá bem corrido. Mas, e você? Me fala, o que tem feito de bom?

- Na realidade, eu...

Alexandre é, então, interrompido pelo início da missa.

- Queridos irmãos, sejam muito bem-vindos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - iniciava o padre Antônio.

- Ih, já vai começar. Deixe-me ir para junto de minha mãe. Depois nos falamos, Cláudio. Tenho muita coisa pra lhe contar.

- Vai lá, Alê. Depois da missa a gente se fala.

- Queridos irmãos, vamos dar início, cantando a música de abertura.

- Nossa! Já começou, papai - exclamou Elisa, chegando à igreja.

- Puxa vida, me desculpe por ter feito você se atrasar, filha. Mas olha como está cheio, parece que todos decidiram vir à missa hoje.

- Acho que vamos ter de sentar aqui atrás mesmo, papai.

- Ah, me desculpe, minha filha.

- Não, tudo bem, papai. Aqui está ótimo.

Nesse momento, adentrava eu também à igreja, trazendo um pensamento de revolta:

- Puxa vida, há quanto tempo eu não pisava aqui. Tinha me esquecido de como era esta sensação de desgosto. Ainda bem que abri os olhos e entendi o que eu deveria fazer. E esse bando de gente cantando, agindo como se fossem amigos... falsos! E aquele padre Antônio, então, me fez ficar aqui, trabalhando nessa droga, tendo que aturar essa gente falsa. Não sei como pude acreditar em suas palavras... Esse velho mentiroso. Mas hoje essa porcaria vai acabar. Hoje eles vão saber que essa tal de paz e caridade que pregam não presta e que tudo não passa de uma mentira, já que todos se odeiam e não ligam para ninguém. Vou esperar eles começarem, e irem levando essa baboseira de reza até acreditarem que Deus está com eles. Aí, então, vou mostrar que tudo isso é uma mentira e que esse Deus, que tanto amam, não liga pra ninguém, e que é o ódio que manda neste mundo.

Enquanto eu esperava o momento certo para executar meu plano, Cláudio nem poderia imaginar que Elisa também estava na igreja assistindo à missa, com seu pai.

No outro plano, Balthazar, que havia ido encontrar Eliseu para que este pudesse ajudá-lo a se aproximar de mim com o intuito de me auxiliar, explicava o que estava acontecendo.

- Então é isso, Eliseu. Como eu e Matheus convivemos juntos, gostaria muito de poder ajudá-lo agora que reencarnou. Ele estava indo tão bem, no caminho do Senhor, quero continuar a auxiliá-lo. Mas não consigo mais me aproximar dele. Você sabe o que posso fazer?

- Bem, meu querido Balthazar, devo avisá-lo de que Matheus entrou em um estado muito grave, no qual o ser encarnado cria em torno de si uma espécie de barreira que impede que as vibrações cheguem até ele. Isso ocorre quando, após passar muito tempo nas regiões inferiores, a pessoa não consegue se arrepender do que fez em vidas passadas. Então ele encarna para que suas necessidades de seguir adiante sejam atendidas. Poucos são aqueles que encarnam sem estar em um estado de total consciência. Porém, às vezes, a bondade divina permite isso, para que o espírito possa se confrontar com o que o aflige e então decidir que caminhos trilhar.

- Compreendo, Eliseu. Não imaginava que Matheus estivesse nesse estágio

- Matheus reencarnou exatamente para resolver esses conflitos. O fato de perder a mãe e tempos depois o pai apenas o fez liberar toda a pesada carga negativa que ele vinha trazendo. Infelizmente, no caso de Matheus, ele ainda não consegue obter um total controle sobre o modo de agir. Sabe, Balthazar, no plano físico existem diferentes tipos de vibrações. Aquelas emitidas pelos nossos irmãos que buscam auxiliar e orientar, como é o seu caso, e outros três tipos de vibrações que muitas vezes caminham juntas.

- É mesmo? Quais?

- Uma é gerada por aqueles que desencarnaram e se encontram ainda perdidos e aflitos. Outra, gerada por aqueles que não aceitam

ter desencarnado e sentem inveja dos que possuem aquilo do que, na concepção deles, eles foram privados, e buscam apenas perturbar. E outra, gerada por aqueles que em vida não colocaram em prática os ensinamentos do Senhor, foram pessoas ruins e nada fizeram para alterar seus sentimentos. Tudo que for contrário ao que julgam serem suas necessidades é tido como um obstáculo. São as piores vibrações enviadas aos homens.

- Compreendo - disse Balthazar.

- Sinto muito lhe dizer, mas Matheus se encontra, neste momento, vinculado a essas energias. Libertar-se delas deverá partir dele mesmo. Mas tenhamos fé, meu amigo. O Senhor oferece a seus filhos aquilo que buscam, para que assim possam aprender, seja com seus erros ou acertos.

Durante a missa, Júlio conversa com Elisa.

- Elisa, minha filha, obrigado por voltar para casa. Eu não sei o que faria se perdesse você.

- Imagina, papai, eu o amo e nunca o abandonaria. Estou muito contente com o fato de o senhor ter vindo à missa comigo.

- Eu vou lhe dizer a verdade... Eu só vim mesmo por sua causa. A igreja me trouxe grandes problemas no passado e ainda carrego essas marcas.

- Como assim, papai? Não compreendo.

- É uma longa história, minha filha. Quando voltarmos para casa, eu lhe conto.

- Ah, não, papai. Conte-me agora, por favor: o que é que a igreja lhe fez?

- É que é um assunto delicado, Elisa, não creio ser este o momento ideal para falarmos sobre isso. E, além do mais, não quero me irritar; esse assunto mexe comigo. Depois conversamos.

- De jeito nenhum, papai. Eu penso em voltar a trabalhar frequentemente aqui na igreja, e preciso saber o que há de errado entre você e ela.

- Pronto! Está vendo?! Já estamos brigando por causa dela. Ela me arruinou no passado e quer me arruinar novamente. Ai, que ódio, viu!

- Calma, papai, também não é para ficar desse jeito. Se não quer me contar agora, tudo bem, conte quando quiser.

- É que esse assunto me aborrece muito, minha filha. Mas você está certa. Por que vou esperar para lhe contar em casa? Eu vou lhe explicar. Você sabe que eu amava sua mãe, não é?

- Sei, sim, papai.

- Pois então, eu era capaz de fazer qualquer coisa por ela. No começo do nosso casamento, tudo estava indo muito bem, a gente se divertia juntos, conversava bastante, éramos apaixonados. Enfim, tudo ia bem até que...

- Espere, papai. Desculpe-me interromper, mas já estava me esquecendo. Eu tenho de levar o cálice para o padre. Já está quase na hora. Eu vou lá dentro buscar, aí entro por trás do altar para não atrapalhar.

- Mas, Elisa!

- Desculpe-me, papai. Havia me esquecido completamente. Eu não me demoro.

- Elisa!

- *Outra vez essa igreja está se colocando entre mim e minha família. Ai, que raiva! Mas desta vez vai ser diferente. Eu não vou perder minha querida filha. Não outra vez!* - pensava Júlio.

- E, então, Cláudio? Não vai colocar um sorriso nesse rosto?

- Desculpa, mãe. Mesmo estando aqui na missa, ouvindo as mensagens, eu não consigo relaxar.

- Ainda pensando em Elisa, não é? Tenha fé, meu filho. Confia em Deus. Por que não aproveita que está aqui e faz uma oração bem firme para que Elisa volte?

- Não sei, mãe.

- Vai, Cláudio. Aproveita o ambiente cheio de paz e harmonia e reza, meu filho. Confia no Senhor.

- Tem razão, mãe, você está certa. Chega de ficar só me lamentando e não fazer nada. Eu vou rezar bem firme e pedir para Elisa voltar.

- Isso, faz muito bem, Cláudio.

- Oh, Senhor, sei que tenho sido fraco e não tenho confiado em ti. Peço desculpas. Gostaria muito que o Senhor atendesse ao meu pedido. Traga Elisa de volta. Tem sido difícil suportar esta dor por não saber onde ela está. Por favor, Senhor, atende este meu pedido. Eu prometo que irei ser uma pessoa mais responsável com os meus deveres como cristão. Vou me dedicar a ajudar aqueles que precisam, vou trabalhar bastante, ser um bom filho e nunca me queixar quando surgir um trabalho que necessite ser superado. Eu prometo confiar em ti, Senhor, sei que irá atender ao meu pedido e trazer Elisa de volta, sã e salva, para junto daqueles que a amam. Que assim seja. Graças a Deus. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

- Cláudio, Cláudio! Olhe, meu filho, lá no altar. É Elisa.

- Ai, graças a Deus. Elisa! Elisaaaa!

- É o Cláudio... - murmurou Elisa

- Elisaaaa!!!

- Mas quem é esse maluco gritando? - perguntou alguém na igreja

- Não sei, é algum malcriado - responderam.

- Elisaaa, Elisaaa!!! Graças a Deus! O Senhor ouviu minha oração. Obrigado, Senhor, muito obrigado!

- Calma, Cláudio, está todo mundo olhando...

- Perdoe-me, Elisa. Que bom que você voltou. Eu estava tão preocupado. Por onde você andou?

- Desculpe lhe causar preocupações, Cláudio. Eu tive uns problemas em casa, mas tudo já se resolveu.

- Posso continuar a missa, Cláudio? - perguntou o padre.

- Sim, sim, me desculpe, padre.

- Vem, Cláudio, vamos nos sentar e não atrapalhar mais o padre. Pode continuar, padre. Desculpe-nos.

- Ai, meu Deus, Elisa, nem posso acreditar que é você mesma, aqui, diante dos meus olhos, parece um milagre. Por onde andou? Eu fui até sua casa e não a encontrei.

- É uma longa história, Cláudio. Eu descobri umas coisas sobre meu pai e decidi sair de casa. Então fui acolhida pelo padre Antônio. Mas pensei bem e decidi perdoar meu pai e voltar para casa. Peço desculpas por não ter avisado.

- Nossa, você me deu um susto tão grande. Fiquei desesperado. Ainda mais depois que fui à sua casa...

- Façam silêncio! - reclamou alguém.

- Desculpe...

- Puxa, Elisa, você não sabe como estou feliz em te ver.

- Vamos ficar sentados por aqui mesmo, Cláudio. Depois quero que conheça uma pessoa. Agora vamos assistir à missa.

14. ABRACE-ME FORTE

- Mas quem será aquele maluco que saiu gritando? Ah, não importa, vai ser mais um na minha lista. Só mais um pouco... aí eu vou explodir tudo isso. O que eu tenho aqui na sacola é suficiente para acabar com todo mundo. Eu vou só esperar até a hora em que eles forem se abraçar. Aí, quando estiverem distraídos, eu mando tudo pelos ares! - planejava eu, atento a tudo e a todos, aguardando o melhor momento de minha esperada vingança.

Enquanto Cláudio estava encantado por Elisa ter retornado, o pai dela se mantinha sentado ao fundo, sem compreender o que havia acontecido.

- Que estranho. Quem será aquele rapaz que estava gritando o nome de Elisa? Daqui do fundo não consegui reconhecer seu rosto. Acho que vou lá na frente ver... Não... melhor não; vou esperar minha filha voltar, não quero atrapalhar a missa - pensou Júlio.

- Elisa, você não gostaria de ir até lá sentar-se com minha mãe? Eu vim com ela e não quero deixá-la sozinha.

- Melhor não, Cláudio. As pessoas já estão bravas por termos interrompido a missa, não quero causar mais problemas chamando

atenção ao mudar de lugar. Vamos aproveitar na hora dos cumprimentos, aí vamos até lá.

- Está certo, Elisa. Você tem razão. Desculpe-me tê-la feito passar por isso.

- Imagina, Cláudio, você não precisa se desculpar. Mas agora acho melhor a gente ficar em silêncio e ouvir o padre, senão daqui a pouco vão colocar a gente para fora.

- Sim, é verdade, Elisa. Você tem razão.

- Meus queridos irmãos - iniciava o padre o sermão -, como podemos ver nesta passagem, Jesus diz claramente que devemos sempre divulgar que é somente através do amor e da caridade que nós podemos chegar até o Pai. Quantos daqui entre nós já não tiveram a oportunidade de fazer o bem, sem desejar obter nada em troca, mas, quando o momento chegou, não foi possível, seja por falta de tempo ou medo do compromisso? Muitos, não é mesmo? Muitas vezes, até temos a vontade, compreendemos seu valor, mas, quando somos solicitados a estender a mão, não o fazemos. São oportunidades que nos vão sendo oferecidas, para que possamos demonstrar aquilo que realmente somos e o que estamos cultivando. Cada um escolhe seu caminho e decide por quanto tempo irá percorrê-lo. Muitas das vezes acreditamos não ter feito uma boa escolha, achamos que indo pelo outro lado seria mais fácil...

Todos ouviam atentamente as palavras do padre, que prosseguia:

- Mas o que as pessoas não compreendem ainda é que só vamos aprendendo e nos fortalecendo quando passamos por essas situações. Não é só porque você escolheu o caminho mais árduo e mais longo, que você terá de segui-lo com um enorme peso nas costas. Que você terá que reclamar do mundo, das pessoas, de Deus. Lembre-se de que foi você, lá atrás, quem escolheu esse caminho. Agora cabe a você decidir como irá atravessá-lo. Se com sentimentos negativos e ações duvidosas, ou se irá lançar sentimentos de amor e caridade. Quando encontrar um irmão à sua frente, necessitando de auxílio, não negue uma boa ação. Transmita-lhe sempre palavras de amor, de conforto, de carinho. Procure sempre fazer a caridade. Abra sempre o seu coração e abrace a todos como seus verdadeiros irmãos. Lembre-se de que todos nós percorremos essa longa estrada em busca de conforto. Faça do seu, e daquele que for ao seu encontro, um caminho mais alegre, mais florido e muito mais cheio de vida. Para que possam seguir em direção ao Pai. Felizes os convidados para a ceia do Senhor.

E, ouvindo o padre falar, eu blasfemava em pensamento:

- Ahhh, quanta besteira! Amor, caridade... bah! Este mundo é um lugar cheio de maldade, de ódio, de injustiça. Se este mundo fosse tão bom e esse Deus realmente existisse, ele não tinha tomado meus pais e me deixado sozinho nesta vida. Onde estavam o amor e a caridade quando Deus me tomou minha família e me deixou aqui para apodrecer com a lembrança

daquilo que eu tive um dia? Mas isso vai acabar. Se eu não posso ter minha família, se eu fui amaldiçoado em ter de conviver com a perda deles, então toda essa gente também não merece ser feliz. Eu vou acabar com todos e com tudo que faça lembrar que essa tal de caridade e esse falso Deus existem. Só mais alguns minutos, aí eu acabo com tudo...

- Nossa, Cláudio, mas que lindas as palavras do padre, não é? - comentou Elisa.

- Muito lindas mesmo. E tem tudo a ver com o que realmente acontece, não é? Às vezes, a gente não percebe a oportunidade, ou não ajuda quando ela aparece. Aí, quando vamos ver, já é tarde. Se todos pensassem em ajudar o próximo, este mundo seria bem melhor.

- Pois é, Cláudio. Mas não podemos julgar a atitude dos outros. É como o padre disse. Cada um escolhe seu caminho e como irá percorrê-lo. Cabe a nós tentarmos auxiliar na medida do possível... Ah! Olha, Cláudio, o padre já vai pedir para nos cumprimentarmos.

- Meus queridos irmãos, agora, em fraterno gesto de carinho e de afeto, vamos todos nos abraçar, como verdadeiros irmãos e filhos de Deus, transmitindo a paz do Senhor a todos os corações.

- Paz de Cristo, Elisa.

- Paz de Cristo, Cláudio.

- Ah! Que abraço gostoso, Elisa. Obrigado pelo seu carinho. Se eu pudesse, não a soltaria mais, nunca mais.

- Imagina, Cláudio, que é isso...

- Vem, Elisa, vamos cumprimentar minha mãe.

- Ah, sim, vamos.

- Mãe, paz de Cristo.

- Paz de Cristo, meu filho.

- Veja, mãe, Elisa voltou.

- Paz de Cristo, senhora.

- Paz de Cristo, Elisa. Ainda bem que você voltou! Cláudio já estava perdido por não saber o que havia acontecido com você.

- Eu soube, Cláudio me contou. Sinto muito tê-los feito passar por isso. Se eu soubesse, teria avisado.

- Tudo bem, Elisa. Mas, me diga, já voltou para casa?

- Sim, eu voltei, senhora. Ah! Falando nisso... Vem, Cláudio, quero que conheça uma pessoa. Está lá atrás, vem comigo.

- Isso, agora é a hora! Enquanto estão todos distraídos com essa bobeira, eu vou acender isso aqui e acabar com todos eles. Não vai sobrar um para contar a história. Eu vou acabar com todos e com essa droga de igreja! - eu comemorava em pensamento.

- Puxa vida! Onde será que está minha filha Elisa? Ela sumiu e não voltou mais. O que será que aconteceu? Me trouxe aqui e não ficou comigo. Então para que me pediu para vir? Se eu soubesse, tinha ficado em casa. Essa desnaturada me deixou aqui sozinho e sumiu. Ah, mas ela vai ver, deixa ela aparecer para ela ver - pensava Júlio, à espera de Elisa.

- Vem, Cláudio, está ali. Quero que conheça uma pessoa...
Cláudio, este aqui é o meu pai.

Elisa não sabia que Cláudio já havia conhecido o pai dela, e que este tinha sido extremamente grosseiro com seu amigo, por acreditar que fora justamente ele que influenciara sua filha a sair de casa.

- Papai, quero que o senhor conheça um grande amigo meu. Este aqui é o Cláudio.

- O quê? O que pensa que está fazendo com minha filha, seu fedelho?! Eu deixei bem claro que não queria que se aproximasse dela! - gritou Júlio.

- Papai, o senhor já conhecia o Cláudio?

- Eu tive o desprazer de conhecer esse moleque. Aliás, foi bom eu tê-lo conhecido, assim posso ver a cara do sem-vergonha que ficou enchendo a cabeça da minha filha de minhocas.

- Olha, o senhor me desculpa, mas eu não fiz nada. Elisa saiu de casa porque quis.

- Seu moleque, como ousa me dirigir a palavra? Devia colocar-se em seu devido lugar e desaparecer!

- Mas o que é isso, papai? Está todo mundo olhando!

- Eu não estou nem aí! Podem olhar! Já disse que não quero saber de ver você perto da minha filha, seu fedelho! Não pense que só porque ela voltou para casa eu esqueci o que você fez. Não vai me

tomar a minha filha outra vez. Elisa é minha e sou eu quem digo onde e com quem ela pode andar.

- O senhor está louco. Elisa é livre para fazer o que bem entender.

- Desculpem-me, mas está havendo algum problema aqui? - interveio o padre.

- É este homem, padre, ele está me insultando sem motivos.

- Controle-se, seu Júlio! Lembrem-se de que esta é a casa de Deus! Mantenha o respeito.

- *Droga! Mas o que é essa gritaria toda? Desse jeito não sairá como planejei. Eu quero acabar com todos quando estiverem com um sorriso em seus rostos. Assim minha vingança será mais bem saboreada. Andem, vão... continuem se abraçando. Quero ver sorriso em seus rostos, seus infelizes. Droga... não, não, não! Quem afinal de contas está estragando meus planos com essa gritaria? Deixe-me ver quem é o safado - eu esbravejava mentalmente, inconformado.*

- O senhor não manda em mim, padre! Eu quero esse frangote longe da minha filha. Fica longe dela, seu moleque! - ameaçava Júlio.

- Ei, o que está acontecendo, papai? Fique calmo. Do que o senhor está falando? Cláudio é um amigo meu, estive do meu lado quando precisei e eu gosto muito dele.

- Como ousa me dizer isso, sua ingrata? Toma! - disse Júlio, dando uma bofetada no rosto de Elisa.

- Mas o que é isso, seu maluco? Como ousa bater na Elisa? Seu covarde! Por que não me mostra essa sua valentia? - enfrentou-o Cláudio.

- Que absurdo! Parem já os dois! Estão na casa de Deus, não se esqueçam disso! Quero respeito aqui. Fique calmo, Cláudio... E o senhor, seu Júlio, como ousa levantar a mão para sua filha? É inadmissível que um pai faça uso da força para com seus filhos. O senhor me envergonha, seu Júlio. Peço que o senhor se retire agora mesmo da minha igreja. Pelo menos aqui sou eu que mando, e exijo o mínimo de respeito. E enquanto tiver essas atitudes e mantiver esse pensamento, peço que não volte aqui.

- Era só o que me faltava, receber ordens de um padre! Finalmente está mostrando a cara, não é? Pensa que me engana com essa sua cara de coitado? Eu sei muito bem o que quer. Me tomou a esposa e agora quer me tomar a filha também!!!

- Mas do que o senhor está falando? Ninguém quer tomar nada.

- Ora, cale a boca, seu velho hipócrita. Você e esse seu bando não me enganam. Eu conheço muito bem vocês. Pregam tanto o amor, a caridade, mas só pensam em si mesmos. Não estão nem aí para a convivência em família. Vocês são uns destruidores de lares. A culpa disso tudo é de vocês. Nada disso aconteceria se realmente fizessem o que tanto pregam.

- O senhor não entendeu, seu Júlio...

- Cale a boca! Já disse que você não me engana mais, padre...
Vem, Elisa, vamos embora daqui!

- Nem pensar! Elisa não vai a lugar algum com você. Ela vai ficar comigo! - disse Cláudio.

- Ora, seu moleque, não se intrometa! Mas é muito safado mesmo! Só que eu sei o que é isso. É falta de umas belas bofetadas para aprender a não se intrometer na vida dos outros.

- Não se atreva, seu Júlio. Não nos obrigue a usar a violência - disseram alguns na igreja, dispostos a dar fim à lamentável situação.

- Ah... mas era só o que me faltava. Vocês acham que eu tenho medo desse grupinho? Só são valentes porque estão em bando... me larguem, seus safados!

- Andem, vamos colocá-lo para fora - disseram.

- Larguem-me! Larguem-me! Eu só saio daqui com minha filha. Elisa! Elisa!

- Anda, vai, vai. Já ficou aqui tempo demais. Agora sai!

- Seus cretinos, safados. Não pensem que vou me dar por vencido. Vocês me pagam, todos vocês! Eu vou acabar com tudo. Eu vou destruir esse antro de invejosos que só pensam em si mesmos. Não pensem que irão se ver livres de mim assim tão fácil. Seus safados! Eu vou voltar! Esperem só! Eu vou voltar e acabar com todos vocês. Vou acabar com tudo!

- O senhor nos desculpe, padre, mas esse era o único jeito.

- Não, tudo bem, meus filhos, foi necessário. Mas e você, Elisa? Tudo bem com você? Deixe-me ver o seu rosto.

- Eu estou bem, padre. Não sei o que houve. Meu pai estava tão calmo quando nós chegamos. Não sei por que ele fez isso. Parecia até outra pessoa. Ai, me desculpe, padre. Desculpe-me pelo que meu pai disse - pediu Elisa, chorando.

- Imagina, Elisa, não se preocupe. Não chore, minha filha. Eu vou conversar com seu pai. Assim que ele se acalmar, eu vou até lá falar com ele.

- Obrigada, padre. Ai, que vergonha... Por que será que ele agiu assim? Cláudio, você sabe por que ele está com tanta raiva de você?

- Então, Elisa, é uma longa história. Mas posso lhe garantir que é tudo coisa da cabeça dele. Eu não tive nada a ver com isso.

- Graças a Deus Pedro não estava aqui para ver isso. Já imaginou a sua decepção em ver o pai naquele estado? Perdoe-me por ele ter atrapalhado a missa, padre. Se eu soubesse que meu pai ia fazer isso, não tinha pedido para ele vir à missa comigo.

- Tudo bem, minha filha, não se preocupe. O mais importante agora é saber como você está. Não se preocupe com a missa. Tenho certeza de que todos aqui compreenderam e não ficaram aborrecidos. É melhor você ir lá para dentro descansar. Assim que todos se forem, irei lá com você.

- Padre, se não se importa, eu gostaria de ficar com Elisa.

- Por mim, não vejo problemas, pode ficar sim, Cláudio.

- Obrigado, padre.

- Então eu vou ficar aqui com ela, tá, mãe? Quero lhe fazer companhia.

- Tudo bem, filho. Acho uma boa ideia. E, Elisa, não fique remoendo o que aconteceu. Procure descansar. Sei que não será nada fácil, mas pense que seu pai não estava em um bom dia, e por isso agiu dessa forma. Fiquem com Deus, tá? Se precisarem de algo, podem contar comigo.

- Obrigada, Dona Marta.

- Puxa vida, confesso que estou impressionado. Gostei daquele cara, ele é dos meus. Apesar de não ter conseguido realizar meu plano, não estou com raiva. Acho que vou me aproximar daquele sujeito e ver se consigo usá-lo. Se ele realmente está disposto a acabar com tudo e com todos, não será difícil convencê-lo a se juntar a mim. Hoje vocês escaparam, seus miseráveis, mas o tempo de vocês logo chegará ao fim, e esses sorrisos não mais existirão - arquitetava eu, pensando cruelmente em usar Júlio em meus planos.

Parece que a missão de Cláudio em auxiliar Júlio, solicitada por Matilda, havia se transformado em uma árdua tarefa, uma vez que o sentimento criado pelo pai de Elisa com relação a Cláudio estava se tornando tão forte e destruidor, que nem mesmo a presença de sua filha ou o ambiente de harmonia em que se encontravam fora capaz de barrar tais manifestações.

Diante de todos esses acontecimentos, é possível ver claramente que, mesmo que nós não consigamos compreender que a vida é muito mais perfeita do que imaginamos, visualiza-se claramente que nas situações narradas até aqui a providência divina cuidou detalhadamente para que no final tudo desse certo.

Não fossem os devaneios de Júlio e, conseqüentemente, a ida de Elisa à igreja, esta não teria conhecido Cláudio, bem como a fuga de Pedro não teria acontecido e Cláudio não a teria auxiliado. Conseqüentemente, não teria ocorrido o conflito entre Cláudio e Júlio quando os dois se encontraram na missa, e eu não teria sido interrompido na execução do meu plano de explodir a igreja e pôr um ponto final em tudo.

15. CAMINHOS CRUZADOS

- Tome, Elisa, beba isto, vai acalmá-la.

- Obrigada, Cláudio. Confesso que estou até agora sem compreender o que realmente aconteceu. Tudo estava tão bem quando nós chegamos, não sei por que meu pai começou a agir daquela forma.

- Eu também não faço ideia do porquê de seu pai sentir tanta raiva de mim. Quando eu fui até a sua casa procurá-la, porque não sabia o seu paradeiro, ele já foi me tratando mal. Nós nem nos conhecíamos e ele já estava me ofendendo.

- Sério, Cláudio? Então quer dizer que quando você foi me procurar ele o tratou mal, sem nenhuma razão? Que estranho! Eu sei que meu pai às vezes ultrapassa os limites e extrapola, mas hoje foi demais. Nunca o vi tão irritado.

- Bem, eu que não conhecia seu pai, desde o primeiro instante o achei uma pessoa muito estranha. Ainda mais depois do que você havia me contado sobre as brigas e discussões que ocorriam por causa de seu irmão Pedro. Falando em Pedro, olha o garotão aí... Olá, tudo bem com você, Pedro?

- Oi, tio, tudo bem. O que houve, mana? Por que você está com esse pano no rosto? Você estava chorando?

- Não é nada, Pedro, eu estou com isso aqui porque uma formiga me picou, então meu rosto está um pouco vermelho, mas não é nada demais, daqui a pouco vai passar.

- Bem, então tá... Tio, você quer ver os desenhos que eu fiz?

- Claro, Pedro, quero, sim. Eu nem sabia que você era desenhista.

- Peraí, tio, eu vou lá pegar para você ver.

- Tá, vai lá... Picada de formiga, é? - disse Cláudio, voltando o rosto para Elisa.

- Eu não gosto de mentir para meu irmão, Cláudio. Mas não quero que ele saiba das coisas que o pai dele faz. Quero que continue assim. Pedro é um garoto muito amoroso e gosta muito do pai; não quero desapontá-lo.

- Eu compreendo, Elisa, mas acho que você não conseguirá manter essa situação por muito tempo. Pedro é um garoto muito inteligente e logo vai perceber o tipo de pessoa que é o pai. Mas me conte, Elisa, quando você chegou à missa com seu pai, ele não estava irritado com nada? Estava tudo bem?

- Estava, sim, Cláudio. Quando eu passei à tarde em casa e lhe pedi desculpas por tê-lo deixado, ele me tratou superbem, disse que eu não devia pedir desculpas e que era ele quem deveria se desculpar. Nossa, ele me tratou carinhosamente, inclusive aceitou

tranquilamente vir à missa comigo. Havíamos até combinado que após a missa nós voltaríamos para casa. Não sei o que houve.

- Nossa... que estranho, Elisa. Como de uma hora para outra ele pode ter mudado tanto? Mas, e quando vocês chegaram, estava tudo bem? Por que você não estava lá sentada com ele?

- Eu estava. A gente estava conversando, ele disse que queria me contar sobre a mamãe. Mas aí eu me lembrei de que tinha de ajudar o padre, e foi quando você me viu no altar. Estava tudo bem, não sei por que ele agiu daquela forma.

- Que esquisito, Elisa. Essa história está muito estranha.

- Cláudio, desculpe-me pelas coisas que meu pai disse. Tenho certeza de que deve ter havido um mal-entendido.

- Imagina, Elisa, não precisa me pedir desculpas. Eu estou preocupado somente com você, no momento. Deixe-me ver como está seu rosto. Permita-me. É... já está bem melhor, nem está mais tão inchado.

Cláudio se apaixonava cada vez mais por Elisa. O seu sentimento por ela começava a aumentar de uma forma tão grande, que a vontade que tinha naquele momento era beijá-la e dizer tudo o que estava sentindo. Mas não sabia se seria correspondido.

- Olha, tio Cláudio, está aqui meu desenho - disse Pedro, voltando.

- Ah! Sim, Pedro, deixe-me ver a sua obra de arte. Vamos ver...
Nossa! Você é um artista! Que desenho mais lindo! Meus parabéns!
E quem são as pessoas aqui no seu desenho?

- Estes aqui são minha irmã e eu.

- Nossa, não é que está igualzinho? É a cara da Elisa. E estes aqui, quem são?

- Este aqui é o meu pai e esta aqui é a minha mãe. E aqui é a nossa casa, e este aqui é o cachorro que eu vou ter. Olha, ele está na casinha dele.

- Nossa! Que lindo, Pedro! Você é um artista! Ficou muito bonito, não acha, Elisa?

- É, está muito lindo.

- Então quer dizer que este aqui é o seu cachorro, não é? E como ele vai se chamar? - perguntou Cláudio.

- Hum... vai se chamar Bolinha.

- Bolinha, é? Que lindo, Pedro, ficou muito lindo o seu desenho. Ei, Pedro, e onde estou eu no seu desenho? Você não se lembrou do seu amigo aqui, é?

- Ai, é mesmo, tio... Espera aí que eu vou desenhar.

- Você pode me desenhar aqui, ó, bem pertinho da Elisa, para que eu possa tomar conta dela. Não só dela, mas de você também. Quer que eu faça alguma pose? Assim tá bom? Capricha, porque eu sou bem bonito, hein?

- He, he, he - ria Pedro com as brincadeiras de Cláudio.

Enquanto isso, Cássius conversava com Dionísio, no plano superior.

- Bem, Cássius, pelo visto as coisas não saíram como o esperado, não é?

- Na realidade, meu caro Dionísio, não podiam ter saído melhor. Graças ao Senhor, Cláudio e Elisa se reencontraram e Matheus não conseguiu realizar seu plano. O fato de Júlio ter agido daquela forma já estava dentro do esperado.

- Como assim, Cássius? Não compreendo.

- Na realidade, a reação de Júlio com Cláudio já era esperada, bem como a discussão que acontecera, evitando-se assim que Matheus concluísse o que planejava. Como pode ver, meu caro amigo Dionísio, o Senhor tem os planos para seus filhos todos elaborados. Quando Matilda me procurou, pedindo auxílio para que Cláudio tivesse as orientações necessárias para realizar a tarefa de ajudar Júlio, eu já havia sido informado sobre alguns possíveis eventos, só não imaginava que seriam dessa maneira. Cabe a nós ficarmos orientando nossos amigos para que possam obter o auxílio necessário em seus caminhos.

Sozinho e revoltado, Júlio esbravejava em voz alta:

- Aqueles safados me pagam! Quem eles pensam que são para me tomarem a minha filha e me colocarem para fora? Esse bando de

safados vai se ver comigo. Mas, antes, eu vou dar um jeito naquele moleque. Eu vou lhe mostrar com quem ele está lidando. Justamente agora que minha filha havia voltado para casa, esse fedelho aparece e estraga tudo. Ah, mas isso não vai ficar assim, eu vou mostrar do que sou capaz. Como ele ousa, depois de eu ter lhe mandado se afastar da minha filha, aparecer e agir como se nada tivesse acontecido? Ele teve sorte de estarmos lá na igreja, senão eu tinha lhe dado uma boa surra, para ele aprender que estou falando sério.

- Ai, que ódio, que raiva! Não posso acreditar que deixei que me levassem a minha filha. E aquele padre safado se fazendo de coitado! Ele se acha o dono da verdade, fica falando um monte de besteiras e aquele bando de ignorantes cai na conversa fiada dele. Mas tudo que ele quer é destruir as famílias, não pode ver uma família unida que já quer destruir essa união. Safado, foi assim com minha falecida esposa e continua com minha filha. Só que desta vez eu não deixarei que isso aconteça novamente, eu irei mostrar a eles do que sou capaz. Elisa é minha, deve obedecer-me e ficar comigo, com mais ninguém.

Sem compreender o que realmente acontecia, Júlio se entregava cada vez mais às influências negativas e se deixava dominar pelas perturbações que o perseguiram. Esse laço que involuntariamente vinha mantendo com seus perturbadores estava se estreitando cada

vez mais, e toda e qualquer vibração que partisse em seu auxílio era prontamente bloqueada.

- Nossa, que estranho, não é, mãe? Quem poderia imaginar que aquele homem iria fazer aquilo na missa? Puxa vida, ele foi tão grosso com o Cláudio! O que será que aconteceu para ele querer brigar com o meu amigo? - comenta Alexandre com sua mãe.

- Não sei, viu, Alê. Pelo que eu entendi, aquela garota era filha dele e a discussão foi por causa dela. Parece que ele não queria perder a filha e por isso estava bravo.

- Ah, mas mesmo assim, mãe. Se ele é pai dela, não deveria agir daquela forma. Como pode bater na filha e ainda mais estando na igreja? Não teve respeito nenhum, nem por quem estava lá, nem pelo padre, que foi duramente ofendido.

- Que situação mais chata, não é, Alê? Brigar dentro da igreja e chegar a ponto de ser expulso de lá pelo padre. A sorte foi que as pessoas se juntaram e conseguiram colocar aquele homem para fora, senão nem posso imaginar o que teria acontecido.

- Mas confesso que fiquei com medo, viu, mãe? A senhora ouviu o que ele disse? Que iria destruir tudo e se vingar de todos pelo que estavam fazendo!

- Coitado do padre, Alê, ter de aturar esses malucos fazendo bagunça na igreja. Nessa idade ainda ter de passar por isso.

Realmente foi uma injustiça, fiquei com pena dele.

- Eu acho que vocês dois deviam parar de ficar falando da vida dos outros. Deixa que cada um decida o que fazer com sua vida. Quem sabe o que realmente aconteceu? Vai ver teve algum motivo sério... - interrompe Fausto.

- Ai, Fausto, para de ser chato! Como pode defender um cara como aquele?

- Eu não estou defendendo ninguém, Maria. Só estou dizendo: quem somos nós para ficarmos falando isso ou aquilo da vida dos outros? Deixe que eles resolvam a vida deles.

- Que é isso, pai, como quer que não comentemos o que aconteceu? No mínimo foi uma atitude muito estranha bater na filha e ainda desrespeitar o padre dentro da igreja. Nossa, ainda estou sem acreditar no que vi; nunca imaginei que alguém pudesse fazer uma coisa dessas. Muito, muito estranho.

- Bem, de qualquer forma, acho que seria uma boa ideia você ir falar com o Cláudio e ver como ele está, viu Alê?

- Tem razão, mãe. Amanhã vou procurá-lo e ver se ele sabe explicar o que houve.

Enquanto isso, eu andava pela rua, procurando o homem que havia causado a confusão que atrapalhara meus planos, e pensava:

- *Para onde será que foi aquele homem? Preciso muito encontrá-lo. Tenho certeza de que conseguirei convencê-lo a juntar-se a mim. Com*

aquele tumulto que fizeram, não pude ver para onde ele foi. Hoje era o dia perfeito para acabar com todos. Aquela igreja estava cheia, o povo estava feliz, tudo estava perfeito. Se não fosse aquele sujeito, eu teria conseguido, mas o infeliz fez um escândalo e todos concentraram a atenção nele. Bom, tudo bem, não foi hoje, mas será em breve a minha vingança. Assim que o encontrar, irei convencê-lo a juntar-se a mim, e depois que conseguir o que quero, eu acabo com ele também.

Na igreja, o padre vai até o quarto de Elisa, ver como ela está passando.

- Como você está, Elisa?

- Estou bem, padre. A companhia do Cláudio é bem agradável, não tem como se sentir mal ao seu lado.

- Imagina, Elisa, sou eu que me sinto bem ao seu lado. Quando estou com você, parece que o mundo para, eu sinto uma calma, uma tranquilidade - comentou Cláudio.

- Fico feliz por vocês estarem se dando tão bem. Cláudio, posso falar um pouco com você?

- Claro, pode, sim, padre.

- Venha comigo até a secretaria, sim? Com licença, Elisa.

- À vontade, padre.

- Sente-se aqui, Cláudio. E você, como se sente? Está tudo bem após tudo o que houve?

- Então, padre, para ser sincero, não está. Eu nunca imaginei passar por uma coisa dessas, ainda mais dentro da igreja. Que sujeito mais maluco aquele! Ele quer que eu me afaste da Elisa porque acha que sou eu quem a induziu a sair de casa.

- Infelizmente, Júlio é um homem muito perturbado, Cláudio. Ele ainda não conseguiu superar a morte da esposa, e pensa que Elisa é seu único bem. Ele acredita ser o único que pode ter controle sobre as atitudes dela. Nem o pobre do Pedro escapa de suas intenções. Mesmo ele acreditando que o Pedro possa ter tido alguma responsabilidade na morte de sua esposa, isso não justifica o forte sentimento de posse dele sobre os filhos.

- Mas mesmo assim, padre, como um sujeito chega a ponto de dizer que a filha é propriedade sua e que irá se vingar de todos pela perda da esposa? Um homem assim deveria ser enjaulado.

- Não fale assim, Cláudio. É justamente nessas horas que devemos nos desprender das vaidades e estender as mãos em gesto de auxílio. Júlio precisa de ajuda. Mesmo demonstrando tanta agressividade, ele possui amor em seu coração. Não foi nada fácil ter de enfrentar a perda de sua querida esposa tão cedo e repentinamente.

- O senhor me desculpe, padre, mas infelizmente não consigo sentir compaixão por um sujeito como esse. A ferida que ele me

provocou é muito profunda e ainda não possuo esse tipo de desprendimento para compreender.

- Tudo bem, Cláudio, você é um rapaz muito jovem ainda, e aprenderá muitas coisas nesta vida; só lhe peço que não alimente o sentimento de raiva, pois ele nada de valor acrescentará em seu aprendizado. Você já está fazendo o bastante, meu filho, se mantendo firme em sua amizade com a Elisa. Nunca deixe de seguir em frente e ir em busca daquilo que procura, Cláudio. Isso é muito digno e deve ser valorizado.

- Obrigado, padre. Eu não tenho a mínima intenção de me afastar da Elisa. Gosto muito dela e sua companhia me faz bem.

- Eu fico feliz, meu filho. Bem, agora vá. Fique mais um pouco com a Elisa. Sei que pode ajudá-la a superar o momento difícil pelo qual ela está passando.

- Obrigado, padre.

No plano espiritual, Cássius e Dionísio conversam.

- Bem, pelo que vejo, seu pupilo Cláudio está definitivamente decidido a manter essa amizade, não é Cássius? - perguntou Dionísio.

- Sim, graças a Deus, meu amigo Dionísio. Já estava escrito que os caminhos de Cláudio e Elisa se cruzariam.

- Compreendo, Cássius, mas devo admitir que o pai de Elisa não será convencido a aceitar essa amizade tão facilmente. Para ele,

aceitar esse relacionamento é o mesmo que admitir não ser capaz de mandar nas vontades de sua filha.

- Tem razão, Dionísio. Mas Júlio não possui um coração tão obscuro quanto tem aparentado. São as sombras que o acompanham que aumentam as suas vontades reprimidas. Mas tenhamos fé, Dionísio. Matilda conta com Cláudio para auxiliar Júlio, e ela sabe que ele é capaz de realizar essa tarefa. Mas diga, meu caro Dionísio: você já teve alguma notícia de Matilda sobre o resgate de sua irmã Madalena, que estava nas regiões inferiores?

- Tive informações de que, aos poucos, o contato com Madalena vem acontecendo através de sua irmã Matilda e alguns companheiros que partiram em seu auxílio nas regiões próximas à crosta. Graças ao Senhor, as vibrações de nossos queridos irmãos começaram a ser reconhecidas por essa irmã.

- Que notícia boa, meu amigo Dionísio. Tenhamos fé que a jornada de nossos queridos irmãos consiga obter o resultado esperado.

16. NAS REGIÕES INFERIORES

- Por favor, não me machuquem, eu não fiz nada para vocês, se afastem, me deixem em paz, me deixem em paz! - suplicava Madalena, sendo perseguida nas regiões inferiores.

- Agarrem-na, não a deixem escapar! Ela agora é nossa! Sua eternidade nos pertence! Sofrerá eternamente pelos atos que cometeu, sua assassina! - diziam os espíritos perseguidores.

- O quê? Do que estão falando? Que lugar é este e por que fazem isso comigo? Fiquem longe de mim! Oh, Deus, por favor, me ajude, não me deixe aqui!

- Você acredita mesmo que Deus pode ouvi-la aqui onde está? Todos aqui foram esquecidos por ele. Aqui não tem ninguém para ajudá-la, mulher. Você está entregue à própria sorte. Assassina! Assassina! Você merece sofrer por tudo o que fez. Andem, amarrem-na, vamos mostrar-lhe que aqui não existe piedade.

- Não, não, por favor, não façam isso, me deixem em paz! Socorro! Alguém me ajude, por favor!

- Ninguém irá ajudá-la, mulher! Aqueles que vêm para cá foram abandonados há muito tempo. Isso mesmo! Ficará amarrada aqui e

sofrerá lentamente, para que as vontades de nossos mestres sejam saciadas. Grite, grite o quanto quiser, ninguém vai tirá-la daí!

- Não, esperem! Soltem-me, não me deixem aqui, eu não fiz nada! Socorro!

No plano espiritual, observando Madalena, Matilda e Alfredo conversavam:

- Bem, vejo que Madalena ainda não consegue aceitar o que fez, não é, Alfredo?

- Infelizmente, não. Mesmo tendo-se desvencilhado, ela ainda não consegue sentir a nossa presença de maneira efetiva, Matilda. As sombras ainda continuam a persegui-la. Enquanto ela não aceitar o nosso auxílio e reconhecer o que fez, o contato será comprometido. Nós já a estamos acompanhando desde que se desvencilhou, e ainda não pudemos notar qualquer tipo de manifestação que indique um arrependimento. Enquanto esteve encarnada, Madalena nunca procurou seguir os caminhos do Senhor, e agora colhe o que plantou.

- Você está certo, Alfredo, mas tenho fé que ela irá compreender e aceitar o que fez. Já considero uma grande evolução ela ter-se desvencilhado em pouco tempo. Pois sabemos que aqueles que põem fim à própria vida costumam demorar anos para ser encontrados.

- Matilda, os mestres das sombras, que perseguem Madalena e a mantêm na atual situação, sabem da nossa presença, e por isso nossa tarefa não será fácil. Creio que talvez seja necessário voltarmos para as regiões superiores, a fim de restabelecermos nossas energias, pois manter este campo vibratório tem exigido um grande esforço de nossa parte.

- Você tem razão, Alfredo. Eu imaginei que pudéssemos aguentar um pouco mais, mas a necessidade de energia tem sido bem elevada.

- Não se preocupe, Matilda, tenhamos fé que Madalena conseguirá suportar até que possamos voltar.

- Está bem, vamos, Alfredo. Não quero abusar da sua boa vontade em ter me acompanhado até aqui, junto de seus auxiliares. Vamos voltar. Sei que Madalena irá suportar seu fardo.

- Está certo, Matilda. Vamos, porque quero informações de meus superiores sobre o fato de nossa presença aqui ter sido sentida, mesmo quando nos esforçamos para que somente sua irmã pudesse sentir nossa vibração.

Na igreja, Cláudio se despede de Elisa.

- Bem, Elisa, já é tarde, minha mãe vai começar a ficar preocupada. E, também, amanhã tenho de levantar cedo para trabalhar. Eu gostaria muito de ficar, mas o padre Antônio não me deixará permanecer aqui.

- Tudo bem, Cláudio, não se preocupe, eu vou ficar bem. A sua companhia já me ajudou bastante. Não precisa se preocupar. Além disso, Pedro está aqui comigo. Pode ir tranquilo, não deixe sua mãe preocupada.

- Está bem, então, Elisa. Prometo que amanhã, após o meu trabalho, eu virei para cá, ficar com você. Até amanhã, Elisa.

- Até amanhã, Cláudio. E agradeça a sua mãe por ter deixado você ficar um pouco.

- Pode deixar. Até amanhã, Pedro. Cuida bem da sua irmã por mim, tá?

- Tá! Conta comigo!

Enquanto a situação de Madalena ficava cada vez mais difícil, pelo fato de ainda não conseguir abrir os olhos e enxergar o que realmente havia feito com a sua vida quando estava no plano físico, o sentimento entre Cláudio e Elisa começava a surgir de forma suave e delicada, após as tormentas que os afligiam terem sido um pouco dissipadas.

- E então, Cláudio, como está a Elisa?

- Ela está bem, mãe. Ainda muito chateada e confusa com tudo o que aconteceu, mas Elisa é uma garota muito forte e vai superar esse momento.

- Fico feliz, meu filho. Agora me conte: você sabe por que o pai dela agiu daquela forma e foi tão grosso com você?

- Foi como eu disse para o padre, mãe: não faço a mínima ideia do porquê de aquele homem agir assim. Não sei por que ele tem raiva de mim. Desde que estive na casa dele à procura da Elisa, que ele me trata mal. Ele afirmou que sou eu que fico pondo coisas na cabeça da Elisa, mas eu nunca disse nada a ela. Eu acho que ele é maluco ou muito ciumento. Porque ter agido daquela forma é para gente que não é boa da cabeça. A senhora mesma viu como ele se comportou, gritando e me insultando dentro da igreja. Não respeitou nem o padre!

- Pois é, Cláudio, confesso que não entendi nada do que houve. E por que ele bateu na Elisa? A pobre coitada não fez nada. É uma menina tão boazinha e educada, não merecia passar por isso.

- Ainda bem que o padre acolheu a Elisa e seu irmão, senão eu ia pedir à senhora que deixasse eles ficarem aqui conosco.

- Por mim, não haveria problema algum, Cláudio. A Elisa é uma garota de ouro e ficaria muito contente em poder ajudá-la. O padre disse algo sobre eles ficarem lá na igreja até que as coisas se resolvam, Cláudio?

- Não, mãe, na realidade ele não disse nada. Só estou lhe perguntando porque não sei até quando o padre vai conseguir mantê-los lá. E como gosto muito da Elisa, e depois de tudo o que aconteceu, eu me sinto responsável por ela. Sinto que a culpa é minha por ela estar nessa situação, sabe?

- Mas que é isso, Cláudio? Você sabe muito bem que não teve nada a ver com o que aconteceu. Você não tem culpa das ações do pai dela. Inclusive, eu acho muito bom ela ficar longe daquele homem por um tempo. Onde já se viu bater na própria filha? Que educação é essa?

- Pois é, mãe, mas alguma coisa precisa ser feita. Não posso deixar as coisas como estão. Já pensou se a Elisa retorna para casa e aquele homem volta a bater na pobre coitada? Ainda mais depois do que ele disse sobre acabar com tudo e com todos. Imagina como a Elisa iria sofrer se voltasse para as mãos dele.

- Seria difícil para ela se isso acontecesse. Amanhã eu vou até a igreja falar com o padre e ver o que ele acha disso tudo, meu filho.

- Eu queria muito permanecer lá com ela, sabe, mãe? Dói-me o coração ter de ficar longe dela. Fale com o padre, veja se ele não se importa de ela vir ficar aqui conosco.

- Pode deixar, Cláudio, amanhã eu vou até lá e converso com o padre sobre isso. Agora vá dormir, amanhã você trabalha e tem de levantar cedo.

- Está certo, então. Boa-noite, mãe.

- Boa-noite, meu filho.

De volta ao plano superior, Matilda e seus companheiros se encontram com Eliseu, a fim de relatarem o que aconteceu enquanto estavam tentando auxiliar Madalena nas regiões inferiores.

- Matilda, eu pedi para que avisassem Cássius sobre o seu retorno, como me solicitou. Como foram os trabalhos lá nas regiões inferiores? - perguntou Eliseu.

- Antes de mais nada, eu gostaria de agradecer-lhe por nos ter recebido. Sei que você possui muitos afazeres, mas buscamos algumas orientações que talvez somente você possa nos dar - disse Matilda.

- Olá, Matilda, fico muito feliz que vocês tenham voltado. Que o Senhor derrame suas bênçãos sobre vocês - cumprimentou Cássius, aproximando-se.

- Muito obrigada, Cássius. Fico contente que tenha chegado. O assunto que viemos tratar aqui com Eliseu tem ligações com o seu trabalho, e creio que será de grande importância a sua participação.

- Muito obrigado. Fico muito contente de poder participar, Matilda.

- Bem, como vocês todos sabem, nós fomos até as regiões inferiores a fim de auxiliar uma irmã que se desvencilhou depois de alguns anos de tormentos, após ter sido vítima da própria vontade enquanto esteve encarnada. Nós conseguimos acompanhá-la e emitir-lhe vibrações para que, aos poucos, fosse tomando consciência de seu real estado. Geralmente os trabalhos nas regiões inferiores são longos e exigem uma grande dedicação e emissão de energia para que se possa alcançar o resultado desejado.

- Exatamente, Matilda. Por estarem em uma região onde as energias de lá se cruzam com as energias emanadas na crosta, é necessária uma grande emissão de energias, tanto para conseguirem um contato com o ser assistido, quanto para que não sejam sentidas as suas presenças, causando então uma enorme dificuldade para as realizações dos trabalhos.

- Exatamente, Eliseu. E foi esse o motivo de termos vindo até aqui procurar a sua orientação - completou Alfredo.

- Pode prosseguir, Alfredo.

- Obrigado. Eu e meus auxiliares acompanhamos Matilda em seu trabalho e nos mantivemos concentrados em manter esse nível de vibrações, para que a nossa presença não fosse notada. Mas devo informar que de alguma forma nós fomos sentidos pelos mestres das regiões inferiores. Não sei como isso foi possível, mas pude notar que em determinados momentos, durante o nosso trabalho, eles conseguiram saber da nossa presença enquanto lá estivemos.

- Eu compreendo, Alfredo. Realmente essa é uma situação pouco comum, mas devo informá-lo de que já a presenciei algumas vezes. Isso ocorre de acordo com o ser a quem se pretende auxiliar.

- Desculpe-me, Eliseu, mas não sabia que isso era possível.

- Pode acontecer perfeitamente, Alfredo. Acontece quando, após seu desencarne, no momento em que a pessoa ainda está ligada ao plano físico, ela aceita as influências das sombras. Essas influências

fundem-se em um único tipo de vibração negativa, e isso prossegue mesmo após a pessoa ter conseguido desvencilhar-se. Porque o seu campo vibratório ainda não conseguiu se desconectar do que foi criado enquanto estava ligada ao plano físico. Dessa forma, quando se tenta manter um contato com essa pessoa, a energia que lhe é emitida procurando removê-la de seu estado faz com que a influência que esses seres das sombras mantinham sobre ela comece a diminuir. E é aí então que eles conseguem perceber tal interferência sobre os seus subjugados.

- Devo confessar que não imaginava essa possibilidade, Eliseu. Mas em que isso pode influenciar nas próximas vezes que estivermos nas regiões inferiores e esse fato ocorrer novamente?

- Bem, pelo que nós conhecemos, Alfredo, isso não acarretará em dificuldades; pelo menos é o que se tem notícias até o momento. O que ocorre é que eles não gostam quando algum de seus influenciados é tentado a receber orientação e compreender a verdade. Mas mantenham-se tranquilos. Penso que não devem interromper seus trabalhos, pois todo irmão merece ser auxiliado. O seu tempo de permanência nesse estado depende muito de si próprio e da vontade do Senhor.

- Está certo, muito obrigado pelas orientações. Foram de grande esclarecimento as suas palavras - agradeceu Alfredo.

- Fico contente em poder ajudá-los. Você possui mais alguma dúvida, Matilda?

- Não, Eliseu, obrigada. Foi esclarecedor compreender o que aconteceu.

- Bem, se me dão licença, tem mais alguns assuntos a que devo atenções. Fiquem à vontade para virem sempre que necessitarem.

- Muito obrigada, Eliseu. Venha, Cássius, gostaria de conversar com você – pediu Matilda.

- Pois não.

- Alfredo, quero muito lhe agradecer por terem me acompanhado até as regiões inferiores para auxiliar minha irmã.

- Não se preocupe, Matilda, estamos à disposição. Assim que nos refizemos, pode contar conosco para acompanhá-la novamente.

- Muito obrigada, Alfredo. Cássius, você pode me acompanhar? Gostaria de saber como vão as coisas.

- Bem, devo confessar-lhe que no começo fiquei um tanto apreensivo. Mas aos poucos pude notar que os planos do Senhor seguem tranquilamente, como o curso de um rio.

- Que bom, meu amigo. Então quer dizer que nosso querido Cláudio está se saindo bem?

- Sim, Cláudio tem a força de vontade necessária para realizar essa tarefa. Finalmente, ele e Elisa estão se acertando e o sentimento começa a surgir.

- Puxa vida, Cássius, fico contente ao saber que tudo está dando certo. E com relação a Júlio, como andam as coisas?

- Pois é... Aconteceram tantas coisas que não sei nem por onde começar. Bem, devo dizer que Júlio ainda continua preso às sombras e nega qualquer contato que eu tente estabelecer.

- Eu sei, Cássius, e é por isso que não posso demorar a resgatar minha irmã das regiões inferiores. Apesar de ela não estar mais ligada ao plano físico, as criaturas que acompanham Júlio têm laços estreitos com Madalena, e, mesmo que ela não tenha conseguido compreender o que ocorre com ela, esse vínculo ainda permanece. Talvez isso tenha sido criado no momento que ela ainda estava ligada ao plano físico, e, enquanto não conseguirmos resgatá-la, essas perturbações e influências sobre Júlio permanecerão.

- Compreendo. Outro fato que ocorreu foi a chegada de uma pessoa à vida de nossos amigos. Ele esteve fortemente ligado a muitas maldades e tem um grande elo com as sombras. O primeiro contato que ele teve com Cláudio e Elisa foi na igreja, quando ele decidiu acabar com tudo e com todos.

- Entendo... Prossiga, Cássius.

- Só que, graças à vontade do Senhor, este não conseguiu fazer o que queria, mas tem intenções de se juntar a Júlio para que juntos consigam. Depois, gostaria que a senhora conhecesse um amigo

chamado Balthazar, que está aqui conosco e me informou sobre as vontades dessa tal pessoa.

- Bem, Cássius, então, pelo que me conta, essa pessoa possui uma alma negra e tem intenções de se juntar a Júlio para que assim ele possa concluir seu plano?

- Isso mesmo. Creio que não será fácil conseguir orientar Cláudio a ajudar Júlio nesse assunto, uma vez que as criaturas, sabendo da bondade de Cláudio, tentam a todo instante influenciá-lo para que isso não ocorra. Mas não se preocupe, senhora, eu irei acompanhar Cláudio e auxiliá-lo a todo instante.

- Eu não duvido disso, Cássius. Bem, peço que prossiga com sua tarefa. Assim que conseguirmos, eu e Alfredo voltaremos para as regiões inferiores a fim de tentarmos resgatar Madalena. Eu confio em você, Cássius.

- Pode contar comigo, senhora.

17. UM PEDIDO DE AMOR

- Bom-dia, Cláudio. Dormiu bem, meu filho?

- Bom-dia, mãe. Dormi, sim, graças a Deus.

- Que bom, fico contente. Então, como comentei ontem, hoje eu irei até a igreja conversar com o padre Antônio e ver o que ele pensa fazer com relação à Elisa.

- Está certo, mãe. Se a senhora puder me fazer esse favor, eu agradeço. Seria muito legal se a Elisa e seu irmão pudessem vir morar aqui conosco.

- Eu vou indo, então, Cláudio. Quero aproveitar e passar antes na casa da Dona Firmina para lhe entregar os vestidos que consertei, e logo em seguida irei à igreja.

- Tudo bem, mãe. Depois do trabalho eu vou à igreja também.

- Acho melhor não, Cláudio. Acredito que, mesmo que o padre concorde comigo, não será hoje que a Elisa virá para cá. Melhor não o pressionarmos.

- Espero que ele aceite; não sei o que farei se ele não concordar, mãe.

- Bem, vamos rezar. Até mais, Cláudio.

Cláudio rezava para que padre Antônio permitisse que Elisa e seu irmão fossem ficar em sua casa, pois, mesmo se sentindo mais tranquilo, o jovem ainda possuía o pensamento focado em poder estar com Elisa. Para Cláudio e sua mãe, não haveria problemas em acolher aqueles dois irmãos, uma vez que o serviço de Cláudio nas plantações estava indo muito bem, e o trabalho de Dona Marta como costureira também lhe rendia um bom retorno. Restava agora saber como o pai de Elisa reagiria ante a possibilidade de não voltar a ter seus filhos em casa, já que a situação estava difícil para ele.

- Aquele moleque me paga! Por culpa dele eu tive de deixar minha casa e vir para cá, ficar nesta cabana abandonada. Tenho certeza de que aqueles miseráveis irão atrás de mim na minha casa, e não posso ser pego sem ter um plano. Os homens do delegado estavam ontem na missa e com certeza irão lhe contar hoje tudo o que aconteceu. Mas eu vou pensar em uma maneira de trazer minha filha de volta e de me vingar daquele fedelho. Ficarei aqui por algum tempo, e assim que descobrir uma forma, eu juro que todos irão se arrepender pelo que me fizeram passar - esbravejava Júlio, sozinho na cabana.

Na delegacia, conforme previsto por Júlio, os homens do delegado lhe contavam o que acontecera na igreja.

- Bem, então o que está me dizendo, Rafael, é que o sujeito que procurávamos estava ontem na igreja e causou toda essa confusão? -

perguntou o delegado.

- Isso mesmo, senhor. Tenho certeza de que era ele. Conversei com algumas pessoas que estavam lá ontem e me confirmaram que se tratava do Júlio.

- Perfeito, Rafael. Com relação aos papéis que encontramos na casa do Júlio, infelizmente não vimos nada que pudesse incriminá-lo. Eram somente cartas de amor de uma tal de Madalena. Pedi a Tobias que fosse atrás de informações que pudessem explicar quem foi essa Madalena e o que aconteceu com ela. Por enquanto, apesar do ocorrido ontem na igreja, não podemos fazer nada. Mesmo ele tendo batido na filha e dito palavras ameaçadoras com relação a todos, ainda não há nada de concreto contra ele para que possamos autuá-lo. Vamos esperar até que Tobias nos traga informações mais consistentes.

- Bom-dia, Pedro. Dormiu bem? - pergunta Elisa, acordando o irmão na igreja.

- Bom-dia, dormi sim, mana.

- Que bom, fico contente. Sobrou alguma coisa de comer do que o padre Antônio nos trouxe ontem; se quiser eu posso lhe preparar algo. Já está com fome?

- Estou, sim, mana. Eu quero aquele bolo de ontem, estava muito bom.

- Foi o que pensei, Pedro. Então levante e se troque, que eu já trago aqui para você.

- *Espero que esteja tudo bem com Elisa, não gosto da ideia de lhes deixar sozinhos lá na igreja depois do que aconteceu. Mas também não posso permitir que voltem para casa depois de tudo. Ainda bem que o seu João mora ao lado da igreja e pedi para que me avise caso algo aconteça. Eu poderia ir ficar com eles, mas lá mal tem espaço para os dois... E, além do mais, não posso deixar meu irmão sozinho em casa. Com a idade avançada como está, ele precisa de muita atenção. Mas tenhamos fé de que o Senhor há de achar alguma solução para este caso – pensava o padre Antônio na casa onde morava com seu irmão mais velho.*

- Prontinho, Pedro, aqui está. Coma com calma, tá? Se quiser mais é só falar, porque ainda sobrou.

- Tá bem... Mana, quando nós vamos voltar para casa? Sinto saudades do papai.

- Eu sei, Pedro, mas infelizmente ainda não poderemos. O papai não está muito bem e precisa ficar sozinho. Infelizmente, as coisas não estão saindo como eu gostaria. Mas não se preocupe quanto a isso; coma tranquilo, depois vá brincar, que eu te prometo que a gente vai para casa logo, logo.

Cláudio, no trabalho, desabafava com seu tio.

- Puxa vida, Cláudio. Então quer dizer que quando finalmente conseguiu encontrar a Elisa, deu todo aquele rolo com o pai dela lá na igreja?

- Pois é, tio, não sei nem o que pensar direito sobre isso. Aquele pai dela é um maluco, nunca vi ninguém agir assim.

- Era para eu ter ido ontem também à igreja, mas a minha esposa não estava se sentindo muito bem, então preferi ficar com ela.

- Tudo bem, tio. Mas como está a tia hoje, já está melhor?

- Está sim, Cláudio, hoje ela já acordou bem melhor; deve ter sido algo que ela comeu ontem. Não se preocupe. Bem, então vamos torcer para que sua mãe consiga falar com o padre e que ele permita que Elisa e seu irmão vão ficar com vocês. Porque, do jeito que está, dá até medo de deixar que eles voltem para casa.

- Pois é, tio, vamos torcer. Me parte o coração saber que eles estão lá e que o maluco do pai dela possa aparecer por lá e fazer algo.

- Não se preocupe, Cláudio. Tenho certeza de que, depois de tudo o que aconteceu, ele não irá se arriscar a aparecer e ser linchado pelo povo por ter batido na filha e ainda ter insultado o padre e todos que estavam na missa. Bem, vamos trabalhar, que hoje temos muito que fazer.

No plano superior, Matilda conversa com Cássius.

- Foi uma boa ideia sugerir a Cláudio que pedisse para sua mãe acolher Elisa em sua casa, Cássius.

- Obrigado, Matilda. Penso que assim será mais fácil de Cláudio conseguir realizar sua tarefa. Felizmente, o nosso laço de outra vida ainda é bem forte e ele compreende tranquilamente as minhas sugestões. E como você está se sentindo hoje?

- Já me sinto bem melhor, Cássius; aos poucos a minha energia vibratória começa a se restabelecer e sinto que logo poderei voltar para as regiões inferiores, com a permissão dos senhores, para tentar auxiliar minha irmã.

- Ah, veja, é Balthazar, o amigo de quem lhe falei. Foi ele quem nos trouxe informações do espírito que encarnou na vila e das suas intenções... Balthazar, quero apresentar-lhe Matilda. Ela é uma pessoa muito especial e tem colaborado arduamente no auxílio de nossos irmãos em refazimento.

- Muito prazer, Matilda, que a paz do Senhor esteja com você.

- Com todos nós, meu irmão. O prazer é meu. Cássius me disse que você possui forte ligação com o espírito chamado Matheus que encarnou na vila de Elisa.

- Isso mesmo, nós vivemos em uma época de grandes perturbações e hoje sinto uma grande gratidão por todo aprendizado que tive, e tenho me dedicado arduamente a auxiliá-lo na medida do possível.

- Mas me conte, Balthazar, você foi ao encontro de Eliseu e conseguiu informações para auxiliá-lo na comunicação com

Matheus? – perguntou-lhe Cássius.

- Fui, sim, meu amigo. Pude observar claramente o tamanho da energia que o Eliseu possui. Foram poucos os irmãos em que pude sentir tamanha força como a que senti com sua presença. Mas, infelizmente, no momento não existe, segundo ele, nada que eu possa fazer para conseguir me aproximar de Matheus e manter um contato com ele.

- Eu sinto muito, Balthazar. Mas quais são os motivos que o impedem de contornar essa situação? – perguntou Matilda.

- Pois então... Não sei se Cássius lhe contou, mas Matheus infelizmente criou um vínculo muito forte com algumas criaturas muito poderosas, e elas estão, no momento, tendo total controle sobre seu ser, impedindo que minhas vibrações cheguem até ele.

- Compreendo, Balthazar. Mas você acredita que Matheus possa influenciar no trabalho que Cláudio precisa desenvolver?

- Acredito que sim. Mesmo todos nós tendo a possibilidade de escolhermos nosso caminho e as nossas ações, Matheus tem por própria vontade se permitido agir dessa forma, como maneira de sanar o seu próprio ego de outras vidas. Peço a vocês que façam tudo o que puderem para que ele seja afastado de seus orientados, pois não sei se conseguirei conduzi-lo a um caminho menos turbulento do que o planejado por ele e seus acompanhantes.

- Bem, cabe a nós continuarmos tentando conduzir nossos queridos irmãos, a fim de evitar que esses problemas se tornem realidade, querido Cássius - completou Matilda.

- Novamente, pode contar comigo, Matilda. Eu seguirei o meu trabalho em orientar Cláudio até que ele consiga ajudar o Júlio a voltar-se ao caminho do bem.

- Muito obrigada, Cássius. E muito obrigada também a você, Balthazar. Sei que fará todo o possível para evitar que nossos irmãos sejam prejudicados por essas energias que acompanham Matheus.

- Farei todo o possível, sim. As minhas intenções para com Matheus vão muito além da vida que tivemos. Vejo nesse querido irmão a oportunidade de mostrar que até mesmo os mais difíceis fardos podem ser carregados com as bênçãos do Senhor.

Enquanto nossos queridos irmãos do plano espiritual dedicavam todas as energias para que os encarnados pudessem seguir seus caminhos, a mãe de Cláudio conversava com padre Antônio para tentar explicar-lhe suas intenções e a do filho com relação a Elisa.

- Padre Antônio, o senhor não concorda comigo que talvez seja melhor para Elisa e seu irmão ficarem em um local onde possam ser mais bem acompanhados, do que permanecerem aqui na igreja, à espera do que possa ser feito com relação à situação em que se encontram?

- Eu concordo com a senhora, Dona Marta, e vejo que as suas intenções são muito boas. Fico contente em saber que a senhora e seu filho pensam em ajudar Elisa e seu irmão neste difícil momento pelo qual estão passando. Mas peço que me deixe pensar sobre esse assunto. Não duvido de suas intenções, mas quero que compreenda que esses garotos têm passado por muitas dificuldades desde a perda da mãe e não sei até que ponto o fato de saírem daqui e irem morar com vocês iria ajudá-los ou prejudicá-los.

- Eu compreendo a sua atitude, padre, e a respeito. Sei que o senhor pensará calmamente no assunto e tomará a melhor decisão. Bem, ficarei aguardando então a sua decisão, padre. Até mais.

- Até mais, Dona Marta.

Na delegacia, o delegado cobrava informações de Tobias sobre o caso de Júlio.

- Tobias, conseguiu informações a respeito da vida daquela família?

- Consegui, sim, seu delegado. Eu conversei com várias pessoas a respeito do passado deles e tenho muitas informações que talvez possam nos ajudar a compreender o que tem acontecido com eles.

- Prossiga, Tobias.

- Bem, segundo eu soube, a mulher que aparece nas cartas, a Madalena, foi irmã da falecida esposa do Júlio. Conforme alguns relatos, parece que o Júlio e a cunhada mantinham em segredo um

relacionamento. E a mulher do Júlio teria falecido durante o parto do filho mais novo, o que causou esse conflito e esse desespero no marido.

Enquanto Tobias contava ao delegado o que soubera a respeito da vida daquela família, Cláudio voltava do trabalho ansioso por saber a decisão do padre Antônio.

- Então, mãe, o que o padre Antônio disse com relação a Elisa e seu irmão virem morar aqui conosco? Ele deixou?

- Foi como eu esperava, Cláudio. Eu expliquei para ele sobre o nosso sentimento e a nossa vontade de ajudá-los. Mas, como sempre muito ponderado, ele me disse que iria pensar no assunto. Que não sabe se o fato de serem acolhidos por outra família influenciaria nos sentimentos deles.

- Mas como isso, mãe? Não acredito que ele ache que o fato de virem morar conosco pode mexer com o sentimento deles! Eu respeito a vontade do padre Antônio, mas não concordo com ela. É muito pior para eles ficarem lá na igreja sozinhos do que virem morar aqui conosco.

- Eu sei, meu filho, eu também concordo que lá é pior do que aqui, mas eu também entendo o que o padre quis dizer e por que está cauteloso. Ele não quer que a Elisa e seu irmão pensem que a única solução é morarem com alguém, porque a situação na casa deles está muito complicada. O fato de permanecerem lá na igreja é

como se ainda existisse uma esperança de as coisas se resolverem e tudo poder voltar ao que era.

- Ah... eu não concordo, mãe. Não quero que a Elisa volte para a casa dela. O pai dela não é boa pessoa e merece distância. Vai que eles voltam e o pai volta a bater nela? Eu não me perdoaria por ter deixado isso acontecer.

- Pois é, Cláudio. Mas nós não podemos fazer nada, meu filho.

- Não podemos, é? Deixa comigo...

- Ei, aonde você vai, Cláudio? Não me diga que vai à igreja! Não faça isso, meu filho, seja paciente.

- Não, eu não vou esperar o padre decidir o que acha que é melhor para eles. Eu vou falar com ele e vai ser agora.

- Espere, espere, Cláudio. Ai, meu Deus, viu... Não adianta pedir, está tão decidido a ajudar essa garota que vai fazer de tudo para trazê-la para cá.

- *Eu é que não vou ficar lá em casa esperando o padre decidir o que é melhor. Imagina... Onde já se viu pensar que lá em casa eles estarão pior que na igreja? Vou agora mesmo falar com o padre - pensava Cláudio, saindo de casa.*

E eu, vagando pela vila à procura de Júlio, pensava:

- *Caramba, viu... Já rodei por toda esta vila e não encontrei aquele homem. Para onde será que foi aquele sujeito? Se pelo menos eu soubesse onde mora, eu iria direto a sua casa. Eu poderia fazer tudo sozinho e acabar*

com todos, mas usar esse sujeito vai ser muito melhor para os meus planos. Bem, de qualquer forma eu terei de esperar até a próxima missa para que todos se reúnam, e aí, sim, eu consiga acabar com todos de uma vez. E assim me vingar de todo esse bando de imbecis que acham que Deus existe. Mas eu vou lhes mostrar que não existe bondade neste mundo, e que o fogo do inferno é que vai tomar conta de tudo.

Chegando à igreja, Cláudio não perde tempo e vai logo implorando ao padre Antônio que permita que Elisa vá morar com eles.

- Cláudio, você por aqui? A sua mãe esteve aqui hoje cedo e me contou a intenção de vocês.

- Pois é, padre, e eu vim aqui justamente falar com o senhor sobre isso. A minha mãe me explicou que o senhor disse que iria pensar no assunto e que talvez fosse bom para Elisa continuar aqui. Mas, por favor, padre, eu lhe imploro que permita que ela venha morar conosco. Eu não aguento mais ficar longe dela.

- Calma, calma, meu filho, não se afobe. Venha, sente-se aqui e fale com calma.

- Então, padre, por favor, me perdoe por ter vindo aqui repetir o que minha mãe já lhe falou, mesmo o senhor já tendo dito que iria pensar com calma no assunto, mas eu não consigo mais esperar, padre. Eu não aguento mais essa agonia de ficar longe da Elisa.

- Eu compreendo seus sentimentos, Cláudio, mas não quero que a Elisa, indo para casa de vocês, pense que não seja mais possível voltar para seu lar, junto de seu pai.

- Pois é, eu sei, padre, compreendo o pensamento e a preocupação do senhor com relação a isso, mas tenho certeza de que a Elisa e seu irmão ficarão melhor lá em casa, morando conosco. Não quero desmerecer a sua ajuda, mas acho que eles ficarem aqui na igreja sozinhos não é a melhor opção.

- Bem, Cláudio, confesso que realmente eu não gosto da ideia de eles ficarem sozinhos aqui na igreja. Se eu tivesse condições, ficaria aqui com eles, mas tenho meu irmão mais velho em casa, que precisa de cuidados especiais. Mas eu não sei, Cláudio, não creio que essa seja a melhor ideia.

- Por favor, padre, eu lhe suplico por tudo o que é mais sagrado, não me afaste da Elisa, eu não aguento mais.

- Mas por que essa agonia toda por ficar longe da Elisa, Cláudio? O que está acontecendo?

- Eu preciso falar... É que eu não aguento mais ficar longe dela, padre. Porque eu... Estou apaixonado por ela.

Nesse momento, Elisa aparece na sala e escuta o verdadeiro sentimento de Cláudio com relação a ela.

- Elisa, você está aí? Não tinha visto...

- Sim, Cláudio. E não pude deixar de ouvir o que acabou de dizer. Isso é realmente verdade, Cláudio? É esse o sentimento que você tem por mim?

- É verdade, Elisa. Não posso mais esconder o que eu sinto. Estou apaixonado por você desde o primeiro momento em que a vi aqui na igreja. Depois daquele dia, não consegui mais tirar você da minha mente. E preciso muito saber, Elisa: você também sente algo por mim?

18. O PREÇO DA VERDADE

- E então, Elisa, me responda, por favor. Você sente algo por mim?

- Bem, Cláudio, como eu posso lhe explicar? Você me pegou de surpresa, confesso que não imaginava que alguém fosse se declarar assim para mim. Cláudio, você sabe que desde o dia em que nos conhecemos eu notei que poderia sempre contar com você. Sou eternamente grata pela ajuda que me deu no dia em que o Pedro desapareceu. E me sinto responsável por tudo o que aconteceu entre você e meu pai.

- Elisa, por favor. Responda-me “sim”! Não quero pressioná-la, mas eu não consigo tirar você da minha mente. Eu sei que estou sendo apressado e que as coisas não eram para ser assim, mas eu não consigo mais calar o sentimento que tenho por você. Você sente algo por mim, Elisa?

- Desculpe-me, Cláudio, mas infelizmente não. Eu considero você um grande amigo. Espero não o ter magoado, mas não quero mentir para você. E, além do mais, eu tenho o meu irmão para cuidar, tem o

meu pai também. Sinto muito, Cláudio, mas infelizmente não posso me dar o luxo de ter qualquer sentimento desse tipo. Perdoe-me.

Cláudio parecia não acreditar no que acabara de ouvir. Sentia como se um martelo houvesse estilhaçado o seu coração. Essa era a última resposta que ele poderia imaginar que Elisa lhe daria. Estava tão convicto de que seria correspondido, que não pensara duas vezes em expressar seus sentimentos. O mundo parecia ter desabado diante de seus olhos. Como escutar da pessoa amada que ele era somente um bom amigo? Como ter forças para levantar a cabeça, depois desse duro golpe? Estava atordoado.

- Cláudio... Você está bem? Ficou calado. Não fique assim, nós sempre seremos bons amigos.

- Desculpe-me, Elisa. Não sei onde eu estava com a cabeça quando lhe pedi que me desse alguma resposta. Eu sinto muito, não devia ter vindo aqui... Bem, eu já vou. Até amanhã.

- Não, espere, Cláudio. Vamos conversar mais.

- Sinto muito, Elisa. Já está tarde e eu não quero mais incomodá-la. Até mais, Elisa. Sua bênção, padre.

- Deus o abençoe, meu filho.

- Cláudio! Cláudio! - chamou Elisa - Puxa vida... Será que ele ficou magoado, padre? Saiu daqui tão depressa.

- Bem, minha filha, vocês são jovens e têm muito ainda que aprender nesta vida. Vá se deitar, que hoje foi um dia cansativo.

- Está certo, então, padre. Boa-noite.

- Boa-noite, minha filha. E que Deus a abençoe.

Vendo o que acabara de acontecer, Dionísio conversa com Cássius.

- Quem diria, hein, Cássius, que Elisa iria dizer a Cláudio que o tem somente como um amigo?

- Bem, isso não me espantou, meu caro Dionísio. Confesso que na atual circunstância não podíamos esperar outra resposta de Elisa. Ela está com a cabeça muito ocupada para se entregar a um relacionamento.

- Mesmo assim, Cássius. Eu esperava outra resposta de Elisa. Apesar do pouco tempo que se conhecem, no fundo eu havia pensado que ela gostava de Cláudio.

- Mas quem disse que ela não gosta, Dionísio? Ela afirmou que está, no momento, preocupada com o pai e o irmão.

- Não compreendi. O que você quer dizer, Cássius? Por acaso sabe de algo? Anda, me conte, por favor.

- Que é isso, Dionísio? Eu sei tanto quanto você. Apenas disse que a estrada da vida é bastante sinuosa e que não devemos nos deixar abater durante a nossa jornada em busca dos objetivos.

Quando Cláudio retorna, sua mãe logo nota que algo aconteceu.

- O que houve, Cláudio? Por que está chorando? Aconteceu algo lá na igreja? Conseguiu falar com o padre, meu filho?

- Não aconteceu nada, mãe.

- Então por que essa cara de choro? O que aconteceu, Cláudio? Conta para mim!

- Não se preocupe, mãe, não aconteceu nada. Eu já vou dormir porque amanhã tenho que levantar cedo e estou cansado. Boa-noite.

- *Nossa, que estranho... O que será que houve para o Cláudio ter voltado dessa maneira? Será que o padre Antônio brigou com ele? Bem, amanhã eu vejo o que aconteceu; deixe-me ir também porque já está bem tarde - pensava Dona Marta.*

No plano espiritual, Alfredo conversa com Cícero, um rapaz jovem e recém-resgatado das regiões inferiores, cuja vontade de um dia poder enfim sair e sentir-se livre da morada onde fora acolhido seguia fixa e inalterável em seu pensamento.

- Olá, Cícero. Como vai, meu amigo?

- Eu vou muito bem. E você, Alfredo? Já sabem quando irão partir novamente para as regiões inferiores?

- Ainda não sabemos, mas iremos o mais breve possível. Assim que as nossas energias estiverem restabelecidas.

- Eu soube através de um de seus auxiliares que o trabalho foi bem árduo, necessitando de grande dissipação de energia por parte de sua equipe para que o contato com a irmã auxiliada fosse

realizado. Soube também que, mesmo com a baixa emissão de vibrações, vocês foram sentidos pelos mestres das sombras. Confesso que esta é a primeira vez que tenho notícias de que isso foi possível.

- Tem razão, Cícero. Realmente um trabalho nas regiões inferiores nunca me foi tão desgastante como esse. Não sei se o fato de termos sido sentidos tem algo a ver com o nosso desgaste. Devo lhe dizer que estou um pouco receoso de irmos novamente às regiões inferiores. Temo pelo que possa acontecer, caso sejamos novamente sentidos por aquelas criaturas. O equilíbrio deve ser mantido.

- Alfredo, será que eu poderia ir com vocês na próxima vez? Gostaria muito de poder colaborar. Sei que ainda não estou completamente preparado para acompanhá-los, mas gostaria muito de ser útil.

- Não sei, Cícero. Creio que talvez esta não seja uma boa hora.

- Por favor, Alfredo. Permita-me ser útil. Eu já estou aqui há bastante tempo, como o senhor sabe, e quero muito mostrar que estou preparado.

- Realmente, Cícero, eu vejo que possui boa vontade e disposição para auxiliar, mas, como fomos sentidos na última vez, tenho receio do que possa ocorrer caso isso aconteça novamente... Bem, façamos o seguinte: quero que vá até uma de nossas superiores, Anastácia, e

conte-lhe sua intenção e suas necessidades. Se ela permitir, então, por mim, não haverá problema.

- Está certo, Alfredo. Eu irei agora mesmo solicitar que eu possa acompanhá-los.

- Muito bem, Cícero. Estarei aguardando então.

Escondido na cabana no meio da mata, Júlio já não aguentava mais aquela situação.

- Ai! Mas que dor nas costas! Não aguento mais dormir nesse chão duro - reclamava.

- Puxa, até que enfim acordou. Pensei que ia ficar aqui o dia todo, esperando a "donzela" acordar - murmurei.

- Mas quem é você?! Como me achou aqui? Você é algum dos homens do delegado? - esbravejou Júlio.

- Olha bem para a minha cara! Você acha mesmo que sou quem diz? - indaguei. - Se fosse, você já estaria preso.

- Se não é um dos homens do delegado, então quem é você e como me achou aqui, nesta cabana no meio do mato?

- Devo lhe dizer que não foi nada fácil encontrá-lo. Eu o procurei a noite inteira.

- *Foi ao acaso ter encontrado este lugar aqui* - pensei.

- Mas, afinal de contas, quem é você e o que faz aqui? - questionou Júlio, confuso.

- Bem, deixe eu me apresentar. Guarde bem o meu nome, você jamais irá esquecê-lo... - disse eu, rindo.

- Qual é a graça? Vamos, diga logo quem você é, seu maldito! - perguntou Júlio, irritado.

- Hum, vejo que tem coragem. Gosto disso! Eu sou Matheus. Tenho uma proposta a lhe fazer.

- Que proposta?!

- Calma, meu amigo. Eu já irei lhe contar, não tenha pressa. Me diga seu nome primeiro.

- Bem, pensando bem, você não tem cara mesmo de que veio aqui me prender. Eu me chamo Júlio.

- Ora, ora, seu Júlio. Devo lhe dizer que sou um amigo e não vim aqui prendê-lo. Muito pelo contrário. Vim lhe oferecer a minha ajuda. Eu estava na igreja e vi tudo o que aconteceu. Fico feliz em saber que existe alguém com a mesma vontade que eu.

- Como assim? Do que está falando?

- Muito bem, eu vou lhe explicar o motivo de ter vindo procurá-lo. Não pude deixar de ouvir quando disse que tinha raiva da igreja e de todos que a frequentavam. E que sua vontade era acabar com tudo e com todos. Pois bem, eu quero ajudá-lo a fazer isso.

- O quê?! Mas do que você está falando, seu retardado? - disse Júlio, nervoso.

- Bem, pelo que vejo, tem atitude, mas é bem burro.

- Como é que é? Do que me chamou?

- Olha só, Júlio... É Júlio, não é? Pois bem, eu vim lhe propor um acordo para que possa realizar a sua vontade de destruir aquela igreja e as pessoas que o expulsaram de lá. Quero que se junte a mim para que possamos acabar de uma vez com aquele lugar que prega uma falsa filosofia de vida. Transmitem uma realidade que não existe. Chega de amor, caridade, respeito. Vamos semear o ódio, a maldade e a destruição. Una-se a mim e vamos juntos mostrar a todos que Deus não existe.

- Mas, afinal de contas, quem é você e por que está me propondo isso?

- Bem, digamos que eu tenho uma dívida com a igreja. O que você precisa saber é que quero ajudá-lo a destruir tudo e todos. Basta você dizer que aceita... Então, está comigo ou não?

- Eu só tenho uma coisa a lhe dizer: cai fora, seu maluco! Desde quando eu preciso de sua ajuda? Ainda mais vinda de outro fedelho retardado. Agora me deixa em paz! Quando eu precisar da ajuda de um maluco feito você, aí então vou saber que o maluco aqui sou eu!

- Você tem mesmo muita coragem para se dirigir a mim dessa forma. Não posso negar que realmente admiro isso. Mas saiba que irá se arrepender de desprezar a minha ajuda. Sei que virá correndo se rastejar aos meus pés, pedindo para eu ajudá-lo. Escute bem o que

eu estou falando, Júlio: você virá rastejando pedir a minha ajuda! Aí, então, o papo será outro.

Sem conseguir me unir a Júlio, eu fui embora, pensando que mais cedo ou mais tarde ele voltaria rastejando aos meus pés, e iria implorar a minha ajuda.

No dia seguinte, Cláudio acorda para trabalhar e é prontamente indagado por sua mãe sobre o que aconteceu na igreja.

- Bom-dia, Cláudio. Vejo que levantou mais cedo do que o costume. Está tudo bem, meu filho? Não quer me contar o que houve lá na igreja?

- Está tudo bem, mãe. Não se preocupe.

- Mas como não me preocupar, Cláudio? Você saiu daqui ontem tão decidido e voltou com aquela cara de derrotado. Diga-me o que aconteceu, meu filho. O padre brigou com você?

- Não, mãe, não foi nada disso. O padre me tratou muito bem.

- Ué, Cláudio... Então o que aconteceu para você ter ficado daquele jeito?

- Já disse, mãe. Não aconteceu nada. Pensei bem e achei melhor deixar que Elisa fique lá com o padre. Talvez não fosse bom mesmo ela vir morar aqui conosco.

- Puxa vida, Cláudio, estou te estranhando. Nem parece aquele mesmo garoto decidido a trazê-la para cá.

- Pois é, mãe. Vamos deixar como está. Agora me deixe ir, que tenho muito trabalho a fazer. Beijo, mãe.

- Está bem, então. Beijo, meu filho, que Deus o acompanhe.

No fundo, Marta sabia que algo muito sério havia acontecido para Cláudio ficar daquele jeito. Mas não quis pressionar seu filho e preferiu respeitar sua vontade, pois sabia muito bem a quem procurar para sanar as suas dúvidas: o padre Antônio.

- Olá, Dona Marta. Imaginei mesmo que a senhora fosse vir até aqui.

- Pois é. Então, padre, o Cláudio chegou ontem com uma cara tão desanimada lá em casa. Estava até chorando, mas não quis que eu percebesse. Eu perguntei se tinha acontecido algo, mas ele não quis me responder. Diga-me, padre, o que foi que aconteceu aqui ontem para ele ter ficado daquele jeito?

- Bem, Dona Marta, a senhora sabia que o Cláudio queria muito que a Elisa e seu irmão fossem lá morar com vocês até que as coisas para eles se acertassem, não é?

- Sei, eu sei, sim, padre. Inclusive foi ele quem me pediu para vir até aqui falar com o senhor, lembra?

- Tem razão, Dona Marta. Mas por acaso a senhora sabe o motivo de ele ter lhe pedido isso e de, mesmo depois de eu dizer que ia pensar no assunto, ele ter vindo aqui insistir comigo?

- Bem, padre, o senhor sabe como o Cláudio é, sempre muito atencioso com as pessoas. Ele criou uma grande amizade com essa garota e, além do mais, se acha responsável por tudo o que aconteceu com ela.

- Mas tem mais um motivo que creio que ele não tenha lhe contado.

- Que outro motivo, padre?

- Dona Marta, seu filho Cláudio está apaixonado por Elisa.

- O quê? Apaixonado? Mas eles são tão jovens, o Cláudio só tem 17 anos. E Elisa, quantos tem? Não deve passar disso.

- Elisa tem 15 anos, Dona Marta.

- Então, padre, são tão crianças! Como algo assim pôde acontecer?

- Ué, Dona Marta... Desde quando existe idade para alguém se apaixonar? O amor é assim mesmo, chega quando menos se espera.

- Mas eu não compreendo, padre. Como o senhor sabe que o Cláudio está apaixonado pela Elisa? Ele não me disse nada, e nós sempre contamos tudo um para o outro.

- Na realidade ele revelou isso para que eu me sensibilizasse a deixar que a Elisa fosse morar com vocês.

- Ah! Agora entendo, padre. Mas, mesmo assim, se o Cláudio está apaixonado pela Elisa, por que ele chegou ontem em casa daquele jeito?

- Essa é uma parte delicada, Dona Marta. No momento em que o Cláudio me contou que estava apaixonado pela Elisa, ela entrou aqui na sala e acabou escutando.

- Mas qual o problema, padre? Vai dizer que o Cláudio não queria que ela soubesse do seu sentimento?

- Não, o problema não foi esse. Quando o Cláudio viu que a Elisa havia escutado, ele não pensou duas vezes e se declarou para ela. Disse que estava apaixonado e que queria saber se ela sentia algo por ele.

- E o que foi que ela disse, padre?

- No começo, a Elisa ficou sem palavras, mas sabia que uma resposta deveria ser dada, vendo a angústia do Cláudio.

- Vai padre, me diga o que foi que ela respondeu!

- Bem, para a decepção de seu filho, Dona Marta, ela disse que o via somente como amigo. E que não poderia ter algum relacionamento tendo que cuidar do pai e do irmão.

- Ah... Pobre Cláudio! Tão jovem e já tendo que sofrer as decepções do amor. Não é à toa que ele chegou em casa daquele jeito.

- É, Dona Marta, realmente é uma pena quando não somos correspondidos. Mas eles são muito jovens ainda. Têm muito que aprender.

- Puxa vida, que pena, padre. Mas e a Elisa, onde está?

- Ela se levantou cedo. Assim que cheguei, ela me disse que queria passear um pouco. Gostaria de aproveitar o belo dia que está fazendo. Bem, Dona Marta, vamos dar tempo ao tempo. Não fique indagando seu filho, deixe que ele mesmo decida por si só sair dessa situação.

- O senhor tem razão, padre. Bem, vou deixá-lo com as suas tarefas. Até mais, padre.

- Até mais, Dona Marta. Vá com Deus.

19. A APROXIMAÇÃO DE MATHEUS

- Droga, viu! Como aquele Júlio não aceitou nem ouvir a minha proposta? Foi muita valentia dele ter recusado a minha ajuda e dizer que fará tudo sozinho. Bem, mas isso não vai ficar assim! Tenho certeza de que, quando ele se der conta, virá correndo implorar a minha ajuda. Preciso pensar em uma forma de conseguir convencer aquele homem a me ajudar... Mas, espere, quem é aquela garota sentada ali na grama? Parece que a conheço de algum lugar, mas de onde? Ah! Lembrei... Ela estava lá na igreja e, se não me engano, foi nela que o Júlio deu um tapa. Mas por quê? Acho que vou me aproximar dela e ver o que consigo descobrir – pensei.

- Hoje está um dia tão lindo! Ah, obrigada, Senhor meu Deus, por este sol tão gostoso, por esta minha vila tão linda. Fazia tempo que eu não saía e ficava assim, só aproveitando o dia. Mas, também, meu irmão e meu pai sempre necessitaram da minha atenção... – pensava Elisa.

- Oi, moça. Desculpe interrompê-la no seu descanso. É que sou novo aqui na vila e não conheço ninguém, sabe? Faz tempo que não converso com alguém. Será que eu posso me sentar só por um instante? Não precisa se preocupar, eu sou inofensivo, não faço mal nem a uma formiga – eu disse, aproximando-me.

- Olha, moço, desculpe, mas é que não costumo ficar assim sentada sem fazer nada; eu já estava de saída. Tenho um montão de coisas pra fazer.

- Não, não, por favor. Eu não queria incomodá-la. Pode continuar aí, aproveitando o dia. A minha intenção não era assustá-la. Perdoe-me, por favor, moça. Você me desculpe chegar assim e já ir puxando assunto. É que eu não conheço ninguém aqui na vila e só queria conversar um pouco. Desculpe-me novamente, viu, moça? Eu já estou indo, não precisa se levantar.

- Não, imagina, moço. Não é por sua causa, não. Eu estava tão distante aqui, pensando na vida, que nem me havia dado conta do tanto de coisas que tenho para fazer.

- Mas é sério mesmo, moça. A última coisa que eu queria era ser inconveniente. Você me desculpe, tá? Eu já vou indo. Um bom dia para você.

- Um bom dia para você também.

- *Puxa, que rapaz mais estranho. Ele deve realmente ser novo por aqui... Coitado, vai ver ele só queria conversar um pouco mesmo...* - pensou Elisa, inocentemente.

- *Droga! Acho que ela se assustou comigo. Mas, também, como eu poderia imaginar que isso iria acontecer? Nossa, mas que sensação mais estranha eu senti. Parece que já conheço aquela garota de algum lugar, como se tivéssemos nos visto antes. E aquele olhar, aquela boca... Não, deve*

ser coisa da minha cabeça... Se já tivesse conhecido um pedaço de carne assim tão pequeno e succulento eu me lembraria. Bem, não foi desta vez que me aproximei dela, mas eu vou com calma. Irei me aproximar e descobrir qual a sua relação com Júlio. Mas acho que antes vou cuidar da minha aparência. Faz tempo que não corto o cabelo ou faço a barba. Acho que isso ajudou para ela ter a reação que teve – raciocinei.

- Nossa! Que bom que Elisa aceitou as suas sugestões para não deixar Matheus se aproximar, não é, Cássius?

- Graças ao Senhor, meu amigo Dionísio. Felizmente, Elisa é uma pessoa bem espiritualizada e consegue compreender claramente as minhas vibrações.

- Fez muito bem. Matheus não deve se aproximar de Elisa. As suas intenções são ruins e ele precisa ser evitado a todo custo, Cássius.

- Tem razão, Dionísio. Mas não sei por quanto tempo conseguirei afastá-lo. Você notou a mancha negra que rodeia seu corpo?

- Sim, é uma energia bastante carregada. Eu tive uma sensação muito desconfortante quando ele chegou próximo de Elisa, Cássius.

- Então, Dionísio, esse é o estado de espírito ao qual Balthazar havia se referido. E tenho certeza de que existem alguns mestres das sombras acompanhando os passos de Matheus.

- Nossa! Você crê que isso seja possível, Cássius? Acha que eles teriam a ousadia de tentar intervir nas ações de Matheus? Afinal de contas, é justamente pelo receio que têm do seu castigo que eles enviam seus vassallos às sombras, para que essas pobres criaturas realizem para eles o seu trabalho sujo. Assim, quando estas são pegas, vão imediatamente arder no fogo sagrado, enquanto seus mentores permanecem impunes.

- Acredito que sim, Dionísio. Mas não nos enganemos acreditando que essas criaturas mais sombrias sempre permanecem impunes. Nossos irmãos mais elevados estão cientes desses acontecimentos, e tenho certeza de que, se isso está ocorrendo, deve haver um bom motivo... Mas, Dionísio, você já sabe do paradeiro de Balthazar?

- Pelo que eu soube, Cássius, após ele ter conversado com Eliseu e sido informado a respeito da real situação de Matheus, partiu para os campos de exercício vibratório, para que assim consiga aprimorar-se ainda mais e possa tentar auxiliar Matheus a se desvincular desse fardo que carrega consigo.

- Bem, Dionísio, então oremos para que Balthazar obtenha sucesso e possa se juntar a nós o mais breve possível.

Enquanto nossos queridos amigos espirituais oravam para que Balthazar retornasse logo, Alfredo e sua equipe de auxiliares estavam mais uma vez prontos para seguir até a região das sombras,

a fim de tentar auxiliar Madalena a criar consciência de seu estado e de suas ações.

- Alfredo, a sua equipe já está pronta para seguir às regiões inferiores - disse Jorge, um amigo espiritual que auxiliava na organização das partidas em direção a esses locais.

- Perfeito, muito obrigado, Jorge. Irei imediatamente ao encontro de Matilda para torná-la ciente de nossa situação. Diga a minha equipe que partiremos assim que meus superiores permitirem.

- Alfredo, Alfredo! - chamou Cícero, aproximando-se.

- Ah! Olá, Cícero, como vai?

- Estou muito bem. Eu soube que sua equipe já está pronta para seguir até as regiões inferiores.

- Isso mesmo, Cícero. Estou indo ao encontro de Matilda para informá-la de nossa situação. Creio que meus superiores não demorarão a permitir a nossa partida.

- Então... E é justamente sobre isso que eu gostaria de lhe falar. Eu posso acompanhar a sua equipe?

- Você conseguiu permissão para seguir conosco, Cícero?

- Infelizmente, não. Fui informado de que ainda não estou em plenas condições de acompanhá-los. Mas lhe peço que abra uma exceção e me deixe seguir com vocês. Quero muito poder ajudar.

- Eu até gostaria, Cícero, mas não posso. Se você foi informado de que ainda não está preparado para seguir conosco, então nós

devemos compreender e aceitar com paciência.

- Mas, por favor, Alfredo, eu sei que estou pronto para ajudar. Deixe-me mostrar!

- Creio que não será desta vez, meu querido amigo. O trabalho nas regiões inferiores é muito árduo e requer grande concentração e dissipação de energia. Temo que infelizmente você não consiga acompanhar o nosso ritmo. Eu sinto muito, Cícero. Ficaré para outra ocasião. Com licença, eu preciso ir ao encontro de Matilda.

- Não acredito, viu... Eu gostaria tanto de seguir até as regiões inferiores. Como posso aprender se não me deixam participar? Sei que estou pronto, mas eles não acreditam em mim. Se ao menos existisse uma maneira de ir junto... Ah, já sei! - pensou Cícero.

Enquanto Alfredo e sua equipe se preparavam para seguir às regiões inferiores para auxiliar Madalena, que sofria com as perseguições das sombras, Júlio pensava em uma forma de conseguir sua filha de volta e acabar com Cláudio:

- Não aguento mais me esconder nesta cabana. Eu preciso voltar para casa! Mas, e se aqueles malditos estiverem de plantão na minha porta? E se eles quiserem se vingar de mim pelo que eu disse lá na igreja? Puxa vida, e agora? Preciso pensar logo em um jeito de resolver esta situação. O que eu posso fazer? Como posso acabar com aquele pirralho sem que ninguém saiba que fui eu? Será que aquele Matheus estava certo, que só conseguirei realizar o que quero com a ajuda dele? Não, não deixarei que isso aconteça,

vou mostrar que sou capaz de fazer qualquer coisa e que não preciso da ajuda de ninguém.

No trabalho, Alberto ouvia o desabafo de seu sobrinho Cláudio.

- Que pena, Cláudio, então quer dizer que a garota de quem você gosta disse que só vê você como um amigo?

- Pois é, tio, ela disse que precisa cuidar do pai e do irmão. Não sei como ela pode pensar assim. Ela devia se dedicar mais a si mesma e não se esquecer de que possui uma vida própria.

- É realmente uma pena, Cláudio. Só de ver a sua cara, posso imaginar o quanto você gosta daquela menina. Bem, mas também você não pode criticá-la. Que culpa ela tem de ter uma família problemática? O que você vai fazer agora, Cláudio? Vai se afastar dela?

- Eu ainda não sei, tio. Apesar de a Elisa não corresponder ao que sinto, ainda me acho responsável por ela. Mesmo ela sendo somente minha amiga, eu não queria me afastar. Meu coração ainda tem esperanças de que ela mude de ideia, sabe?

- Que é isso, Cláudio? Parte pra outra! Escuta seu tio! Eu acho que você deveria se afastar dessa garota. Se ela não gosta de você como você gosta dela, então deixe que ela cuide da própria vida! Acho que você deveria se afastar para que ela veja que você não precisa dela.

- Você acha mesmo, tio? Mas eu gosto tanto dela!

- Eu acho, sim, Cláudio. Se você ficar correndo atrás, vai ser pior. Deixe que ela se vire! Você deve arrumar alguém com menos problemas. Você merece coisa melhor, Cláudio.

- Não sei, tio. Confesso que estou bem perdido.

De volta à igreja, Elisa começa a pensar no que aconteceu e a se perguntar se fez bem em dizer o que disse a Cláudio:

- E agora? Será que foi uma boa ideia ter dito a Cláudio que o vejo somente como um amigo? Percebi que ele ficou bem chateado. Mas também... O que eu posso fazer? Preciso cuidar do meu irmão, ele precisa de mim. Será que eu fiz certo dizendo aquilo? Espero que o Cláudio não me odeie. Eu gosto muito de estar com ele, a sua companhia é muito importante para mim. Sinto que nós temos uma forte ligação, não quero que isso desapareça.

Disposto a aproximar-me de Elisa, procurei cuidar da aparência.

- Pronto, agora sim. Eu estava precisando mesmo fazer a barba e dar um corte no cabelo. Tenho certeza de que agora conseguirei me aproximar daquela garota, sem que ela se assuste com a minha aparência. Onde será que ela mora? Eu vi que ela foi em direção à igreja. Mas lá eu não posso aparecer. Só de pensar em entrar naquele local, já começa a me dar coceira. Não vejo a hora de destruir aquele lugar. Bem, o jeito é esperar ela sair de lá, aí então eu me aproximo dela e descubro qual a sua ligação com aquele homem da cabana – concluí.

No plano espiritual, Alfredo conversava com Matilda sobre os preparativos para sua partida.

- Matilda, minha equipe já está pronta para seguirmos novamente até as regiões inferiores. Só estamos aguardando a permissão dos meus superiores.

- Graças ao Senhor! Não vejo a hora de podermos voltar, Alfredo. Soube que minha irmã Madalena tem sofrido bastante nas mãos das sombras. Temo que, quanto mais nos ausentarmos, pior será para que o seu processo de refazimento aconteça.

- Não se preocupe, partiremos assim que possível. Permita-me saber como você está: já conseguiu restabelecer as suas energias, Matilda?

- Infelizmente, ainda não consegui me refazer por completo. Dissipei grande quantidade de energia na última vez em que lá estivemos. Mas não posso me dar o luxo de perder mais tempo, Alfredo. Minha irmã precisa de mim. Parte-me o coração saber que ela está nessa situação. Compreendo que isso é necessário para que ela possa dar o primeiro passo, mas eu quero muito estar ao seu lado. Desejo auxiliá-la de todas as formas.

- Eu imagino como você se sente. Houve uma vez em que segui até as regiões inferiores para auxiliar um querido amigo e, se bem me recordo, ele também não estava em uma situação nada boa. Nós fomos companheiros durante uma encarnação em meados do século

XII. Eu desencarnei antes dele, e passei também por um período de provações. Passados alguns anos, ele desencarnou e seguiu direto para as regiões inferiores. Recordo-me de que na época ele relutou bastante até compreender seu estado. E, durante aquele período, eu procurei me fazer presente a seu lado sempre que me era possível. É claro que a situação de sua irmã é mais delicada, devido às intenções dos mestres das sombras. Mas eu creio que, assim como meu amigo conseguiu superar as suas provas, sua irmã também conseguirá.

- Obrigada, Alfredo. Tenho confiança de que poderemos auxiliar minha irmã a superar essa situação.

- Já tem notícias de seu marido?

- Eu soube que ele está, cada vez mais, se deixando influenciar pelas sombras que acompanham Madalena. Enquanto eu não conseguir fazer Madalena tomar consciência de seu estado, ficarei torcendo para que Júlio não aja de forma incorreta.

- É uma pena que as pessoas encarnadas ainda não tenham tomado consciência de que os seus atos estão todos interligados. Se soubessem o quanto uma ação ou um sentimento afeta os outros, todos seguiriam no caminho do bem.

- Pois é, Alfredo. É difícil as pessoas compreenderem esse elo que nos une. Veja o caso de minha irmã. Mesmo tendo desencarnado, ela ainda continua presa a Júlio e tem por ele um sentimento tão forte, que todos os seus pensamentos seguem ao encontro dele. Como ela

não seguiu um caminho correto quando encarnada, acabou vinculando-se a várias energias negativas. Estas, por acompanharem Madalena e reagirem de acordo com suas emoções, acabam sendo enviadas a Júlio, mesmo que ela nem tenha conhecimento de seu estado atual.

- Por isso devemos continuar o nosso trabalho e seguir firmes no auxílio à libertação desses irmãos. Só assim poderemos amenizar os caminhos que surgem diante de cada um - concluiu Alfredo.

20. O PLANO DE JÚLIO

- Então, Cláudio, se anime! O final de ano já está quase aí, vamos torcer para que o próximo ano seja tão bom quanto este que está encerrando.

- É verdade, tio, você tem razão. Prometo que vou tentar me animar.

- Isso mesmo, Cláudio, bola pra frente! E, falando em ano-novo, eu estava conversando com sua tia, e nós gostaríamos que você e sua mãe viessem passar este final de ano conosco. Vai ser bem legal!

- Com certeza, tio. Eu vou falar com a minha mãe hoje e ver o que ela acha, mas tenho certeza de que ela irá gostar da ideia.

- Ah! Cláudio, ontem eu conversei com o patrão e ele me disse que vai nos dar folga amanhã, dia 31, também. Ele sabe que trabalhamos bem e que esse dia não irá prejudicar a plantação.

- Olha, devemos ter trabalhado bem mesmo, tio, porque ele nos dar folga nesse dia é algo bem difícil. Bem, vamos aproveitar, então... Então tá, tio, eu vou falar com minha mãe e amanhã dou um pulo na sua casa pra lhe dar a resposta.

- Está certo. Ah! Cláudio, diga a ela que não precisa se preocupar em levar nada. A Marisa vai fazer bastante coisa. Sabe como a sua tia é, ela adora fazer muitos quitutes.

- Mesmo assim, tio, sabe que minha mãe vai fazer questão de levar algo. Mas eu vou falar com ela. De repente ela prefere ir lá conversar pessoalmente com a tia e combinar alguma coisa...

- Bem, faça isso, Cláudio. Veja o que ela acha melhor. Mas diga que fazemos questão que vocês dois venham, tá?

- Pode deixar, tio. Então até amanhã.

- Até amanhã!

Parecia que Alberto havia conseguido fazer seu sobrinho finalmente se esquecer, pelo menos por um tempo, do que havia acontecido. Será que Cláudio conseguiria ter um momento de paz? Parecia que esta ainda não seria a hora, pois Júlio havia encontrado uma maneira de eliminá-lo.

- *É isso! Desta vez aquele fedelho me paga! Vou mostrar com quem ele está lidando! Amanhã comprarei tudo de que preciso! Tenho certeza de que desta forma ele não irá escapar!* - arquitetava Júlio.

Chegando em casa, Cláudio foi logo contando as novidades a sua mãe:

- Mãe, hoje, conversando com o tio Alberto, ele me disse que a tia nos convidou para passar o final de ano na casa deles. O que a senhora acha?

- Acho que vai ser divertido. No ano passado a sua tia já queria que nós fôssemos passar com eles. Só não fomos mesmo porque surgiu um imprevisto na última hora. Mas neste ano nós iremos, sim.

- E o tio falou que não precisa se preocupar em levar nada. Disse que a tia Marisa quer fazer bastante coisa.

- Bem, de qualquer forma, Cláudio, não quero chegar lá de mãos vazias. Acho que vou fazer algum doce para levar. O que você prefere?

- Por mim pode ser qualquer um, mãe. O que a senhora fizer estará ótimo. Não seria bom a senhora passar lá na casa da tia e ver o que a gente poderia levar?

- Não sei. Sabe como é a sua tia, ela não irá querer que a gente leve nada. Faça o seguinte, deixa que eu me viro, só diga a seu tio que nós iremos, sim.

- Está bem, mãe. Outra coisa: A senhora acredita que o patrão nos deu folga amanhã, véspera de ano-novo, também? Ele disse que trabalhamos bem e que não vê problemas em tirarmos esse dia de folga.

- Nossa! Que maravilha, Cláudio! Seu patrão é muito legal, ele sempre pensa em vocês. Vai ser bom, você poderá descansar, não é?

- Na realidade ainda não parei para pensar no que vou fazer. Foi tão de repente que ainda não pensei em nada.

- Então está certo, filho. Agora vá se banhar para podermos jantar.

- Está bem, mãe.

- *Ai, graças a Deus, Cláudio parece ter esquecido o que aconteceu. Partia-me o coração vê-lo daquele jeito. Ele é tão dedicado e trabalhador, não merecia o que estava passando* – pensou Dona Marta.

No plano espiritual, Cássius é informado sobre a partida da equipe de Alfredo:

- Cássius, acabo de saber que foi aprovada a partida de Alfredo e sua equipe às regiões inferiores – disse Dionísio.

- Fico feliz que nossos irmãos já tenham conseguido se recuperar e estejam dispostos a mais uma jornada, Dionísio. Você sabe de Matilda?

- Soube que, após os preparativos, Matilda tentará vir ao seu encontro. Como não sabe o tempo de que irão necessitar, creio que ela deseje lhe passar algumas orientações.

- Ficarei muito feliz com sua presença e de poder contar a ela que finalmente nosso querido Cláudio conseguiu se lembrar de que tem uma família muito boa, que precisa dele.

- Cássius, você acredita que Júlio irá conseguir prejudicar Cláudio como disse?

- Bem, Dionísio, infelizmente, vindo de Júlio, nós podemos esperar qualquer coisa. Mas eu estou bem atento. Não irei me afastar

de Cláudio nem por um instante.

No dia seguinte, Júlio dá início a seu plano para acabar com Cláudio. Ele segue de madrugada a sua casa para que ninguém o veja, pois ainda tem receio de que os moradores o persigam.

- Ah, aqui está. Sabia que isto ainda iria ser bem útil. Agora é só dar um jeito de colocar esse veneno em algo que aquele fedelho não vá recusar. Mas o que pode ser? Já sei: vou colocar em um doce; ele nem vai imaginar que está envenenado. Desta vez esse moleque vai receber o que merece. Mas como farei para entregar a ele, sem que desconfie? A não ser que eu deixe em sua casa... Pois é isso que eu vou fazer. Eu sei onde ele mora, vou deixar em frente à casa dele, com um bilhete de "boas festas". Ele nem irá desconfiar, já que nesta época costuma-se dar presentes. É isso! Desta vez você me paga, seu moleque intrometido - planejava Júlio.

- Bom-dia, mãe.

- Bom-dia, Cláudio. Levantou cedo, meu filho, pensei que fosse aproveitar sua folga para descansar.

- Eu até pensei em dormir até tarde, mas não consegui ficar na cama. Eu quero aproveitar para passar na casa do Alê. Naquele dia, na igreja, nós nem conseguimos conversar direito. Além do mais, quero desejar-lhe um bom ano novo. Só espero não chegar lá muito cedo.

- Vai, sim, Cláudio. Tenho certeza de que o Alê irá gostar muito da sua visita.

- Pois é, mãe. Já tem um tempão que tenho vontade de ir vê-lo. Lembro de quando nós acordávamos cedo para jogar bola lá no campinho. Bons tempos aqueles... Mãe, a senhora já decidiu se vai mesmo fazer algo para levar hoje à noite?

- Vou sim, Cláudio. Irei fazer um bolo e talvez uma torta também. Aproveitando que você vai sair, diga a seu tio que chegaremos assim que começar a anoitecer, tá?

- Pode deixar, mãe. Eu já ia mesmo passar na casa do tio depois de falar com o Alê.

- Mas, Cláudio, por que você não faz o contrário? Passe primeiro no seu tio e depois aproveite o dia com o Alê. Assim você fica mais tranquilo.

- Tem razão, a senhora está certa, mãe. Eu não havia pensado dessa forma. Farei isso então. Mas a senhora não quer ajuda para preparar o bolo?

- Não se preocupe com isso. Vá aproveitar o seu dia de folga e deixe que eu faço as coisas aqui.

- Está bem, mãe. Eu vou lá, então.

- Tá, não tenha pressa, Cláudio.

- Pode deixar, mãe.

Enquanto Cláudio seguia para casa de seu tio, eu ia para a igreja, tentar me encontrar com Elisa, a fim de descobrir qual a sua ligação com Júlio. No caminho, pensava:

- Puxa vida, ontem eu esperei o dia inteiro e aquela garota não saiu da igreja. Será que ela está dormindo lá? Ou saiu justamente quando fui ao barbeiro? Hoje eu descubro. Só espero que o padre não me veja. Tenho certeza de que ele iria me reconhecer e não quero ficar ouvindo aquela velha ladainha que ele sempre fala. Credo! Só de lembrar já me dá ânsia.

Por ser cedo, o padre ainda não havia chegado à igreja e Elisa havia-se encarregado de abri-la.

- Nossa, o dia hoje também está tão lindo! Espero que o ano que vem chegando também traga belos dias como este. Falando em final de ano, acho que ficarei aqui mesmo, na igreja, com meu irmão. Não estou bem para ir para casa e ficar com meu pai. A ferida que ele abriu ainda está bem dolorida. Além disso, mesmo que as coisas estivessem bem lá em casa, a gente não faria nada mesmo, meu pai nunca gostou de festividades. Bem, deixe-me já começar a limpar a igreja porque daqui a pouco o padre Antônio vai chegar – refletia Elisa.

- Acho que desta vez aquela garota não vai se assustar com a minha presença. E também tenho certeza de que ela vai gostar destas flores. Toda mulher gosta de receber flores... – pensei, aproximando-me para entrar na igreja.

- Oi, moça, desculpe atrapalhar seu serviço. Você trabalha aqui na igreja? – indaguei a Elisa.

- Sim, trabalho, sim. Em que posso ajudá-lo?

- Então, na realidade eu vim para confessar os meus pecados, sabe? Não é que eu tenha muitos pecados, mas gosto de ser um bom cristão.

- Bem, o padre ainda não chegou, mas logo ele estará aqui... Espere, nós já nos conhecemos? - questionou Elisa.

- Pois é, na realidade nos conhecemos, sim. Não posso mentir, eu vim aqui por sua causa. Nós nos conhecemos ontem, lá perto da praça, lembra?

- É verdade. Eu nem o reconheci sem barba. Tudo bem? Em que posso ajudá-lo?

- Não sei se você se lembra, mas sou novo aqui na vila, sabe? E ainda não conheci ninguém. Eu vim aqui hoje para me desculpar por ontem. Eu cheguei sem avisar e fui logo puxando assunto. Você me desculpa, viu? Inclusive, eu lhe trouxe estas flores para provar que estou arrependido.

- Imagina, moço, não precisava se incomodar. Muito obrigada, são lindas. Eu adoro flores.

- Não se preocupe, não, moça. Eu tinha obrigação de me desculpar. Nossa, perdão, que cabeça a minha! Estamos conversando e não me apresentei. Muito prazer, sou Matheus.

- Prazer, Matheus, eu me chamo Elisa.

- Mas que nome lindo... Igual à dona.

- Ah... que é isso moço? - disse Elisa, encabulada. - E você veio aqui para a nossa vila tem quanto tempo?

- Faz quase um mês que me mudei para cá. Eu morava na cidade vizinha e tive de vir para cá atrás de emprego. A firma onde eu trabalhava fechou, aí as coisas ficaram difíceis e tive de vir para cá.

Eu estava inventando uma história para que Elisa não desconfiasse de que eu já morava ali na vila, havia algum tempo, com meu pai. Apesar de ser uma vila pequena, eu nunca havia visto Elisa. Mesmo na época em que ajudei o padre na igreja, jamais cruzei com ela. Depois que meu pai faleceu, eu me isolei por algum tempo. Cheguei a dormir na cidade vizinha, onde comecei a tomar consciência do que eu realmente deveria fazer. Aproximar-me dessa garota era fundamental para conseguir descobrir algo que forçasse Júlio a unir-se a mim.

- Mas e você, Elisa, mora aqui perto?

- É uma longa história, Matheus. Na realidade, eu estou morando aqui na igreja com meu irmão mais novo. Tivemos uns problemas familiares e acabamos tendo de vir para cá.

- Nossa! Eu sinto muito. Não queria fazê-la se lembrar disso. Me desculpe...

- Não, tudo bem, fique tranquilo. Mas você mora aqui na vila com seus pais?

- Sim, sim, moro com meus pais. Nós somos uma família muito unida e feliz.

- Mas, e seu pai? Ele também teve de mudar de emprego?

- É... meu pai? Ah... sim... nós trabalhávamos no mesmo lugar. Foi isso, sabe? Por isso nós tivemos de vir para cá.

- Ah, tá, entendi... Nossa, quem diria, não é? Já é o último dia do ano. Como este ano passou rápido, não?

- É verdade, nem me fale. E lá na sua casa vocês costumam fazer festa para a virada do ano? - perguntei.

- Nós nunca fomos de fazer festa, sabe? Antigamente até fazíamos, mas depois que minha mãe faleceu, nós nunca mais fizemos.

- Perdoe-me, Elisa. Cá estou eu tocando em assuntos delicados novamente. Não foi a minha intenção. Sinto muito.

- Não, tudo bem. Já faz tempo que minha mãe faleceu. E também, é como lhe disse: tivemos uns problemas em casa e estamos ficando aqui na igreja por enquanto. Por isso não vai haver nada.

- Compreendo. Eu sinto muito.

- Mas e você, Matheus? Costumam festejar na sua casa?

- Lá em casa, é... bem... Na realidade, nós também não comemoramos. E também, os meus pais nem estão em casa, estão viajando, e eu fiquei por aqui mesmo.

- Nossa! Eles foram viajar e você ficou aqui sozinho? Vejo que vocês não comemoram mesmo. Mas você não ficou chateado?

- Eu, chateado? Não, não... Eles precisaram viajar e eu nem poderia ficar chateado...

- Entendo. Ah, veja Matheus, lá vem vindo o padre. Vai aproveitar para se confessar?

- O quê?! O padre?! É... Elisa, eu lembrei de uma coisa que esqueci de fazer. Você me desculpe, mas eu preciso ir, tá? Foi um enorme prazer reencontrá-la. Até mais!

- Está bem. Até mais, então.

- Puxa, essa foi por pouco. Já pensou se aquele padre me pegasse aqui? Iria se lembrar de mim, aí contaria que eu trabalhei com ele. Então Elisa iria saber que eu menti. Ufa, essa foi por pouco. Mais tarde eu volto, quando ela estiver sozinha. - pensei.

- Olá, Elisa, tudo bem? Quem era aquele rapaz? - perguntou o padre, chegando à igreja.

- Era um rapaz que conheci. Ele se mudou aqui para a vila tem pouco tempo e não conhece ninguém ainda.

- Entendi. Mas por que ele saiu assim tão depressa? Parecia estar fugindo.

- Não entendi muito bem. Disse que se lembrou de algo que se esqueceu de fazer.

- Devia estar com pressa mesmo. Faça-me um favor, Elisa, diga a ele que eu gostaria muito de conhecê-lo. Eu quero lhe dar as boas-vindas aqui à nossa vila.

- Tudo bem, pode deixar, padre.

- Ah! Elisa, como você sabe, hoje é o último dia do ano e gostaria de saber se você vai até a sua casa para passar a data com seu pai. Eu sei que está sendo difícil superar tudo o que houve, mas este poderia ser um bom momento, não acha?

- Pois é, padre, isso passou pela minha mente. Mas eu ainda me sinto mal com tudo o que aconteceu, e acho que prefiro ficar aqui na igreja mesmo. Se o senhor não se importar, é claro.

- Não, de maneira alguma, Elisa, você sabe muito bem o que é melhor para você. Só acho mesmo uma pena. Bem, de qualquer forma, eu estarei lá em casa com meu irmão. Não teremos nenhuma fartura, mas ficaria muito contente se você e seu irmão viessem ficar conosco.

- Muito obrigada, padre. Não precisa se preocupar. Vou esperar meu irmão acordar, aí eu converso com ele.

- Está bem, minha filha. Só não quero que vocês dois fiquem aqui sozinhos por acharem que iriam incomodar se fossem juntar-se a nós. Vocês são muito bem-vindos lá em casa. Meu irmão ficaria muito contente se vocês fossem.

- Obrigada novamente, padre. Mas prefiro esperar mesmo o Pedro acordar, se não se incomoda.

- Está certo, Elisa. Então venha, vamos entrar porque no dia de hoje muitos fiéis costumam vir à igreja.

Longe dali, o pai de Elisa finalmente havia conseguido tudo que precisava para executar seu plano. Enquanto preparava tudo, pensava:

- Prontinho, ficou ótimo. Aquele fedelho nem irá notar que coloquei veneno dentro deste doce. Assim que ele comer, pronto, adeus moleque maldito. Agora só falta escrever um cartão bem bonito de final de ano, e pronto! Eu já vi de onde aquele frangote saiu e, agora que sei onde mora, é só deixar lá.

21. A CHEGADA DE UM ANJO

- Olá, com licença, tio Alberto, é Cláudio.

- Só um segundo... Agora sim. Oi, Cláudio! Tudo bem com você? Levantou cedo! Pensei que fosse aproveitar a folga para dormir até tarde.

- É costume mesmo, tio. E também eu quis aproveitar hoje para ir visitar o Alê; faz tempo que não colocamos a conversa em dia.

- Mas venha, Cláudio, entre. A sua tia acabou de passar um café.

- Não se incomode, tio. Eu só vim mesmo para confirmar que nós viremos hoje, sim. A minha mãe concordou em passarmos o ano-novo aqui com vocês.

- Sério? Que legal, Cláudio! Sua tia Marisa vai ficar bem contente.

- Verdade, tio, vai ser bem divertido. Ah, e minha mãe disse que viremos assim que começar a escurecer, tá?

- Tudo bem, Cláudio, sem problemas.

- Então tá, tio, eu já vou indo, então.

- Está certo, Cláudio. Até a noite, então.

- Até mais, tio.

No plano espiritual, Cássius e Dionísio estavam preocupados com os fatos ocorridos.

- Cássius, estou temeroso com relação ao plano de Júlio para envenenar Cláudio. Precisamos fazer algo.

- Tem razão, Dionísio. Não imaginava que Júlio fosse agir tão maldosamente e tão rápido. Nenhuma das minhas intenções se aproxima dele. Seu campo vibratório já está quase que totalmente tomado pelas energias emanadas das sombras. Vamos torcer para que Matilda obtenha êxito o mais rápido possível. Mas, falando em Matilda, você sabe se já partiram?

- Pelo que sei, até o momento não. Ainda aguardam uma confirmação.

- Compreendo. Bem, só nos resta então continuar a auxiliar Cláudio na medida do possível.

- Outra coisa que me preocupa é a aproximação de Matheus e Elisa.

- Infelizmente, não tive como evitar dessa vez. Tentei fazer com que Elisa não aceitasse conversar, mas a energia negra que emana de Matheus conseguiu se sobrepor à minha vibração e nada pude fazer. Felizmente, consegui fazer o padre chegar rápido à igreja e querer conhecer Matheus. Mas não se abale com esses eventos; estarei bem próximo tanto de Cláudio quanto de Elisa. Sei que seus caminhos ainda irão se cruzar.

- Bem, Cássius, vamos orar, então.

Algum tempo depois, Cláudio finalmente chegava à casa de seu amigo Alê, pensando:

- Espero não atrapalhar. Sei que, no dia de hoje, muita gente costuma ficar na correria por causa da passagem de ano. Vou bater palmas.

- Ó de casa! - gritou Cláudio.

Não demorou muito para que seu amigo Alê abrisse a porta e se surpreendesse com a visita inesperada.

- Nossa, Cláudio! Você por aqui, que surpresa!

- Oi, Alê, tudo bem? Aquele dia, na igreja, não conseguimos conversar direito, então pensei em vir aqui hoje. Não estou atrapalhando, estou?

- De jeito nenhum, meu amigo. Venha, entre.

- Obrigado. Sabe, Alê, a minha mãe me fez ver o quanto eu havia me isolado. É que tenho me dedicado muito ao serviço, sabe? Eu nunca quero que falte nada à minha querida mãe.

- Você está certo, Cláudio. Mas também não se esqueça de que o ser humano não vive só de trabalho. Tem que ter também um pouco de distração, senão acaba pirando.

- Isso é verdade, Alê. Às vezes eu fico tão focado no trabalho, que até me esqueço de que tenho uma vida fora dele. Bem, mas a minha visita é por causa de outro assunto. Na realidade, eu queria

desabafar o que tem acontecido comigo. E também pedir uma opinião sobre o que devo fazer.

- Xi, Cláudio, por essa sua cara, aposto que é sobre alguma garota, não é? É aquela menina da igreja, não é, meu amigo?

- Pois é, Alê. Está tão na cara assim, é?

- Não, não é isso, não. Esqueceu-se que nos conhecemos há anos?

Cláudio e Alê conversaram praticamente o dia todo. Falaram sobre vários assuntos, lembraram situações do passado, mas discorreram principalmente sobre a grande decepção que Cláudio havia sofrido com Elisa e os desentendimentos com seu pai. Cláudio ainda não conseguia se conformar com o fato de a garota por quem havia se apaixonado perdidamente não compartilhar do mesmo sentimento.

- Mas a vida é assim mesmo, meu amigo. Nem sempre nós conseguimos ter aquilo que desejamos. Não vou dizer para você partir para outra, porque imagino a dor que está sentindo. Por isso, eu não concordo com seu tio Alberto de que você deve se afastar dela.

- Mas, então, o que eu devo fazer, Alê?

- Eu acho que você deveria continuar essa amizade com ela. Até entendendo o lado dela, de ter pai e irmão para cuidar. Você também não pode exigir que ela compartilhe do mesmo sentimento que o seu. As pessoas precisam ser conquistadas. Você deve ser sempre

um companheiro, um bom amigo, alguém que está presente sempre que ela precisar. Vá com calma, Cláudio. Você foi muito afobado. Compreendo que um amor assim, à primeira vista, é algo difícil de ocorrer, mas dê tempo ao tempo.

- É verdade, Alê, você está certo. Eu coloquei tudo a perder quando exigi dela uma resposta. Mas quanto tempo você acha que eu devo esperar por ela?

- Na realidade, não existe um tempo, meu amigo. Tanto pode ser amanhã quanto daqui a um bom tempo, ou talvez ela até nem queira isso para si. Não quero desanimá-lo, mas você deve considerar essa hipótese também. O fato é que, se esse sentimento é ou não recíproco, isso só o tempo dirá. Siga o meu conselho e tenha paciência, meu amigo.

- Tem razão, Alê. Eu vou me desculpar com a Elisa e dizer que o mais importante é mantermos a nossa amizade. Nossa, mas o tempo passou voando. Eu preciso ir. Prometi ao meu tio que estaríamos na casa dele quando começasse a escurecer, e o sol já está quase se pondo.

- Tudo bem, Cláudio. De qualquer forma, vê se aparece mais vezes. Não se esqueça novamente dos amigos.

- Desculpe-me, Alê. Prometo que vou aproveitar mais o meu tempo livre. Então, uma boa passagem de ano para você e que o

próximo ano seja tão bom quanto foi este, ou melhor. Ah! E agradeça a sua mãe pelo almoço, estava ótimo.

- Pode deixar, agradeço, sim. Mas você não vai se despedir dela e do meu pai?

- Eu prefiro não atrapalhar; ela e seu pai ficaram quase o dia todo na cozinha; nem me atrevo a ir incomodá-los, coitados. Mas agradeça-lhes por mim e diga-lhes que lhes desejo um feliz ano-novo.

- Está certo, você que sabe. Então, um feliz ano-novo para você também e que você consiga realizar seus objetivos, meu amigo. Dê feliz ano-novo a sua mãe e a seus tios também, tá?

- Pode deixar. Até mais, Alê.

- Até mais, Cláudio.

Enquanto se dirigia para casa, pensando se seria uma boa ideia ir falar com Elisa, Cláudio é surpreendido pelo choro desesperado de um cachorro, vindo do meio da mata, à beira da rua. Preocupado, ele corre para ver do que se trata. Ao se aproximar, Cláudio percebe que o choro desesperado vinha de um velho cachorro que havia ficado preso em um fio de arame farpado que estava jogado no meio da mata. Cláudio não pensa duas vezes e corre para tentar ajudá-lo.

- Ei, calma, amigo, não se assuste, tá? Eu vou tirar você daí.

O velho cão parecia estar preso ali havia algum tempo, pois pouco se mexia para tentar se soltar. Parecia estar bem cansado e

fraco. O arame havia lhe prendido uma das patas, a qual parecia estar muito machucada.

- *Ai, meu Deus, quem foi o irresponsável que jogou isto aqui? Qualquer um poderia ter ficado preso nisto* – refletiu Cláudio.

- Só mais um pouquinho... Não chore, amiguinho, sei que está doendo, mas aguenta firme que já estou quase lhe soltando. Ah, pronto! Consegui. Nossa, como você conseguiu ficar tão enrolado nisso? No mínimo deve ter tentado se soltar e foi ficando cada vez mais preso, não é? Mas e agora, o que vou fazer? Não posso ir embora e deixar você aqui. Preciso dar um jeito nessa ferida, da maneira que está você não vai resistir muito tempo, meu amigo. Venha, eu vou levá-lo para casa, sei que minha mãe irá entender – disse Cláudio, dirigindo-se o mais rápido possível para casa e esquecendo a vontade de ver Elisa.

Enquanto Cláudio seguia para casa, eu me dirigia até a igreja disposto a fazer companhia à garota Elisa, caso ela não tivesse ido passar o ano-novo na casa do padre. No fundo, eu não apenas planejava obter mais informações com ela, como também queria conversar com alguém. Não que eu achasse que precisasse de alguém, mas havia sentido algo diferente naquela garota. Não sabia o que era, mas, quando estava ali com ela, sentia-me como se estivesse junto de minha falecida mãe.

- Mamãe, mamãe! - gritou Cláudio enquanto entrava em casa.

- Nossa, mas o que foi, meu filho? Aconteceu alguma coisa? - perguntou Dona Marta.

- Mãe, eu preciso de ajuda! Este cão estava preso em um arame e está todo machucado. Não pude deixar de ajudá-lo e pensei em trazê-lo para cá, para cuidar de seus ferimentos.

- Fez muito bem, Cláudio. Deixe-me ver como está. Coloque-o aqui.

- Então, mãe, ele estava chorando, preso no arame que estava jogado na mata. Eu tinha de fazer alguma coisa.

- Ainda bem que você o trouxe pra casa. Do jeito que ele está, duvido que aguentasse por muito tempo.

- E então, mãe, ele vai ficar bom?

- Bem, vamos limpar isso aqui para não infeccionar. Talvez eu tenha que dar um pontinho, pois esse ferimento foi muito profundo.

- E o que eu posso fazer para ajudar, mãe?

- Pegue para mim uma agulha e uma linha de costura. Ah, e pegue também alguma das tiras de tecido que devem estar junto... - pediu Marta. - Não se preocupe que a gente vai dar um jeito nisso, tá, meu amigo? - disse ao velho cão.

- Prontinho, mãe, aqui está.

- Tá, quero que você segure as patas dele enquanto eu amarro sua boca. Ele está fraco, mas pode ser que não goste quando eu

cutucar com a agulha.

- Pode deixar, mãe.

Algum tempo depois, após terem começado a tratar do velho cão, finalmente pareciam ter terminado os curativos.

- Prontinho, meu filho. Tive de dar dois pontos. Agora vamos rezar para que não infeccione.

- Nossa, muito obrigado, mãe. Me perdoe por ter dado esse trabalho pra senhora...

- Que é isso, meu filho... É o mínimo que eu podia fazer. Vamos aproveitar que ele parece estar mais calmo e ver se ele come algo. Está tão magrinho. Pegue um pouco de leite e alguns biscoitos, Cláudio.

- Pronto, aqui está, mãe. Será que ele vai comer? Está tão quietinho, estou preocupado.

- Coloque aqui, Cláudio. Vamos deixar ao lado dele. Acho que, assim que ele tiver descansado, deverá comer um pouco. Tenhamos calma, meu filho, o susto que ele passou foi grande e ele ainda deve estar sobressaltado.

- Vamos esperar, então, mãe. Eu vou tomar banho, então, para podermos ir à casa do tio, tá?

Chegando à igreja, eu, Matheus, estava receoso de entrar. Temia que o padre estivesse lá com Elisa. Não podia deixar que ele me

visse e me desmascarasse. O jeito era espiar.

- *Ah... droga, lá está ele. Será que vai ficar aqui com ela?* - pensei.

- Então, Elisa, você não quer mesmo vir comigo à casa de meu irmão? - perguntou-lhe o padre.

- O senhor me desculpe, mas eu prefiro ficar aqui mesmo. Conversei com o Pedro, e ele também prefere.

- Bem, está certo, então, Elisa. Se sentirem fome, comam este pão que eu trouxe. Não é muito, mas ficou bem gostoso.

- Muito obrigada, padre. Não se preocupe, nós vamos ficar bem. Esta não é a primeira vez que ficamos sozinhos nesta data. Depois que minha mãe faleceu, meu pai parou de comemorar as festas conosco. Então, um feliz ano-novo para o senhor, padre.

- Até amanhã.

- *Pronto, esta é a minha chance. Pelo jeito o padre não irá ficar com eles. É só esperar ele sair, e então eu entro. Deu o maior trabalho conseguir esta comida aqui, espero que valha a pena* - pensei.

Enquanto isso, Júlio tinha acabado de deixar o doce com veneno na frente da casa de Cláudio, com um cartão destinado a ele, parabenizando-o pelo ano que chegava.

- *Pronto, assim que eles abrirem a porta e virem este doce, não irão recusar. Ainda mais com um cartão tão singelo quanto o que deixei. Seu tempo aqui já era, seu fedelho. Você vai se arrepender de ter cruzado o meu caminho e ter me levado minha filha Elisa. Maldito moleque, espero que*

sofra e morra lentamente com esse veneno que coloquei no doce – pensou Júlio

- E então, mãe, o cachorro já comeu alguma coisa? – questionou Cláudio, voltando do banho.

- Não, ainda não. Pelo menos ele parece estar melhor. Já se levantou e ensaiou alguns passos. Inclusive até já marcou território em meu sofá – respondeu Marta, rindo.

- Sério, mãe? Puxa, me desculpe. Bem, pelo menos sabemos que a bexiga dele funciona – brincou Cláudio.

- Vamos para a casa dos seus tios, Cláudio?

- Vamos, sim, mãe. Deixe-me apenas colocar o sapato e já poderemos ir.

- Eu fiz uma torta salgada e um bolo de frutas para levarmos. Espero que estejam bons.

- Vão estar, sim, mãe, não se preocupe com isso. Ah, veja... Olha que danado! Eu tentando amarrar aqui o meu sapato e ele mordendo o cadarço. Cachorrinho safado, comer biscoito e tomar leite não quer, mas morder meu cadarço quer, né?

- Ai, que bom, Cláudio. Fico feliz que ele esteja mais animadinho.

- Xi, olha que manhoso, mãe! É só tirar o cadarço que ele começa a chorar. Mas é muita folga, não é mesmo? Vamos, amiguinho, eu preciso do meu cadarço, tenho que sair.

- Pelo jeito, ele não vai largar, Cláudio. Acho que ele quer brincar, deve ter ficado muito tempo sozinho. Também, coitado, quem sabe o que pode ter acontecido a ele para estar na rua? Você quer levá-lo conosco, meu filho?

- Ah, não sei, mãe. A senhora acha que a tia Marisa não vai se importar se aparecermos com um cachorro lá?

- Acho que não, Cláudio. Não se lembra de que sua tia já teve um cachorro antes, que fugiu? Quem sabe eles não o adotam?

- Bem, se a senhora acha que eles não vão brigar, então vou levá-lo. Pelo menos ele não fica mais sozinho do que já estava.

- Então vamos, porque já estamos atrasados, Cláudio. Deixa que eu levo a comida e você leva o nosso amiguinho.

- Deixa que eu abro a porta, mãe.

Nesse momento, Cláudio vê o doce deixado na porta.

- Hã?! Mas o que é isto? Parece que deixaram algo aqui na porta.

- Mas o que é, Cláudio?

- Não sei, parece um doce e tem também um cartão. Aqui diz: "Neste dia de hoje, mais uma vez estamos todos em festa e confiantes de que o ano que chega trará muitas alegrias e novas oportunidades para que consigamos atingir as nossas metas. Com o intuito de nos unirmos em uma única vontade, a do amor, da caridade e da bondade, nós lhe entregamos esta simples oferta, querido Cláudio. Pedimos que aceite humildemente o singelo

presente que enviamos nesta data. Somos uma forte corrente de orações e do bem. Você, querido amigo, está recebendo este doce como forma de carinho pelos grandes serviços prestados como filho e cidadão de nossa querida vila. Desejamos a você um feliz ano que se aproxima, recheado de muita paz e muita alegria. Pedimos para que não recuse a nossa oferta, querido Cláudio. Este doce é endereçado somente a você e a alguns outros poucos. Assinado: Amigos do bem”.

- Puxa, Cláudio, você está importante, hein, meu filho? Deve ser realmente especial para ser só para você.

- Que estranho, mãe, eu nunca ouvi falar desses “Amigos do bem”. Bem, vou comer, então.

- Não, Cláudio, espere! - gritou sua mãe. - Não coma agora, meu filho, senão vai estragar seu apetite, aí não vai aproveitar os doces que a Marisa certamente fez. Se quiser, pode levá-lo, mas coma só depois da festa, se ainda houver espaço...

- Está bem, então. Agora vamos, mãe.

22. UM FELIZ ANO-NOVO

- E agora, Cássius, o que faremos? O Cláudio levou consigo o doce envenenado! - no plano espiritual, perguntou Dionísio, preocupado.

- Não se preocupe, Dionísio. Não duvide dos planos do Senhor. Tenhamos fé de que nosso amigo irá escapar dessa maldade plantada por Júlio. Confiemos na vontade do Senhor. Ele não desampara seus filhos à própria sorte. Cláudio possui uma grande missão a ser cumprida, e sua jornada está apenas começando - respondeu Cássius, tranquilamente.

- Você tem razão, Cássius, nunca devemos duvidar dos planos do Senhor para com seus filhos. Olhe, veja quem se aproxima, é Matilda.

- Olá, queridos amigos. É sempre muito bom tornar a vê-los. Não poderia deixar de encontrá-los antes de minha partida.

- É muito bom vê-la também, Matilda. Soubemos que foi autorizada sua partida para as regiões inferiores - respondeu Cássius.

- É verdade, partiremos amanhã. A equipe de Alfredo já está pronta para me acompanhar. Eu vim até vocês para perguntar-lhes como anda a tarefa de nosso querido amigo Cláudio.

- Ah, está tudo indo muito bem. Cláudio e Elisa estão tendo um bom relacionamento e juntos seguem firmes em busca do refazimento de Júlio. Cláudio é um rapaz muito esperto e segue direitinho as minhas orientações. Não há com que se preocupar, Matilda - informou-lhe Cássius, sem titubear.

- Que bom, Cássius, não poderia me dar uma notícia mais agradável. Fico feliz em saber que nosso pequeno amigo Cláudio tem conseguido realizar a tarefa que lhe foi solicitada. Eu também espero que tenhamos êxito em nossa jornada nas regiões inferiores e que consigamos auxiliar minha irmã Madalena a criar consciência de si. Sei que a tarefa não será fácil e que os mestres das sombras que a acompanham conhecem a nossa intenção. Mas não nos desviaremos de nosso objetivo. Como não sabemos o tempo que ficaremos nas regiões inferiores, gostaria de lhe pedir humildemente, Cássius, que continue firme no seu trabalho e não deixe que nossos queridos irmãos encarnados passem por difíceis provações sem que ainda estejam totalmente preparados.

- Não se preocupe, Matilda, pode confiar em mim. Não desviarei nem por um instante minha atenção de nossos companheiros. Peço

que não mantenha sua energia voltada aos encarnados, e que apenas se concentre na sua jornada.

- Muito obrigada, meu querido amigo. Sei que posso confiar em você. Bem, eu já vou indo. Temos de nos manter concentrados para nossa partida. Fiquem com Deus, amigos.

- Que a senhora tenha êxito e que o Senhor a guie - respondeu Dionísio.

- Vá com Deus, minha querida amiga. Estaremos orando por você e pela equipe que a acompanha - disse Cássius.

Após se despedirem e desejarem mutuamente êxito em seus trabalhos, Dionísio questiona Cássius sobre o diálogo que tiveram.

- Cássius, não compreendo. Por que você disse a Matilda que estava tudo bem com os encarnados?

- Eu não podia dizer a Matilda que seu marido Júlio pretende eliminar Cláudio. Não quero que ela desvie sua atenção para isso. Seguir às regiões inferiores sempre requer muita concentração e uma quantidade elevada de energias. Ela deve se manter tranquila e focada nessa jornada para que consiga obter o máximo proveito. Por isso, preferi omitir certos detalhes sobre o que anda acontecendo com os nossos amigos.

- Entendi, Cássius. Você tem razão. Ela não deve mesmo se desviar de seu objetivo neste momento - concordou Dionísio.

- É como eu lhe disse: não duvidemos da vontade do Senhor para com seus filhos. Nós devemos ter fé e confiar.

No plano físico, após eu esperar por alguns minutos, finalmente o padre Antônio saiu da igreja e deixou Elisa e seu irmão sozinhos. Eu não via a hora de poder encontrá-la e saber mais sobre sua história. Só esperava que ela não se assustasse com a minha chegada e permitisse que eu ficasse com eles.

- Até que enfim aquele padre chato a deixou. Pensei que fosse virar pedra de tanto esperar. Vou bater na porta e ver se posso ficar com ela - pensei.

Não demorou muito para que Elisa surgisse e me atendesse.

- Nossa, mas o que faz por aqui a uma hora dessas, Matheus? - questionou Elisa, surpresa em me ver.

- Bem, eu nem sei como dizer, Elisa. O fato é que, como lhe disse, meus pais não estão em casa e estou sozinho. Então pensei em vir até aqui passar com você a virada de ano. Será que eu posso ficar?

- Eu não sei se seria uma boa ideia, Matheus. Estamos aqui na igreja de favor e não acho que o padre Antônio gostaria que eu deixasse alguém entrar sem a permissão dele - lamentou Elisa.

- Por favor, Elisa. Eu não gostaria de passar esta data sozinho. Eu e meus pais sempre ficamos juntos neste dia, e esta é a primeira vez que fico só. Peço-lhe humildemente que me deixe ficar. Olhe, eu

trouxe algumas coisas para comermos. Tem suco, fruta, doce. Por favor... – implorei.

- Ai, meu Deus, o que eu faço? Bem, está certo, Matheus, vou permitir que passe conosco, mas gostaria que fosse embora quando nós formos dormir, está bem?

- Claro, vou sim. Só de passar a chegada do novo ano com vocês, já vai ser ótimo. Muito, muito obrigado, Elisa.

- Tudo bem, então. Venha, não fique aí fora, vamos entrando.

Enquanto eu finalmente havia conseguido convencer Elisa a me deixar ficar, Cláudio e sua mãe acabavam de chegar à casa do tio Alberto.

- Olá, tio. Tudo bem com você? – cumprimentou Cláudio.

- Tudo ótimo! Que bom que vocês vieram! Marisa já estava ficando preocupada.

- Desculpe pela demora, meu irmão. Tivemos um pequeno problema e não teve como evitar o atraso – respondeu Dona Marta.

- Como assim “problema”, minha irmã? Aconteceu alguma coisa?

- Foi o nosso pequeno amigo aqui. Este cão se machucou e Cláudio o levou até em casa para o socorrermos. Meu irmão, será que fica ruim para vocês permitirem que entremos com ele? Não podíamos deixá-lo sozinho.

- Mas que é isso, minha irmã? De maneira alguma seria ruim! Sabe que eu e a Marisa adoramos cachorro. Podem entrar com ele, sim. Agora venham, não fiquem aí no frio... Marisa, veja quem chegou - anunciou Alberto, entrando em casa.

- Ah! Olá, Marta, tudo bem com vocês? Que bom que vieram! Fazia tempo que não aparecia aqui, hein, Marta?

- Pois é, minha cunhada, é a correria do nosso dia a dia.

- E você, Cláudio, tudo bem também? Vejo que trouxe um amiguinho. Quem é esse? - perguntou Marisa, vendo o cão.

- Eu o encontrei hoje, tia, quando retornava para casa. Ele estava preso em um arame farpado no meio do mato, chorando e desesperado. Não pude deixar de ajudá-lo e o levei para casa, para fazermos curativos em suas patas que estavam bem machucadas. A gente o trouxe para que não ficasse sozinho em casa.

- Hum, entendi. Posso segurá-lo? - pediu Marisa.

- Claro, tia, pode sim, ele é bem mansinho.

- Ah... como ele é fofinho! Pela sua carinha, dá para ver que ele é bem velhinho. Deve ter sido bem maltratado, tem uns machucados nas costas. Será que ele tem dono?

- Acho que não, tia, ele está bem magrinho para ser de alguém.

- Inclusive, Marisa, nós tentamos lhe dar de comer, mas ele não quis nada - comentou Dona Marta.

- Bem, vamos pegar um pouco de leite, eles sempre gostam. Alberto, pega para mim uma vasilha e coloca um pouco de leite morno, por favor - pediu Marisa.

Na igreja, junto de Elisa, eu acabava de conhecer o pequeno Pedro e notei que não fui bem recebido.

- Então, você é o grande Pedro? Sua irmã me falou de você, disse que é você quem cuida dela. É isso aí, nós homens temos de tomar conta das mulheres, sempre. Tudo bem com você? O que foi? Está tímido ou o gato comeu sua língua? - indaguei, tentando fazê-lo sorrir - Xi... pelo jeito acho que ele não gostou de mim, Elisa.

- Que é isso, Pedro? Não seja mal-educado! Responda para o moço! Você não é de fazer isso - pediu-lhe Elisa.

- Boa-noite, moço - respondeu Pedro em tom de desagrado.

- Ah... falou. Então você fala! Que bom! Meu nome é Matheus, muito prazer, Pedro.

- Não se preocupe, Matheus, eu acho que meu irmão está tímido, verá como daqui a pouco passa.

- Tudo bem, Elisa, eu sei como são as crianças. Eu também já fui uma, sabia? - brinquei, tentando descontrair o ambiente.

- Pedro, o Matheus é um amigo e veio há pouco tempo para a nossa vila, por isso não tem muitos conhecidos. Então ele vai ficar hoje aqui com a gente, tá?

Enquanto nós nos preparávamos para a chegada de um novo ano, no plano superior, Alfredo e sua equipe se reuniam para seguir em direção às regiões inferiores.

- Está tudo pronto, senhor, a partida de vocês já foi liberada. Podem seguir assim que desejarem - informou Jorge.

- Muito obrigado. Desta vez nós iremos somente em nove. Nosso companheiro Paulo não irá nos acompanhar, pois foi designado a permanecer em auxílio nas câmaras de refazimento - falou Alfredo.

- Está bem, senhor. Irei informar que somente nove partirão.

- Não, esperem, esperem! Eu irei com vocês também! - gritou Cícero.

- Cícero?! Você foi autorizado a nos acompanhar? - questionou Alfredo, surpreso.

- Sim, fui. Como Paulo não poderá acompanhá-los, eles permitiram que eu seguisse em seu lugar, uma vez que a partida de dez já havia sido liberada e que a sua ausência iria prejudicar sensivelmente o trabalho.

- Bem, quanto a isso, você tem razão, Cícero. A falta de um companheiro talvez nos prejudicasse realmente. Mas não creio que você já possa substituir Paulo em nossa jornada. Lembre-se de que você nunca seguiu até as regiões inferiores e que esse trabalho é um pouco mais delicado do que aqueles que você aprendeu em sua estada aqui conosco.

- Não se preocupe, eu estou pronto. Minha partida foi autorizada por saberem de minhas qualidades e compreenderem que já estou apto a seguir até as regiões inferiores.

- Bem, se a sua partida foi mesmo autorizada, então não devemos questionar. Só lhe peço, Cícero, que aja somente de acordo com as minhas ordens, está bem? Toda cautela é pouca em se tratando das sombras - lembrou Alfredo. - Bem, então vamos, Matilda já está nos esperando à beira dos portões.

- Maravilha! Consegui! Finalmente sairei daqui. Eu não aguentava mais ficar preso aqui, tendo de receber ordens. Quando chegar lá, eu vou aproveitar enquanto todos estiverem ocupados e fugir. Eles não fazem ideia de que fui eu quem disse a Paulo que ele havia sido escalado para ficar nas câmaras de refazimento - pensou Cícero.

Na casa de Alberto, todos não viam a hora da chegada do novo ano. Pela primeira vez em muito tempo, finalmente todos estavam juntos e aproveitando somente aquele momento.

- Você quer mais um pedaço de torta, Cláudio? - ofereceu sua tia Marisa.

- Claro, tia, eu quero, sim, está muito boa.

- E você, Marta, quer mais torta?

- Não, obrigada, Marisa, eu vou querer um pedaço desse doce que você fez. Ficou ótimo, depois me passe a receita.

- E o nosso amiguinho, será que ele já comeu algo? - questionou Marisa.

- Acho que não, tia. Ele está ali deitado desde que nós chegamos. Coitado, ele já está bem velhinho. Deve aproveitar pra dormir sempre que pode, ainda mais que aqui está quentinho, ele deve estar gostando.

- Vocês já sabem o que irão fazer com ele? - perguntou Alberto.

- Então, tio, ainda não sei. Eu tenho dó de colocá-lo de volta na rua. O coitado já sofreu tanto, que eu me sentiria mal em jogá-lo novamente na rua.

- Compreendo. Eu também sinto muito dó quando penso nos cachorros que ficam por aí, abandonados, com frio, passando fome. Se eu pudesse, acolheria todos - disse Marisa.

- Mas também é complicado ficarmos com ele lá em casa, sabe? Como eu e o Cláudio quase não ficamos lá, ele acabaria permanecendo a maior parte do dia sozinho. Não sei se seria justo com ele. Confesso que não é fácil decidir o que faremos - disse Marta.

- Ah, mas não fiquem se preocupando com isso, minha irmã. Deixem para pensar nisso amanhã, hoje ele já está aqui mesmo. Pelo menos está tendo um pouquinho de conforto e carinho. A gente também ficaria com ele se pudesse, mas nós já decidimos não ter mais animais aqui em casa. A gente se dedica, se apega a eles, e aí

acontece algo e eles se vão, então nós ficamos com o coração partido
- salientou Alberto.

- Você tem razão, tio, vamos deixar para pensar nisso amanhã.

- É isso aí, Cláudio. Hoje é dia de pensar em coisas boas. Quer mais um pedaço de torta ou algum doce? - ofereceu Marisa.

- Não, obrigado, tia. Acho que já estou satisfeito, quero deixar um espaço para o doce que ganhei.

- Ah, é assim, Cláudio? Vai comer um doce e não vai dividir com ninguém? - brincou Alberto.

- Eu até que gostaria, tio, mas é tão pequeno que mal dá para uma mordida minha. Mas, se vocês quiserem, eu divido com vocês.

- Imagina, Cláudio, não liga para o seu tio, ele está brincando. Pode comer o seu doce tranquilo - falou Marisa.

- Bem, então, se ninguém quer, eu vou comer, tá, depois não adianta vir pedir um pedaço, hein? - brincou Cláudio.

- Ah! Cláudio, já é quase dia primeiro, você não quer ir pegar o vinho lá na cozinha, para a gente comemorar? Faz esse favor para a gente? - pediu sua mãe.

- Claro, mãe.

- Então, Marta, vocês deviam vir aqui mais vezes... Nem parece que a gente mora tão perto - comentou Marisa.

- Tem razão, eu vivo me cobrando para vir, mas sempre acaba aparecendo outro compromisso e nunca conseguimos.

- Prontinho, mãe, aqui está o vinho.

- Dá aqui, Cláudio, deixa que eu sirvo. Cada um pega a sua taça -
disse Alberto.

- A minha já está aqui, tio.

- Prontinho, Cláudio. Agora me dá a sua, minha irmã... Isso!
Agora você, Marisa... Pronto! Deixa eu colocar para mim. Faltou
alguém?

- Vem, Alberto, pega a sua taça. Vamos brindar, que já está na
hora - disse Marisa.

- Prontos? Feliz ano-novo! Viva!

- Feliz ano-novo, tio!

- Feliz ano-novo, Cláudio. Para você também, minha irmã!

Finalmente o novo ano havia chegado. Todos estavam felizes e
brindavam à entrada de mais um ano. Era muito bom estarem
reunidos e podendo aproveitar aquele momento tão gostoso.

23. ADEUS, BOM AMIGO

- Muito obrigado, Elisa, por permitir que eu esteja aqui com vocês nesta noite. Creio que, se estivesse sozinho em casa, já teria ido me deitar de tanta solidão que estava sentindo – eu disse.

- Ah, que é isso, Matheus... Você não tem que agradecer nada, não. A gente é que agradece por você ter nos trazido estas coisas para comermos – respondeu Elisa.

- Está gostoso o doce, Pedro? – perguntei. Mas Pedro continuava a se manter em silêncio. Tinha a impressão de que a minha presença o incomodava de tal forma que podia ver em seus olhos a repugnância que sentia por mim.

- Puxa vida! Vejo que ainda não gosta de mim, não é, Pedro? Mas tudo bem, com o tempo eu vou lhe mostrar que eu sou uma pessoa bem legal.

- Não se preocupe com isso, Matheus, meu irmão não é de falar muito – ponderou Elisa.

- Está certo. Bem, então vamos brindar, não é? Olha, vejam o que eu trouxe. Não é vinho, mas quebra o galho. É suco de laranja. Tenho certeza de que irá gostar, Pedro. Fui eu mesmo que fiz.

- Vejo que pensou em tudo, Matheus.

- Ah, com certeza, minha querida Elisa. Para que esta noite seja especial. Vamos brindar!

- Um feliz ano-novo a todos nós! - desejou Elisa.

- Isso! Um feliz ano-novo. Que neste ano nós consigamos realizar as nossas vontades! - desejei, mas no fundo, a minha vontade era a de sair correndo daquele lugar. Eu sentia tanto ódio por estar ali na igreja, que o meu corpo se expressava de várias formas. Sentia calor, frio, coceira, até tontura e náusea arrebatavam-me por estar ali naquele ambiente asqueroso que me fazia ter tantas lembranças ruins.

E Júlio, embrenhado na mata, não pensava em mais nada, a não ser se o seu plano de envenenar Cláudio havia dado certo.

- Finalmente consegui dar um fim à vida daquele miserável que se intrometeu entre mim e minha filha. Tenho certeza de que numa hora dessas ele já deve estar estirado no chão, soltando seus últimos suspiros. Bem feito! Que isso lhe sirva de lição para aprender que ninguém fica entre mim e minha filha. Elisa é minha, somente minha e nunca será de mais ninguém - gritava Júlio, feliz pelo que tinha feito.

Na casa de Alberto, todos lançavam sentimentos de amor e carinho uns aos outros. O momento era de paz e harmonia. Ali

estavam pessoas realmente felizes por tudo o que possuíam e por estarem juntas em um ambiente familiar tão gostoso.

- Ah, tio, muito obrigado por vocês terem nos convidado. Está sendo muito bom estar aqui com vocês - disse Cláudio.

- Ora essa, Cláudio! Somos nós que agradecemos por terem aceitado o nosso convite e virem ficar com a gente. Não seria a mesma coisa se vocês não estivessem aqui conosco.

- Seu tio Alberto tem razão - disse Marisa. - Somos nós que agradecemos por vocês dois terem vindo. Há muito tempo nós desejávamos partilhar esta noite com vocês. Aliás, "vocês dois" não, vocês três; já estava me esquecendo do nosso amiguinho. Mas... onde ele está? Ele não estava deitado aí atrás de você, Cláudio?

- Tem razão, tia. Que estranho, aonde será que ele foi? Deve ter ido até a cozinha. Ah, não... Agora que me lembrei que, quando fui pegar o vinho embaixo do armário, acabei pondo o meu doce no chão da cozinha para poder erguer a caixa que estava em cima. Ai, meu Deus, deixa eu ir lá buscar, antes que...

Ao chegar à cozinha, Cláudio fica desorientado com a cena que encontra: o cachorro estava se debatendo todo e soltando um estranho muco amarelado pela boca. Cláudio entra em pânico e grita por sua mãe, pedindo que ajude o pobre cão, estirado no chão da cozinha.

- Mãe! Mãe! Corre, vem cá, me ajuda!

- Nossa, mas o que foi que houve, meu filho? - pergunta Dona Marta, que logo nota o motivo dos gritos de Cláudio, ao ver o que estava acontecendo na cozinha.

- Eu não sei o que houve, mãe! Cheguei aqui na cozinha e ele já estava assim. Nós temos que fazer alguma coisa! - implora Cláudio.

- Calma, meu filho, temos que descobrir o que ele está tendo. Venha, me ajude, vamos virá-lo.

Ao virarem o cachorro, viram o doce que Cláudio havia ganhado, ao lado de seu corpo, com marcas de mordida.

- Olha, mãe, este é o doce que eu trouxe, está cheio de marcas de mordida...

- Dê-me aqui, Cláudio, deixe-me ver - pediu Alberto.

Ao pegar o doce e sentir o odor, Alberto logo concluiu:

- Isto aqui está envenenado!

- O quê? Mas como assim, envenenado? - perguntou Cláudio, espantado.

- Isso mesmo, eu não tenho dúvida. Eu já vi isso acontecer com alguns roedores quando utilizei veneno lá nas plantações. Inclusive o cheiro é o mesmo. O mesmo odor ácido que infiltra pelo nariz.

- Mas, nossa, Alberto! Isso que você está nos dizendo é muito sério. Será que tem alguém capaz de ser tão ruim a esse ponto, meu Deus?! - indagou Dona Marta, aflita.

- Ai, gente, depois discutimos isso. Nós precisamos fazer algo. O cachorro está aqui sofrendo e se contorcendo. O que nós podemos fazer para ajudá-lo se ele realmente foi envenenado? - perguntou Marisa.

- Gente, não quero desanimar vocês, mas se isso aqui for veneno mesmo, e tenho quase certeza de que é, nós não podemos fazer muita coisa - noticiou Alberto.

De mãos atadas, Cláudio começou a chorar, por ver à sua frente o pobre cão se debatendo e sofrendo com aquilo. Ele queria ajudar. Tentou colocar o cachorro de pé, mas este logo caiu; tentou dar-lhe água, leite, levantou-o e inclinou-o, na esperança de que colocasse o veneno para fora, mas tudo foi em vão. O pobre cão já estava entregue ao próprio destino. Todos ali se comoviam com o sofrimento do cachorro e com o desespero de Cláudio por não poder ajudá-lo. Restava-lhes agora apenas orar e pedir que, se aquele fosse mesmo o destino do cachorrinho amigo, o desfecho se desse sem que houvesse mais sofrimentos.

- Eu ainda não consigo acreditar que não podemos fazer nada para ajudá-lo - indignava-se Cláudio.

- Não tenha raiva, meu filho. Lembre-se de que poderia ter sido você ao invés dele.

- Pois, se quer saber, mãe, eu acho que realmente preferia que tivesse sido eu. Pelo menos não teria de ficar aqui parado sem poder

fazer nada – esbravejou Cláudio.

- Que é isso, Cláudio?! Vira essa boca pra lá, rapaz. Aí quem estaria aqui desesperado seríamos nós. Pense pelo lado positivo! O cachorro já estava bem velhinho, já enfrentou muita coisa na vida, vai ver era a hora dele mesmo – consolou-o Alberto.

- Não fale como se ele já tivesse morrido, tio. Eu ainda tenho esperanças de que ele vai acordar e superar isso. Coitado, não é só porque ele já está velho que merece morrer. Todos têm direito à vida e ninguém tem o direito de nos privar disso.

- Você tem razão, Cláudio, me desculpe. Mas quem será que faria uma coisa dessas, hein?

- Seu tio está certo, Cláudio. Você faz ideia de quem possa ter feito isso? Disse-nos que o doce estava na porta de sua casa, com um bilhete?

- Isso mesmo, tia. Foi quando estávamos vindo para cá.

- Que estranho! E o bilhete não estava assinado? Possuía apenas uma mensagem de feliz ano-novo?

- Nada, tia. A única coisa que dizia era que ele era especialmente para mim, que havia sido endereçado somente a mim e que era de uns tais “Amigos do bem”.

- “Amigos do bem”? Nossa, nunca ouvi falar. Isso é realmente muito estranho! – disse Marisa.

- E então, mãe, como ele está?

- Nada bem, meu filho. Ele já não se debate nem fica babando, mas a sua respiração está bem fraca. Creio que infelizmente ele não vai resistir, mas espero estar enganada.

Desolado, Cláudio se aproxima do pobre cão e, em sinal de agradecimento por este ter comido o doce e assim salvado a sua vida, começa uma oração, prostrado ao lado do pequeno amigo, que parecia lançar seus últimos suspiros.

- Senhor meu Deus, eu lhe imploro que escute esta oração. Envie os seus anjos para amenizarem o sofrimento deste amigo. Não deixe que ele continue sofrendo; ele não merece isso. Se não fosse por ele, eu nem estaria aqui. Ele não merecia passar por isso. Sei que a culpa foi minha, mas eu não poderia deixá-lo naquelas condições, eu só quis ajudá-lo. Se tem alguém aqui que merecia sofrer, esse alguém sou eu. Eu lhe suplico, Senhor, ajude este meu amigo! Que ele possa ser colocado em suas mãos e receba todo o seu amor. Por favor, Senhor, ajude-o, por favor.

Nesse momento, aos prantos, Cláudio interrompe a sua oração ao perceber que cessou a respiração do cãozinho, deixando todos ali comovidos com a cena do rapaz debruçado sobre o amigo que lhe salvara a vida. Um pequeno anjo acabava de voltar para os braços do Pai. Livre da idade e dos problemas que carregava, o pequeno anjo havia adquirido suas asas e poderia correr livremente, levando carinho e conforto aos corações necessitados.

No plano superior, Cássius explicava ao amigo Dionísio o que ocorrera.

- Mas eu não compreendo, Cássius. O cão deveria mesmo desencarnar? Se não fosse por ele, Cláudio realmente teria falecido?

- Meu caro amigo Dionísio, a vida que Deus nos apresenta em toda a sua magnitude é igual para todos, sejam os seres humanos ou os animais. Cláudio fez a sua escolha antes de encarnar e, com a ajuda de seus instrutores, foi orientado sobre como seria o rumo que eventualmente poderia seguir. Muitos dos homens ainda creem que os animais não possuem percepção. Trata-se de um grande engano, uma vez que todo ser e toda matéria possuem essa capacidade. A forma como ela se apresenta é que distingue uns de outros. Você não vê a legião de cavaleiros que seguem à crosta em auxílio? Ou então os pequenos animais que se encontram junto de seus antigos donos mesmo quando desencarnam? A diferença é que, no caso desses animais, o período em que permanecem nesses planos é muito curto.

- Compreendo, Cássius, e confesso que nunca havia pensado dessa forma. Foi uma pena que o velho cão tivesse que se sacrificar.

- Não se preocupe, Dionísio. Ele estava o tempo todo sendo acompanhado e auxiliado. Lembre-se de que somos todos filhos do mesmo Criador e nunca somos desamparados. Você notou o pequeno feixe de luz que emanava dele?

- Sim, Cássius, mas ele era tão diferente dos que observei nos homens. Ele era tão menos denso e quase imperceptível.

- Isso ocorre por causa do princípio vital que cada um possui, Dionísio. Ele também se diferencia conforme o período de evolução. Peço que consulte as nossas bibliotecas caso queira se aprofundar mais no assunto. Eu também conheço pouco sobre como funcionam esses mecanismos.

Após o desencarne do pequeno ser, Cláudio e sua família pareciam sentir o gosto amargo da perda do companheiro. Apesar da data e dos festejos, comemorar algo parecia não mais fazer sentido naquele momento.

- Cláudio, vem, se levanta. Infelizmente ele se foi - disse Dona Marta.

- Ai, gente, mas que coisa mais chata isso. Hoje era um dia para estarmos felizes, comemorando. É realmente uma pena isso ter acontecido - lamentou Marisa.

- O que me deixa mais preocupado é saber que alguém teve coragem de fazer isso. Quem poderia querer assassinar Cláudio? Quem? - perguntava-se Alberto.

- Sei da gravidade da situação, mas peço que deixemos esse assunto para conversarmos amanhã. Nós já vamos indo, Alberto - despediu-se Marta.

- Ah, não, minha irmã, por que vocês não dormem aqui hoje? Tem cama e travesseiros sobrando. Vocês poderiam muito bem ficar aqui esta noite.

- Não sei, Alberto. A última coisa que quero é dar-lhes mais trabalho. Cláudio, você quer dormir aqui hoje?

Fazendo forças para erguer a cabeça, e enxugando as lágrimas que não paravam de escorrer, Cláudio diz que prefere ir para casa.

- É melhor, tio, a minha mãe tem razão. Nós já lhes demos muita dor de cabeça.

- Não por isso, Cláudio. Faço questão que fiquem. Lá fora está frio.

- Melhor não, tio. Eu prefiro ir mesmo. Só não sei como farei para levar o cachorrinho.

- Não precisa levá-lo, Cláudio. Ainda mais assim, desse jeito. Por que não o deixa aqui? Aí amanhã nós veremos o que fazer.

- Tem certeza de que prefere assim, tio? Você já está sendo tão compreensivo. Não quero lhe dar mais esse trabalho.

- De forma alguma, Cláudio. Quero que vá para casa e descanse. Deixa o cão aqui, que eu cuido dele. Eu vou cobri-lo e coloca-lo lá fora. Não vai ser incômodo algum. Amanhã cedo você vem aqui e nós o levaremos juntos para sua casa, para que você o enterre em seu quintal, está bem?

- Está bem, então - murmurou Cláudio.

Todos se despedem, buscando forças para esquecer o triste fato que ocorrera e fazendo votos para que os dias que se seguiriam fossem melhores e compensassem aquele duro início de 1863.

24. A FALSA AMIZADE

No dia seguinte bem cedo, Cláudio se dirigiu até a casa de seu tio Alberto, e juntos levaram o cachorro para ser enterrado no quintal da casa de Cláudio. Logo após o enterro e a pequena cerimônia, suas atenções se voltaram a tentar descobrir quem teria sido o responsável por colocar veneno em um doce, a fim de acabar com a vida de Cláudio. Algumas hipóteses foram levantadas e alguns nomes surgiram, inclusive o do pai de Elisa, mas todos foram descartados por falta de provas. A dúvida pairava no ar. Quem teria sido o responsável por aquele ato?

- Bem, Cláudio, eu acho que amanhã você deveria procurar o delegado e contar o que aconteceu. Deus nos livre, mas já pensou se quem fez isso tentar novamente? - indagou Alberto.

- Não sei, tio. Por mais que eu pense, não consigo encontrar um motivo para alguém fazer isso. Mas você tem razão! Amanhã eu vou procurar o delegado e contar tudo o que houve. Ele certamente saberá o que fazer.

Enquanto Cláudio se preocupava em descobrir o responsável, mais uma vez eu seguia rumo à igreja, a fim de encontrar Elisa e

descobrir algo que pudesse usar contra Júlio.

- Bom-dia, Elisa!

- Nossa, você por aqui, Matheus... Bom-dia! O que o traz à igreja tão cedo? Veio se confessar?

- Na verdade, não... Eu estaria mentindo se dissesse que não vim por sua causa. Elisa, eu preciso lhe contar: ontem foi maravilhoso! Há tempos eu não tinha alguém tão legal com quem conversar. Foi muito divertido!

- Foi mesmo, Matheus, a gente se divertiu bastante.

- Verdade. Você está muito ocupada, Elisa? Será que nós poderíamos sair e dar uma volta?

- Bem, acho que não haverá problema. Meu irmão ainda está dormindo e o padre só virá mais tarde. Vamos, sim.

Sem saber que eu só estava interessado em descobrir algo para usar contra Júlio, Elisa ia se abrindo comigo, me contando os seus desejos e vontades e ia acreditando em cada uma das mentiras que eu lhe contava para fazê-la acreditar que eu era um bom rapaz. Nós passamos algumas boas horas juntos, sem que eu descobrisse nada que a ligasse a Júlio. Como ela já estava preocupada com o almoço do irmão, decidi deixá-la ir, para não levantar suspeitas. Restava-me tentar descobrir algo no dia seguinte. O importante era não levantar suspeitas sobre a minha intenção.

Na casa de Cláudio, sua mãe tentava animá-lo a fim de que tirasse da cabeça a lembrança do pequeno amigo. Logo após o almoço, Cláudio decidiu ir até a casa do amigo Alê para conversar.

- Oi, Cláudio, como foi de ano-novo? - questionou Alê.

- Ah... mais ou menos - respondeu Cláudio, fazendo notar claramente o seu descontentamento.

- Xi, mas que cara é essa, Cláudio? Pelo jeito algo aconteceu, não foi?

- Pois é, meu amigo. Eu vim aqui justamente para desabafar um pouco. Nós podemos conversar?

- Claro, podemos sim. Você prefere entrar ou quer ir a algum lugar?

- Se não se importa, gostaria de ir até o campinho.

- Tudo bem, pode ser... Mãe, eu estou indo até o campinho com o Cláudio!

No caminho, Cláudio pronunciou poucas palavras. Manteve-se o tempo todo de cabeça baixa; parecia distante, como se o seu pensamento estivesse em outro lugar. Vendo-o daquele jeito, Alê preferiu respeitar o amigo e deixar que falasse somente quando estivesse à vontade. Logo chegaram ao campinho e procuraram um local para se sentar. Alguns minutos se passaram e os dois permaneceram ali, sentados à beira do campo, sem pronunciar uma única palavra. Foi então que, buscando forças para expor seus

sentimentos, Cláudio olhou para o bom amigo e começou a lhe contar o que ocorrera na noite anterior. Alê ouviu tudo calmamente, deixando que o amigo desabafasse e colocasse para fora tudo o que o afligia.

Logo, Cláudio começou a chorar, lembrando-se do velho cãozinho, e foi prontamente confortado por Alê. Algumas horas se passaram com os dois ali, relembando a amizade dos tempos áureos, onde não tinham segredos e eram praticamente como irmãos, uma vez que se conheciam desde pequenos. Alê deu alguns bons conselhos ao amigo, mas nada podia fazer para aliviar o seu coração daquela perda. Ele só alterou sua postura quando entraram no assunto de quem teria sido o causador daquele terrível ato:

- Eu concordo com o seu tio, Cláudio. Acho que você deveria procurar o delegado e lhe contar o que aconteceu.

- Tem razão, Alê. Eu estou tão desanimado com a perda do cachorrinho, que nem estou levando em conta a gravidade do ocorrido. Algo precisa ser feito; afinal de contas, alguém tentou me matar e pode tentar novamente.

- Se você quiser, Cláudio, eu o acompanho amanhã, quando for falar com o delegado.

- Muito obrigado, meu amigo, mas não precisa. Não quero lhe dar trabalho, pode deixar que eu vou sozinho.

- Bem, você que sabe, Cláudio. Se quiser que eu vá junto, é só dizer.

- Obrigado, Alê. O que não consigo entender é quem seria capaz de ato tão deplorável. Você suspeita de alguém?

- Não sei quem poderia fazer isso. Você não possui inimigos e é conhecido por todos. A única pessoa com quem discuti nos últimos dias foi aquele homem na igreja. Como é mesmo o nome dele?

- Júlio - lembrou Cláudio.

- Então. Só esse tal Júlio poderia ter algum motivo. Mas, mesmo assim... Ele sempre pareceu um homem meio estranho, mas nada que justificasse uma atitude assim. E também creio que ele não o faria devido a seus filhos.

- Verdade, você tem razão, Alê. Acho que ele não seria capaz disso.

- Você acredita que possa ser alguém da cidade vizinha?

- Bem, pode ser. Tenho ouvido muito o pessoal comentar que lá, ultimamente, têm ocorrido algumas coisas do tipo. Mas é complicado, Alê, porque... pensa comigo: por que alguém de outra cidade se prestaria a fazer algo desse tipo com uma pessoa que nem vive lá?

- Ah, não sei, Cláudio. Você sabe que existe maluco em tudo que é lugar. Vai ver eles estão querendo colocar pânico na nossa vila, decidiram escolher alguém ao acaso e acabou sendo você.

- Não pode ser, Alê. Você se esqueceu de que o meu nome estava no cartão? Não me escolheram ao acaso, não. Quem fez isso me conhece e não gosta de mim. Mas quem?

Enquanto Cláudio e Alê conversavam sem conseguir compreender quem poderia ter feito uma coisa dessas, Júlio, em sua cabana escondida no meio da mata, festejava sua vitória sem saber que Cláudio continuava vivo:

- Ah, eu sou demais! Só mesmo uma mente tão brilhante como a minha para ter pensado em um plano tão infalível. Agora, sim, já poderei ter minha filha de volta e tudo voltará a ser como era antes. Creio também que já não há necessidade de ficar aqui, escondido nesta cabana. Acho que ninguém mais vai se lembrar do que aconteceu lá na igreja. Mas é bom não arriscar. Antes, eu irei até a vila sem que ninguém me veja e verificarei como as coisas estão por lá.

De volta à casa de Alê, Cláudio se despediu do amigo e agradeceu-lhe por sua atenção e paciência em ouvi-lo, prometendo que dali pra frente não mais ficaria tanto tempo sem vê-lo. No caminho para sua casa, Cláudio começou a pensar em Elisa e no que ela havia lhe dito sobre o seu sentimento. Então, decidiu que seria uma boa hora para rever a amiga e mostrar que sua amizade era muito importante para ele.

Na igreja, Elisa conversava com seu irmão sobre o fato de Cláudio não ter ido visitá-la desde que ela se recusara a ficar com ele:

- Puxa vida, Pedro, eu estava pensando no nosso amigo Cláudio. Ele sumiu, não é? Pensei que ele fosse vir nos visitar para desejar um feliz ano-novo. Será que ele está chateado? Espero que não. Eu gosto muito dele e não queria que ele nunca mais falasse com a gente.

- Eu também gosto dele, mana. Ele foi muito legal indo lá na cachoeira atrás de mim. Também sinto saudades dele.

- É, eu sei, mano. Eu também estou com saudades dele. Às vezes, sinto como se nós já nos conhecêssemos há muito tempo e como se ele fizesse parte da família.

Nesse momento, Cláudio adentra no quarto e diz que sente o mesmo em relação a Elisa. Ele chegara alguns instantes antes e não pudera deixar de ouvir o que falavam.

- Meu Deus, Cláudio. Nós acabávamos de falar de você! - disse Elisa, espantada ao ver o amigo.

- Olá, meus amigos. Como vocês estão? Eu queria ter vindo vê-los antes, mas não consegui. Peço desculpas.

Sem conseguir externar em palavras o quanto estava contente em ver Cláudio, Elisa não se conteve e foi logo lhe dar um abraço em demonstração de seu carinho e gratidão pelo amigo. Este não ficou atrás e retribuiu carinhosamente o gesto da amiga. Os dois

permaneceram ali abraçados por alguns minutos. O desejo de Cláudio era que aquele abraço permanecesse por toda a eternidade.

- Nossa, como é bom vê-lo! Eu estava comentando com meu irmão como você faz falta. Nós nos conhecemos há tão pouco tempo, mas sinto como se fosse há séculos. Você também sente isso, Cláudio?

- Acredita que eu sinto a mesma coisa, Elisa? Ficar longe de você me fez perceber que eu preciso muito da sua amizade. Por isso eu vim aqui para me desculpar pela forma como agi no nosso último encontro e para lhe pedir que aceite a minha amizade.

- Você não precisa se desculpar por nada, Cláudio. É claro que eu aceito a sua amizade. Você também me faz muita falta.

- Ah, e senti falta de você também, viu, meu amigo Pedro? Não pense que me esqueci de nossa aventura lá na cachoeira. Pode contar comigo sempre.

- Pode contar comigo também, viu, tio? A mamãe me disse que eu sempre poderia confiar em você - disse-lhe Pedro.

- Nossa! Mas que honra saber que sua mãe confia em mim. Eu prometo que nunca irei desapontá-la. Mas... me contem, como foi a passagem de ano para vocês?

Elisa e Cláudio conversaram a tarde toda, sem se preocuparem com a hora. Era como se, "no fundo", eles precisassem daquele momento juntos. Notava-se claramente que um completava o outro.

Elisa comentou com Cláudio como fora a sua passagem de ano, mas sem mencionar que eu havia estado com eles, a pedido meu, que não queria que ninguém soubesse da nossa amizade, alegando que era muito “tímido”. Em respeito ao amigo, e sem julgar necessário mencionar esse fato, Elisa prosseguiu. Logo foi a vez de Elisa querer saber como haviam sido as festividades do amigo. Cláudio também preferiu não comentar a perda do cachorrinho que lhe salvara a vida e o atentado que sofrera. Não queria trazer preocupações a Elisa, uma vez que sabia que ela já enfrentava problemas demais com o pai.

Os dois conversaram até o anoitecer, quando, então, Cláudio decidiu ir embora, para não causar preocupações à mãe por ter ficado fora tanto tempo.

- Bem, até mais, então, Elisa.

- Até mais, Cláudio. Venha nos visitar mais vezes.

- Claro, com certeza, eu venho, sim. É uma pena amanhã eu ter de trabalhar, senão eu viria.

- Ah... não se preocupe com isso, Cláudio. Se estiver com muita saudade e quiser vir depois do trabalho, será bem-vindo.

- Hum, não sei. Não quero lhes causar incômodo. E também, se eu ficar vindo aqui todo dia depois do trabalho, você vai se enjoar de mim.

- De jeito nenhum! É sério, Cláudio, se quiser vir, não terá problemas, tenho certeza de que o padre Antônio não irá “ligar”.

- Bem, vamos ver. Durante a semana eu vejo. Fora também que, às vezes, eu trabalho até mais tarde. Depende da colheita do dia. Mas, deixe-me ir que minha mãe já deve estar preocupada. Até mais, Elisa, mande um beijo para seu irmão, o coitado já foi dormir e não quero incomodá-lo.

- Até mais, Cláudio.

Cláudio saiu da igreja como se estivesse andando nas nuvens. Sentia como se houvesse arrancado um enorme peso de suas costas. A amizade de Elisa era muito importante e, apesar de ele querer algo mais com a menina, o fato de estarem juntos já era o suficiente.

No caminho para casa, sem perceber, Cláudio era visto com muito espanto pelo pai de Elisa, que havia ido até a vila para ver como as coisas estavam. Júlio não acreditava no que estava vendo. Escondido atrás de uma árvore, não podia conceber que Cláudio estivesse vivo. O pai de Elisa sentia vontade de ir até lá e resolver tudo de uma vez por todas, com as próprias mãos. Mas conteve-se, com muito esforço, por não querer chamar a atenção, uma vez que ainda havia algumas pessoas caminhando na rua, que por sinal estava bem iluminada com os lampiões a gás que se estendiam por boa parte da vila.

- Mas como pode ser isso? Eu não entendo como esse maldito conseguiu escapar do veneno! Como ainda pode estar vivo? Eu não acredito no que os meus olhos veem! Droga! Logo agora que eu iria voltar para casa e ter a minha filha de volta. Ai que ódio, viu?! Mas que ódio! - murmurou Júlio.

Sem poder fazer nada, para seu próprio desgosto, Júlio apenas observou Cláudio seguindo para sua casa. Restava-lhe se conformar e voltar para a cabana no meio da mata.

A duras penas, Júlio deixou Cláudio seguir, mas estava determinado a matá-lo. Sua decisão já estava tomada. Cláudio não podia viver no mesmo mundo que ele, pois este queria sua vida e sua filha de volta e acreditava que somente com a morte de Cláudio obteria isso.

- Desta vez, não sei como, você escapou, moleque, mas sua hora há de chegar. Curta a sua vitória, pois, quando menos esperar, eu juro que você perderá. Aí então eu vou sorrir e dançar sobre a sua sepultura. Eu vou voltar para a cabana por enquanto. Mas assim que eu descobrir uma forma de acabar com você sem levantar suspeitas, eu renascerei das cinzas, e aí você verá que ninguém se mete entre mim e minha filha - reclamou Júlio.

No dia seguinte, Cláudio era outra pessoa. Estava tão contente, que todos à sua volta percebiam sua mudança. Havia ele superado a perda do amigo? Estava transbordando de tanta alegria e nem se

lembrava mais de que haviam tentado envenená-lo. Ele sentia falta do amigo que lhe salvara a vida, mas a emoção por ter de volta a amizade de Elisa era mais forte. Tanto que nem se preocupou em ir procurar o delegado para contar o que houvera.

Semanas se passaram. Quase todos os dias, Cláudio, ao sair do trabalho, passava na igreja para visitar a amiga. Mas ele não era o único que fazia isso. Eu também ia constantemente visitá-la. E, em todas as vezes, solicitava que não contasse a ninguém sobre a nossa amizade, alegando timidez. Eu sempre esperava que o padre, ou qualquer outra pessoa, não estivesse por perto, para só então procurá-la. Notei que, quanto mais tempo eu passava com aquela garota, mais eu queria estar com ela. Havia algo nela que me atraía. Não sei se era apenas algo da minha cabeça, mas, para minha surpresa, eu estava começando a gostar dela. Havia momentos em que eu até me esquecia do real motivo de ir procurá-la, ou da minha vontade de destruir aquele lugar. Só me dava conta quando ia embora, e então tudo voltava à minha mente.

Outra coisa que não entendia, e que começava a me perturbar, era quem seria aquele rapaz que quase todos os dias ia vê-la. Não sabia por quê, mas eu começava a sentir ciúmes de seus encontros com ele. Então, sem me dar conta, comecei a competir com ele. Cada dia eu levava algo para agradá-la. Mas, por mais que eu me esforçasse, sentia que a minha amizade ainda a incomodava.

Passaram-se dois meses, até que, finalmente, em uma de nossas conversas, Elisa contou-me sobre o fato ocorrido na igreja e também qual era a sua relação com Júlio. Ele era seu pai, e ela só estava morando ali na igreja com seu irmão porque haviam brigado exatamente naquele dia. Não pude acreditar no quanto eu fora cego. Como não notara a relação entre os dois? Estava “na cara”, e eu nem me dera conta. Finalmente, eu podia terminar aquela falsa amizade que vinha mantendo, e usar algo contra Júlio. Desta vez, eu tinha algo com que chantageá-lo para obrigá-lo a me ajudar na execução de meu plano.

25. A CORRENTE DO BEM

No plano espiritual, Alfredo e sua equipe preparavam-se para voltar às regiões inferiores para auxiliar Madalena.

- Ah, veja, Alfredo, lá está Matilda nos esperando em frente aos portões - comentou Demétrio, um dos auxiliares de Alfredo.

- Olá, Matilda! Perdoe o meu atraso. Um de nossos companheiros não poderá nos acompanhar, então Cícero irá em seu lugar - disse Alfredo.

- Tudo bem, Alfredo, não se preocupe com isso. Devo admitir que estou ansiosa com a nossa jornada. Rogo a Deus que tudo corra bem.

- Não se preocupe! Enquanto mantivermos o pensamento firme em nosso objetivo e não deixarmos nossa atenção se desviar com os percalços que surgirem, tudo há de correr bem. Bem, vamos formar uma corrente, então, para podermos igualar as nossas energias. Demos as mãos, sim? Meu querido Cícero, como esta é a primeira vez que você sai pelos nossos portões em direção às regiões inferiores, peço que, acima de tudo, se mantenha calmo e sereno. Deixe que sua vibração permaneça constante. Irá notar uma pequena

sensação de calor e dormência; isso costuma ocorrer quando se une nas primeiras vezes. O nosso intuito é canalizar as nossas energias e dissolver todo e qualquer resquício que possa interferir na nossa harmonia, tornando-nos, assim, uma forte corrente, imutável e intangível para qualquer perturbação.

Após alguns instantes, todos ali, de mãos dadas, começaram a emitir pequena luminosidade, que irradiava do centro de seus tórax. No início, havia algumas pequenas variações de tonalidade, que, conforme seguiam se concentrando, iam aos poucos se equiparando, até que mantiveram a mesma luminosidade e o mesmo tom. Após mais alguns instantes de preparação e oração, Alfredo fez sinal para que fossem abertos os portões. E, então, todos ali, unidos em um único objetivo, formando uma grande corrente do bem, começaram a flutuar e seguir em direção aos portões, que se fecharam atrás deles imediatamente após serem atravessados.

Gradativamente, as paisagens em sua volta começaram a se alterar. Uma densa névoa surgiu à frente deles, e a grama que recobria o chão começou a dar lugar a um solo úmido e acidentado. A luz que provinha do sol foi-se esvaindo aos poucos, até que pequeno feixe de luz, vindo das pesadas nuvens, ia surgindo bem discretamente. Mais alguns metros à frente, pôde-se notar que a temperatura começava a cair lentamente, e junto com ela um forte odor passava a rodeá-los. Sem se deixar abater pelo ambiente hostil

a sua volta, Alfredo seguia adiante, convicto e completamente focado em seu objetivo. Eles seguiram mais alguns metros, e a corrente que haviam criado parecia tranquila e estável.

Aos poucos, eles iam vencendo os percalços e seguindo adiante em sua jornada, quando gritos começaram a ecoar a sua volta. Imediatamente, Alfredo fez sinal a Demétrio, ordenando que parassem sua locomoção. Alfredo sabia que acabavam de adentrar em zona de grande lamentação, que continha enorme concentração de espíritos errantes, seguindo para todos os lados. Mais uma vez, ordenou a todos que canalizassem suas energias a fim de diminuir a intensidade da luminosidade que emitiam, pois não queria interferir no meio, nem distanciar possíveis espíritos que se sentissem incomodados. Tornando-se imperceptíveis, decidiram então seguir adiante, uma vez que seu objetivo, que era encontrar Madalena, ainda não havia sido alcançado.

Conforme iam prosseguindo em sua jornada, Cícero, cada vez mais, ia acreditando não ser uma boa ideia abandonar o conforto que possuía em sua morada e seguir por aqueles caminhos tenebrosos que surgiam a cada metro que seguiam. Mas, no fundo de sua consciência, ele queria algo diferente, desejava experimentar novas oportunidades. Apesar do que via no ambiente a sua volta, ele queria acreditar que deveria existir algo naquela região que pudesse satisfazer às suas necessidades. Cícero já se sentia saturado da vida

que levava. Não aguentava mais ouvir os ensinamentos diários sobre amor, caridade e trabalho. Acreditava que merecia mais do que aquilo. Afinal de contas, ele não estava mais encarnado e não devia, em seu entender, seguir preceitos que não condiziam com aquelas vontades que carregava. Onde estava aquele céu regado de maravilhas e vida boa que ouvira nos tempos que caminhava sobre a Terra? Estava farto de receber ordens que, segundo seus mentores, eram apenas “orientações”.

Mesmo tendo lhe sido explicado que ainda se encontrava em um plano de transição, no qual aquela forma de trabalho para o amadurecer do espírito era necessária, Cícero não aguentava mais. Queria ser livre e escolher seu próprio caminho. Já fazia mais de 20 anos que estava convivendo naquele lugar, e não suportava mais. Apesar da beleza, da harmonia e da calma daquele ambiente em que residia, nada daquilo parecia saciar seu ego. Por isso, não via a hora de ultrapassar seus portões e seguir para um mundo novo, em busca do céu que tanto almejava. Cícero, durante suas aulas, havia sido orientado sobre o ambiente que cercava aqueles portões, mas não fazia ideia de que fosse daquela forma. O medo e a dúvida tomavam-lhe o pensamento, mas no fundo ele ainda queria acreditar que talvez mais além pudesse existir a entrada para o céu que idealizava.

Enquanto a corrente continuava sua jornada em busca de Madalena, no plano físico, eu, Matheus, seguia ao encontro de Júlio, a fim de chantageá-lo para que se unisse a mim, uma vez que acabara de descobrir sua ligação com Elisa e pretendia utilizar isso contra ele.

- Vou te falar, viu? Ô lugarzinho ruim de chegar esse em que aquele maluco decidiu se esconder. Bem, mas pelo menos aqui ninguém nos encontrará. Ah, lá está aquela cabana fétida, pensava eu, me aproximando do esconderijo de Júlio.

- Ó de casa! - gritei.

- Ué, cadê aquele insano? Será que achou outro buraco para se esconder? Droga, viu! Não acredito que vim aqui à toa! Bem, o jeito é esperar aquele louco aqui. Odeio depender de alguém, mas nesse caso será necessário. Somente assim poderei destruir aquela igreja sem que eu tenha que me sacrificar. Farei com que o Júlio faça isso por mim, sem que ele saiba que irá ser destruído junto com aquele lugar. E, agora que conheço sua filha, isso vai facilitar as coisas para o meu lado - matutava eu.

Enquanto eu esperava o retorno de Júlio na cabana, ele estava procurando outro meio de acabar com Cláudio, pois não aguentava mais seus constantes encontros com Elisa. Júlio sabia onde Cláudio trabalhava e arquitetara outra forma de acabar com ele. Durante a noite, tinha ido até a plantação onde Cláudio trabalhava e cavara um buraco de cerca de três metros de profundidade, no fundo do qual

fincara estacas de madeira tão afiadas que acabariam com qualquer um que tivesse a má sorte de cair lá.

Para atrair Cláudio até o buraco, ele invadira a casa onde os trabalhadores do campo costumavam guardar suas ferramentas e suas botas; pegando as botas de Cláudio, cuidadosamente as colocara sobre o buraco, bem camuflado no meio da plantação. Desta vez, seu plano não tinha como falhar. E, para ter certeza de que daria certo, ele mesmo estava embrenhado no meio das plantações para conferir de perto o sucesso do que planejava.

- Agora aquele moleque maldito me paga! Assim que ele for, feito um coelhinho, pegar suas botas... Adeus, fedelho insolente! Valeu a pena ter vindo alguns dias aqui e descoberto a rotina que ele faz. Agora é só esperar ele chegar e pronto - pensava Júlio, escondido no meio da plantação.

Na casa de Cláudio, este se preparava para mais um dia de trabalho.

- Nossa, Cláudio, como você está contente, meu filho! Nunca o vi assim tão radiante - comentou Dona Marta.

- É que hoje, após o trabalho, eu irei me encontrar com a Elisa, mãe. Nós combinamos de ir até o jardim; faz tempo que estamos querendo ir lá.

- Que bom, meu filho, vocês podiam aproveitar e, se der tempo, dar uma passadinha aqui em casa. Faz tempo que não vejo a Elisa, e estou com saudades.

- Pode ser, mãe, mas vai depender do tempo que ficarmos lá no jardim. De qualquer forma, não me espere, tá? Se não conseguir trazê-la aqui hoje, vou ver se combino outro dia.

- Está bem, Cláudio. Mande-lhe lembranças.

- Pode deixar, mãe. Vou indo, então. Beijo.

- Beijo, meu filho, vá com Deus.

Como de costume, ao chegar à fazenda de seu Geraldo, Cláudio foi logo buscar suas botas para começar mais um dia de trabalho. Para sua estranheza, ele não as encontrou onde costumava deixá-las. Questionou seu tio Alberto sobre o paradeiro do calçado e este também não soube informar. Cláudio vasculhou toda a casa e seu arredor, mas não conseguiu encontrá-las. Como já estava atrasado para o serviço, decidiu então começar a trabalhar assim mesmo. Ele não gostava de sujar os sapatos com a terra das plantações, mas não havia escolha; o serviço era mais importante, uma vez que Cláudio costumava cumprir rigorosamente os prazos que acertava com seu Geraldo.

Escondido no meio das plantações, Júlio mal podia esperar para ver Cláudio cair naquele buraco. A ansiedade lhe tomava conta de tal forma, que por pouco não foi descoberto por Alberto. Júlio não via a hora de Cláudio avistar suas botas e correr para elas. O problema seria se, ao invés de Cláudio, fosse Alberto quem pegasse

as botas e caísse no buraco, mas esse era um risco que Júlio estava disposto a correr.

No plano superior, Cássius e Dionísio conversavam sobre os acontecimentos que vinham se desenrolando na vida de Cláudio e sobre minha amizade com Elisa.

- Cássius, como pode uma pessoa ser tão falsa quanto Matheus? Usar a pobre Elisa para chantagear Júlio? - indagou Dionísio.

- Pois é, meu querido Dionísio, para você ver do que uma pobre alma é capaz. Muitas vezes, faz coisas até muito piores, só em benefício próprio, sem se preocupar com o fato de passar por cima dos sentimentos de seus semelhantes. Mas Balthazar já havia nos prevenido sobre Matheus. Creio que, pela preocupação que Balthazar demonstrou e pela dedicação que está tendo com ele, isso não deve ser nada perto do que Matheus é capaz de fazer. Vamos orar para que ele, agora que já descobriu o que queria, se afaste de Elisa - disse Cássius.

- Sim, Cássius, Matheus já descobriu o que queria. Só espero que ele não use Elisa para atingir seu objetivo. Mas é como você disse, vindo dele, podemos esperar qualquer coisa. Outra coisa que me entristece é ver como Júlio está obcecado em eliminar Cláudio a qualquer custo. Matilda ficaria muito triste se soubesse de tudo que ele tem feito.

- É, Dionísio, não é à toa que aquelas sombras ainda continuam com Júlio. Devo admitir que ele parece ter-se conectado de vez a elas, pois não consigo mais me aproximar dele. Júlio não é uma pessoa má, apenas se encontra perdido. Se você observar, verá que, em determinados momentos, ele parece acordar desse sono profundo em que se encontra e voltar a si. Infelizmente, é só ele trazer as recordações de volta, que logo se deixa influenciar novamente. Mas não se preocupe, meu amigo, eu prometi que iria ficar o tempo todo ao lado de Cláudio e cumprirei com minha palavra. Graças ao Senhor, Cláudio tem compreendido as minhas orientações e, cada vez mais, vejo sua energia mais forte e vibrante. Tenho certeza de que, quando chegar a hora, ele entenderá perfeitamente o que deve fazer.

Nas plantações, Cláudio se dedicava ao máximo a cumprir suas tarefas, sem se importar com o fato de estar sujando seus sapatos. Quase metade do dia já havia se passado, e Cláudio continuava a cuidar rigorosamente dos afazeres com o plantio. Escondido na plantação, Júlio não aguentava mais esperar. Por mais que Cláudio percorresse o meio dos campos, em nenhum momento se aproximava do local onde estavam suas botas e, também, o buraco. Júlio, vendo que mais uma vez seu plano iria falhar, decidiu agir ele mesmo. Mas quando estava saindo para apunhalar Cláudio pelas costas, ouviu seu tio Alberto gritar:

- Olha, Cláudio! Lá estão suas botas!

Quando Cláudio as avistou, tratou logo de ir correndo pegá-las.

Finalmente, Cláudio vai morrer, pensou Júlio.

Cláudio nem se preocupou em saber o motivo de elas estarem lá, só queria mesmo era tirar seus sapatos já cheios de barro e calçar suas botas. Então, correu em sua direção e, quando pisou na folhagem que recobria o buraco, caiu nele, para a felicidade de Júlio. Este parecia não acreditar que seu plano havia dado certo. Agora, sim, não haveria mais ninguém entre ele e sua filha. A emoção lhe tomava conta.

Quando Alberto viu que Cláudio caíra, tratou logo de correr para ajudá-lo. Mas, quando chegou, levou um susto com a cena que encontrou. Avistou um enorme buraco e, em seu fundo, várias estacas postas ali de propósito. Desesperado, Alberto gritou o nome do sobrinho que, para a infelicidade de Júlio, respondeu que estava bem.

Cláudio havia conseguido se segurar na borda, quando notara a existência do buraco. Por pouco ele não morreria. Se não tivesse se inclinado e segurado na borda do buraco quando pressentira o perigo, com certeza teria falecido. Cláudio tivera esse pressentimento graças ao amigo Cássius, que o orientara sobre o que iria ocorrer antes que ele pisasse no buraco.

Quando Júlio viu Alberto ajudando Cláudio a sair do buraco, não pôde acreditar no que estava vendo. Como aquele rapaz havia conseguido escapar com vida? Júlio o vira cair no buraco!

Para tranquilidade de Alberto, Cláudio estava bem e sem nenhum ferimento. Restava agora saber quem fora o responsável por aquele ato. Júlio, vendo que seu plano havia falhado e que poderia ser descoberto ali, teve de engolir a raiva e tratar logo de sumir do local.

Após ter a certeza de que o sobrinho estava bem, Alberto decidiu que algo precisava ser feito, pois havia alguém atrás de Cláudio, disposto a matá-lo. Então seguiram juntos até a delegacia para contar ao delegado tudo o que houvera. Eles passaram a tarde toda lá, narrando tudo o que sabiam e tentando descobrir quem poderia ser o responsável por aqueles atos contra Cláudio. O delegado sugeriu a Cláudio que, por enquanto, evitasse sair à rua, até que eles encontrassem o culpado. Cláudio não queria seguir esse conselho e argumentou que precisava trabalhar para levar sustento para casa, mas Alberto estava lá e, sentindo-se responsável pelo sobrinho, tratou logo de afirmar ao delegado que Cláudio ficaria, sim, em casa até que tudo se resolvesse.

Cheio de ódio e frustrado, Júlio retorna à cabana no meio da mata e leva um susto com quem estava lá esperando por ele.

- Ah, vejam só quem apareceu. Olá, Júlio, eu o esperei o dia todo - falei.

- Droga, o que faz por aqui? Já não lhe disse para me deixar em paz? - reclamou Júlio.

- Que é isso, meu amigo? Veja lá como fala. Eu vim até aqui para saber como anda a minha proposta. E então, você vai colaborar ou não? - questionei.

- Você é surdo, é? Eu já lhe disse que não. Deixe-me em paz porque eu já tenho muitos problemas para ficar de papo furado com um retardado! - esbravejou Júlio.

- Ora, ora, pelo que vejo, a resposta continua a mesma. Homem de coragem... Mas a minha paciência está se esgotando. Vamos fazer um trato. Eu vi que, quando chegou, você estava dizendo que não sabe mais o que fazer pra matar esse tal de Cláudio. Pois bem, eu acabo com ele pra você e aí você aceita a minha proposta. O que me diz?

- Olha só, seu moleque, por que você não pega a sua proposta e vai para o inferno? Desde quando eu preciso da sua ajuda para matar alguém? Já falei e vou repetir: deixe-me em paz, antes que você sofra as consequências! - gritou Júlio.

- Deu a resposta que eu imaginava. Bem, pelo que vejo, vou ter que deixar de ser bonzinho. Vou lhe mostrar o quanto eu posso ser

mau. Vou embora e, quando eu voltar, você vai implorar a meus pés. Aí, então, nós veremos quem é o malvado aqui.

- Só há um jeito de convencer aquele homem a me ajudar, e eu sei muito bem como fazer isso. Chega de ser bonzinho, está na hora de mostrar a todos do que sou capaz. Vou esperar amanhecer, então irei até a igreja buscar meu trunfo. Júlio vai comer na minha mão. Vai implorar, esse maldito! - pensei.

26. NÃO MACHUQUE MEU FILHO

No dia seguinte, logo cedo, eu estava à espreita, próximo à igreja, esperando que Elisa abrisse as portas para eu procurar Pedro. Não demorou muito para que ela o fizesse, como de costume. A minha intenção era entrar sorrateiramente, sem que ela me visse, e tentar convencer o pequeno garoto a me seguir. Tinha certeza de que, se eu pedisse a Elisa para deixar Pedro passear comigo, ela negaria. Por isso, tinha que ser sem que ela soubesse. Eu poderia sequestrá-lo, mas isso chamaria muito a atenção e essa não era a minha intenção naquele momento. Passado algum tempo, decidi entrar, mas, para minha infelicidade, quando me aproximei da porta, vi o padre virar a esquina. Não tive outra alternativa senão recuar e esperar. Com certeza, com o padre ali ficaria mais difícil conseguir pegar Pedro. Esperaria lá fora durante algum tempo, e então tentaria entrar.

Na casa de Cláudio, sua mãe reforçava o conselho do delegado, para que ele não saísse até que encontrassem o culpado.

- Eu compreendo que a intenção dele é que nada me aconteça, mãe, mas eu não posso me dar o luxo de faltar com as minhas

obrigações. O seu Geraldo é um homem muito bondoso, mas não posso abusar dele – respondeu Cláudio.

- Ah, meu filho, não se estresse. Fique calmo. Não é apenas o delegado que quer que você fique em casa. Eu também quero. Só de imaginar que existe alguém por aí com más intenções para com você, já me aperta o coração. Entendo a sua preocupação com o trabalho, mas gostaria que compreendesse que é para o seu bem. Se existe alguém mal-intencionado que já tentou machucá-lo duas vezes, com certeza ele poderá tentar novamente. Foi por Deus que nada lhe aconteceu até agora, e não quero que fique por aí dando chances a ele. Tenha paciência e aguarde, que tenho certeza de que logo o delegado conseguirá encontrar o responsável.

- Está certo, mãe. Não quero lhe trazer dores de cabeça. Eu irei esperar. Mas nem encontrar a Elisa eu posso?

- É melhor não, Cláudio. Sei que você gosta muito dela, mas é melhor que não saia para canto algum. Se quiser, eu posso ir até a igreja e falar com a Elisa. Creio que ela não sabe do ocorrido, não é mesmo?

- Não, eu não lhe contei sobre o fato ocorrido na passagem de ano e também gostaria que ela não soubesse desse outro que aconteceu no meu trabalho. Elisa já tem problemas demais e não quero que fique preocupada comigo.

- Tem certeza, meu filho? Não acha que, se ela souber por intermédio de outra pessoa, não ficará ainda mais preocupada?

- Eu tenho, mãe. Acho melhor assim. Já chega aquele pai dela, que lhe causa tantas dores de cabeça.

- Está bem, então. Você que sabe.

Na delegacia, Tobias levava até o delegado as informações que obtivera:

- Senhor, nós analisamos toda a plantação e a maneira como foi feito aquele buraco, e descobrimos um casaco, jogado ao lado das ferramentas que foram utilizadas. Parece-me que o criminoso o tirou devido ao calor ou algo do tipo, e deve tê-lo esquecido por lá. Com relação ao veneno utilizado no incidente do início do ano, nós o analisamos e só existem dois vendedores na região, ambos na cidade vizinha. Há relatos também de uma senhora que diz ter visto um homem de estatura mediana, cabelos negros, porte forte e com cerca de 40, 45 anos, invadindo a cerca das plantações durante o anoitecer.

- Muito bem, Tobias. Quero que continue investigando. Veja se mais alguém viu quando invadiram as plantações - solicitou o delegado.

- Está bem, senhor. Acha que há necessidade de deixarmos algum dos homens guardando a casa do Cláudio?

- Creio que não. Em conversa com o rapaz, não conseguimos encontrar ainda algo que ligue os dois atos. Pode ter sido

coincidência. Vamos apenas reforçar a vigia da sua rua. Verifique também como está a iluminação. Tenho recebido algumas reclamações de que existem certos pontos onde a iluminação não está dando conta.

- Sim, senhor. Providenciarei isso imediatamente.

Após algum tempo à espreita na frente da igreja, decidi entrar e procurar o garoto. Tive sorte de Elisa ter saído e o padre estar ocupado. Assim que entrei, fui logo até o quarto onde Elisa e Pedro dormiam. Pedro estava no chão, ao lado da cama, brincando, e nem notou quando entrei. Procurei ser o mais sorridente possível, para que ele não estranhasse a minha presença, mas, mesmo assim, parecia que aquele garoto conhecia a minha intenção, e logo fechou a cara, perguntando:

- O que você quer aqui? Minha irmã não está!

- Pois é, Pedro, mas hoje eu não vim aqui por causa de sua irmã. Eu vim falar com você.

- Pode falar - respondeu grosseiramente Pedro.

- Sabe o que acontece? É que, como eu sou bastante amigo de sua irmã, e gostaria muito de ser seu também, eu queria lhe dar um presente, sabe? Ele é muito bonito e também muito divertido. E eu queria dá-lo a você. Você quer?

- O que é? - perguntou, curioso.

- Eu não posso lhe contar porque é surpresa; se eu contar, estraga. Mas não se preocupe, porque você vai gostar muito.

- Onde está? Não vejo nada com você.

- É porque não está aqui comigo. Eu não queria estragar a surpresa, então deixei em um lugar secreto. Vamos lá comigo buscar?

- Não. Minha irmã mandou eu ficar aqui. E, além do mais, ela não gosta que eu aceite nada de estranhos.

- *Maldito garoto!* - pensei. Mas logo disse:

- Ah, mas eu não sou estranho. Eu conheço você, a sua irmã. Além do mais, a gente pode ir lá buscar e voltar antes que sua irmã retorne. Anda, levanta. Vamos lá buscar comigo.

- Eu não posso, moço. A minha irmã me mandou ficar.

- *Droga e agora, o que vou fazer? Eu acho que irei levar esse maldito à força!* - pensei.

- Ah, puxa, que chato. Eu queria tanto lhe dar esse presente, sabe? Que triste...

Mas mesmo fazendo cara de coitado, eu não consegui convencer o garoto.

- *E agora, o que farei?*, pensava eu. - *Ah! Já sei. Conheço uma desculpa que o fará vir comigo.*

- Pedro, você quer ver o seu pai?

- O meu pai? Você o conhece? - perguntou Pedro, mais entusiasmado.

- Sim, é claro que o conheço. Eu e seu pai somos grandes amigos. Digo, eu e o Júlio. Um homem com cabelos negros, um pouco mais alto que eu, e que usa bigodes, não é? Ele fala muito de você quando estamos juntos. Vive dizendo que sente saudade e que não vê a hora de lhe reencontrar.

- E por que ele não veio com você?

- Ele não veio por causa de sua irmã. Foi ela quem o afastou. Ele disse que se dependesse dele, viria. Vem, vamos lá vê-lo. Voltamos antes de a Elisa voltar.

Notei que o garoto sentia muito a falta do pai. Assim que toquei no seu nome, sua fisionomia mudou completamente. Ele olhou para a porta, como se estivesse preocupado com o que sua irmã diria, então se levantou e disse que tudo bem.

Pronto, finalmente havia conseguido dobrar o menino. Agora era só levá-lo até Júlio e voltar sem que sua irmã soubesse. Não demorou muito para que chegássemos à cabana onde Júlio estava. Ao ver o filho ali, Júlio não se conteve e correu imediatamente para abraçá-lo.

- Filho! Filho querido! Quanta saudade... - falava Júlio sem conseguir conter as lágrimas.

Aquela cena me dava nojo. Não aguentava ver aquela demonstração de afeto entre pai e filho. Não demorou muito para que Júlio voltasse seus olhos para mim e indagasse.

- Mas o que significa isso?!

- Assustado? Acontece que eu e sua filhinha Elisa somos grandes amigos.

- O quê? Mas como? Como ousou se aproximar de minha família? - questionou Júlio, começando a alterar seu humor.

- Olha, olha, mantenha a calma. Nós não queremos estragar este momento tão belo entre um pai e seu filho, não é? Venha comigo um instante, Júlio, nós precisamos conversar. Pedro, espere aqui dentro só um instante. Eu e seu pai já voltamos, não é seu Júlio?

- Ora seu... - esbravejou.

Júlio estava furioso por eu ter levado o seu filho até lá, e eu logo tratei de intimidá-lo. De pé, atrás de Pedro, eu fiz sinal para Júlio, explicando que, se ele não me obedecesse, eu iria acabar com seu filhinho.

- Então, vamos lá fora um instante, Júlio?

- Sim, vamos lá fora. Espere-nos aqui um pouquinho, tá, meu filho? Já voltamos.

- Isso, muito bom, Júlio, assim que eu gosto.

Ao nos afastarmos um pouco da cabana, fui logo intimando Júlio:

- Bem, acho que agora já percebeu que eu falo sério, não é? Vai se unir a mim?

Júlio é um homem que não admite ser intimidado tão facilmente. Não aceita a minha proposta e logo me segura pelo pescoço, dizendo que vai acabar comigo por ter feito isso e ter tentado chantageá-lo. Mas era Júlio quem ainda não me conhecia. Eu saquei uma faca e coloquei-a em seu pescoço, mostrando que falava sério e que não me importava com os meios utilizados para obter o que eu queria.

- Escute aqui, seu imbecil. Você não me conhece e não sabe do que sou capaz. Eu não estou nem aí para você ou seus filhinhos. Se tiver que acabar com eles para ter o que quero, eu o farei. Agora você tem duas escolhas: ou me ajuda e eu deixo você e sua família em paz, ou então não terei outra escolha senão ver esta faca se sujar com o sangue de uma pobre criança inocente.

- Você não teria coragem. Eu vou avisar o delegado! - disse Júlio, desesperado.

- Vai avisá-lo, é? Pois então vá lá. Vamos ver se tem coragem de aparecer depois de ter tentado matar um rapaz duas vezes. Você está sendo procurado como suspeito, seu cretino. Assim que você aparecer no campo de visão do delegado, ele o prende, então vai amargar uns bons tempos preso sem ver seus filhinhos. Mas não se preocupe, pode deixar que eu vou cuidar muito bem deles, principalmente da doce e bela Elisa... Hahahaha!!!!

- Seu maldito! - exclamou Júlio.

É lógico que eu nem sabia se Júlio estava sendo procurado ou não. Estava usando tudo para fazê-lo se render a mim.

- E então, como será? - questionei.

Júlio abaixou a cabeça e, com a voz nervosa e convencido da veracidade do que eu dizia, respondeu:

- Está bem, você venceu, mas não machuque meu filho. Eu aceito a sua proposta. Mas com uma condição: quero que acabe com Cláudio!

Pensei por alguns instantes e decidi que era justo. Como eu também não aguentava mais ouvir Elisa falar o nome desse rapaz, não seria grande problema eliminá-lo. Um a mais, um a menos, tanto fazia. Após aceitar o acordo, nós voltamos para a cabana e Júlio se despediu de Pedro. Então o levei de volta para a igreja. No caminho, pedi a Pedro que não contasse a ninguém que tinha ido ver o pai. Disse que, se Elisa soubesse, ela ficaria brava e não o deixaria ver o Júlio nunca mais; já se ele mantivesse segredo, eu o levaria para vê-lo mais vezes.

Assim que chegamos à igreja, eu vi Elisa retornando, então mandei Pedro correr e fazer de conta que nunca saíra de lá.

No dia seguinte, eu já estava pensando em um jeito de eliminar Cláudio. Então me veio uma grande vontade de conhecê-lo e tentar

entender por que Elisa gostava tanto dele. Decidi ir ao seu encontro e ver se ele era mesmo tudo isso que ela falava.

Passados alguns dias, e ainda sem resposta a respeito de quem tentara matá-lo e após ter voltado ao trabalho, Cláudio, não aguentando de saudade de Elisa, vai visitá-la e fica conversando com ela por cerca de duas horas, quando então sai da igreja e toma o caminho de casa.

Quando a deixou, aproveitei para segui-lo a fim de descobrir onde ele morava. Não demorou muito e o vi entrar em uma casa a cinco quadras da igreja. Procurei, então, observar a vizinhança tentando adivinhar se eu encontraria problemas com algum vizinho fofoqueiro caso me aproximasse de Cláudio.

Segui seus passos por três dias e descobri como era sua rotina. Todos os dias saía para trabalhar, ia visitar Elisa e voltava para casa sempre no mesmo horário e pelo mesmo caminho. Chegara a hora de eu me aproximar dele e descobrir que tipo de pessoa era. Aproveitei então o fato de pressupor que ele gostava de ler, porque quase sempre o via carregando livros debaixo do braço. Como sabia o percurso que ele fazia e em qual horário passava, deixei jogado em seu caminho um livro de meu pai que pegara em casa. Se ele realmente gostasse de ler, com certeza pararia para pegar o livro, e essa seria a minha chance.

Não demorou muito e então, como de costume, lá vinha Cláudio, a passos largos rumo a sua casa após sair da igreja. Quando avistou o livro, não hesitou em pegá-lo. Deu uma folheada para ver do que se tratava, e em seguida olhou ao redor à procura de um possível dono. Não avistando ninguém, ele o pôs junto com os outros debaixo do braço, e seguiu. Essa era a minha chance: eu me aproximaria lhe indagando se encontrara o livro que eu haveria perdido pelo caminho.

- Oi, moço, desculpa incomodar, é que eu estava indo para casa e, quando cheguei, me dei conta de que havia deixado cair um de meus livros. Por acaso você achou um livro pelo caminho?

O rapaz, todo educado, foi logo mostrando que o havia encontrado enquanto seguia para casa.

- Achei, sim. Foi este aqui. Eu olhei para ver se via o dono, mas, como não havia ninguém passando, eu o levaria amanhã para a igreja. Veja se é este o livro que está procurando.

- Nossa! É este, sim. Não sei o que faria caso o perdesse, muito obrigado!

- Imagina, não foi nada. Bem, deixe-me ir então.

- Não, espere! - pedi.

- Sim, posso ajudá-lo em mais alguma coisa?

- É que eu não pude deixar de notar que você carrega alguns livros. Você também gosta de ler?

- Gosto sim. A minha formação não é das melhores, mas eu tenho me esforçado bastante. Procuro ler o máximo que posso e depois vou tentando copiar do livro para aprender a escrever direitinho. Não tive muitas oportunidades de estudo por ter de trabalhar desde cedo, então vou buscando aprender como posso.

- Nossa! Que legal de sua parte. Vejo que é bem esforçado. Seus pais devem se orgulhar de você. No meu caso, graças ao meu pai, tive boas oportunidades e consegui estudar um pouco. Na realidade, eu nasci na cidade vizinha e vim para cá aos 12 anos.

- Eu imaginei que você fosse novo por aqui, porque nunca o vi.

- É que passo a maior parte do tempo com amigos que fiz enquanto morava lá. Infelizmente aqui nesta vila eu não consegui fazer nenhum amigo - eu disse, tentando sensibilizá-lo.

- Compreendo. É que as pessoas daqui são bastante reservadas. Geralmente mantêm sempre o mesmo círculo de amizades.

- Mas vejo que você é diferente.

- É que desde pequeno minha mãe já falava que eu não nego uma boa conversa. Mas devo lhe confessar que eu também não tenho muitos amigos, mas os poucos que tenho são suficientes para mim, pois sei que posso contar com eles sempre que precisar.

- Pois é, não existe nada mais importante que uma amizade verdadeira - completei, sarcasticamente.

- Tem razão.

- Nossa! Estamos aqui conversando e eu nem me apresentei. Muito prazer, meu nome é Matheus.

- Ah, tem razão. O prazer é meu, Matheus, chamo-me Cláudio. Bem, eu já vou indo. Minha mãe está me esperando para o jantar.

- Está certo, não a deixe esperar. Cláudio, se você quiser, depois eu posso lhe emprestar alguns livros muito bons que tenho lá em casa; aposto que irá gostar. Se preferir, pode passar lá em casa.

- Muito obrigado, Matheus, acho que vou querer emprestado, sim, se não se importar. Acho que é sempre bom poder diversificar o conteúdo.

- Empresto, sim, com todo o prazer. Se você quiser, nós podemos combinar de ir lá domingo agora, que tal?

- Acho que pode ser, sim. Amanhã já é sábado mesmo. Onde você mora, Matheus?

- Não é muito longe daqui, não leva nem 15 minutos. Se você quiser, nós podemos combinar de nos encontrarmos em algum lugar, daí eu te levo lá em casa.

- Por mim, está bem. Podemos combinar em frente à igreja, que acha?

- Na igreja?! Melhor não...

- *Se Elisa me vir com ele, meu plano não vai dar certo* – pensei.

- Digo... melhor não porque vai estar tendo missa e você sabe como é. Vai haver muita gente. Melhor seria nós combinarmos aqui

mesmo, que tal?

- Ah, por mim, tudo bem então. Combinamos aqui no domingo de manhã.

- Está certo. Até domingo então, Cláudio. Foi um prazer.

- Até lá. O prazer foi meu, Matheus.

Após nos despedirmos, corri para casa, a fim de tentar dar um jeito na bagunça. Não poderia estragar tudo. Cláudio havia fispado a isca e era só levá-lo até em casa. Aí, quando ele menos esperasse, eu o mataria.

- Ah, eu sou demais! Não sei o que foi que a Elisa viu nele. Devo confessar que é bem-educado, mas é um lixo perto de mim. Elisa não merece um semianalfabeto, ela merece coisa melhor. Um homem de verdade, como eu - matutava eu, rindo em pensamento.

27. O CAMPO DE ROSAS

Não demorou muito para chegar o domingo. Logo após o término da missa, lá estava eu, no lugar combinado, esperando a chegada de Cláudio. Estava torcendo para que ele não tivesse contado nada a Elisa. Eu havia me esquecido de mudar meu nome, ao me apresentar a ele. Estava tão preocupado em conquistar a sua confiança, que nem me dera conta disso. Bem, o jeito era ficar à espreita, esperando que ele surgisse e não viesse acompanhado. Após alguns instantes, lá vinha ele. Trazia um sorriso no rosto, sorriso que eu planejava arrancar-lhe dali a pouco e substituir por dor e sofrimento. Com ele lá em casa a sós comigo, ninguém poderia ajudá-lo.

Cláudio se aproximou de mim e estendeu a mão em gesto de cumprimento. Eu, para não levantar suspeitas, retribuí e coloquei um sorriso amarelo em meu rosto.

- Oi, Matheus. Peço desculpas se o fiz esperar. É que o sermão do padre na missa de hoje foi maravilhoso.

- Imagina, meu amigo Cláudio. Eu cheguei há pouco tempo. Bem, vamos então?

- Claro, vamos, sim. Não vejo a hora de conhecer seus pais e ver seus livros.

- Ah... sabe o que é, Cláudio? Eu me esqueci de lhe contar: os meus pais não estão aqui na vila. O meu pai é um homem muito ocupado e teve de viajar a trabalho, daí minha mãe foi junto para fazer-lhe companhia - inventei, dando uma desculpa.

- Puxa, que pena. E você não se importou em ficar sozinho?

- Não, eu já estou acostumado. Desde pequeno convivo com as constantes viagens de meus pais. E também, afinal de contas, eu já sou bem grandinho, tenho 29 anos.

- Sério, Matheus? Nossa! Pois não parece. Eu pensava que você tinha uns 20, 21 anos - disse Cláudio, espantado.

- O segredo é dormir bem, sabe? Não há nada mais rejuvenescedor do que uma boa noite de sono. E você, Cláudio, quantos anos tem?

- Eu tenho 17.

- Hum, eu também havia pensado que você tivesse outra idade. Para mim, você já tinha uns 20. É que você aparenta ser uma pessoa bem madura.

- Pois é, Matheus. Acho que é porque eu precisei trabalhar desde pequeno. Logo cedo, tive de contribuir com o sustento lá de casa. O meu pai abandonou a minha mãe assim que soube que ela estava grávida de mim.

- Desculpe, Cláudio, eu sinto muito.

- Não, tudo bem. Acredito que de certa forma isso foi bom, pois a consequência é que eu me tornei quem sou hoje. Penso que trabalhar engrandece o homem.

Enquanto conversávamos, íamos seguindo até em casa. E, no percurso, Cláudio foi me contando a dificuldade que fora para ele e sua mãe terem de se virar sem a presença de um pai. Fui ouvindo tudo o que falava e apenas concordando com a cabeça. Devo admitir que eu era invadido por diferentes sentimentos. Havia momentos em que eu queria fazê-lo calar a boca e parar com aquela baboseira de bom moço; não via a hora de chegarmos em casa e fincar uma faca nas suas costas. Mas também havia momentos em que eu sentia pena daquele pobre infeliz; desejava sumir e deixá-lo em paz. Nunca havia experimentado essa estranha sensação e a dúvida sobre o que fazer. Eu precisava acabar com ele para que Júlio se unisse a mim no meu plano para destruir a igreja. E também, com Cláudio fora do caminho, eu teria Elisa só para mim. Então por que eu hesitava? Por que tinha essas dúvidas na minha mente?

O que eu não imaginava era que aqueles pensamentos que vinham à minha mente eram emanados diretamente por Cássius, no plano superior.

- E então, Cássius, está conseguindo minimizar as vontades de Matheus de prejudicar Cláudio? - perguntou Dionísio, conversando com Cássius no plano superior.

- Confesso que não está sendo nada fácil, meu caro amigo. Só estou conseguindo alguns relances com ele, graça ao auxílio de Balthazar, que, mesmo se encontrando concentrado em elevar suas energias para o momento oportuno, está sensibilizado com o que Matheus está pretendendo fazer com Cláudio.

- Nossa! Que espírito mais elevado e generoso é Balthazar. Mesmo estando fora dos nossos portões e concentrado em elevar-se, procura auxiliar como pode - disse Dionísio.

- Tem razão, meu amigo. Continuarei aqui, esforçando-me e dedicando todas as minhas energias para ajudar Cláudio. Enquanto conseguirmos manter esse campo vibratório, estaremos afastando temporariamente as forças das sombras que acompanham Matheus e anulando essas pesadas energias negativas que tentam dominá-lo.

No plano físico, finalmente Cláudio e eu chegávamos à minha casa.

- Venha, Cláudio, pode entrar; peço que não repare na bagunça.

- Imagine, Matheus, não se preocupe com isso. O meu quarto também não é dos mais arrumados. Nossa! Mas que casa bonita vocês têm.

- Ah, obrigado. Mas venha, sente-se. Você quer beber algo?

- Quero, sim, pode ser um copo d'água mesmo. Hoje o dia está bem quente.

- Tem razão, Cláudio. Vou lá pegar e já volto.

- *Bem que eu podia ter um pouco de veneno aqui. Isso facilitaria o meu trabalho, pensei.*

- Pronto, Cláudio, aqui está.

- Obrigado, meu amigo. Eu estava observando que vocês possuem uma bela coleção de livros. Desculpe-me a curiosidade, mas seu pai trabalha em quê?

- Ah, bem. Meu pai é, é... Ele é um fazendeiro. Na realidade, é um empreendedor. Possui muitas terras espalhadas por aí. E é por isso que se ausenta tanto. Gosta de ir pessoalmente ver como estão as coisas.

- Nossa, que legal. Eu também trabalho em uma fazenda. Cuido, junto com meu tio e mais alguns empregados, das colheitas. Não fica muito longo daqui, deve dar umas duas horas - comentou Cláudio.

- Mas veja, deixe eu lhe mostrar alguns dos livros que temos. Você gosta de qual assunto?

- Gosto muito de história antiga. Fascina-me. Mas também gosto de poesias. E você?

- Ah, eu? É, é... Eu gosto de poesias também - respondi, meio sem jeito, pois, na realidade, eu detestava ler. Quanto mais longe passasse dos livros, melhor.

Nós ficamos lá em casa, conversando por várias horas. Cláudio adorava falar, e eu, naturalmente, procurava sempre manter a postura de “bom amigo”. Não entendia o que havia comigo. Eu queria fazer-lhe calar a boca e estrangulá-lo. Seria maravilhoso vê-lo agonizar pelas minhas mãos. Ou, então, com um único golpe, cortar-lhe a garganta. Mas eu não conseguia, algo me prendia. Aquela sensação estranha invadia-me e eu nada conseguia fazer.

- Será que eu estou gostando de sua amizade? Eu praticamente nunca tive um amigo de verdade. Ai, que ódio, que raiva por me sentir assim!, eu pensava. Eu desejava sumir, mas, ao mesmo tempo, queria ficar ali e ouvi-lo. Cláudio, por sinal, todo educado, continuava a falar e comentar as coisas que fazia e que gostava. E eu, de fato, nada fiz. Agi com aquele rapaz como se fôssemos bons amigos.

Quando anoiteceu, ele se levantou, me deu um forte abraço e disse que tinha sido ótimo ir à minha casa. Estava muito contente por ter me conhecido e ansiava que nos víssemos mais vezes.

Diante daquele gesto, fiquei estacado, completamente sem reação. Havia tempo que ninguém me tratava assim, com tanto respeito e carinho. Teria eu esquecido o meu real objetivo: eliminar aquele rapaz? Não sabia. Mas, para meu espanto, simplesmente deixei-o ir e ainda o convidei para aparecer mais vezes. Assim que Cláudio se foi, eu permaneci, não sei por quantas horas, sentado em minha cama, pensando no que havia ocorrido. Mal sabia eu que

eram Cássius e Balthazar intercedendo por aquele rapaz, enviando vibrações sugestivas para que eu agisse daquela forma.

- Nossa! Graças ao Senhor e à dedicação sua e de Balthazar, Matheus nada pôde fazer contra Cláudio, meu caro Cássius. Como se sente? - questionou Dionísio.

- Graças ao Senhor. Devo confessar-lhe que não foi nada fácil manter uma energia positiva naquele ambiente, Dionísio. Tanto naquele rapaz quanto naquela casa, existem energias fortíssimas trabalhando para criar a desordem. Devo agradecer a Balthazar por interceder, pois, sem ele, creio que nada poderia fazer. O mal está enraizado naquele moço. Percorrem muitas energias negativas por sua mente, desejando praticar a maldade. Necessitaremos de toda a ajuda possível para auxiliar nosso amigo Cláudio.

- Tem razão, Cássius. Gostaria que eu fizesse algo?

- Bem, Dionísio. Se puder ficar em meu lugar zelando por Cláudio só por esta noite, eu agradeceria. Tive de utilizar muitas energias para que nada ocorresse, e creio que necessito de um breve refazimento. Não se preocupe, Cláudio já está em casa repousando, e Matheus mais nada pode fazer.

- Claro, Cássius. Eu ficarei, sim, meu amigo. Vá descansar. Eu permanecerei com Cláudio.

- Muito obrigado, Dionísio. Voltarei o mais breve possível.

Nas semanas que se seguiram, eu e Cláudio iniciamos uma falsa amizade. Quase sempre depois que Cláudio saía da igreja, nós nos encontrávamos para conversar. Aos poucos, fui ganhando a sua confiança e tentando compreender aqueles sentimentos que se faziam presentes em mim. Mas Cláudio também procurava visitar sua amiga Elisa, sempre após o almoço com sua mãe. E eu, que àquela altura já me encontrava atraído por ela, não ficava para trás. Posso dizer que nós três mantínhamos uma relação. A diferença era que, por mais que eu me esforçasse para agradar à Elisa, percebia que ela só tinha pensamentos para Cláudio. Conforme o tempo passava, minha necessidade de possuí-la ia aumentando. Eu desejava Elisa fortemente, como nunca havia desejado mulher nenhuma antes. Mas o que fazer se estava evidente que Cláudio era seu eleito?

Continuei com aquela estranha relação, enquanto era acometido pela vontade de acabar com Cláudio e ficar com Elisa, mas também, às vezes, pela vontade de ir embora e deixá-los em paz. Eu fazia de tudo para que nem Cláudio nem Elisa soubessem da relação que vinha mantendo com os dois. Mas, por mais cuidado que tivesse, eu nunca poderia imaginar que houvesse uma pessoa acompanhando os nossos passos: era Alê, o amigo de Cláudio. Sempre que Alê ia até a casa de Cláudio para procurá-lo, sua mãe dizia que ele havia saído com um amigo.

- Mas que amigo é esse? E por que Cláudio nunca me apresentou a esse amigo? – questionava-se Alê.

Aos poucos, sem perceber, Cláudio foi pondo sua amizade com Alê de lado. Não era algo intencional, mas o fato é que quase sempre era eu quem ocupava o seu tempo livre depois de ele ver Elisa. Alê, então, começou a sentir ciúmes daquela nossa amizade. Não aceitava o fato de perder o antigo amigo para um recém-chegado. Então, começou a seguir os nossos passos e viu a estranha amizade que eu estava mantendo com Cláudio e Elisa, sem que ambos se dessem conta.

Enquanto Alê continuava acompanhando os nossos passos, fui procurado por Júlio, que me questionava o porquê da minha demora em eliminar Cláudio. Mal sabia ele da relação que eu vinha mantendo com Cláudio e Elisa. Eu lhe prometi acabar com Cláudio o mais breve possível, afinal de contas, eu tinha uma missão: vingar-me de Deus. Eu precisava destruir aquela igreja para provar-lhe que, se ele fora capaz de me tomar meu pai, eu também era capaz de tirar-lhe uma de suas casas.

Mas, apesar do meu ódio contra Deus, eu estava atordoado com relação aos sentimentos por Cláudio e Elisa. Por isso, decidi tomar uma atitude: eu procuraria Elisa e lhe contaria, de uma vez por todas, o que sentia por ela. Nunca havia desejado alguém como desejava aquela moça. Precisava que ela fosse minha, o meu corpo e

a minha alma suplicavam isso. Então, no dia seguinte, segui até a igreja decidido a abrir meu coração para Elisa, mesmo percebendo que ela gostava de Cláudio. Minha intenção era mostrar-lhe quem realmente era, e o que sentia por ela. Ao chegar à igreja, conferi se o padre estava por lá e, não o avistando, fui até o quarto onde Pedro e Elisa vinham dormindo. Ao entrar e ver somente Pedro, perguntei-lhe sobre sua irmã. Sem titubear, ele logo disse:

- A Elisa não está. Ela saiu com o Cláudio.

- Mas como não está? Hoje não é domingo, ela deveria estar aqui, cuidando dos afazeres da igreja.

- Pois é, o Cláudio veio aqui logo cedo e disse que tinha uma surpresa para ela.

- *Que estranho, o Cláudio não deveria estar trabalhando?*, pensei e então perguntei:

- E por acaso você não sabe aonde eles foram?

- Ouvi dizer algo sobre campo de rosas.

- Campo de rosas? Acho que sei onde fica isso...

Não perdi tempo e corri para o local. Campo de rosas era uma enorme plantação de flores, situada nas proximidades da vila. No caminho, eu fui pensando por que será que Cláudio não tinha ido trabalhar, e por que será que ele levara Elisa até lá. A dúvida me inundava o pensamento. O que teria motivado Cláudio a faltar ao

trabalho justamente hoje, no dia em que eu procuraria Elisa para lhe contar o que sentia por ela?

Quando finalmente cheguei ao campo de rosas, presenciei uma cena que mudaria por completo o meu caráter. Estavam Cláudio e Elisa juntos, no meio das rosas. Aquela cena de Elisa deitada com Cláudio, se entregando a ele, invadiu a minha mente como uma onda, varrendo tudo que ainda restava de bom em mim até aquele momento. Apesar de perceber que Elisa se interessava por Cláudio, eu ainda tinha esperanças de conquistá-la. Imaginava que ela fosse ficar tocada quando eu lhe declarasse o meu amor.

O sentimento de injustiça mais uma vez batia à minha porta. O ódio por Deus ter me feito passar mais uma vez por uma perda não tinha tamanho. Além de me tirar aquele a quem eu prezava tanto, que era meu pai, agora ele me tirava também Elisa. Comecei a me encher de raiva e ódio. Queria destruir tudo e todos por me fazerem passar por isso. O mundo não era mais um lugar confiável. Tive vontade de invadir aquele campo e acabar com aqueles dois com minhas próprias mãos.

- Malditos, safados! Queimarão nas trevas por me fazerem sofrer! Maldito Cláudio, eu estava poupando sua vida por acreditar que ainda existia justiça neste mundo, e você me faz isso? Nunca o perdoarei. Jamais! Você acabou de assinar a sua sentença de morte, seu maldito. E quanto a você, Elisa, saiba que também irá sofrer por ter me traído. Vadia, safada.

Você ainda vai ser minha, eu vou possuí-la e fazê-la sofrer por ter me causado tamanho sofrimento! Malditos, malditos! – vociferava eu, em pensamento, rogando-lhes tudo de pior que pudesse existir.

No dia seguinte, após Cláudio e Elisa terem passado a noite juntos, Cláudio indagava Elisa sobre o comentário que ela fizera tempos atrás, quando ele lhe contara o que sentia por ela.

- Eu ainda não consegui compreender, Elisa, por que você me disse que me via somente como um amigo.

- Peço desculpas por ter lhe dito aquilo, Cláudio. É que, na época, eu estava com medo da reação que meu pai teria, caso soubesse do nosso relacionamento. O meu pai sempre foi muito ciumento e possessivo. Você mesmo presenciou aquela vez na igreja. Eu não queria que ele o machucasse. E como não estou mais em casa, não tenho mais esse medo. A verdade é que eu me apaixonei por você desde o primeiro instante. Quando vi você voltando da cachoeira com meu irmão, eu soube ali que estava apaixonada por você. A distância que mantivemos só fez aumentar esse sentimento por você.

- Você não sabe o quanto eu esperei por este dia, Elisa. Ficar longe de você me consumia pouco a pouco. Quero lhe agradecer por ter aceitado o meu convite. Foi maravilhoso termos passado a noite de ontem juntos. Eu nunca imaginei que pudesse ser tão bom. Eu te amo, Elisa.

- Eu que te amo, Cláudio.

28. O DESAPARECIMENTO DE ALÊ

Enquanto Cláudio e Elisa teciam juras de amor, estava eu em minha casa, expelindo ódio contra tudo e todos, por ter me iludido a ponto de acreditar que a vida era justa. Culpava-me por não ter matado Cláudio quando tivera a chance de fazê-lo. Mas aquilo não ficaria daquele jeito. Nunca mais eu seria paciente nem me deixaria enganar pelas falsas sensações. Chegara a hora de mostrar do que era capaz. Cláudio deveria ser eliminado de qualquer forma, e Elisa pagaria por não ter correspondido ao meu amor. Conhecia exatamente um lugar no qual poderia levar Cláudio e exterminá-lo sem que alguém pudesse ajudá-lo. Mas, para isso, necessitaria da ajuda de Júlio; fiz, então, um mapa do local aonde levaríamos Cláudio e segui para a cabana, a fim de entregá-lo a Júlio.

O que eu não sabia era que havia uma pessoa seguindo os meus passos. Era Alê, que, desconfiado da amizade entre mim e Cláudio, pusera-se a me seguir, acompanhando os meus passos até a cabana no meio da mata, onde Júlio se encontrava. Ao chegar, fui logo contando a Júlio como exterminaria Cláudio.

- Júlio, aqui está o mapa com o local em que você irá me encontrar. Trata-se de um lugar bem afastado daqui, onde ninguém poderá ajudar aquele maldito rapaz. Eu irei atraí-lo até lá, e lhe darei o prazer de acabar com ele você mesmo.

- Entendi, mas o que pensa em fazer com aquele maldito fedelho, quando chegar lá?

- Este mapa que eu lhe entreguei explica direitinho como chegar a esse local. Lá fica localizada a chamada "Encosta do Rochedo". Atrairéi Cláudio até lá, sem que ele saiba do que se trata, e, então, você aparecerá e o renderá com uma faca. Primeiro, nós o faremos sofrer muito. Aí, então, iremos obrigá-lo a pedir pela morte. E, para seu deleite, permitirei que o jogue lá de cima, enquanto acompanhamos metro a metro a sua queda, até se esfarelar no fim da encosta. O que acha?

- Perfeito. Poderemos fazê-lo sofrer por tudo o que me causou e tem causado desde que apareceu em minha vida - respondeu Júlio, com um largo sorriso no rosto.

Enquanto eu comentava com Júlio a respeito do meu plano, Alê escutava tudo o que desejávamos fazer contra Cláudio. Alê não acreditava que pudéssemos ser capazes de tamanha maldade. Ele precisava fazer alguma coisa. Não poderia permitir que matássemos seu pobre amigo. Pensou, então, em correr avisar o delegado. Contudo, quando se afastou da cabana para retornar à vila, acabou

fazendo barulho e chamando a nossa atenção. Quando olhei pela janela e vi aquele rapaz, logo corri para tentar impedi-lo de contar a respeito do que ouvira. Ao perceber que fora descoberto, Alê tratou logo de correr. Eu saí correndo atrás dele. O rapaz era veloz, mas, para seu desespero, eu era mais, então não demorei muito a alcançá-lo e derrubá-lo no chão. Com o garoto dominado, eu o levei de volta à cabana e questionei sobre o que ele fazia ali.

- Fala, seu moleque! O que estava fazendo aqui? - interoguei, encostando-lhe uma faca no pescoço.

- Seu maldito! Eu não irei deixar que matem o Cláudio. Soltem-me, eu irei agora mesmo contar ao delegado o que pretendem fazer.

- Cala a boca, seu atrevido! Acha que temos medo daquele delegadozinho? Aqui quem manda somos nós - respondi.

- Soltem-me! Soltem-me! - gritava Alê.

- Júlio, nós precisamos fazer alguma coisa. Esse ordinário ouviu demais! Não podemos deixar que se vá e conte a alguém sobre o nosso plano. Ele deve ser morto! - falei.

Júlio me olhou, depois voltou seus olhos para o pobre rapaz que suplicava para o libertarmos e disse:

- Eu não tenho nada a ver com isso. O meu assunto é com aquele maldito fedelho. Se esse moleque ouviu demais, a culpa é toda sua por tê-lo trazido até aqui.

- Eu não acredito que não vai fazer nada! Esqueceu-se de que você também está metido nisso? - cobre.

- Já disse. Eu não quero nem saber. Se “vira”! Só me procure quando o assunto for aquele frangote do Cláudio. Do contrário, nós não temos nada que discutir - respondeu Júlio.

Após dizer que não iria fazer nada com relação a Alê, Júlio virou as costas e foi embora, deixando-me a falar sozinho. Sem saber o que fazer com Alê, só pensei em mantê-lo preso enquanto pensava em algo. De uma coisa eu tinha certeza: aquele menino tinha ouvido demais e não poderia ficar livre. Com certeza, ele iria correndo até o delegado e o levaria até a cabana. Isso eu não permitiria. Seria capaz de matá-lo por se intrometer em meus planos de vingança.

No plano superior, Dionísio questionava Cássius sobre a situação em que Alê, o amigo de Cláudio, se encontrava:

- Cássius, não há nada que nós possamos fazer para auxiliar o amigo de Cláudio?

- Infelizmente, nada podemos fazer. Eu tentei me aproximar de Matheus, mas, sem o auxílio de Balthazar, eu, por mais que tente, nada consigo fazer. Matheus é uma pessoa muito perturbada e não possuímos afinidades para que eu possa orientá-lo. Desde que ele se revoltou contra Cláudio e Elisa, o seu campo vibratório ficou mais denso e pesado. Não somente as sombras que o acompanhavam têm

interesses nele, mas também sinto a presença de fortes energias vibratórias vindas das trevas.

- Tem certeza, Cássius? Se é verdade isso que está me contando, então o assunto é muito mais grave do que pensei. Acha que eles ousariam se aproximar de tal forma? - perguntou Dionísio, assustado.

- Creio que sim, meu amigo. Esse não é o primeiro caso em que esse tipo de interesses ocorre. Há muito tempo, as trevas vêm se organizando e buscando esse tipo de contato. Desde que Jesus, em sua passagem pelo mundo dos mortos, libertou os espíritos perdidos do poder das trevas, eles vêm tentando retomar esse controle. Mas, graças ao Senhor e aos nossos irmãos mais evoluídos, isso não tem ocorrido com a frequência que desejavam. O que ocorre são pequenas junções de interesses de ambos os lados. É só você ver o caso dos grandes ditadores que existiram. Todo ser humano tem a opção de trilhar seus caminhos e fazer as suas escolhas, e cada um é rodeado tanto pelos nossos irmãos de luz, quanto pelos que estão vagando nas zonas purgatórias ou inferiores. Acontece que, em determinadas ocasiões, além desses interesses mútuos, dos que aqui estão e os dos que residem nas trevas, há o incentivo por parte daqueles que perpetuam as zonas intermediárias, o que intensifica fortemente essas relações.

- Nossa, Cássius! Mas isso pode ocorrer com qualquer um?

- Compreendo a sua preocupação, meu amigo. Quer saber se uma pessoa comum e de bem pode ser atingida por essas energias e se voltar para o mal. Posso lhe assegurar que isso não ocorre. Geralmente, e quase sempre, ambas as partes possuem interesses em comum. Existe uma correlação, ou seja, um busca o outro, e vice-versa. No caso de Matheus, como nosso querido amigo Balthazar nos explicou, ele traz consigo marcas pesadas do passado e, ao invés de aproveitar a nova oportunidade que lhe foi oferecida, ele se volta contra si mesmo. Assim, deixa-se dominar por pura satisfação.

- Devo lhe pedir que não se culpe pela situação de Alexandre. Lembre-se de que cada um escolhe o seu caminho. Nós só podemos tentar orientar. Cabe a cada um aceitar ou não. Por isso, não se preocupe com a situação em que ele se encontra. Alexandre escolheu ajudar o amigo e foi disposto a isso. Tenho conhecimentos de que Alexandre não está só e foi por decisão prévia, antes de retornar ao físico, que solicitou essa oportunidade junto a esse irmão. O importante é que ele é acompanhado de perto por amigos valorosos, de outra região espiritual situada nas proximidades da crosta terrestre. Venha, confiemos na providência divina - concluiu Cássius.

No plano físico, anoitecia e a mãe de Alexandre começava a se preocupar com a demora do filho em retornar para casa.

- Ai, Fausto, estou preocupada com o Alê. O nosso filho nunca fica fora de casa tanto tempo sem nos avisar. Você acha que aconteceu alguma coisa? - questionou Dona Maria.

- Não se preocupe, Maria. Com certeza, ele deve estar na casa de algum amigo. Dê um pouco de liberdade ao rapaz. Vai ver ele decidiu dormir fora, quem sabe?

- Dormir fora, Fausto? Até parece que você não conhece o seu filho. Sabe muito bem que ele sempre nos avisa aonde vai.

- Calma, Maria. Verá como daqui a pouco ele vai aparecer aí.

- Deus o ouça, Fausto... Deus o ouça - orou Dona Maria.

Mal sabia ela que seu filho querido estava em meu poder, amarrado na cabana no meio da mata, implorando para que eu o libertasse. Eu, por sinal, nem lhe dava atenção. Estávamos tão distantes e isolados que ninguém poderia ouvir seus gritos. O que me perturbava era Elisa ter me trocado por Cláudio. Minha esperança de que, se me aproximasse dela e lhe contasse o que sentia, ela iria se render a mim ainda se mantinha.

Tomado por esse pensamento, segui até a igreja, deixando Alexandre sozinho na cabana, a fim de mostrar a Elisa meus sentimentos. Ao me ver, Elisa estranhou, a princípio, chegando a perguntar o que eu fazia ali, mas logo permitiu a minha entrada para conversarmos.

- Nossa, Matheus, mas que cara é essa? Aconteceu alguma coisa?

- ela perguntou-me.

- Aconteceu, sim, Elisa. Ocorre que eu não aguento mais esconder o que sinto. Eu preciso lhe contar. Foi acontecendo aos poucos e, quando me dei conta, já estava dominado por esse sentimento.

- Sim, o que foi? Diga, Matheus.

- É que eu estou completamente apaixonado por você. Não aguento mais disfarçar esse sentimento. Eu preciso de você, Elisa.

Elisa ficou imóvel, sem saber o que dizer. Parecia não acreditar no que ouvia, pois, até então, nós nos víamos somente como amigos. Como ela não respondeu, segui em sua direção e, sem perda de tempo, beijei-a. A reação de Elisa não poderia ser outra: ela me empurrou e disse que me considerava um amigo. Pedi desculpas caso tivesse me dado falsas impressões e solicitou que eu fosse embora. Mesmo assim, eu insisti e lhe dei outro beijo. Segurei-a com força e disse para não negar seus sentimentos.

Elisa conseguiu se desvencilhar e, tomada de desespero, deu-me um tapa no rosto, aos prantos, dizendo que eu não prestava e que não tinha o direito de exigir-lhe algo.

Tomado de ódio por ter sido rejeitado, levantei o braço a fim de revidar o tapa e mostrar-lhe que ninguém brincaria com meus sentimentos. Mas fui impedido com a chegada do padre Antônio,

que ainda se encontrava na igreja, fazendo suas preces. Ao ver o padre, fugi, prometendo vingar-me por ter sido rejeitado.

- Maldita Elisa! Ela irá se arrepender do que fez. Dei-lhe a chance de receber o meu amor e ela me negou. Agora irá sofrer as consequências! - gritava eu, fugindo.

Ao ver Elisa aos prantos, o padre Antônio procurou logo consolá-la e dizer que tudo ficaria bem.

- Calma, minha filha, não chore, eu estou aqui. Conte-me o que aconteceu.

- Ai, padre, como eu fui tola, fui ingênua. Se não fosse o senhor aparecer, nem sei o que teria acontecido.

- Calma, Elisa, venha. Vamos, me conte tudo o que aconteceu. Não precisa mais chorar. Eu ficarei aqui o tempo que for preciso.

- Obrigada, padre.

Eu então segui para a cabana. Mas, antes de dar continuidade à narrativa, preciso prevenir o caro leitor de que serão descritas, a partir deste ponto, algumas tristes situações de violência causadas por mim, fundamentais para que se entenda o lamentável estado espiritual em que eu me encontrava. Porém, omitirei detalhes de crueldade que poderiam incomodar ou criar uma leitura demasiadamente desagradável. Mas que o leitor tenha em mente que todos os atos que cometi nessa existência foram, sim, infelizmente, acompanhados de muita crueldade, vingança e frieza.

Isso é importante para que se compreenda que toda alma, por mais perversa, cruel, egoísta, impiedosa ou irracional que seja, tem salvação e é igualmente amparada.

Nessa minha encarnação que está sendo descrita, eu era uma pessoa muito perversa, que não respeitava o próximo, e era capaz de fazer qualquer coisa, inclusive ferir quem estivesse em meu caminho ou lhe ceifar a vida.

Mas, para preparar o leitor e evitar que se martirize com o sofrimento das pessoas que estão sendo, neste ponto da história, alvo de minha ira, gostaria de salientar que estas em momento algum estiveram desamparadas ou sofrendo injustiças. Pois estamos todos, a todo instante, sendo amparados e confortados por dezenas de companheiros do plano espiritual. Estes, carinhosamente, seguem ao nosso lado, procurando nos auxiliar e orientar para que alcancemos o máximo proveito que a vida no físico tenha a nos proporcionar.

Não estamos desamparados ou esquecidos por Deus. Ele não julga ou condena, Deus é amor, é bondade. Sua intenção é que todos possamos, com as nossas próprias forças, superar cada obstáculo em nosso caminho. Obstáculos que são provações ao próprio espírito, que, intimamente, os deseja; não como forma de suplício, mas sim de abnegação e amor. A vida no físico é escola de oportunidade, e cada ser que nela se encontra solicita os desafios que anseia enfrentar.

Não pense que a vida proporciona dificuldades, mas sim oportunidades de crescermos e de demonstrarmos não a Deus, mas a nós mesmos, que somos capazes.

Desta forma, gostaria de explicar que nada do que irei narrar aconteceu por acaso. Cada ser, antes de adentrar ao físico, solicita, humildemente, as provações por que deseja passar. Provações que visam resgatar pendências que estavam impedindo o avanço de quem, no passado, tenha sido causador de algum mal contra si ou, principalmente, contra seu irmão. Quando alguém passa por uma dificuldade que parece injusta aos nossos olhos, devemos nos lembrar de que tudo possui seu motivo. Que, aos olhos de Deus e aos olhos do próprio mártir, aquela dificuldade é valiosa bênção à elevação de seu espírito.

Mais uma vez, não pensem que estão sós. Dezenas de companheiros zelam por vocês, por sua saúde, seu sucesso, seu bem-estar e sua felicidade. Devemos nos lembrar também daquele que foi enviado por Deus para que jamais tornássemos a nos sentir sós – seu amado e querido filho Jesus Cristo.

Sendo assim, espero que, com esses devidos esclarecimentos, possamos dar continuidade à narrativa.

Após chegar à cabana, eu voltei toda a minha raiva e meu ódio – pela rejeição de Elisa – contra Alexandre, que não parava de pedir socorro e me xingar.

- Socorro! Socorro! Por favor, alguém me ajude! Estou preso nas mãos de um maluco! - gritava Alê, sem que alguém respondesse.

- Droga! Cale a boca, seu moleque! Cale essa boca porque eu estou mandando.

- Socorro, alguém me ajude! - continuava a gritar Alexandre.

Com raiva de Elisa e ódio de Cláudio, os gritos de Alexandre aumentavam ainda mais a minha ira. Como ele continuava gritando, mesmo com as minhas ameaças, perdi a cabeça de vez e comecei a agredi-lo. Percebi que, quanto mais eu batia naquele rapaz, melhor e mais aliviado eu me sentia. Isso prosseguiu mesmo depois que ele desmaiou, e em nenhum momento senti remorso ou pena do infeliz. Só parei quando comecei a pensar que Elisa não podia ficar impune pelo que me fizera. Permaneci ali na cabana, olhando para aquele menino, durante a noite inteira.

Pela manhã, com muitas dificuldades, o rapaz, murmurando, continuou a pedir ajuda. Eu, então, olhei fixamente em seu semblante e, impiedosamente, dei fim a sua vida. Confesso que senti prazer em ver a vida daquele rapaz se esvaindo diante de mim.

Passadas algumas horas, decidi que não poderia simplesmente deixar o corpo ali. Precisava sumir com ele, para que não chegassem a mim. Então fui à fazenda próxima e invadi o terreno em busca de uma pá. Após encontrá-la, e ter a certeza de que ninguém havia me visto, voltei à cabana e o enterrei.

Acreditando que havia liquidado de vez aquele assunto, segui para minha casa, a fim de tomar banho e depois voltar à igreja, já pensando em vingar-me de Elisa.

Enquanto eu estava me banhando, Cláudio, em sua casa, contava para a mãe a maravilhosa noite de amor que tivera com Elisa, já que no dia anterior eles não tinham conseguido conversar.

- Então, valeu a pena a folga que você teve lá no trabalho, meu filho? Deu tudo certo em seu encontro com Elisa? - perguntou Dona Marta.

- Foi maravilhoso, mãe. Não poderia ter sido melhor. A senhora me desculpe por ter passado a noite fora e ter chegado tão tarde. Nós nos entendemos tão bem, que mal vimos o tempo passar - confidenciou-lhe Cláudio, encabulado.

- Tudo bem, meu filho. Não se preocupe com isso. O importante é que você conseguiu se acertar com a Elisa.

- É verdade, mãe. Eu nem acredito que pude dizer à Elisa tudo o que sentia de verdade e, graças a Deus, ela me disse que também sente a mesma coisa. Contou-me que só negou seus sentimentos por receio de seu pai, mas agora, como já não está mais em casa, decidiu abrir seu coração.

- Ah, então foi por isso que ela não quis ficar com você antes? Mas ela não pensa mais em voltar para casa?

- Ela me contou que ainda está muito magoada com o pai. E que, por enquanto, prefere manter a situação como está. Prefere esperar o tempo lhe dizer o que fazer.

- Tem razão, meu filho. Verá como logo essa situação se resolverá.

- Deus a ouça, mãe. Bem, agora me deixe ir trabalhar, porque não quero parecer mal-agradecido pela folga que me deram. Afinal, não quero abusar deles. Até mais tarde, mãe.

- Até mais tarde, meu filho.

29. AS SÚPLICAS DE ELISA

Depois de trocar de roupa e ficar algumas boas horas pensando no que havia feito, decidi que nunca mais deixaria que alguém brincasse com meus sentimentos. Tomado por esse pensamento, eu disse a mim mesmo que Elisa deveria ser minha e de mais ninguém. Com o orgulho ferido e com muito ódio no coração, ao anoitecer, segui até a igreja a fim de resolver de uma vez aquela situação.

Ao chegar, esperei por algumas horas para ver se Cláudio havia ido se encontrar com Elisa. Mas, para a minha sorte, ele havia ficado até mais tarde no trabalho, então o caminho estava livre para a minha vingança. Disposto a todo custo a ter Elisa para mim, fiz cara de arrependido e bati na porta da igreja.

- O quê?! Mas o que você está fazendo aqui? Eu vou gritar, hein!
- ameaçou Elisa.

- Não, não, espere, por favor! Escute-me só por um instante, Elisa, eu lhe imploro.

- Você é mesmo muito cara de pau de aparecer aqui depois do que fez. E pensar que eu confiei em você - lamentou Elisa.

- Eu sei, Elisa, você está certa, eu errei e lhe peço desculpas. Eu estou sinceramente arrependido do que fiz. Eu lhe suplico, por favor, me deixe explicar o que aconteceu, Elisa. Será que eu posso entrar só por alguns instantes para conversarmos?

- Não, eu não quero que entre. Diga daí mesmo o que deseja e vá embora. Você já teve a sua chance e a desperdiçou.

Enquanto eu tentava convencer Elisa a me deixar entrar, Dona Maria e seu Fausto, pais de Alexandre, choravam desesperados pelo desaparecimento do filho. Como ele havia passado a noite fora e não retornara no dia seguinte, seus pais haviam procurado o delegado pedindo-lhe que organizasse uma busca pela vila. O delegado reunira boa quantidade de homens para trabalhar nas buscas pelo rapaz não só pela vila, mas também pelas redondezas. Eles tinham vasculhado todos os cantos, mas, para desespero de seus pais, nada haviam encontrado. Nenhum sinal do rapaz. Para a minha sorte, a cabana e o local onde eu o havia enterrado eram bem afastados da região, no meio de uma mata fechada. De qualquer forma, o delegado prometeu aos pais de Alê que as buscas prosseguiriam pelo tempo que fosse necessário.

Em sua casa, Cláudio, que já havia voltado do serviço, lamentava-se com a mãe por ter ficado trabalhando até tarde e ainda não ter podido ir ver sua amada Elisa desde a noite em que haviam ficado juntos. Ele não sabia que eu havia ido procurá-la para falar-

lhe dos meus sentimentos e que tentara beijá-la à força. Esta era a minha chance. Precisava aproveitar agora, antes que alguém descobrisse o que havia feito.

Após muita insistência minha, finalmente Elisa me deixou entrar, esperando que eu somente me desculpasse pelo que fizera. Pobre garota, mal sabia que eu tinha outras intenções. Assim que entrei e ela fechou a porta, eu, rendendo-a com uma faca, disse que ela seria minha. Elisa tentou impedir-me, e eu a agredi furiosamente até que, com seus gritos, seu irmão surgiu para tentar ajudá-la. Eu, revoltado, empurrei-o, ameaçando-o. Elisa, então, para defender a vida do irmão, disse que se sujeitaria a mim desde que eu não o machucasse.

Com o meu corpo tomado por desejo, pois eu nunca havia cobiado ninguém tão loucamente, avancei sobre a garota, beijando-a e a possuindo, sem me preocupar com o olhar assustado de seu irmão. Àquela altura, levado pela obsessão de tê-la para mim a qualquer custo, nem me importava com o nojo e o ódio que podia ver nos olhos da pobre Elisa.

Segui assim até que fui interrompido com as batidas na porta da igreja. Era o vigia Paulo, que tinha ouvido gritos vindos de lá e fora ver do que se tratava. Quando me dei conta, tratei logo de me vestir e sair correndo pela janela dos fundos. Pedro, vendo que eu havia fugido, foi logo ajudar a irmã, que estava no chão. Enquanto eu escapulia pelos fundos, o garoto foi abrir a porta da igreja para pedir

ajuda. Assim que abriu a porta e viu Paulo, Pedro, aos gritos, passou a implorar para que ele ajudasse sua irmã.

- Ai, moço, por favor, ajuda a minha irmã. Não deixa ela morrer!

- gritava Pedro.

- Calma, me diga o que aconteceu. Eu ouvi gritos, mas demorei a compreender de onde vinham, pois logo pararam.

- Vem, moço, corre. A minha irmã está ali.

- O quê? Elisa, Elisa, o que aconteceu? Quem fez isso com você? - perguntava Paulo, desesperado ao ver a situação em que a menina se encontrava.

Sem perda de tempo, Paulo tratou de cobrir o corpo machucado de Elisa e pegá-la nos braços. Como ela estivesse imóvel, Paulo levou-a imediatamente para a casa de saúde, a fim de buscar ajuda médica. Enquanto isso, eu já me encontrava bem longe dali. Estava feliz e, ao mesmo tempo, preocupado, pois sabia que logo viriam atrás de mim. Então corri para casa, para pegar tudo o que podia e fugir da vila o mais rápido possível.

Na casa de saúde, assim que Paulo chegou com Elisa, Dr. Francisco ficou muito preocupado com o estado da garota e com o fato de sua pulsação estar muito baixa. Após ver que Elisa estava entregue em boas mãos, o vigia seguiu com Pedro até outra sala para questioná-lo sobre o que havia acontecido.

- Calma, Pedro, Elisa vai ficar bem. O Dr. Francisco vai cuidar dela. Agora, me conta. O que foi que aconteceu?

- Foi aquele monstro que vinha todas as manhãs visitar a Elisa. Foi ele, moço. Ele que fez isso com a minha irmã - respondeu Pedro, chorando.

- Mas quem é esse monstro que fez isso com a Elisa, Pedro? Qual é o nome dele?

- Matheus - disse Pedro.

- Matheus? Mas quem é esse?

Sem conseguir compreender de quem Pedro falava, Paulo achou mais fácil perguntar à própria Elisa, assim que ela acordasse. Mas, para não deixar que aquele acontecimento monstruoso e gravíssimo ficasse impune, sem que o responsável por ele fosse punido pelo que fizera, Paulo tratou de seguir à delegacia para contar ao delegado o que acontecera com Elisa.

Em minha casa, eu, de mala pronta, não tinha dúvidas. Precisava fugir o quanto antes, pois sabia que o delegado e o próprio povo da vila iriam atrás do responsável. Pensei em me ausentar por algum tempo, até que o ocorrido caísse no esquecimento. Iria para a casa de um antigo amigo da cidade vizinha, que me acolhera no passado. Então, assim que não se lembrassem desse fato, eu retornaria para concluir a minha missão, que era destruir aquela igreja de uma vez

por todas e me vingar daquele maldito Cláudio, por ter se intrometido entre mim e Elisa.

Sem saber do ocorrido com sua filha, Júlio, após perambular sem rumo com o pensamento completamente voltado para sua vingança contra Cláudio, chega até uma fazenda situada à beira de um riacho, e lá decide ficar em um estábulo durante a noite.

Na casa de saúde, após cuidados médicos, Elisa parecia finalmente repousar do trauma sofrido. Por não estarem morando em sua casa, e o único responsável por Elisa e Pedro ser o padre Antônio, Dr. Francisco pediu para que avisassem o sacerdote sobre o ocorrido. Não demorou muito para o que o padre chegasse até a casa de saúde, atrás de notícias sobre o estado de Elisa.

- Oi, doutor, vim o mais rápido que pude. Como está Elisa?

- Olá, padre. Peço desculpas por tirá-lo da cama a esta hora. É que, segundo o garoto, eles estão morando na igreja por terem brigado com o pai. É isso mesmo? - indagou Dr. Francisco.

- Muito obrigado pela preocupação, doutor. O senhor fez muito bem em ter me chamado. É verdade, sim. Já tem algum tempo que eu os acolhi lá na igreja. Houve uma briga entre Elisa e seu pai, e desde então ela decidiu sair de casa. E eu não poderia permitir que as duas crianças ficassem na rua, doutor. Por isso, os acolhi e tenho cuidado deles desde então - explicou padre Antônio.

- Certo, compreendo, padre.

- Mas, me diga, doutor: o que houve com Elisa?

- Bem, padre. Antes de mais nada, quero que saiba que a garota já está melhor e que, neste momento, está repousando.

- Ai, graças a Deus, doutor.

- Quem a trouxe foi um vigia que, ao ouvir gritos vindos da igreja, correu para ver do que se tratava. Neste momento, ele deve estar na delegacia, contando ao delegado o que houve.

- Contando ao delegado? - questionou o padre, assustado. - Mas o que aconteceu de tão grave para que a polícia fosse avisada, doutor? Peço que me conte sem esconder nada. O que fizeram com Elisa, doutor?

Sem conseguir encontrar palavras para explicar o ocorrido de uma forma que não chocasse o padre, Francisco, ao ver sua expressão preocupada, decidiu contar-lhe de uma vez o que acontecera com Elisa.

- Bem, padre... Elisa foi estuprada.

- Ai, meu Deus! E quem teve coragem de fazer uma barbaridade dessas? Ainda mais com uma garota tão nova!

- Ainda não sabemos, padre. Mas parece que o irmão dela viu tudo.

- O Pedro? E onde ele está?

- Calma, padre. Não se exalte. O menino está em um quarto com a enfermeira. Ela conseguiu fazê-lo dormir, depois que ele soube que

a irmã estava bem.

- Desculpe-me, doutor, mas ainda não acredito que alguém possa ter feito isso com Elisa. É uma menina tão gentil e doce. Ela está muito machucada?

- Ela possui vários hematomas no corpo, está com o rosto bastante inchado e apresenta algumas lesões nas partes íntimas. Infelizmente, o agressor judiou bastante dela. Fora isso, quando chegou, ela estava desmaiada, devido às agressões.

- Pobre Elisa, doutor. Ela não merecia passar por isso. Eu deveria ter ficado com eles. Nunca deveria ter permitido que ficassem sozinhos - lamentou o padre.

- Infelizmente, o senhor não poderia imaginar que algo desse tipo aconteceria, padre. O importante é que nós já tratamos todas as suas feridas e que, neste momento, ela repousa. A menina deverá ficar alguns dias aqui, para que possa se recuperar completamente, e, assim que estiver em condições, já poderá ir - ponderou Francisco.

- Muito obrigado pelo que fez por ela, doutor. Será que posso vê-la?

- Eu gostaria de pedir ao senhor, padre, que, se possível, esperasse até amanhã. Elisa sofreu muito e agora que está descansando. Seria mais conveniente que não a incomodássemos.

- O senhor tem razão, doutor. Vamos deixá-la descansar.

- Se o senhor preferir, padre, nós temos um quarto onde o senhor poderá ficar, caso queira esperar aqui, até que ela acorde.

- Eu agradeço, doutor. E acho que irei aceitar, sim. Já deixei muito essas crianças sozinhas... Só mais uma pergunta, doutor: Elisa e Pedro não comentaram nada sobre quem foi o responsável por esse ato?

- Nós até tentamos ver com o irmão dela, pois ele conhecia o criminoso. Mas ele também estava muito agitado e a única coisa que dizia era que foi o monstro que ia todas as manhãs visitar sua irmã.

- O "monstro", doutor? Não compreendo; que monstro?

- Ele disse que o nome era Matheus.

- Não conheço, doutor. Talvez seja algum conhecido de Elisa. O que acho estranho é que eu nunca vi ninguém, lá na igreja, conversando com Elisa. E também, se fosse importante, ela teria me falado. Como é o caso de Cláudio, um rapaz que vem quase todas as tardes visitar Elisa. Fora ele, confesso que desconheço quem seja esse Matheus.

- De qualquer forma, padre, o vigia já foi avisar o delegado, e tenho certeza de que ele tomará as devidas providências.

Após ouvir o vigia contar o que acontecera com Elisa, o delegado ordenou que um de seus homens, Tobias, ficasse de plantão na casa de saúde, cuidando para que o agressor não surgisse novamente. Solicitou também que uma equipe buscasse pelos arredores da vila

qualquer um que parecesse suspeito, enquanto não obtinham maiores informações.

30. AS ESCOLHAS QUE FAZEMOS

No dia seguinte, o padre, que havia passado a noite na casa de saúde, visita Elisa.

- Com licença. Bom-dia, minha filha. Como você passou a noite?

- Bom-dia, padre. É muito bom ver o senhor. Onde está meu irmão?

- Não se preocupe, Elisa, ele está bem. Está dormindo aqui, em um quarto ao lado.

- Ai, padre. Que bom que o senhor está aqui comigo, eu senti tanto medo. Eu pensei que aquele monstro fosse matar o Pedro - disse Elisa, se emocionando.

- Acalme-se, minha filha, vai ficar tudo bem. Eu estou aqui com você. Não chore.

- Desculpe-me, padre, é que eu nunca imaginei que uma coisa dessas pudesse acontecer. Como eu fui inocente... Nunca deveria ter acreditado nele.

- Acreditado em quem, minha filha? Quem foi o responsável por isso? Você o conhecia?

Nesse momento, Elisa volta a cair em prantos ao lembrar do ocorrido, e o padre se emociona junto com ela pela situação em que a pobre garota se encontra. Eles permaneceram ali, abraçados, até que foram interrompidos por Tobias.

- Peço perdão pela minha interrupção, me desculpem. Padre, eu poderia conversar com o senhor um instante? – perguntou Tobias.

- Claro, podemos sim. Elisa, eu vou até lá fora conversar com o moço e já volto, está bem?

- Tudo bem, fique à vontade, padre.

Do lado de fora do quarto, Tobias inquire o padre sobre a situação de Elisa e sobre a possibilidade de fazer algumas perguntas a ela.

- Olha, moço, você me desculpe, mas a Elisa ainda não está completamente restabelecida. Ainda se encontra abatida e assustada com tudo o que aconteceu. Creio que não seja uma boa hora para isso – esclareceu o padre.

- Compreendo. Não tenho a intenção de incomodá-la. Gostaria apenas de saber se ela poderia nos fornecer alguma informação que possa ser utilizada para chegarmos ao responsável.

- Peço que lhe dê alguns dias para que se recupere melhor. Vamos esperar que ela própria decida falar sobre o assunto. A única informação que tenho é de que, segundo o irmão da Elisa, o

responsável se chama Matheus. Não sei se isso ajuda em algo – comentou o padre.

- Ajuda, sim, padre. Informarei o delegado sobre esse nome. Ontem mesmo, ele organizou uma busca pelas redondezas da vila para encontrar pistas sobre o culpado, mas estamos trabalhando com uma equipe reduzida. Existe uma equipe coletando informações sobre os atentados sofridos contra um rapaz, e outra equipe procurando um outro rapaz desaparecido. Estamos verificando se existem ligações entre esses dois fatos – explicou Tobias.

- Santo Deus, moço! O que tem acontecido com a nossa querida vila? Há tempos não ouvia algo do tipo.

- Pois é, padre. E agora, com esse ato brutal contra essa garota, começamos a ficar preocupados. Mas não se preocupe com Elisa; o delegado me ordenou que ficasse aqui, vigiando a garota, até que obtenhamos maiores informações.

- Muito obrigado, moço.

Na casa de Cláudio, este ainda não soubera dos fatos ocorridos com seu melhor amigo e com sua amada Elisa. Ele e sua mãe tomavam café, quando, logo cedo, alguém lhes bate à porta desesperadamente.

- Calma, calma, já vai... – disse Cláudio, aproximando-se da porta. – Ah, bom-dia, Dona Maria. Não imaginava que fosse a senhora.

- Ai, Cláudio, desculpe vir tão cedo, mas por acaso o Alexandre está aí com você?

- Aqui não, Dona Maria. Aconteceu alguma coisa? A senhora parece preocupada.

- Foi o Alexandre, Cláudio. Ele está desaparecido há dias.

- Nossa! Meu Deus! - espantou-se Cláudio.

- Nós já reviramos quase toda a vila e não o encontramos. Eu e meu marido estamos desesperados!

- Ele não disse para onde ia? Não comentou nada? - questionou Cláudio.

- Não. Imaginávamos que estivesse na casa de alguém, por isso nem nos preocupamos no começo, mas, como já faz alguns dias, não sabemos mais o que fazer.

- A senhora já procurou o delegado?

- Sim. Ele mandou uma equipe atrás do Alê, mas até agora não temos nenhuma notícia.

Nesse instante, a mãe de Cláudio, que estava na cozinha, chega para a conversa após ouvir o choro de Dona Maria.

- O que foi, Dona Maria? Por que está chorando? O que houve?

- Foi o Alê, mãe - respondeu-lhe Cláudio. - A Dona Maria disse que ele está desaparecido há dias.

- Meu Deus! Mas como isso aconteceu, Dona Maria? - perguntou Dona Marta.

- Eu não sei. Tudo estava bem, Alexandre não tinha motivos para sumir. Eu e seu pai já fomos procurar o delegado, já vasculhamos pela vila toda, e até agora não há nenhum sinal de onde nosso filho possa estar. No começo, imaginávamos que ele estivesse na casa de alguém, mas quando vimos que estava demorando a retornar, percebemos que havia algo errado. Alexandre nunca foi de fazer isso. Sempre nos contava aonde ia - desabafou Dona Maria, aos prantos.

- Sei que o momento é delicado, mas peço que tente se acalmar, Dona Maria - pediu Dona Marta. - Cláudio, por acaso você, que conhece tanto o Alê, não sabe de nenhum lugar onde ele possa estar?

- Bem, mãe, havia alguns locais que costumávamos frequentar quando éramos mais novos. Posso tentar ver se o encontro.

- Ai, muito obrigada, Cláudio. Peço desculpas por ter vindo lhes trazer os nossos problemas, é que não sabemos mais onde procurá-lo.

- Que é isso, imagina, Dona Maria. Não é problema nenhum. O Alê é como um irmão para mim. Se soubesse antes que ele estava desaparecido, já teria ido ajudar a procurá-lo.

Logo em seguida, Cláudio começa, então, a ajudar nas buscas por Alexandre. Mal sabiam eles que, infelizmente, o rapaz já não se achava mais entre nós. E que eu, o responsável por aquele ato terrível, já me encontrava longe dali, dirigindo-me à cidade vizinha.

Na casa de saúde, víamos uma Elisa um pouco melhor. Apesar do trauma sofrido e dos ferimentos pelo corpo, ela solicitava ao padre que avisasse Cláudio onde ela estava, para que este não ficasse preocupado.

- O senhor poderia me fazer esse favor, padre? - pediu Elisa.

- Claro que sim, minha filha. Eu irei até a casa do Cláudio, contar-lhe o ocorrido. Tenho certeza de que virá correndo assim que souber - respondeu padre Antônio.

- Muito obrigada, padre. Quando o senhor sair, poderia ver se meu irmão já acordou? Gostaria de vê-lo. Nem imagino como deve estar sua cabeça por ter presenciado tudo aquilo.

- Fique tranquila, Elisa. Seu irmão é um garoto muito forte. Sei que está bem.

No plano espiritual, Dionísio questionava Cássius sobre o acontecido com Elisa e Alexandre.

- Cássius, você me desculpe, mas, mesmo tendo o conhecimento de que cada um escolhe o seu caminho, eu acho injusto o que aconteceu tanto com Elisa quanto com Alexandre.

Antes de prosseguirmos com as explicações de Cássius, gostaria de elucidar ao leitor que os males que causei a Alexandre e Elisa não transcorreram porque Cássius não conseguiu me impedir, mas sim porque os espíritos deles estavam aptos a passar por aquilo, e aquele enfrentamento era algo necessário às nossas próprias evoluções.

Ocorre que, em dados momentos das expiações de criaturas ainda em ajuste, os benfeitores de luz, também em processo de evolução, tentam desviá-las de cometer o mal, para que estas não se afundem ainda mais em trevas. Deve-se compreender que nada ocorre ao acaso e tudo possui um significado. Deus não está “dormindo”, e não existe somente *um* filho seu em condições de auxiliar seus irmãos mais atrasados, porque todos aqueles que já atingiram estágios mais elevados nesse longo processo que trilhamos em direção aos braços do Pai seguem ininterruptamente ao lado daqueles menos adiantados, proporcionando-lhes condições para que tudo siga na mais perfeita harmonia, dentro daquilo que é esperado na senda evolutiva de cada criatura. E era essa concepção que Cássius procurava explicar a Dionísio:

- Meu querido Dionísio, sei que às vezes nós achamos injustas as ações no plano físico, mas não se esqueça de que nada acontece sem que haja um motivo. Cada espírito segue para uma nova encarnação com uma missão. Não devemos condenar seus atos ou suas escolhas. Lembre-se de que, antes do processo reencarnatório, se tem a oportunidade de fazer algumas escolhas, dependendo da necessidade de evolução de cada espírito. Por isso mesmo, é aconselhável não interferir nas suas escolhas. Deve-se evitar ao máximo esse tipo de ação. Em alguns casos, como geralmente ocorre, e dependendo da afinidade de certos espíritos, pode-se apenas tentar

sugestionar determinada ação. Mas, dependendo da real necessidade que cada um carrega dentro de si, em busca do seu traçado já preestabelecido, fica difícil a aceitação das sugestões que tentamos dar. Mas tenha fé, meu irmão! Você verá que nenhum ato foge aos olhares misericordiosos do Pai.

- Você tem razão, Cássius, peço-lhe desculpas pela minha insatisfação em determinados momentos. Confesso que ainda tenho muito a aprender.

- Não se preocupe, Dionísio, todos estamos sujeitos a isso. Cabe a cada um buscar as respostas e orientações necessárias para nos tornarmos mais completos. Você ainda é novo aqui; é normal ter certas indagações. Verá que, com o tempo, conseguirá aprender a controlar seus sentimentos. Não que essas indagações sejam erradas, mas, quando se tem a oportunidade de acompanhar certos irmãos encarnados, deve-se lembrar que, no final das contas, mesmo que não concordemos com a situação, a escolha deverá ser sempre de cada um.

Enquanto Dionísio agradecia a Cássius a oportunidade de estar ali, vivenciando tais fatos, vinha ao encontro deles Fabrício, mensageiro do plano espiritual, trazendo, a pedido de Cássius, informações sobre o avanço da corrente do bem na zona purgatória, conduzida por Alfredo na tentativa de resgatar Madalena, a irmã de Matilda.

- Cássius, trago-lhe informações sobre a equipe de Alfredo, conforme solicitado - anunciou Fabrício.

- Ah, que bom, muito obrigado - agradeceu Cássius.

- Bem, Cássius, as últimas notícias que temos do posto avançado é que, após longo percurso, finalmente o contato com Madalena foi estabelecido. Houve alguns contratemplos, pois parece que um dos membros que seguiram com a equipe de Alfredo abandonou o grupo, prejudicando sensivelmente o seu avanço - explicou Fabrício.

- Mas como foi isso, Fabrício? Por que um dos membros abandonou a equipe? Quem foi? - indagou Cássius.

- Foi o jovem Cícero. Ainda não se sabe ao certo quais foram os motivos que o levaram a tomar tal atitude, mas parece que foi premeditada.

- E o que o leva a pensar dessa forma, Fabrício?

- Nós soubemos que Cícero não havia sido autorizado a deixar os portões, por não ter ainda preparo suficiente para controlar seu campo vibratório nas zonas externas, e que, em conversa com a irmã Ermelina, ele havia deixado clara sua insatisfação com a vida que encontrava aqui. Parece que ansiava por encontrar "vida fácil" e "mesa farta". No entanto, não conseguiu aceitar que somente com o trabalho e a dedicação podem-se alcançar tais desejos, e que, no fundo, se acaba descobrindo que não era isso que se buscava.

- Confesso que não imaginava que existissem tais espíritos aqui - disse Dionísio.

- Existem aos montes, meu amigo. Muitos dos que desencarnam e retomam a consciência se frustram por descobrir que a vida é um eterno aprendizado. Pensam que do lado de cá ficarão gozando de belas paisagens e passarão o tempo sem fazer nada. Esquecem-se de que é o trabalho que enobrece o espírito - explicou Cássius.

- Tem razão, Cássius, devo admitir que eu também demorei a aceitar tal realidade. Mas agora o que acontecerá a ele, uma vez que está fora aqui dos portões? - perguntou Dionísio.

- São muitas as possibilidades, Dionísio. O mais provável é que ficará vagando sem rumo, até que aceite ser resgatado novamente. Um espírito que não esteja preparado para permanecer em tal ambiente se torna inevitavelmente parte daqueles que ali se encontram. Somente com muito esforço pode-se manter consciente. Do contrário, acaba se tornando mais um a vagar sem destino, em busca de algo que desconhece. Se isso não ocorre, ele pode, se houver vínculo, juntar-se às sombras e com elas ir se afundando cada vez mais no esquecimento de si próprio - explicou Fabrício.

- Mas, Fabrício, sabe se, mesmo com esse fato, a equipe de Alfredo conseguirá manter o nível vibratório necessário para alcançar seu objetivo? - perguntou Cássius.

- Infelizmente, é difícil saber, pois é necessária uma grande dissipação de energias na região onde se encontram. Não bastasse esse episódio, os mestres das sombras sabem de suas intenções de resgatar aquela irmã e dificultam o perfeito contato com ela. Da mesma forma que a equipe de Alfredo tenta resgatar aquela irmã, as sombras também tentam mantê-la naquele estado. Por se tratar de uma zona purgatória, cabe ao espírito devedor sanar todas as suas pendências por vontade própria, independentemente de quem esteja sugestionando - respondeu Fabrício.

- Compreendo, Fabrício, e espero que eles possam obter êxito em sua jornada - falou Cássius.

- Tenhamos fé, Cássius. Lembre-se de que a equipe de Alfredo está bem preparada e que ele possui bastante experiência em regates de grande dificuldade - lembrou Fabrício.

Enquanto Cássius orava para que a corrente do bem obtivesse sucesso, no plano físico padre Antônio ia até a casa de Cláudio, a pedido de Elisa, contar-lhe o que havia acontecido.

- Boa-tarde, Dona Marta, tudo bem com a senhora?

- Boa-tarde, padre, tudo bem. E como senhor?

- Bem, Dona Marta, para ser-lhe sincero, gostaria de não ter de vir até aqui com o propósito que vim - lamentou o padre.

- Nossa, mas o que houve, padre? O que o traz aqui?! - assustou-se Dona Marta.

- Eu vim a pedido da Elisa, que se encontra em observação na casa de saúde. O Cláudio está em casa?

- Não, padre, o Cláudio saiu. Foi atrás de informações sobre o paradeiro do amigo Alexandre. O senhor não soube? Faz alguns dias que o rapaz sumiu, e seus pais estão desesperados em busca de alguma notícia.

- Puxa vida, Dona Marta! Confesso que não sabia. Rezarei para que o garoto apareça o mais rápido possível, para alívio desses pais.

- Deus o ouça, padre. Mas o senhor não explicou. Por que a Elisa se encontra em observação na casa de saúde?

- A senhora desculpe-me trazer mais informações ruins, Dona Marta. E penso que não há uma forma amena de dar esta notícia: na noite passada... Elisa foi atacada e estuprada lá na igreja... - disse o padre, tristemente.

- Meu Deus, padre! Mas que coisa mais horrível... Coitada! E como ela está?!

- Bem, agora já se encontra um pouco mais calma. Mas nota-se em seu semblante o pavor pelo que sofreu. Infelizmente, quem fez isso à Elisa não teve dó e a machucou muito.

- Mas quem foi o desalmado que fez isso à Elisa, padre?

- Ainda não se sabe, Dona Marta. O delegado já está buscando o culpado pela vila, mas ainda possui poucas informações. Eles desejam questionar Elisa sobre o ocorrido, mas ela infelizmente por

ora não está em condições de ser interrogada. A pobre moça ainda se encontra muito abatida – respondeu o padre.

- Coitada, padre, posso imaginar... Mas infelizmente Cláudio não está porque foi à procura do amigo, e creio que irá demorar a retornar. Se o senhor permitir, eu gostaria muito de ir ver a Elisa – solicitou Dona Marta.

- Claro, vá sim, Dona Marta. Fará bem à Elisa uma conversa amiga.

Na casa de saúde, Dona Marta, após conversar com Dr. Francisco sobre o estado de Elisa, questiona o padre Antônio sobre o futuro dos filhos de Júlio após a menina ter alta da casa de saúde:

- Então, padre, não creio que seja boa ideia a Elisa voltar a morar sozinha com o irmão na igreja, depois do que aconteceu.

- A senhora tem razão, Dona Marta. De certa forma, eu me sinto responsável pelo que houve com a Elisa. Deveria tê-los acolhido em minha casa. O problema é que, infelizmente, não tenho condições de ficar com eles. Minha casa é muito pequena, e com meu irmão doente fica ainda mais difícil – lamentou o padre.

- Não se sinta culpado, padre. O senhor ajudou bastante essas crianças acolhendo-as na igreja. Quem sabe o que teria acontecido caso ficassem na rua... – lembrou Dona Marta.

- Mesmo assim, Dona Marta, não sei o que fazer. Não quero que voltem a ficar sozinhos na igreja, mas também não posso acolhê-los

em casa. Voltar para casa e morar junto do pai, Elisa não quer, e não posso obrigá-la. O pai também parece que não faz a menor questão de que isso ocorra. Estou preocupado, Dona Marta, não sei para onde eles poderão ir...

- Eles podem ir morar lá em casa, padre. O senhor já se esqueceu de que Cláudio tinha essa intenção no ano passado? Naquela ocasião, Elisa não iria por causa do pai, mas agora, como já faz mais tempo e como ela e o Cláudio estão se gostando, creio que ela irá aceitar, padre. O que o senhor acha?

- Não sei, Dona Marta. Será mesmo que a Elisa irá aceitar?

- Aposto que sim, padre. Ainda mais agora, nessas condições... Se o senhor permitir, eu gostaria muito de acolhê-los em nossa casa - solicitou Dona Marta.

Após pensar por alguns instantes e perceber que essa era a melhor alternativa, o padre decidiu permitir que Dona Marta convidasse-os a em morar em sua casa.

- Está bem, Dona Marta. Se a Elisa aceitar, para mim não haverá problema algum.

31. O NOVO LAR

Depois de receber o consentimento de padre Antônio, Dona Marta entra no quarto onde Elisa repousa, a fim de ver seu estado, enquanto ele espera do lado de fora.

- Com licença. Olá, Elisa! - diz Dona Marta.

- Ah, olá, Dona Marta. Que surpresa ver a senhora aqui - responde Elisa.

- Vim ver como você está. O padre foi até a minha casa procurar Cláudio e me contou o triste fato que lhe aconteceu... Como você está se sentindo, Elisa?

- Estou um pouco melhor, Dona Marta. O Dr. Francisco é um anjo para mim. Devo agradecer também ao Paulo; se não fosse por ele, não sei o que teria acontecido. Onde está o Cláudio?

- Infelizmente, ele teve alguns problemas para resolver e não ficou sabendo do que lhe aconteceu. Tenho certeza de que, quando ele souber, virá correndo vê-la.

- Obrigada por ter vindo, Dona Marta.

- Assim que o padre me contou, vim o mais rápido que pude. Você é uma menina muito querida. Não dá pra acreditar que lhe

fizeram essa crueldade. Por acaso você já conhecia o responsável?

- Infelizmente, sim, Dona Marta. Nunca imaginei que isso fosse acontecer. O monstro que me fez isso frequentava a igreja quase todas as manhãs. Chegava sempre calmo e tranquilo. Demonstrava boa educação e nunca fez nada para que eu suspeitasse dele - respondeu Elisa.

- Nossa, mas que estranho... Como alguém pode ser tão cruel a esse ponto? Por acaso você tem ideia do porquê de ele ter essa mudança tão repentina, Elisa?

- Eu acredito que ele deve ter ficado com raiva porque, após ele me dizer que gostava de mim e ter tentado me beijar à força, eu lhe dei um tapa.

- Puxa vida, mas que sem-vergonha esse indivíduo! Como pode forçar alguém a fazer algo desse tipo? Logo se nota que não era boa pessoa.

- Pois é, Dona Marta. Eu nunca disse nada a ele ou fiz algo para que ele entendesse a nossa amizade de outra forma. Sempre deixei bem claro que éramos apenas amigos.

- Ah, mas gente ruim é assim mesmo, Elisa. Eles não estão nem aí para o que os outros pensam. Só querem satisfazer as próprias vontades, sem pensar no sentimento dos outros... Bem, mas eu não vim aqui para conversar sobre esse ser desprezível, deixe que ele

logo receberá o castigo que merece. Vim aqui por outro motivo. Além de ver como você está, também vim para lhe fazer um convite.

- Pois não, Dona Marta, pode dizer.

- Quero que venha morar em minha casa, Elisa. Você e seu irmão, Pedro.

- Nossa, mas que convite, Dona Marta. A senhora me pegou de surpresa.

- Ah, me desculpe, Elisa. Na realidade, a ideia de convidar vocês para virem morar conosco foi de Cláudio, e inclusive ele tocou nesse assunto comigo no ano passado. Nós acabamos não lhe fazendo o convite naquela ocasião, porque, como fazia pouco tempo que vocês tinham saído de casa, não quisemos pressioná-los a tomar nenhuma outra decisão importante.

- Hum, compreendi, Dona Marta. Eu agradeço o convite, mas... - reflete Elisa.

- Mas o quê? Elisa, você pensa em voltar para a casa de seu pai?

- Não, Dona Marta. Infelizmente já desisti de voltar a morar naquela casa. Pensei que pudesse perdoar meu pai, mas ainda não tenho condições. Sei que é errado não perdoar as pessoas. Sei também que meu pai não merece ser julgado por mim. Mas o que me chateia é que, desde que saímos de casa, ele nunca mais nos procurou. Nem ao menos para saber como estávamos ou se precisávamos de algo. Isso me entristece, Dona Marta, e sei também

que algum dia, mais cedo ou mais tarde, teremos de ficar frente a frente e resolver essa questão. Só que, por enquanto, ainda não consigo, infelizmente – desabafou Elisa.

- Sinto muito, Elisa. Desde que saiu de casa, você nunca mais viu seu pai? – indagou Dona Marta, estranhando.

- Na realidade, a última vez em que nos falamos foi lá na igreja, quando houve aquela discussão em que ele me agrediu por causa de ciúmes do Cláudio. Depois disso, nunca mais nos falamos. Mas, mesmo sem nos falarmos, eu às vezes passava em frente de casa para ver se o via. Quase sempre estava tudo fechado e abandonado. Foram poucas as vezes em que consegui vê-lo – lamentou Elisa.

- É realmente uma pena, Elisa. Mas, se o problema não é esse, então qual é o motivo de você ter ficado pensativa quando a convidei a vir morar conosco?

- O problema, Dona Marta, é que eu não quero dar trabalho para vocês. Quando saí de casa, foi meio que sem pensar, sabe? Estava com raiva e precisava ficar longe do meu pai. Aí, graças a Deus, o padre acolheu-nos e ofereceu-nos a igreja. Mas, mesmo com ele dizendo que nós não dávamos trabalho e que ele fazia questão de cuidar da gente, eu sabia que acabávamos sempre abusando da sua boa vontade.

- Eu conversei com o padre, Elisa. Ele concorda comigo. Acha que, depois do que aconteceu, vocês não podem mais ficar lá,

sozinhos na igreja. Vocês merecem um lar de verdade. Um novo lar. Por favor, Elisa, aceite vir morar conosco. Poderão ficar o tempo que quiserem. E saiba que não será dificuldade alguma acolhê-los em nossa casa. Graças a Deus, nós estamos bem, nunca nos faltou nada. Além do mais, onde comem dois, comem três, quatro... – disse Dona Marta.

- Bem, eu não sei, Dona Marta.

- Por favor, Elisa. Sei que o Cláudio também torce para que você aceite.

- Mas, lá na igreja, pelo menos eu ajudava o padre com o meu trabalho. Com a senhora, não sei o que posso fazer; como irei compensá-la?

- Minha filha, não se preocupe com isso. Depois, se você quiser, poderá ajudar de alguma forma. Agora, no momento, quero que venha como nossa hóspede. Por favor, Elisa, aceite! Venha morar lá em casa – suplicou Dona Marta.

Ouvindo as palavras sensatas de Dona Marta, recordando-se de detalhes do crime de que fora vítima e sentindo um medo horrível ao imaginar-se novamente sozinha na igreja, Elisa, com os olhos cheios de lágrimas, olhou para a mãe de Cláudio e respondeu:

- Obrigada, Dona Marta. Eu aceito. Que Deus a abençoe pelo que está fazendo. Prometo que retribuirei de alguma forma – respondeu, aos prantos.

Enquanto Elisa e Dona Marta se abraçavam, feito mãe e filha, o pai de Elisa, Júlio, retornava à cabana, após vagar sem rumo pela cidade vizinha, e descobria o estado horrível em que eu a havia deixado.

- Meu Deus, mas o que aconteceu aqui? Da onde é todo este sangue? - indagava Júlio, assustado com todo aquele sangue espalhado pela cabana. Como havia vagado atormentado, esquecera-se de que na última vez em que lá estivera, eu havia sequestrado Alexandre e o ameaçado de morte.

- Ah... me lembrei... Deve ter sido por causa do maldito do Matheus. Com certeza ele deve ter sacrificado aquele garoto que ouviu a nossa conversa. Eu não imaginava que ele tivesse peito para fazer isso. Mas aquele ordinário tinha que matar o moço logo aqui? Droga, agora não poderei mais ficar nesta cabana. Se por acaso alguém aparecer aqui e vir todo esse sangue, vai achar que sou o culpado. Acho que terei de voltar para casa. Aqui não é mais um lugar confiável. O problema é que não quero mais voltar àquela casa enquanto não tiver minha filha novamente em meu poder e enquanto não eliminar de uma vez aquele fedelho que a roubou de mim. E agora? Onde será que se enfiou aquele Matheus? Será que vai cumprir sua palavra e eliminar o Cláudio? Droga, agora, com a morte desse rapaz pelas mãos de Matheus, eu tenho de ficar de olhos abertos, pois quem me garante que ele não irá me incriminar por isso? Acho que vou sumir por uns tempos, mas antes vou até minha casa buscar algumas coisas - pensava Júlio.

Então, sem saber do meu paradeiro, Júlio, com medo de ser incriminado por causa da morte de Alexandre, decide sumir também por uns tempos.

Já ao anoitecer, finalmente Cláudio retorna para casa completamente chateado por não ter encontrado seu amigo. Ao chegar, é informado por sua mãe do ocorrido com Elisa.

- Cláudio, sei que não é uma boa hora, mas prefiro lhe contar agora para que você não saiba por terceiros - disse Dona Marta.

- Contar o quê, mãe?

- Antes de lhe contar, quero que saiba que já está tudo sob controle e que ela vai ficar bem.

- Ela quem, mãe? Não estou entendendo. De quem a senhora está falando? - pergunta Cláudio, estranhando a conversa.

Vendo a ansiedade do filho, Dona Marta lhe conta sobre o ocorrido com Elisa e lhe garante que ela já se encontra em plena recuperação. Mas, mesmo com toda a cautela da mãe, esta não consegue fazer o filho acreditar que Elisa está melhor. Cláudio não crê no que escuta. Como alguém pôde fazer tamanha atrocidade com sua tão amada e doce Elisa?

Mesmo com Dona Marta pedindo ao filho que se acalme, o desespero de Cláudio é inevitável. Precisa urgentemente ver Elisa com seus próprios olhos. A mãe alerta-o de que já é tarde e de que

Elisa deve estar dormindo, mas, mesmo assim, Cláudio decide ir até a casa de saúde vê-la.

Ao chegar ao hospital, Cláudio encontra Tobias do lado de fora do quarto, vigiando a garota. Como já o conhece, Tobias permite que o rapaz entre para ver sua amada. Sem perder mais um segundo, Cláudio entra no quarto para conferir o real estado de Elisa.

Ela está dormindo. Cláudio se aproxima de seu amor e vê seu rosto machucado pelas agressões sofridas. Tomado de ódio, não acredita que alguém possa ter feito isso com uma pessoa tão doce. As lágrimas lhe descem pelo rosto. Seu coração ferve de raiva do criminoso. Ao mesmo tempo, ele sente vontade de abraçá-la e protegê-la, mas não deseja acordar sua amada; então permanece ali, sentado a seu lado, velando por seu sono.

O dia finalmente amanhece e Elisa acorda depois de longo descanso. Ao abrir os olhos, não contém a emoção ao ver seu querido Cláudio ali, olhando-a com os olhos vermelhos de tanto chorar pelo que fizeram a ela.

- Meu Deus, Cláudio. Como é bom vê-lo! - disse Elisa.

- Oi, meu amor. Como você está? - pergunta Cláudio, quase chorando.

- Estou melhor. Tenho recebido bons cuidados aqui, e, segundo o doutor, em poucos dias já poderei ir para casa - conforta-o Elisa.

- Ai, que bom, graças a Deus. Perdoe-me por não ter vindo antes, é que eu soube o que aconteceu somente ontem à noite. Cheguei aqui durante a noite, mas não quis incomodá-la.

- Coitado, passou a noite aqui, esperando eu acordar... Por que não me chamou?

- Não teria coragem de fazer isso. Você precisa descansar. Além do mais, foi muito bom ficar olhando para você enquanto dormia - respondeu Cláudio.

- Mas que amor. Muito obrigada pelo seu carinho, Cláudio. Ter conhecido você foi a melhor coisa que já me aconteceu.

- Ter conhecido você foi a melhor coisa que já aconteceu para mim também, Elisa. Não sei o que faria se perdesse você. Ainda não acredito que alguém teve a coragem de lhe fazer uma barbaridade dessas. Esse monstro não tem alma. Diga-me, Elisa, quem foi que cometeu tamanha atrocidade com você? Por acaso você o conhecia? Como esse animal se chama?

Parecendo fazer um grande esforço para pronunciar o nome daquele que lhe causara tanto mal, Elisa volta a banhar-se em lágrimas. Vendo a apreensão de Cláudio em querer saber de quem se tratava, a pobre garota buscou forças e disse:

- Foi o Matheus!

Ao ouvir o nome, Cláudio ficou confuso, pois o único Matheus que conhecia era um rapaz educado e muito gentil. Não poderia ser

a mesma pessoa, então ele pediu para Elisa descrever como era esse Matheus. Nesse instante, Tobias, que permanecia na porta para dar privacidade aos dois, adentra ao quarto ao ouvir que Cláudio havia pedido uma descrição do criminoso a Elisa. Tobias só não havia interrogado Elisa antes, a pedido de padre Antônio, que lhe solicitara que esperasse até que a menina tivesse forças para fazê-lo.

Conforme Elisa ia descrevendo seu algoz, cada vez mais a feição de Cláudio ia se modificando. A expressão de preocupação que mantinha começou a se alterar e quanto mais ele percebia que a descrição do criminoso coincidia com as características físicas do Matheus que ele conhecia, mais revoltado ia ficando. Não podia acreditar que se tratava da mesma pessoa. Por que ele faria isso com Elisa? Diversas dúvidas ecoavam na mente de Cláudio. O ódio lhe invadia o coração. Nunca havia experimentado sentimento tão destruidor por alguém.

Ao ver como sua pobre Elisa ficara ao descrever-lhe o responsável por todo aquele sofrimento, Cláudio tomou uma decisão. Iria naquele mesmo instante atrás de mim, a fim de se vingar pelo que eu fizera contra Elisa. Quando ia sair do quarto, porém, foi impedido por Tobias.

- Me larga, Tobias, eu vou agora mesmo atrás daquele maldito! - gritava Cláudio.

- Não, espere, Cláudio. Sei como deve estar se sentindo, mas peço que tenha calma. Sair assim desesperado atrás do sujeito não irá resolver nada.

- Solte-me, solte-me! - gritava Cláudio, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

- Escute-me, Cláudio, por favor! Fazer justiça com as próprias mãos não resolverá nada. Não sabemos se esse sujeito é perigoso, mas, pelo que fez com a Elisa, deve ser alguém muito perturbado. Não sabemos quais foram os motivos que o levaram a fazer isso. Você também pode se machucar, se acalme. Peço que confie na justiça. Agora que tenho a descrição do sujeito, deixe que nós cuidaremos desse assunto. Não se revolte assim, meu amigo. Esse elemento será capturado, não tenha dúvidas quanto a isso! Irei agora mesmo levar essas informações ao delegado e formaremos um grupo para procurá-lo em todos os cantos de nossa vila e, se necessário, de cidades vizinhas. Você é mais importante aqui. Fique com Elisa e dê-lhe conforto. Deixe esse assunto conosco - pediu Tobias.

Com muito esforço para tentar se acalmar, Cláudio percebeu que realmente Elisa precisava dele ali. Não poderia abandoná-la naquelas condições e seguir desesperadamente atrás de mim. Então, deixou que Tobias fosse ao encontro do delegado para cuidarem do assunto.

Após deixar Cláudio junto de Elisa na casa de saúde, Tobias chega à delegacia e conta ao delegado sobre as novas informações. Imediatamente, o delegado e seus homens, munidos da minha descrição, partem mais uma vez atrás de meu paradeiro. Mal sabiam eles que àquela altura eu já me encontrava a quilômetros de distância dali, muito bem escondido em uma das cidades vizinhas, na casa de um antigo conhecido que já havia me abrigado no passado.

Duas semanas se passam sem que a polícia encontre qualquer informação sobre mim ou Alexandre. Finalmente, Elisa tem alta da casa de saúde e é acolhida junto de seu irmão na casa de Dona Marta. Nas semanas que se seguem, Cláudio e sua mãe fazem o que podem para dar aos dois tudo que uma família de verdade merece. Durante as conversas, nunca mencionavam o nome de Matheus ou o ocorrido na igreja, para que eles não ficassem se lembrando o tempo todo do terrível acontecimento.

Aos poucos, Elisa e Pedro começavam a sorrir novamente. O carinho e o conforto daquela família iam auxiliando para que eles tivessem um lar de verdade. Cláudio havia voltado a trabalhar normalmente, Elisa auxiliava nos afazeres da casa, Pedro agora tinha a companhia do amigo Cláudio, tudo ia bem. Aquela família ia se unindo cada vez mais. Tanto que, a pedido de Elisa, eles começaram a realizar o evangelho sempre antes do jantar. No mês seguinte,

Cláudio e sua mãe decidiram fazer uma festa-surpresa para Elisa, pois era seu aniversário. Sem que a jovem desconfiasse, mãe e filho prepararam uma linda festa e um enorme bolo para festejar mais um ano de vida de Elisa, agora como membro da família de Cláudio.

32. A FESTA-SURPRESA

Era dia 1º de maio de 1863 e o nascer do sol na vila estava encantador. A mãe de Cláudio acabara de terminar um lindo bolo de aniversário para Elisa, enquanto o filho ajeitava os últimos enfeites para receber a aniversariante que tinha ido dar um passeio com o irmão para aproveitar o belo dia.

Finalmente aquelas pessoas podiam ter dias tranquilos e desfrutar do merecedor convívio familiar. Mesmo com os problemas enfrentados, Cláudio e Elisa se mantinham cada vez mais unidos e sua linda relação de amor seguia firme.

Já na casa de Dona Maria, o clima era totalmente oposto. Com o desaparecimento de Alexandre, a pobre senhora passava a maior parte do tempo chorando ou então debruçada na janela, esperando que seu filho retornasse. Já seu marido, o Sr. Fausto, que andava muito doente, procurava confortar a esposa, dizendo que Alê logo reapareceria. Mesmo tentando manter o ânimo, porém, habituara-se a passar a noite em claro, entregue às orações pelo filho amado.

Na delegacia, mesmo com todos os esforços do delegado, nenhuma pista havia sido encontrada sobre o repentino

desaparecimento de Alexandre nem sobre o paradeiro do estuprador de Elisa, que era eu. Em contrapartida, testemunhas tinham dito que uma pessoa com as minhas características havia sido avistada na cidade vizinha. Uma equipe fora enviada até lá, mas não obtivera sucesso.

Não era somente a família de Alexandre que sofria com seu desaparecimento. Cláudio também sofria em silêncio. O sumiço do amigo doía-lhe na alma. Ele só não manifestava esse sentimento porque sempre procurava se mostrar alegre diante de sua querida Elisa.

- Pronto, mãe, já terminei de enfeitar a casa. Espero que a Elisa goste.

- Tenho certeza de que ela irá adorar. O bolo também já está quase pronto. Você não quer ir chamar a Elisa e o Pedrinho?

- Melhor não, mãe. Vamos deixar a Elisa e o Pedro aproveitarem o dia. Deixemos que eles se divirtam. Mais tarde irei buscá-los.

Na praça próxima à igreja, Elisa e seu irmão desfrutavam do lindo dia.

- Ah, mas que dia mais lindo está fazendo hoje, não é, Pedro? - comentou Elisa.

- É verdade, mana, está muito gostoso.

- E, então, querido, tem aprendido bastante com o Cláudio?

- Tenho, sim! Ele tem me ensinado bastante coisa.

- Que bom! Você gosta do Cláudio, não é, Pedrinho? Quase sempre estão rindo, brincando.

- O Cláudio é bem legal, mana.

- Tem razão, Pedro. Ele é uma pessoa maravilhosa. Não só ele, mas a sua mãe também. A gente tem que lhes agradecer muito pelo carinho com que têm nos tratado.

- Mana, posso lhe perguntar uma coisa?

- Claro, pode perguntar, sim.

- A gente não vai mais voltar para nossa casa? Estou com saudade do papai.

- Pois é, eu sei, maninho. Acontece que o papai não é mais a mesma pessoa. Infelizmente, ele fez coisas muito ruins, e ainda não é bom voltarmos para casa. Eu também sinto saudade dele, às vezes. Mas você não acha que, se ele estivesse com saudade da gente, já teria vindo nos procurar? Às vezes, eu acho que ele deve estar é feliz por não estarmos lhe dando trabalho. Enquanto ele pensar que seus filhos são propriedade sua e que pode gritar com a gente ou bater em nós o quanto quiser, ficará difícil sentir vontade de voltar para casa. Mas não fica triste, Pedro. Vamos aproveitar o tempo lá na casa do Cláudio e esperar que o papai venha nos procurar - desejou Elisa.

Apesar da esperança de Elisa, seu pai não pensava em procurá-los. Com medo de ser incriminado pelo assassinato de Alexandre,

Júlio estava mais ocupado em se esconder do que em reaver os filhos naquele momento.

- Droga! Por causa daquele maldito Matheus eu tive de fugir da vila e deixar minha Elisa nas mãos daquele fedelho cretino. Mas deixe estar! Deixe-os pensar que me venceram, pois, quando menos esperarem, eu reapareço e me vingo por tudo o que me fizeram passar, por terem me expulsado da igreja. E me vingarei principalmente do Cláudio, miserável que me tomou Elisa. Maldito! Pode ter me escapado algumas vezes, mas logo irá sofrer e desaparecer de uma vez por todas - esbravejava Júlio, demonstrando toda sua cólera contra Cláudio.

Após algumas horas, Elisa e seu irmão retornaram para a casa de Dona Marta, sem sequer imaginar a surpresa que os aguardava.

- Cláudio, é Elisa, abra a porta, por favor! - pediu a garota, do lado de fora da casa.

Como ninguém respondeu, Elisa tornou a gritar. Mas novamente não obteve resposta. Estranhando o silêncio, a menina imaginou que eles estivessem ocupados e aguardou alguns instantes. Dentro da casa, Cláudio e sua mãe davam os últimos retoques antes de abrir a porta. Tendo terminado, Cláudio destrancou a porta, escondeu-se e gritou para Elisa:

- A porta está aberta, Elisa, pode entrar!

- Puxa vida, a gente aqui esperando e nem pensei em verificar se a porta estava aberta - Elisa comentou com Pedro, achando engraçado.

- Vem, Pedro, vamos entrar.

Assim que Elisa abriu a porta, Cláudio e sua mãe surgiram diante dela:

- Surpresa! - gritaram eles.

- Viva! Parabéns, Elisa! - disse Cláudio.

- Muitos anos de vida! - completou Dona Marta.

- Nossa, meu Deus! - surpreendeu-se Elisa.

Havia enfeites pela casa e dizeres de "Felicidades" nas paredes. A mesa estava toda decorada e no centro havia um enorme bolo de aniversário aguardando a aniversariante. Elisa não acreditava na surpresa que lhe haviam preparado. Nunca mais houvera uma festa de aniversário em sua casa desde que sua mãe falecera. Não demorou muito para que a pobre garota caísse no choro. A lembrança do lar que um dia possuía e do amor que lá havia em tempos idos fez com que ela retornasse ao passado, à época em que seu pai agia com carinho e respeito. Os gestos afetivos por parte de Júlio tinham desaparecido com a morte de sua esposa. Ao verem o choro de Elisa, Cláudio e sua mãe trataram logo de confortá-la.

- Ah, não chora, Elisa, você merece. Vem, eu quero lhe dar um presente - falou Cláudio, entregando-lhe um embrulho.

- Não precisava se incomodar. Muito obrigada. Mas como ficaram sabendo que hoje é meu aniversário? – perguntou, surpresa.

- Foi graças ao padre Antônio. Ele que me disse a data – respondeu Dona Marta.

- Vai, Elisa, abre! Escolhi esse presente porque ele é delicado como você – disse Cláudio.

Era um embrulho pequeno, coberto por um tecido bem bonito. Curiosa, Elisa tratou logo de abrir o presente, com o qual se emocionou: era uma linda caixinha de música, toda trabalhada e cheia de detalhes esculpido na madeira.

- Ai, muito obrigada, Cláudio. Que mimo! Obrigada de coração. É linda! Eu amei!

- Você merece muito mais, Elisa. Comprei na lojinha do seu Pierre. Ele sempre tem ótimas coisas que traz da cidade. Fico contente que tenha gostado.

- Adorei, Cláudio, muito obrigada!

- E este aqui é o presente da minha mãe. Espero que você goste do bolo.

- Foi a senhora quem fez, Dona Marta? Ah, muito obrigada!

- Não tem do que agradecer, Elisa. Se você gostar, já vai estar bom – comentou Dona Marta.

- Nossa, eu adoro doce! E este bolo da senhora está com uma aparência ótima. Deve estar delicioso! – falou Elisa.

- Bem, então não vamos ficar só nos elogios, não é? Vamos experimentar - sugeriu Dona Marta.

Assim que cantaram “parabéns a você” e fizeram votos de felicidades a Elisa, esta foi logo cortando o bolo e distribuindo-o entre sua nova família. Havia tempo que Elisa não comia um bolo com tanto gosto. Pedro gostou tanto, que repetiu três vezes. Enfim, Elisa e seu irmão estavam vivendo tempos tranquilos. A hora agora era de esquecer um pouco dos problemas do passado e aproveitar aqueles belos momentos na companhia de pessoas de bem e que desejavam viver em harmonia e felicidade.

No plano espiritual, Cássius e Dionísio agradeciam pelos instantes de paz.

- Graças a Deus, finalmente essa família pode viver momentos de paz. Com o sumiço de Matheus, a harmonia tem reinado entre eles - comentou Dionísio.

- É verdade, meu amigo. Os percalços da vida têm sido tão intensos que eles mal conseguiam desfrutar da beleza com que o Senhor lhes presenteava a cada amanhecer. Façamos votos para que esses momentos se perpetuem durante longo tempo - desejou Cássius.

- Tem razão, Cássius. Você acredita que Matheus possa tornar a prejudicá-los? Ou então o pai de Elisa...? - questionou Dionísio.

- Bem, com relação ao pai de Elisa, não se esqueça de que Matilda está, juntamente com a equipe de Alfredo, totalmente focada em auxiliá-lo para que saia do campo vibratório de influências em que se encontra atualmente. Confiemos no sucesso de nossos abnegados companheiros que têm dedicado intensos esforços em auxiliar esse nosso irmão.

- Mas, Cássius, eu não acompanhei a trajetória de Júlio durante sua caída. Você acredita que, ao perder esse vínculo com sua amante e conseqüentemente com aqueles que a atordoam, ele perceberá o mal que tem feito e se arrependerá pelo que fez?

- Eu tenho plena confiança nisso, Dionísio. Tive a oportunidade de presenciar por diversas vezes o tipo de pessoa que ele é; mesmo quando sofria algum tipo de influência que o levava a agir de forma errônea, ele quase sempre se arrependia imediatamente. O problema é que uma mente vazia é facilmente dominada. Depois do falecimento de sua esposa, Júlio caiu em terrível depressão e foi gradativamente se deixando controlar pelas forças negativas que vinham das zonas para as quais sua amante Madalena havia seguido. Mesmo no caso desses atos horrendos que Júlio praticou contra Cláudio, no fundo de sua consciência ainda permanece um resquício de lucidez que tenta conflitar com essas ações. Como em sua mente os sentimentos dignos de valor foram sucumbindo, ela foi

tomada pelos sentimentos de baixo nível, e essa luta interna pelo bem foi dominada facilmente.

- É impressionante, Cássius, como os obsessores conseguem atingir o ponto vulnerável de cada pessoa que se encontra nesse estado e utilizá-lo em benefício próprio. Ah, se as pessoas soubessem o poder que uma oração com fé possui, muitas dessas ações seriam contornadas.

- Concordo com você, Dionísio. As pessoas deveriam ter esse hábito. Mas o que acontece é que só praticam a oração como último recurso, quando não veem mais solução para seus problemas. Infelizmente, muitos, ainda hoje, mesmo com tanto esclarecimento, não praticam a oração ou, se o fazem, é pura e simplesmente como obrigação. Não focalizam as palavras e conseqüentemente não absorvem o que estão dizendo. Uma oração não deve ser medida pelo tempo e sim pela dedicação prestada durante sua realização. Valem muito mais somente algumas palavras ditas com sinceridade e geradas no fundo de cada coração, do que um texto previamente decorado, pronunciado a esmo. O importante é que a semente foi plantada e cabe agora a cada um cultivá-la dentro de si - concluiu Cássius.

- Tem razão. E quanto a Matheus, Cássius? Você recebeu alguma notícia de Balthazar sobre sua evolução em tentar se aproximar dele?

- Infelizmente, desde o último auxílio que tive por parte de Balthazar, em que emitiu poderosas vibrações para afastarmos as energias vindas das trevas que tentaram prejudicar Cláudio quando este esteve em sua casa, não obtive mais informações a respeito de sua atual condição. Matheus demonstrou ser portador de grande maldade. As marcas que carrega dentro de si são muito profundas. Os atos realizados contra Elisa e Alexandre somente consolidaram aquilo que ele buscava. Devo admitir que tenho receio quanto ao que ele possa tentar fazer para prejudicar Cláudio e sua família. Matheus é acompanhado por uma legião de sombras, que vem cada vez mais se fortalecendo nesse elo estabelecido. Não sei ainda até que ponto uma investida contra esses seres poderá devolver o raciocínio a Matheus. Oro pelo êxito de Balthazar em conseguir realizar esse contato com Matheus sem que as sombras interfiram. Tenhamos fé, meu amigo. Não percamos as esperanças - desejou Cássius.

33. O DESEJO DE VINGANÇA

- Elisa será minha, somente minha, Marcos, e de mais ninguém. Guarde bem o que estou falando - prometia eu.

- Ora, acalme-se, Matheus. Desde que chegou aqui, você não fala em outra coisa a não ser nessa garota. Nunca o vi assim em relação a ninguém. Pelo que vejo, ela fisgou você, hein? - respondeu Marcos, antigo amigo meu, que me acolhera em sua casa.

- É que essa garota é diferente. Ela possui algo que não consigo explicar. O seu cheiro, o seu corpo me enlouquecem.

- Sinto lhe dizer, mas não acredito que ela ainda vai querer você depois do que fez. Tê-la possuído à força não foi a coisa mais sensata - disse Marcos.

- Cale essa sua boca! Elisa será minha! Eu fiz somente o que ela, no fundo, também queria. Você não faz ideia do que estou sentindo, Marcos. Essa menina me enfeitiçou e não consigo deixar de desejá-la. Quando me aproximei dela, a minha intenção era outra. Nem pensava em tê-la. Acontece que, aos poucos, conforme ela ia me olhando com aqueles olhos verdes, sem que eu me desse conta ela

foi me prendendo de uma tal forma que perdi a noção do que estava fazendo.

- E você acha que está sendo procurado pelo que fez? - questionou Marcos.

- Ah, com certeza. Por isso tive de sair daquela vila às pressas. Não por causa do moleque que liquidei, mas sim por causa da Elisa. O moleque está muito bem enterrado e nunca me ligarão a esse fato.

- Mas você não disse que, quando percebeu a presença do menino, o pai da Elisa estava junto? Acha que ele não vai denunciar você pelo sumiço do moleque, Matheus?

- Ele não vai ser louco de fazer isso. O Júlio está tão sujo quanto eu. O seu ódio pelo maldito Cláudio o fez tentar matá-lo por diversas vezes. Ele sabe que, se me denunciar, também vai “entrar bem”. Além do mais, eu preciso daquele homem. Ele é quem vai me ajudar a concluir meu plano de destruir aquela maldita igreja.

- Você acha que ele não desconfia de você? - indagou Marcos.

- Ele nem faz ideia. Está tão obcecado em acabar com Cláudio, que nem se preocupa com o que terá de fazer... Esse maldito Cláudio! Prometo que irei acabar com ele e me vingar por ele ter passado por cima de mim ao ter ficado com Elisa.

- Pelo que vejo, você já tem tudo planejado.

- Primeiro eu me vingarei daquele ordinário do Cláudio. Vou fazer ele sofrer tanto a ponto de desejar a própria morte. Tendo

eliminado esse idiota, o Júlio vai realizar meu servicinho sem sequer imaginar que estará sendo usado para explodir a igreja; conseqüentemente, ele também irá pelos ares na explosão. Aí, então, sem o Cláudio, sem o Júlio e sem aquela maldita igreja em meu caminho, eu poderei ter Elisa somente para mim.

- Você é maluco, Matheus! Só assim pra pensar uma coisa dessas - falou Marcos, rindo.

- O que foi? Duvida que eu conseguirei o que quero? - indaguei.

- Não, quem sou eu para duvidar de você... Lembro-me muito bem das coisas que já fizemos juntos.... Só não irei ajudá-lo desta vez porque também me meti em uma encrenca, e, se for pego, vou ficar trancado por uns bons tempos - completou Marcos.

- Não se preocupe, sei que posso contar com você. É mais útil para mim aqui. Você ainda terá muito tempo para me pagar a sua dívida.

- E você faz ideia do tempo que irá precisar ficar por aqui, Matheus?

- Ainda não sei, creio que uns dois meses serão o bastante para as coisas esfriarem na vila e eu poder retornar. Por enquanto, preciso ter o máximo de cuidado e ficar o mais longe possível daquele lugar.

- Pergunto isso porque quero aproveitar que meu antigo sócio está aqui e lhe propor algumas boas oportunidades de me ajudar. Faz um tempo que estou de olho nas casas de alguns fazendeiros

daqui, e a maioria deles possui muitas joias. Não quer aproveitar esse período e me ajudar? Como nos velhos tempos... Dividiremos os lucros pela metade, o que acha? – propôs Marcos.

- Olha, pensando bem até que não seria má ideia, hein?! As minhas reservas já estão se esgotando e eu pensava em buscar mais. Você acha que teremos grandes dificuldades para invadir essas casas? – indaguei.

- Nenhuma. Não se preocupe, eu tenho tudo elaborado. Nós vamos fazer o seguinte... – começou a explicar Marcos.

Eu ouvia atentamente o plano de Marcos. No passado nós havíamos realizado muitos roubos juntos e nunca tínhamos sido pegos. Desde que meu pai falecera, eu passara a praticar esses atos. Nunca desejei trabalhar, e essa era a única forma de me manter que eu admitia.

Já na casa de Dona Marta, o lema era outro: trabalho, trabalho e trabalho. Acostumado a trabalhar desde cedo, Cláudio fazia questão de auxiliar no sustento de sua casa.

- Então, mãe, eu já conversei como tio Alberto e quero voltar a trabalhar de sábado. Apesar de não querer ficar longe da Elisa, seria uma oportunidade de voltar a ganhar um pouco mais. Não quero que nada falte, nem para a senhora, nem para a Elisa e seu irmão – disse Cláudio.

- Tem certeza, meu filho? Não quero que você se sacrifique.

- Não se preocupe, mãe. Para mim não será esforço algum. Só tenho dó mesmo por ter de ficar longe da Elisa. Mas eu a vejo todas as noites e isso já me conforta um pouco.

- Bem, você que sabe, Cláudio. E como anda o relacionamento de vocês? - indagou a mãe, preocupada.

- Muito bem, graças a Deus. Não poderia estar melhor. Eu me apaixonei pela Elisa desde o primeiro instante em que a vi lá na igreja. Desde aquele dia não tenho conseguido fazer outra coisa senão desejar estar ao seu lado. E se ela permitir, pretendo estar ao lado dela para todo o sempre - desejou Cláudio.

- Ai, que bom, meu filho. Mas... E com relação ao que fizeram com ela, Cláudio? Ela tem conversado muito pouco comigo, tanto sobre vocês quanto sobre aquilo. Ela está bem? Sei que algo daquele tipo não se esquece facilmente, mas ela não tem sofrido, não é? - perguntou Dona Marta, aflita.

- Sabe, mãe, na realidade ela nunca se queixou. No começo, sim, ela se lamentava por ter permitido que aquele safado do Matheus se aproximasse dela. Agora ela não toca mais no assunto. Eu às vezes até pergunto como ela está em relação àquele trauma horrível, mas ela sempre me afirma estar bem. A Elisa é uma garota muito forte, que sempre mantém a serenidade. Acho que se fosse outra pessoa já teria perdido a cabeça. Sei que, no fundo, ela ainda deve sofrer pelo

que houve, afinal ela foi muito judiada, mas eu tenho me esforçado bastante para que ela se sinta bem e não fique recordando aquilo.

- Tem razão, meu filho, não devemos ficar lembrando o que houve. Também tenho me esforçado no sentido de conversar com a Elisa sobre vários assuntos para que ela não fique recordando aquele triste fato. Eu estou tão feliz por ela e seu irmão terem vindo morar aqui conosco. Entendo a boa vontade do padre Antônio em acolhê-los na igreja, mas lá eles ficavam muito sozinhos; além disso, na idade deles, não era bom que ficassem o tempo todo num ambiente tão sóbrio e cerimonioso como uma igreja. Sei que a Elisa amadureceu muito cedo, devido ao falecimento de sua mãe, mas mesmo assim acho que ela precisa de um pouco de descanso e de divertimento. Praticamente era ela quem fazia tudo em sua casa, quando morava com o pai. Querendo ou não, é muita responsabilidade para alguém tão jovem. Por isso, aqui em casa, eu evito ao máximo que ela se esforce. Só permito mesmo que ela me ajude em pequenas tarefas, nada de querer fazer tudo só porque deseja retribuir o fato de a termos acolhido com o irmãozinho - concluiu sua mãe.

- É verdade, mãe. A Elisa precisa de um pouco de descanso e alegria. Vamos deixar que ela descanse o máximo que puder, que passeie, enfim, que ela tenha uma vida mais compatível com sua idade. Ela até comentou que deseja voltar a ajudar o padre na igreja,

mas eu não acho isso bom. Afinal de contas, faz somente dois meses que tudo aquilo aconteceu e exatamente lá.

- Tem razão, Cláudio, eu também não acho nada bom que a Elisa volte para o local onde aquela coisa horrível lhe aconteceu. Pelo menos não por enquanto. Quem sabe mais pra frente, depois que conseguirem prender o responsável... Falando em responsável, você teve alguma notícia do delegado sobre as buscas por Matheus e Alexandre?

- Eu passei lá na delegacia para ver se havia alguma novidade e fiquei sabendo que, infelizmente, eles darão por encerradas as buscas por Alexandre. Afinal, faz dois meses que ele sumiu e até agora não encontraram nenhuma pista que os levasse até o seu paradeiro.

- Puxa vida, Cláudio, mas que coisa horrível. Como pode, não é? Um rapaz tão bom e educado como Alexandre ter desaparecido assim, sem dar nenhuma notícia. Tenho pena de seus pais. Pobre Dona Maria, ela não merecia passar por isso. Eu fui lhes fazer uma visita e o que encontrei não foi nada animador. O pai de Alexandre está doente. Segundo o médico, o que ele tem é um caso sério de profunda depressão. Também, perder o filho assim deve ser algo inconcebível. A Dona Maria também não está nada bem. Ela me disse que, enquanto não aparecer o corpo, ela se manterá confiante na volta de seu filho. Me parte o coração ver aquela família daquele

jeito. O padre também tem lhes feito constantes visitas. Nessas horas, quanto mais auxílio e carinho eles tiverem, melhor será. Mas que coisa estranha, não é, Cláudio, o Alexandre ter sumido assim? – estranhou sua mãe.

- É verdade, mãe. Não me conformo que ele desapareceu. Tem dias que não consigo conter as lágrimas pela falta que ele tem feito. Às vezes, tenho vontade de sair e rodar pelo mundo atrás dele, mas como isso aconteceu justamente na mesma época em que a Elisa foi violentada, eu tenho me dedicado integralmente a ela.

- Faz muito bem, Cláudio. Eu acredito que sua companhia tem auxiliado muito a Elisa a superar o que passou. Vamos confiar que o Alexandre ainda vai aparecer. E com relação ao tal de Matheus? O delegado tem alguma novidade?

- Conversei com o Tobias a respeito do paradeiro desse miserável, mas não há nada de concreto. Eles possuem várias hipóteses e algumas informações que se desencontraram. Surgiram rumores de que ele pudesse estar na cidade vizinha, mas o delegado enviou uma equipe até lá e os homens nada encontraram. Depois do que ele fez com a Elisa, eu duvido que se atreva a retornar aqui, seria muita ousadia da parte dele. Eu nem sei o que faria se por acaso viesse a encontrá-lo. Aquele safado me enganou direitinho, se fez de rapaz certinho e gentil, até que se revelou o miserável que sempre foi.

- Não fale assim, Cláudio. Nós não temos o direito de julgar as pessoas. Não importa se ele maltratou, enganou, ou seja lá o que ele fez. Cada um carrega o peso de seus atos e, quando chegar a hora, todos nós, sem exceção, seremos julgados pelo que fizemos em vida.

- Mas, mãe, ele não merece perdão pelo que fez. Um sujeito desses não é digno sequer da vida que tem! - exclamou Cláudio.

- Mesmo assim, meu filho. Nós não podemos ficar carregando dentro de nós o ódio ou o desejo de vingança. São sentimentos como esses que definham a nossa evolução, prendendo-nos a um círculo vicioso do qual, uma vez dentro, dificilmente conseguimos escapar. Eu entendo os seus sentimentos e a sua ira, meu filho; não é tarefa fácil simplesmente tentar entregar à justiça. Mas eu lhe peço que não fique alimentando esses sentimentos negativos dentro de si. Isso não o levará a lugar algum. Transforme esses sentimentos em energias fortalecedoras para manter-se focado em seguir o caminho que Jesus nos ensinou. Aproveite o tempo que tem para se dedicar ao próximo e doar-se sempre. Deixe que cada um será julgado no momento oportuno, e o melhor que podemos fazer é orar para que consigam compreender os atos que fizeram e que se arrependam do fundo de seu coração - aconselhou, sabiamente, Dona Marta.

Não seria tarefa fácil para Cláudio tentar esquecer todo o mal que eu havia feito para Elisa, porém, sua mãe estava certa. Aquele que cultiva sentimentos de ódio e vingança dentro de si retrocede longos

passos e permanece preso, mergulhado em sua própria perturbação. Durante os dias que se seguiram, Cláudio evitava lembrar do que havia acontecido com Elisa para não entrar na tormenta de desejar vingança. Quando estava ao seu lado, procurava manter pensamentos puros e proferir diálogos proveitosos. Conforme o tempo ia passando, cada vez mais, Cláudio e Elisa iam-se unindo e descobrindo que haviam sido feitos um para o outro. Cláudio seguia sempre contente para o trabalho, e sua querida Elisa procurava auxiliar Dona Marta com os afazeres domésticos. Sem nenhum sinal de mim por perto, o jovem casal ia, aos poucos, superando as dificuldades enfrentadas no passado.

Fazia pouco mais de três meses que Elisa havia sofrido nas minhas mãos e que eu tinha fugido da vila. Nesse período, Cláudio também ganhara uma festa de aniversário, em 27 de junho de 1863, pelos seus 18 anos. Tudo ia tão tranquilo que nem mesmo se permitiam lembrar de minha existência. Infelizmente, mal sabiam eles que, após esse período recluso na casa do amigo Marcos, eu arquitetava um retorno para vingar-me de uma vez por todas, e ainda ganhar o amor de Elisa.

- Ah, finalmente, Marcos. Já fiquei aqui escondido por tempo demais. Já é hora de voltar e acabar com tudo de uma vez - exaltei.

- Tem certeza, Matheus? Acredita que três meses foram suficientes para que eles esquecessem o que fez? - indagou Marcos.

- Se quer saber, eu estou pouco me importando com isso, viu, Marcos? Eu não aguento mais ficar aqui escondido, enquanto aqueles malditos ficam lá sorrindo e vivendo tranquilos. Não, isso deve acabar. Aquela igreja deve desaparecer e, junto com ela, toda aquela cambada de safados que ficam pregando o amor e a bondade. Vou-lhes mostrar que isso não existe e que esse Deus que glorificam é uma farsa. Esse tempo que fiquei longe só me fez odiá-los cada vez mais. Já decidi, Marcos, amanhã mesmo eu retornarei à vila e acabarei com esse assunto de uma vez por todas. Não só com esse assunto, mas também vou me vingar daquele maldito Cláudio por ter-me tomado Elisa. Isso eu nunca irei perdoar. Será o primeiro a sofrer e a sentir a minha ira. Maldito seja! - exclamei.

No dia seguinte, logo cedo, lá estava eu pronto para retornar e vingar-me de todos. Após despedir-me de Marcos e agradecer-lhe, peguei minha parte das joias que havíamos roubado da casa dos fazendeiros, coloquei-as na mala e segui rumo ao meu objetivo.

34. A DESCOBERTA DE CLÁUDIO

Era domingo e, como de costume, na casa de Cláudio todos se levantavam cedo para ir à missa. Durante o café, após um papo descontraído, Elisa sentiu-se mal e pôs para fora tudo o que havia comido. Preocupado, Cláudio correu para amparar sua amada, que lhe explicou já fazer algum tempo que vinha tendo aqueles enjoos.

- Puxa vida, Elisa, por que você não me avisou antes? Se eu soubesse, já teria chamado o Dr. Francisco para examiná-la - disse Cláudio.

- Não se preocupe, Cláudio, não é nada demais. Deve ser alguma coisa que tenho comido e que tem feito mal para o meu estômago. Não é nada sério, pode ficar tranquilo - solicitou Elisa.

- Cláudio está certo, Elisa. Não acha que seria bom chamarmos o Dr. Francisco para examiná-la? - insistiu Dona Marta.

- Muito obrigada pela preocupação, mas eu estou bem, não é nada demais. Mas acho que seria mais prudente eu ficar aqui e não ir com vocês à missa.

- Tem razão, Elisa, acho melhor que você repouse - concluiu Dona Marta.

- Ah, se você irá ficar, então eu também ficarei aqui - falou Cláudio.

- Não precisa, Cláudio. Vá com sua mãe e meu irmão, será bem melhor do que ficar aqui. Não quero que perca a missa por minha causa. Pode ir, não se preocupe comigo - pediu Elisa.

- Tem certeza, Elisa? Eu não me importo de ficar aqui com você. Sabe que sua saúde é muito mais importante para mim do que qualquer coisa.

- Não, não, pode ir, Cláudio. Eu ficarei bem.

- Está certo, então.

Com muito esforço, Cláudio concordou em deixar sua amada repousar. Os três seguiram, então, para a igreja a fim de não chegarem atrasados. No percurso, sem que soubesse, Cláudio tinha seus passos vigiados à distância por um velho conhecido, ansioso para eliminá-lo. Júlio havia retornado à vila havia algumas semanas, após vagar desorientado em busca de uma solução para seus problemas.

- Ah, lá está aquele maldito fedelho causador de todos os meus problemas. Ele nem imagina que suas horas estão contadas. Não pude contar com aquele imbecil do Matheus que fugiu após se complicar com a morte do moleque lá na cabana, por isso terei de eliminá-lo eu mesmo. Mas é melhor assim! Pelo menos verei aquele

verme miserável do Cláudio sofrer lentamente em minhas mãos – planejava Júlio.

Já no plano espiritual, a corrente do bem, formada por Alfredo e Matilda, se empenhava bravamente em retirar Madalena do controle das sombras. Somente assim conseguiriam remover os laços criados pelas criaturas que a controlavam com as sombras que obsediavam Júlio, fazendo-o perceber o mal que fazia.

- Vamos, meus amigos, não podemos desistir agora. A influência sobre essa nossa irmã é forte, mas o poder do Senhor é muito maior. Tenhamos fé. Se mantivermos esse nível vibratório, haveremos de libertá-la – recomendou Alfredo à sua equipe.

No plano físico, a situação de Cláudio parecia se complicar, pois, além de Júlio, que o perseguia, eu também acabava de chegar à vila, disposto a me vingar do pobre rapaz e tomar Elisa de uma vez.

- Maldita vila! Eu passo três meses fora e nada muda. As mesmas pessoas ainda continuam por aqui, andando de um lado para outro. Preciso tomar cuidado, tenho de me manter afastado da igreja. Não posso deixar que saibam que eu retornei, isso estragaria os meus planos. Agora me deixe pensar: onde era mesmo a casa do Júlio? Lembro-me que uma vez a Elisa me explicou onde era... Preciso encontrar aquele maluco e forçá-lo a se juntar a mim. Nem vou perder meu tempo indo até a cabana, porque ela fica muito escondida na mata; como já estou aqui, é melhor começar procurando por ele em sua casa – pensei.

Logo após a missa, Cláudio, sua mãe e o jovem Pedro retornaram para casa. Com as energias renovadas após o lindo sermão feito por padre Antônio, que discorrera sobre o perdão que devemos dar a nossos irmãos, quando estes nos afrontam nos caminhos da vida. Já em casa, Cláudio perguntou à Elisa sobre seu estado e, após esta lhe garantir que se sentia melhor, tratou logo de lhe falar sobre o tema abordado na missa. Após ouvir atentamente o querido companheiro, Elisa pôs-se a auxiliar Dona Marta com o almoço, enquanto Cláudio aproveitava para brincar um pouco com Pedro.

Durante a brincadeira, Pedro comentou com Cláudio que a cabana que fizera com lençóis era igual à de seu pai. Estranhando a comparação do garoto, Cláudio o indagou sobre de que cabana estava falando.

- O seu pai também fazia cabanas assim com lençóis para você na sua casa, Pedro?

- Não, tio, estou falando da cabana em que meu pai está, lá no meio da mata.

- Como é? Não entendi, Pedro. De que cabana você está falando? Seu pai tem uma cabana no meio da mata, é isso?

- Tem, sim, tio.

- Mas desde quando ele tem essa cabana? Sua irmã sabe disso?

- Não. Ela não sabe, e se souber vai ficar brava comigo.

- Mas por que ela ficaria brava? Quem disse isso?

- Foi o Matheus. Ele que me levou até lá para ver o meu pai, na época em que ele era bonzinho.

- O quê? Aquele miserável do Matheus conhecia seu pai? Isso não está me cheirando bem. Pedro, você saberia me dizer como eu faço pra chegar a essa cabana?

- Sei, sim, tio, até que não é difícil, fica próximo a uma região lá atrás da cachoeira, bem no meio da mata. Mas, tio Cláudio, não conta pra minha irmã que eu fui ver o meu pai, porque senão ela vai brigar comigo.

- Tudo bem, Pedro, pode deixar que eu não conto nada.

Cláudio se espantou com a informação dada por Pedro. Por qual motivo o pai dele estaria em uma cabana escondida no meio da mata, e por que eu havia levado Pedro até lá, pedindo que não contasse nada à sua irmã? A dúvida pairava no pensamento de Cláudio, e este sabia que algo precisava ser feito. Decidiu ele mesmo seguir até a cabana e averiguar do que se tratava. Quem sabe não encontraria também o causador de tanto sofrimento à sua querida Elisa? Sabia que, se eu estivesse por lá, poderia ser perigoso, mas mesmo assim estava decidido a se arriscar. Então, logo após o almoço, tratou de ir ao local indicado, dizendo à sua família que iria visitar seu tio Alberto.

- Eu preciso ter uma conversa com o tio. Não me espere para jantar, tá, mãe? Acho que irei demorar um pouco - falou Cláudio.

- Está bem, então, meu filho, mas procure não voltar tarde - solicitou sua mãe.

- Cláudio, espere! Eu quero ir com você - pediu Elisa.

- É... ir comigo? Hum, infelizmente não vai dar, Elisa. Você passou mal hoje e prefiro que fique aqui.

- Mas eu já estou bem melhor, Cláudio. Faz tempo que não vejo sua tia Marisa e estou com saudades - lembrou Elisa.

- Não, meu amor, eu a amo, mas é melhor você ficar. O assunto que irei tratar com o meu tio é bem chato, e você não iria gostar.

- Puxa, mas por quê? Eu não vou atrapalhar. Só quero mesmo é ver sua tia.

Sem chance de convencer Cláudio a permitir que fosse junto, Elisa teve de se contentar em deixar a visita para outro dia. Após se despedir da jovem com um beijo, Cláudio saiu, deixando Elisa preocupada com a insistência de Cláudio para que não o acompanhasse.

Como se tratava de um local distante para ir a pé, Cláudio passou na casa de Alberto e pediu seu cavalo emprestado, com o pretexto de que gostaria de cavalgar um pouco. Enquanto isso, eu finalmente conseguia convencer Júlio a me ajudar com meu plano.

- Está certo, então. Eu não aguento mais ver aquele miserável do Cláudio andando por aí com os meus filhos. Mas, antes de ajudá-lo,

nós primeiro iremos eliminar esse maldito, senão nada feito – disse Júlio.

- Tudo bem. Eu também tenho vontade de acabar com esse moleque. Não será para mim nenhum sacrifício. Então, como havíamos combinado, nós iremos levá-lo à encosta do rochedo, para que ninguém suspeite de nada.

- Ora, mas por que ter esse trabalho de levá-lo até lá? Ao invés disso, deveríamos exterminá-lo lá na cabana como você fez com o outro pirralho – sugeriu Júlio.

- Não, eu não acho que essa seja a melhor maneira. Simplesmente matá-lo não seria tão divertido quanto vê-lo cair lá de cima e se esfacelar no chão. Vai me dizer que você quer somente matá-lo? Pense como seria engraçado ver sua expressão de medo enquanto cai – comentei.

- É, você tem razão. Por que somente matá-lo, quando eu posso fazê-lo sofrer e gritar desesperado, enquanto eu o jogo lá de cima? Concordo – respondeu Júlio.

- Combinado, então. Mas aqui não é o local ideal para trabalharmos os detalhes; é melhor nós irmos à cabana. Apesar do estado em que a deixei com a morte daquele outro moleque, lá ainda continua sendo mais seguro do que aqui em sua casa – lembrei.

- Tem razão, ainda mais se o delegado nos vir juntos, é capaz de me prender também, e para a cadeia eu não vou! Prefiro a morte! –

exclamou Júlio.

Após entrarmos em acordo, seguimos para a cabana, onde rapidamente acertamos como faríamos para realizar meu plano. Ao sairmos, Júlio, sem perceber, deixou para trás o papel em que eu havia descrito nosso plano e o local onde eliminaríamos Cláudio. Não muito tempo depois, Cláudio finalmente chegava ao fétido local, assustando-se com o que encontrava:

- Meu Deus! Eu não posso acreditar, mas o que fizeram aqui? E que cheiro horrível é este? Parece que algum bicho morreu por aqui. E o que derrubaram neste chão para ele estar desse jeito? - pensava.

Cláudio mal podia imaginar que nenhum bicho havia morrido ali, mas sim seu grande amigo Alexandre, e que o cheiro insuportável era causado por seu sangue que havia derramado naquele chão; como a cabana era pequena e estava sempre fechada, acabara ficando impregnada daquele odor fétido.

- Ai que nojo! A vontade que eu tenho é de vomitar. Por que será que o pai do Pedro estava escondido aqui? E qual a sua ligação com o Matheus? Isso tudo está muito estranho. Mas o que é aquilo? - surpreendeu-se Cláudio, ao avistar jogada em um canto uma antiga blusa sua, blusa esta que havia sido dada a seu amigo Alexandre.

- Meu Deus, eu não posso acreditar! Esta blusa é a que eu dei ao Alexandre. Mas por que ela está aqui? Acho que é melhor eu voltar e chamar o delegado para vir aqui - ponderou Cláudio.

Sem perder tempo, Cláudio vai embora da cabana, a fim de avisar o delegado sobre suas descobertas, e acaba deixando passar despercebido o papel que Júlio deixara para trás, o qual revelava o mapa e os detalhes de nosso plano para eliminá-lo.

Já na casa de Dona Marta, Elisa, ainda inconformada com a atitude de Cláudio, tentava entender o que podia ter acontecido:

- Puxa vida! Cláudio estava tão bem quando voltou da missa, estava tão sorridente e brincalhão. Mas logo depois ficou tão calado na hora do almoço, como se algo o perturbasse. E aquela história de precisar conversar com seu tio... Não sei, isso está estranho...

- Pedro, vem cá. Aconteceu alguma coisa enquanto você e o Cláudio brincavam? - perguntou Elisa.

- Não, mana, não aconteceu nada.

Notando a expressão de receio de Pedro, Elisa percebeu que seu irmão estava escondendo algo e indagou novamente:

- Pedro, o que aconteceu enquanto você e o Cláudio brincavam? Pode me contar, confia em mim. O que foi?

- Desculpa, mana. Eu já devia ter lhe contado - respondeu Pedro.

- Me contado o quê? Pode dizer, eu não vou ficar brava - garantiu Elisa.

- É que eu fui ver o papai.

- O quê? Como assim, Pedro?

- Fui até uma cabana no meio da mata ver o papai - explicou Pedro.

- O papai estava fazendo o que lá? Como você conseguiu chegar?

- Eu fui com o Matheus. Ele que veio aqui e me levou para ver o papai. Mas já tem um tempo. E ele pediu que eu não lhe contasse, se quisesse ver o papai novamente.

- Ai, meu Deus! Será que o Matheus sequestrou o papai? Mas como ele estava, Pedro? Ele estava bem?

- Estava, sim. Disse que estava com muita saudade da gente.

- E agora? Por que será que o papai estava junto com aquele monstro do Matheus? Será que era por vontade própria ou estava lá forçado? - refletiu Elisa. - E você contou isso tudo ao Cláudio, Pedro?

- Conteí. Mas não fica brava comigo, mana. Eu não sabia.

- Tudo bem, Pedro, não precisa chorar. Fico feliz que tenha me contado. Mas nós precisamos fazer alguma coisa. Com certeza o Cláudio deve ter ido até essa cabana procurar o Matheus. Pedro, você sabe como chegar lá?

- Sei, sim, mana, fica perto da cachoeira.

Após descobrir o que Cláudio havia ido fazer, Elisa contou para Dona Marta as intenções do filho, e esta, sem perda de tempo, decidiu ir até a delegacia solicitar ajuda. Porém, devido ao mal-estar de Elisa na parte da manhã, Dona Marta não permitiu que ela a

acompanhasse, mesmo com seus apelos. Frustrada e com medo de que algo de ruim acontecesse a Cláudio, Elisa decidiu orar a Deus e pedir proteção para seu amado, para que este não perdesse a cabeça caso me encontrasse. Contudo, no caminho de volta à vila, Cláudio levou um grande susto: viu Júlio vindo em sua direção, bem no meio da estrada. Sem compreender, Cláudio seguiu ao seu encontro, sem imaginar que, pouco antes de avistar Cláudio, eu já havia me escondido na mata, a fim de capturar o pobre coitado.

- Ei, rapaz! Você é o “amiguinho” da minha filha, não é? Venha cá, eu quero conversar com você - disse Júlio.

Cláudio, então, desceu do cavalo e aproximou-se de Júlio para ouvi-lo. Nesse momento, eu aproveitei para dominar o garoto. Ao ver-me vindo por trás em sua direção, Cláudio tentou se esquivar e correr, porém era tarde, eu já estava perto o suficiente para agarrá-lo e jogá-lo no chão. Em poucos instantes, ele estava dominado e amarrado. Nós mal podíamos acreditar: finalmente tínhamos em nossas mãos aquele a quem queríamos tanto mal.

- Soltem-me! Seu maldito, como ousa aparecer por aqui depois de tudo o que fez?! - gritava Cláudio.

- Ora, cale essa boca! Há tempos nós esperamos por este momento, e finalmente chegou a hora de nos vingarmos por tudo o que você fez - falei.

- Vocês são malucos, me soltem! Eu não fiz nada para vocês!

Mas de nada adiantava o rapaz gritar e pedir para nós o soltarmos. Seu destino já estava traçado. Seria levado até a encosta do rochedo e, após sofrer, seria arremessado lá de cima.

35. A ENCOSTA DO ROCHEDO

Na delegacia, Dona Marta conta ao delegado a respeito da descoberta de Cláudio, e este solicita a Tobias que junte seus homens e sigam até o local indicado. Porém, Tobias informa que a maioria dos homens havia se dirigido à cidade vizinha em outra missão, e que, portanto, não seria possível atender àquela ocorrência imediatamente. Preocupada, mas sem nada poder fazer, Dona Marta decide esperar. Já na casa de Cláudio, Elisa não teve a mesma reação. Sentia muito medo do que pudesse acontecer com seu amado caso este se encontrasse. Angustiada e preocupadíssima, a jovem sabia que não conseguiria ficar ali sem fazer nada. Precisava fazer algo. Decidiu, então, seguir até a tal cabana.

- Pedro, eu vou atrás do Cláudio e você fica aqui, está bem? Quero que avise a Dona Marta que fui até lá, caso ela volte.

- Está bem, mana, eu aviso, sim. Mas lá é muito longe. Como você vai fazer para ir?

- Verdade, você tem razão, Pedro. Ah... já sei... Pedirei o cavalo do vigia Paulo emprestado. Tenho certeza de que, quando souber

que é para ajudar o Cláudio, ele me emprestará ou até se prontificará a ir junto.

Após seu irmão lhe prometer que ficaria trancadinho em casa até que ela retornasse, Elisa seguiu até o vigia Paulo. Ao chegar, porém, viu que Paulo não se encontrava, somente o seu cavalo estava no local. Desesperada, Elisa pegou o cavalo e galopou o mais rápido possível até a cabana.

Enquanto Elisa corria para o local, Júlio e eu íamos nos dirigindo até a encosta do rochedo. Mal podíamos esperar para chegar ao local e acabar de uma vez por todas com Cláudio. Finalmente, poderíamos nos ver livres daquele pobre infeliz. Júlio até que estava mais contido, apesar de ser possível ver em seus olhos a felicidade pelo momento tão esperado estar próximo. Eu aproveitava para descontar em Cláudio um pouco do que vinha juntando de raiva até então. Desferia vários tapas no rapaz, a fim de lhe mostrar quem é que mandava. Cláudio, porém, demonstrava não entender por que motivo nós estávamos fazendo aquilo, e por que sentíamos tanta raiva dele.

Passado algum tempo, Elisa chegava ao local indicado por Pedro. Tratava-se de uma trilha toda enlameada ao norte da cachoeira, em um local de difícil acesso, bem no meio da mata.

- Senhor, por favor, proteja o Cláudio - orava Elisa.

- Meu Deus, mas que lugar horrível de se chegar! Por que será que meu pai estava enfiado em um lugar como este? - perguntava-se Elisa.

- Ah, lá está. Acho que é aquela cabana que Pedro falou. Cláudio, você está aí? - gritou Elisa.

O medo de me encontrar, depois de tudo o que eu lhe fizera, ainda era muito forte, porém o amor que Elisa sentia por Cláudio era muito maior do que tudo isso. Contudo, apesar de todo esforço de Elisa para chegar ao local, Cláudio já não se encontrava por lá.

- *Puxa vida! O Cláudio não está aqui. E agora? Onde será que ele está? Ai... mas que cheiro horrível é este? Que lugar mais sujo... Não consigo acreditar que meu pai estava em um lugar como este. E este chão... O que será que tinha aqui para ficar desse jeito? Que nojo!... Hã? Mas o que é isso? Tem uma espécie de bilhete jogado ali naquele canto... Deixe-me ver - pensava Elisa ao avistar o papel que Júlio havia esquecido na cabana, contendo nosso plano e o mapa do local onde mataríamos Cláudio.*

- *Nossa! Tem um mapa desenhado aqui... Mas que lugar é esse? Tem algo escrito aqui no cantinho. Aqui diz: "Local ideal para matar o maldito Cláudio"... Ai, meu Deus! Quem será que escreveu isso?! Eu preciso fazer algo, Cláudio está correndo grande perigo! Mas e agora? O delegado vai vir até aqui com seus homens e não irá saber que fui até esse lugar... Eu preciso deixar algum recado. Já sei... Vou usar um pedaço de madeira e tentar*

desenhar aqui na terra um mapa para que possam saber aonde ir – pensava Elisa.

Após deixar o recado, Elisa partiu desesperada rumo ao local do mapa, a fim de ajudar seu querido Cláudio.

Na delegacia, os homens que estavam na cidade vizinha finalmente retornaram e, imediatamente, receberam as ordens do delegado para seguir à cabana próxima à cachoeira. Depois de mais um tempo, Júlio e eu chegamos com Cláudio à encosta do rochedo. Agora não havia mais volta. Depois de longo tempo de espera, conseguiríamos nos livrar de Cláudio de uma vez por todas.

- Pronto, este é o local. O que você achou, Júlio? – perguntei.

- Você tinha razão, Matheus, este lugar é ideal para acabarmos com este maldito sem que ninguém nos atrapalhe.

- Foi o que pensei. E agora, seu pirralho, olhe à sua volta, ninguém irá ajudá-lo, este será seu fim – falei.

- Seu maldito maluco, me solta! Você não vai escapar dessa. O delegado já está atrás de você, e logo irá encontrá-lo e fazê-lo pagar por tudo o que fez à Elisa – gritou Cláudio.

- Ora, cale a boca, seu cretino!

E, sem que ele pudesse continuar dizendo mais alguma palavra, eu acertei-lhe um soco, derrubando-o no chão.

- Isso é para mostrar quem é que manda, seu ordinário! – gritei para Cláudio. - Vai, Júlio, o que está esperando? Aqui está o seu

maldito fedelho! Anda, acaba com ele, eu já fiz a minha parte, eu lhe trouxe este lixo, agora faça a sua e acabe de uma vez com ele! – esbravejei.

– Espere... O que ele quis dizer com o que você fez à Elisa? – indagou Júlio.

– Ah, não é nada. Esse cachorro está delirando! Não escute o que ele diz, acaba logo com ele!

Mesmo confuso com as palavras de Cláudio, Júlio decidiu seguir em frente e acabar com o rapaz. Pegou Cláudio pelo braço e o levantou do chão. Como Cláudio estava com as mãos amarradas, nada podia fazer. Enquanto eu olhava mais afastado aquela cena, notei a aproximação de alguém e me escondi. Era a garota Elisa, que gritava de longe para o pai não fazer aquilo.

– Papai, não faça isso! – gritava Elisa, que mal podia acreditar na cena que via: Cláudio amarrado e praticamente sendo arrastado à beira da encosta por Júlio.

– Espere! O que está fazendo? – gritou Elisa, aflita.

– O quê? Elisa, o que faz aqui? – surpreendeu-se Júlio ao ver a filha.

– Sou eu que lhe pergunto, pai. O que o senhor está fazendo com o Cláudio?

– Não se intrometa, minha filha, isto não é assunto seu – pediu Júlio.

- Mas como não é assunto meu? O senhor por acaso enlouqueceu? O que pensa que vai fazer? Solte o Cláudio! - implorou Elisa.

- Não, minha filha, este maldito merece morrer! Veja o que ele nos fez! Ele nos separou! Mas não se preocupe, eu irei acabar com isso, e nós poderemos voltar a ser uma família - dizia Júlio, completamente tomado pelas influências.

Sem compreender o porquê de seu pai estar agindo daquela maneira e por que queria matar Cláudio, Elisa começou a chorar desesperada por ver tal cena, uma vez que Cláudio nada fazia, pois estava quase desacordado com o soco que eu havia lhe dado.

Enquanto Elisa tentava ajudar seu amado, no plano espiritual a corrente do bem lutava para conseguir resgatar Madalena do domínio de seus opressores.

- Desperte, minha irmã, eu lhe imploro - solicitava Matilda.

- Tenhamos fé no poder do Senhor. Esta irmã já passou tempo demais padecendo pelos pecados que cometeu. Ela merece ter a chance de escolher qual será o seu caminho. Deixem-na em paz, criaturas das sombras - ordenava Alfredo.

Madalena já vinha sofrendo aquele controle havia muito tempo. A região onde ela se encontrava possuía um grande número de espíritos que estavam na mesma situação. Muitos perdem a noção do tempo e de si próprios. Ficam vagando em círculo, sem saber o

motivo pelo qual ali estão. No começo, a angústia toma conta, exercendo grande influência. Depois, ficam confusos, sem saber o que aconteceu, pois geralmente não conseguem aceitar que fracassaram em vida. Esses espíritos perdidos são, então, utilizados pelas criaturas do vale das sombras, para que possam atingir as pessoas no plano físico. Como suas mentes ainda se encontram interligadas, esse canal se mantém conectado, desde que exista em ambos predisposição à prática de algum ato. Como Júlio e Madalena haviam convivido juntos e possuíam essa afinidade, Júlio se deixava influenciar pelas sombras, que eram enviadas através de Madalena. As criaturas que utilizam esse elo, essa afinidade que certos espíritos possuem, para que possam praticar a maldade no plano físico, são conhecidas como a legião dos dragões - criaturas antigas e perversas, que habitam as regiões mais profundas da crosta. Felizmente, existem os espíritos puros, que dedicam a sua existência a auxiliar esses irmãos. É o caso das correntes formadas pelos espíritos de luz, que se reúnem com o único propósito de esclarecer e auxiliar aqueles que necessitam.

- Veja, Alfredo, finalmente a névoa negra que encobria Madalena está se dissipando - observava Demétrio.

- Graças ao Senhor. Vamos aproveitar que as sombras estão se afastando dessa irmã e continuar emanando vibrações a ela.

Confiamos que em mais alguns instantes conseguiremos retirá-la dessa influência – solicitava Alfredo.

De volta ao plano físico, Cláudio recobra a consciência e pede para Elisa afastar-se.

- Por favor, Elisa, não venha, fique aí. Seu pai enlouqueceu e pode machucá-la!

- Ora, seu maldito, cale a boca! – ordena Júlio, dando um soco no estômago de Cláudio.

- Cláudio, não! – grita Elisa.

- Bem feito, maldito fedelho! Não se aproxime, Elisa, minha filha. Fique longe. Será que não compreende que ele precisa morrer para que nós possamos voltar a ficar juntos?

- Eu lhe imploro, pai, pare de agredir o Cláudio. Ele não teve nada a ver com isso. Se eu quis sair de casa, a culpa foi sua e não dele. Deixe-o em paz!

- Não, Elisa, ele merece morrer. Será que você ainda não conseguiu entender que é por causa dele que nós estamos separados? O que ele lhe fez para que você queira tanto protegê-lo? Não percebe que ele só quer nos afastar?

- Ele não me fez nada, papai, muito pelo contrário. Foi graças a ele que consegui levantar a cabeça e seguir em frente. Eu saí de casa por sua causa, e não por causa dele. Já estava cansada das constantes brigas e discussões. Não aguentava mais ver o senhor agredir o

Pedro, como se ele tivesse sido o responsável pela morte da mamãe. Ao invés de tratá-lo mal, o senhor deveria dar-lhe amor e carinho, que é o mínimo que um pai deve fazer. Quantas noites não tive de ficar ao lado do Pedro, cuidando dos seus ferimentos, causados pelo senhor? Como pôde fazer isso com uma criança de oito anos? Desculpe-me dizer, mas o senhor enlouqueceu depois que a mamãe se foi. E, se não bastasse isso, o senhor ainda teve a coragem de traí-la com a sua cunhada. Como pôde, papai? Esses foram os motivos pelos quais decidi sair de casa, e não o Cláudio.

- Você não sabe do que está falando, Elisa! Eu amava a sua mãe mais do que tudo nesta vida. Seria capaz de fazer qualquer coisa por ela. Eu lhe dava amor, carinho, tudo. Nunca faltou nada em nossa casa. E, no entanto, o que ela fez? Trocou-me por aquela maldita igreja! Ela jogou no lixo tudo o que eu lhe dava, simplesmente por amor a Deus. E o que esse Deus dela fez? Ele a tirou de mim. Não bastasse a possuir em vida, ele ainda fez questão de levá-la embora. Arrancou-me aquilo que eu mais amava. Agora me responda: que culpa eu tenho de sua mãe negar o amor que eu queria dar a ela? Foi então que surgiu sua tia Madalena, querendo receber de mim o que sua mãe desprezava. Eu relutei o quanto pude, mas infelizmente chegou um ponto em que não consegui suportar. E aí, então, como se tivesse ficado com raiva de mim por ter traído a sua mãe, veio Deus e a arrancou de uma vez por todas de minha vida. E eu não

permitirei que façam o mesmo com você! Ninguém vai me tirar minha filha! Está me ouvindo? Ninguém!

- Espere, papai, me escute, por favor. Eu até compreendo esse medo de me perder que o senhor está sentindo. Mas se a situação chegou ao ponto em que chegou, a culpa foi sua, porque não conseguiu manter a cabeça no lugar. E não por culpa de alguém, muito menos do Cláudio. Deixe-o em paz, eu lhe imploro! Eu amo o Cláudio!

- Vejo que ele conseguiu enfeitiçá-la. Mas não se preocupe, eu irei acabar com isso, matando de uma vez por todas esse maldito fedelho! - gritou Júlio, enquanto arrastava Cláudio até a beira da encosta.

- Não, papai, eu imploro, não faça isso!

- Vá logo, Júlio, acabe de uma vez por todas com esse maldito! - gritei, saindo de trás de uma árvore onde havia me escondido quando vi que alguém se aproximava.

- O quê? Você conhece esse monstro, papai? - surpreendeu-se Elisa.

- São apenas negócios... - disse Júlio.

- Negócios? Por acaso o senhor sabe do que esse homem é capaz?

- Não me interessa do que ele é capaz ou o que tenha feito.

- Como não interessa? O senhor tem ideia do que esse animal fez à sua filha Elisa? - perguntou Cláudio, tentando ficar de pé.

- Não dê ouvidos a esse maldito, Júlio, acabe com ele! - falei.

- Não! Espere, seu Júlio! O senhor não deve saber, mas esse monstro aí, que está diante de nós, teve a coragem de estuprar Elisa, sua filha querida! - revelou Cláudio.

- Você acha que eu vou acreditar nisso? - debochou Júlio.

- Não, espere! É verdade, papai - confirmou Elisa.

- O quê, Elisa? - espantou-se Júlio.

- É isso mesmo, papai! Foi isso que o senhor ouviu! Esse demônio me estuprou lá na igreja, enquanto Pedro assistia a tudo - disse Elisa, caindo em prantos.

Júlio parece não acreditar no que escuta. Fica completamente imóvel. Desolado com a verdade, desaba no chão, levando as mãos à cabeça, e deixa Cláudio livre. Desesperada, Elisa corre para junto de seu amor e o desamarra.

- Ah, então é isso? Bem que eu imaginei que não poderia contar com esse Júlio. Mas tudo bem, assim as coisas ficam muito mais fáceis para mim. Eu não poderei usá-lo em meu plano, mas tudo bem, eu encontrarei uma outra forma de destruir aquela igreja. Sendo assim, então terei de matá-lo junto com esse maldito Cláudio. Aí, sim, terei Elisa só para mim - pensava eu, gargalhando.

Enquanto isso, no plano superior, finalmente a corrente do bem liderada por Alfredo conseguia afastar de vez o controle das

sombras sobre a irmã de Matilda, Madalena. Finalmente, ela podia sentir a presença dos benfeitores e suas vibrações.

36. O DESPERTAR DE MADALENA

- Matilda, agora! Aproveite para se aproximar de sua irmã e fazê-la despertar - orienta Alfredo.

- Madalena! Madalena! - chama Matilda. - Você permaneceu tempo demais neste estado. É chegado o momento de despertar, eu lhe peço, minha irmã. Graças à misericórdia divina, nós temos a chance de compreender os nossos erros. Você não está mais sozinha, Madalena. Liberte-se dessas algemas criadas pelos pobres de espírito, que ainda não compreenderam que o caminho da maldade é uma estrada sem saída. Chegou o momento de você caminhar com as próprias pernas e decidir qual caminho seguir. Venha comigo, minha irmã, este já não é mais o seu lugar. Permanecer aqui é dar voltas em torno de si. Vamos, minha irmã, desperte e se arrependa. Confie em Deus, ele não desampara nunca os seus filhos. Olhe para mim, Madalena, levante a cabeça e dê-me sua mão - solicita Matilda.

Ninguém pode tirar uma pessoa do estado em que se encontra, a não ser que ela deseje, ou então que a providência divina assim permita. Após conseguir afastar as sombras que controlavam Madalena, finalmente Matilda teve a oportunidade de se aproximar

de sua irmã, e tentar resgatar-lhe do estado em que permanecia. Matilda empenhou todas as suas energias em ajudar e esclarecer sua irmã sobre sua real situação. Bastava agora que Madalena aceitasse ser auxiliada e se permitisse sair daquele estado.

- Madalena! Madalena! Sou eu, sua irmã Matilda. Estou aqui para auxiliá-la. Desperte, minha irmã!

Foi então que, após os chamados de sua irmã, finalmente Madalena levanta a cabeça e responde à solicitação.

- Matilda, você está aí?

- Sim, minha irmã, sou eu, Matilda. Você esteve se depurando por um longo período, mas agora é hora de prosseguir e despertar.

- Minha querida irmã, você não sabe como tenho sentido a sua falta. Sinto como se um riacho de esperança estivesse derramando suas águas sobre mim. Poder ouvir a sua voz é um alívio - agradece Madalena.

- Graças ao Senhor, minha irmã! Mas, para que eu possa auxiliá-la, é preciso que você aceite o que fez e deseje ser amparada - explica Matilda.

- Mas eu não compreendo, Matilda. Só me recordo da época em que vivíamos juntas e éramos felizes. O que você quer dizer com aceitar o que fiz?

- Você sabe que lugar é este onde se encontra, minha irmã? Este é um local aonde os espíritos desencarnados que ainda possuem

débitos vêm, para que possam se livrar de toda a bagagem pesada adquirida durante o período em que estiveram no plano físico. Assim que conseguem essa purificação, são conduzidos a um outro estágio, para que o processo possa prosseguir.

- Mas eu não compreendo o que faço aqui neste lugar tão horrendo. Sempre fui uma pessoa boa e dedicada. Por que Deus permitiu que eu viesse parar aqui? Me ajude, minha irmã. Por favor, eu lhe imploro - pede Madalena.

- Infelizmente eu não posso ajudá-la ainda, Madalena. Somente depois de você aceitar tudo o que fez e se arrepender do fundo de seu coração.

- Mas o que foi que eu fiz de tão grave para merecer estar em um lugar assim? - espanta-se Madalena.

Vendo que seria necessário contar à irmã o real motivo que a levava ao purgatório, Matilda não tem outra escolha senão esclarecer Madalena sobre seus atos em vida.

- Durante sua estada no plano físico, você teve todas as chances de repensar suas escolhas e seguir por estrada segura. No entanto, o que você fez? Deixou-se dominar pelo desejo e não teve pudor ao se aproximar de meu marido Júlio, levando-o ao adultério. Quantas vezes vocês não se entregaram em minha própria cama, saciando o desejo carnal que sentiam um pelo outro? Quantas vezes, minha irmã? Eu não os culpo, pois não percebi que tal fato se instalava em

meu lar. Continuei no caminho que achava correto e me dediquei a Deus, esquecendo-me de minha própria família. Mal podia imaginar que tal atitude nos levaria a esse ponto. Pobre Júlio... Não tive olhos de esposa para conseguir compreender suas vontades. Mas o que você fez, Madalena? Aproveitou-se do fato de que em meu lar havia se instalado essa semente e contribuiu para que ela gerasse frutos.

- Não retiro a minha parcela de culpa, ou a de meu marido Júlio - continua Matilda -, porém não posso concordar com sua atitude. Não bastasse isso, você se deixou dominar pelo desejo e quis tomar Júlio de mim, induzindo-o a abandonar a própria família para viver ao seu lado. Contudo, após o meu desencarne, Júlio começou a culpar-se por tal acontecimento, e a abandonou. Sentindo-se rejeitada e preterida por aquele sobre quem você havia criado falsa expectativa, deixou-se dominar por tal sentimento e não suportou. Imaginando-se sem alternativa, a única solução que encontrou foi suicidar-se pouco tempo depois, acreditando que esse seria o caminho mais fácil. E então, desde aquele dia, você permaneceu aqui, vagando sem rumo. Já se passaram oito anos... - concluiu Matilda.

Ao ouvir o que sua irmã acabara de lhe contar, Madalena se entrega ao choro após ser impactada por aquelas afirmações.

- Não se entregue, querida irmã. Todos cometemos erros. E é justamente por isso que nós não devemos perder as esperanças.

Vivemos em um mundo de expiações, e estamos todos sujeitos a isso. Mas não pense que a culpo pelo que aconteceu. Saiba que em nenhum momento eu deixei de amá-la, e é justamente por causa desse amor que estou aqui. Ora, vamos lá, enxugue essas lágrimas e levante a cabeça. Deus é tão misericordioso que nos permite esses fatos para que possamos aprender juntos e, dessa forma, seguir em frente. Venha, me dê a sua mão – pede-lhe Matilda.

- Eu não mereço o seu amor e a sua atenção, minha irmã. Errei com você e comigo mesma. Deixe-me aqui para que possa pagar por tudo o que fiz. Não dei valor à vida que tive. Fui egoísta. Como pode vir até aqui tentar ajudar alguém como eu? Agora vejo o tempo que desperdicei e a vida que abandonei. Fui fraca e não consegui vencer os desejos da carne. Então, por favor, eu lhe imploro que me deixe aqui, para tentar resgatar a pouca dignidade que me sobrou. Vá embora! Eu não sou digna de piedade! – afirma Madalena.

- Não pense dessa forma, minha irmã, todos somos dignos de piedade e de perdão. Não se culpe pelo que fez ou poderia ter feito! Olhe para frente! A estrada não termina aqui, pois este é somente um ponto de parada para a maioria de nós. Deixe aqui suas amarras e me permita auxiliá-la – solicita Matilda, finalmente conseguindo ser visualizada por sua irmã, que enfim se arrepende.

Ao despertar e se arrepender de tudo o que fez, Madalena consegue ver através da névoa pesada que a cercava, agora se

dissipando, o rosto terno de sua querida irmã Matilda, graças ao auxílio dos benfeitores da corrente do bem.

Então, Madalena, arrependendo-se do fundo de seu coração, segura a mão de sua irmã e permite o auxílio tão esperado, quebrando assim o elo entre as sombras que a controlavam (graças à sua própria permissão) e os obsessores que influenciavam Júlio no plano físico.

Após o desfazimento desse vínculo, Júlio desperta e vê a mim, Matheus, seguindo em direção a Cláudio e Elisa. Ao ver que Elisa se encontra em perigo, Júlio, agora livre das influências, corre em nossa direção e derruba-me, disposto a não permitir que eu machuque sua filha. Enquanto eu e Júlio brigávamos no chão, a equipe do delegado, a pedido de Dona Marta, finalmente chegava à cabana situada nas proximidades da cachoeira.

- Então esta é a cabana descrita por Dona Marta - comenta Tobias.

- Confesso que desconhecia a existência deste lugar, fincado bem no meio da mata - surpreende-se um dos homens do delegado.

- Andem, espalhem-se e vasculhem tudo - solicita Tobias.

Sem encontrar nada, Tobias coleta os itens que estavam na cabana, a fim de levá-los ao delegado. Dentre estes, estavam muitos pedaços de tecido, uma corda e uma blusa. Após coletar os materiais, Tobias se volta ao entorno da cabana, à procura de pistas

que indiquem quem foi o responsável por aquilo. Examinando o local, um dos homens encontra debaixo de algumas folhas de árvores algo que se parece com um mapa.

- Tobias, veja o que encontrei... Parece um mapa.

- Sim, tem razão. É uma espécie de mapa. E aqui diz: "Local onde pretendem matar Cláudio. Assinado Elisa". Meu Deus! Então Elisa também esteve por aqui! Precisamos correr imediatamente para esse local. Pelo que está desenhado, fica a alguns quilômetros daqui, na encosta do rochedo.

- Encosta do rochedo? - pergunta um dos homens.

- Exatamente. Você conhece esse local? - questiona Tobias.

- Conheço, sim. Não fica muito distante daqui - responde.

- Muito bem, então. Chame os outros, partiremos agora mesmo - ordena Tobias.

Enquanto os homens do delegado corriam ao local indicado, Cássius e Dionísio, no plano espiritual, empenhavam-se em auxiliar Cláudio e Elisa.

- Cássius, nós precisamos fazer alguma coisa para ajudá-los - preocupa-se Dionísio.

- Compreendo a sua aflição, meu amigo. Porém, ontem, quando fui até Eliseu questioná-lo sobre a possibilidade de intervirmos nesses acontecimentos, ele foi muito claro: os acontecimentos do plano físico são de inteira responsabilidade dos que lá se encontram.

Cada um é dono de seu caminho. Ele me explicou o que eu já imaginava. Assim como você, eu gostaria muito de auxiliar os nossos queridos amigos, para que não precisassem passar por essa etapa tão difícil. Mas as orientações de Eliseu foram bem claras: nossa missão é a de acompanhar e orientar, mas as escolhas deverão ser feitas por cada um, gostemos ou não – explica Cássius.

- Desculpe a minha indignação, Cássius, mas eu ainda penso que em certos acontecimentos nós deveríamos poder fazer algo a mais pelos nossos orientandos do que simplesmente tentarmos influenciá-los.

- Eu sei e compreendo sua indignação, Dionísio. Também pensava dessa forma. Mas não adianta nada deixarmos que os outros façam suas próprias escolhas, se não o fizermos quando se tratar daqueles que acompanhamos. Devemos ser imparciais com todos e permitir que sigam o caminho que quiserem. Lembre-se: cada um segue em direção ao plano físico com uma necessidade específica. A evolução dos espíritos depende dessas necessidades que, na maioria das vezes, já foram desejadas antes de entrarmos na vida material – lembra Cássius.

- Mas e se Matheus conseguir o que deseja e matar Cláudio? Ou então machucar Elisa? Ficarei me sentindo um fraco por não os ter ajudado. Nós estamos acompanhando seus passos e observando as dificuldades que tiveram de enfrentar até aqui. E agora, quando

mais precisam de nossa ajuda, ficaremos aqui, de braços cruzados, apenas vendo-os sofrer... - lamenta Dionísio.

- Não, meu amigo Dionísio, nós não ficaremos aqui de braços cruzados. Faremos o que temos feito desde o início. Permaneceremos ao lado deles, emitindo-lhes aquilo que um irmão mais velho o faria: confiança, fé, amor, carinho, força e paz. É isso o que eles mais precisam neste momento. O que seria dos irmãos mais novos, se todas as dificuldades que surgissem em seu caminho fossem barradas por seus irmãos mais velhos? Por mais que desejemos, não permaneceremos para sempre ao lado deles. O que ocorrerá quando essas provações surgirem e eles tiverem de enfrentá-las sozinhos? Eu sei como se sente, meu amigo, mas não se entregue. Tenhamos fé no poder superior. Somente Ele sabe o que é melhor para cada um de seus filhos. Devemos permanecer ao lado de nossos queridos amigos do plano físico e confiarmos em suas escolhas - conclui Cássius.

37. O ARREPENDIMENTO DE JÚLIO

Eu e Júlio brigávamos, enquanto a pobre Elisa e o jovem Cláudio acompanhavam a cena, chocados. Não demorou muito para que eu conseguisse derrotar Júlio, pois, enquanto o pai de Elisa tinha um físico mediano, eu estava em muito melhor forma física. Após derrubar Júlio no chão, apontei-lhe uma faca. Assustada, Elisa começou a gritar, implorando para que eu não matasse seu querido pai.

- Agora sim, eu tenho todos vocês exatamente onde eu queria. Saberão que eu sempre consigo aquilo que quero! - vangloriava-me enquanto todos observavam, assustados, o que eu realmente queria.

- Seu maldito! Afinal de contas, quem é você? - perguntou Cláudio.

- Se quer saber tanto assim, então lhe direi. Afinal, não irão escapar mesmo - falei.

Depois de ouvirem as atrocidades que eu já havia cometido na vida, todos ficaram estarecidos olhando para mim.

- Seu monstro! Você irá direto para o inferno! - gritou Cláudio.

- Inferno? Inferno é isto aqui onde vivemos. Ou por acaso você acredita que Deus existe? Se existe, onde está seu Deus agora para proteger você, hein? Malditos miseráveis! Eu vou mostrar para vocês o que é um inferno de verdade. Matarei os dois e terei Elisa só para mim!

- Eu nunca serei sua, seu canalha! - gritou Elisa.

- Ah, será minha, sim! Assim que eu matar esses dois idiotas, não haverá mais ninguém em nosso caminho. Você será minha, somente minha!

- Nunca! Deus está vendo tudo o que você está fazendo. Irá se arrepender por praticar tanta maldade - disse Elisa.

- Você será minha, sua vadia. Ou, além de matar o papai e o namoradinho, quer também que eu mate o pobre do irmãozinho, hein?

- Desalmado! Como ousa? Deixe a minha família em paz! - desesperou-se Elisa.

- Bem, chega de falar! Vamos acabar logo com isso! Deixe-me ver, por quem irei começar? Que tal pelo papai?

- Deixe-o em paz! - suplicou Elisa.

- Isso, isso mesmo, pode gritar e implorar. Júlio será o primeiro a morrer, por ter se voltado contra mim. Diga adeus à filhinha, malditoooo! - gritei enquanto seguia em direção a Júlio.

- Papaaaaai! - berrou Elisa, desesperada.

Porém, enquanto eu seguia em direção a Júlio para matá-lo, Cláudio me segurou impedindo-me de consumir o ato. Ao ver que Cláudio salvara sua vida, Júlio ficou perplexo. Como podia alguém a quem ele desejara tanto mal arriscar a própria vida para protegê-lo?

Cláudio tentava a todo custo me segurar e tirar a faca de minhas mãos. Mas o pobre rapaz já havia apanhado de mim e de Júlio e aparentava sinais de cansaço e fraqueza. Não demorou muito para que eu conseguisse me soltar e desferisse uma facada em Cláudio, ferindo-o gravemente em um dos olhos. Ele gritou de tanta dor e uma grande quantidade de sangue esguichou de seu olho ferido. Transtornada, Elisa começa a chorar desesperadamente.

- Maldito fedelho, isso foi só o começo! Agora que não consegue enxergar, nada poderá fazer para me impedir - gritei.

Vendo que Cláudio estava machucado e que eu iria matá-lo, Elisa suplicou a seu pai para que o ajudasse. Contudo, Júlio não se moveu, como se não tivesse forças para reagir. Então, sem perda de tempo, corri na direção de Cláudio para finalmente dar um fim à sua vida. Vendo que seu amado iria morrer e que seu pai nada fazia para ajudá-lo, Elisa se atirou na frente dele e recebeu por ele o meu golpe. A faca acertou a região da pélvis de Elisa, que caiu ao lado de Cláudio. Percebendo que a jovem havia sido ferida gravemente, Cláudio se desesperou e partiu para cima de mim, sem se importar com sua vida.

- Demônio! Como pôde fazer isso? Eu o odeio como nunca odiei alguém antes! - gritou Cláudio.

Tomado pelo ódio, Cláudio, mesmo cego de um dos olhos, juntou todas as forças que lhe restavam e partiu para cima de mim, golpeando-me e tirando a faca de minhas mãos. Eu estava tão perplexo por Elisa ter se colocado no trajeto da faca, que nem me dei conta de que Cláudio partira para cima de mim. Ao me tomar a faca, ele conseguiu me ferir no braço, o que me fez recuar.

- Seu ordinário! Como ousou ferir Elisa? Por que não interrompeu o seu ataque quando viu que ela entrou na frente? Seu desgraçado! Você não é nada sem sua faca. Agora quem vai morrer aqui é você! - gritou Cláudio.

- Não, por favor! Não me mate, eu lhe imploro! - supliquei.

- Covarde. Agora que está sem a faca, vem implorar por sua vida. Saiba que eu não ligo para você, maldito miserável. Irá morrer e ir direto para o inferno por tudo o que fez - disse Cláudio avançando sobre mim.

- Não! Espere! - pediu Elisa.

- Elisa? - espantou-se Cláudio.

- Por favor, Cláudio, não o mate.

- O quê? Mas como não? Você viu do que ele é capaz. Veja o que ele fez com a gente! Não tenha pena dele, Elisa. Se o deixarmos viver, ele irá fazer muito mais maldades - alertou Cláudio.

- Pode até ser que ele faça, mas não somos nós que devemos julgá-lo. Se você matar esse homem acreditando que somente assim porá um fim nas atrocidades que ele ainda poderá fazer, estará aceitando que Deus não é capaz de cuidar de seus filhos. Eu lhe imploro, Cláudio, não o mate. Devemos confiar em Deus e entregar a Ele. Por favor... - pediu Elisa.

- Você tem razão, Elisa. Se eu fizer justiça com as próprias mãos e matá-lo, estarei sendo tão culpado quanto ele. Por mais que o ódio tenha invadido o meu coração, eu devo tentar me acalmar.

Enquanto Cláudio ouvia e aceitava o pedido de Elisa, eu, aproveitando o momento de distração de ambos, consegui pegar a faca de volta e dominar Cláudio, que estava de costas.

- Maldito, como ousa?! - gritou Cláudio.

- Seu imbecil! Achou mesmo que eu iria me dar por vencido? Teve a chance de me matar e não o fez, agora quem vai morrer é você! - declarei.

- Cláudio! - gritou Elisa. - Não o mate, Matheus! Ele poupou sua vida! Deixe-o em paz, eu o amo! - implorou Elisa.

- Só vocês mesmo para acreditarem que Deus existe e que vai me julgar. Saibam que quem manda aqui sou eu. E que sou eu quem decide o que vai acontecer. Eu vou matar este cachorro de uma vez por todas! - concluí.

- Espere, Matheus! - pediu Júlio.

- Ah, resolveu falar, seu miserável? O que você quer? - indaguei.

- Por favor, deixe que eu mesmo mato o Cláudio. Esse miserável é o causador de toda essa desgraça. Se você me deixar matá-lo, eu prometo que irei embora e deixarei você fazer o que quiser com a Elisa - disse Júlio.

- O quê? Mas o que está pensando? Pensa que eu me esqueci da sua traição? - questionei.

- Você tinha razão. Vejo que Deus não controla nossas vidas e que somos nós que decidimos o que fazemos. Eu quero me redimir com você, matando esse moleque. É somente isso que eu lhe peço. Deixe-me matar o Cláudio, que eu prometo ir embora e deixá-lo em paz - pediu Júlio.

- Está bem. Mas não tente nada, porque estou de olho em você! - adverti.

- Não, papai, por favor! - implorou Elisa.

- Como pode? Eu salvei sua vida! - espantou-se Cláudio.

- Ora, calem essas bocas! Não pensem que estou agradecido a vocês pelo que fizeram. Nada disso estaria acontecendo se vocês não tivessem se conhecido. A minha vida acabou no dia em que minha esposa me deixou. Desde então, nada mais me importa - queixou-se Júlio.

- Como o senhor tem coragem de falar uma coisa dessas? Não vê o que ele fez com sua filha? E ainda vai ficar do lado dele? -

espantou-se Cláudio.

- Já disse que isso não me importa. Se a Elisa está ferida, a culpa é dela. Ela deixou de ser minha filha no dia em que foi embora. Agora eu compreendo tudo. Matheus está certo. Eu nunca deveria tê-lo enfrentado - disse Júlio.

Eu não fazia ideia de que tudo aquilo que Júlio estava dizendo era só para me distrair. Na realidade, ele só estava me enrolando para poder se aproximar de mim, sem que eu percebesse, e libertar Cláudio. Enquanto Elisa, ferida, chorava pela decisão do pai, Cláudio não se conformava com o fato de que, mesmo após tudo o que eu havia feito, Júlio ainda estava a meu favor. Foi então que, após se aproximar o suficiente, Júlio, com um gesto rápido, conseguiu pegar a faca e me dominar pelo pescoço, deixando assim Cláudio em liberdade.

- Maldito, você me enganou! - eu gritei, dominado por Júlio.

- Seu cretino... Achou mesmo que eu iria me unir a você, depois de ter tentado me matar e ainda ter ferido minha filha? Eu nunca irei perdoá-lo por tê-la feito sofrer! - berrou Júlio.

- Ora, seu miserável, me solte! Por que não larga essa faca e resolvemos isso como homens? - indaguei.

- Não me venha com seus truques, verme sem-vergonha! Já sabemos muito bem do que você é capaz... Cláudio, depressa, veja como Elisa está - pediu Júlio.

Sem compreender a ação de Júlio em querer ajudar, Cláudio não perdeu tempo e correu em direção a Elisa, que sangrava bastante.

- Elisa, Elisa, resista! - gritou Cláudio.

- Ela não está nada bem, seu Júlio! Nós precisamos levá-la urgentemente para a casa de saúde, antes que seja tarde! - completou Cláudio, transtornado.

- Elisa, minha filha, aguenta firme! Droga... Isso foi tudo culpa minha! Se eu o tivesse entregado logo ao delegado, isso não teria acontecido... Minha pobre Elisa, me desculpe por ter permitido que a machucassem. Eu só queria tê-la ao meu lado. Sinto muito, eu fui um egoísta e só pensei em mim mesmo. Faltei com minhas obrigações de pai e me deixei cegar pelo sentimento de perda. Por favor, minha filha, eu lhe peço que me perdoe se a fiz sofrer... Esse nunca foi o meu desejo - implorou Júlio.

- Papai... Papai... - suspirou Elisa. - Eu o perdoo - completou a jovem, quase desacordada.

- Elisaaa! Aguenta firme! - suplicou Júlio.

- E então, o que vai fazer? Não vai ajudar a pobre filhinha que está quase morrendo, seu velho miserável? - questionei.

- Ora, seu cretino! Isso tudo é culpa sua! Como pôde ferir alguém tão doce e frágil quanto Elisa? - gritou Júlio, exaltado.

- Feri, sim. E se fosse preciso a feriria novamente! Essa safada procurou isso. Primeiro me iludiu com seu amor, e depois me traiu

com esse maldito Cláudio. Ambos merecem morrer. Bem, pelo menos eu pude saborear todo o seu corpo. Saciei todas as minhas vontades quando estuprorei essa vadia... Ahhh, Júlio, você não faz ideia de como foi prazeroso sentir o corpo frágil e delicado de sua filhinha, gemendo enquanto eu a agarrava à força. Quanto mais ela pedia e implorava para eu parar, mais eu queria continuar. Ver suas lágrimas de dor escorrendo pelo rosto enquanto eu me deleitava era para mim a própria visão do paraíso. Nem mesmo o olhar apreensivo de seu filhinho foi capaz de me fazer parar – falei, de modo cafajeste.

- Ora, seu verme, cale essa boca! Você não merece viver! – gritou Júlio.

- Cale a boca você, seu velho asqueroso! Não pense que é só porque está com uma faca em meu pescoço, que irei ter medo. Eu já passei por muitas coisas nesta vida, e esta é só mais uma. Assim que eu estiver livre, farei todos pagarem por se intrometerem em meu caminho. Todos irão pagar. Estão me ouvindo? Todos! – gritei, ensandecido de ódio.

Após ouvir a minha gritaria, Elisa abriu os olhos e esforçou-se para ver o pai. Observando a expressão de dor causada por mim em sua filha, disposto a não permitir que eu voltasse a machucá-la e reconhecendo ser um dos responsáveis por todo o sofrimento

causado a Elisa, Júlio decidiu tomar uma decisão: jogar-se comigo do alto da encosta.

- Elisa, minha filha, saiba que o papai ama muito você e que nunca deixou de amá-la. Diga ao seu irmão que eu fui um tolo por acreditar que ele tinha tido algo a ver com a morte de Matilda. Peça-lhe desculpas e diga-lhe que o amo muito. Cláudio, peça-lhe que, por favor, cuide bem da minha filha. Agora vejo que você é um rapaz bom e que merece todo o amor da Elisa. Desculpe-me pelo sofrimento que lhe causei, mas hoje isso terá um fim - declarou Júlio, enquanto me arrastava para a beirada da encosta.

- Ei, o que pensa que está fazendo?! Solte-me, seu idiota! Assim nós iremos cair! Solte-me, solte-me! - gritei, tentando escapar.

- Seu Júlio, não faça isso... Todos merecem uma segunda chance. Pense em sua filha! - implorou Cláudio.

Mas Júlio estava decidido. Acreditava que merecia ser castigado por tudo de ruim que havia feito e que somente executando o que acabara de planejar teria a certeza de que eu não conseguiria escapar com vida.

- Elisa, o papai a ama - sorriu Júlio.

- Papai, papai... - balbuciou Elisa, enquanto Júlio e eu caíamos da encosta.

38. MISSÃO CUMPRIDA

- Meu Deus! Seu Júliooooo! - gritou Cláudio.

Cláudio não acreditava que, arrependido por tudo o que tinha feito, Júlio tivesse tido coragem de se atirar da encosta, para levar consigo aquele que fizera tanto mal à sua querida filha.

Elisa mal tinha forças para se manter acordada; a menina começava a entrar em um estágio crítico, devido à perda de sangue, necessitando de auxílio o mais rápido possível.

Cláudio também estava muito machucado; embora o ferimento em seu olho fosse sério, sua atenção estava toda voltada para sua amada. Começou a orar a Deus, pedindo que alguém aparecesse para socorrê-los. Como se em atendimento ao seu apelo, finalmente chegaram à encosta os homens do delegado.

- Ei, Cláudio, o que aconteceu por aqui? - questionou Tobias ao ver a cena.

- Foi o Matheus! Ele me sequestrou e queria me jogar da encosta. Mas, graças à ajuda do pai da Elisa, nós conseguimos escapar. Ele e o Matheus caíram da encosta - explicou Cláudio.

- Depressa! Eu quero dois grupos: vocês vão por ali, e vocês tratem de colocar a garota na carroça. Devemos retirá-la daqui o mais rápido possível. Cláudio, não se preocupe, ela ficará bem - tranquilizou Tobias.

- Muito obrigado, Tobias. Peço que, por favor, encontrem o pai da Elisa... - pediu Cláudio.

- Não se preocupe, Cláudio, nós o encontraremos. Mas vá, não perca mais tempo. Elisa necessita urgentemente de cuidados médicos - alertou Tobias.

Depois de ver os homens se afastarem levando Elisa e Cláudio para o hospital, Tobias e os outros policiais desceram a encosta à procura de Júlio e de mim.

Ao chegarem à casa de saúde, Elisa, em estado grave, foi levada imediatamente por Dr. Francisco ao centro cirúrgico, enquanto Cláudio era atendido pela enfermeira. Francisco ficou visivelmente preocupado com o estado em que Elisa se encontrava, e passou a fazer tudo o que era possível para salvar a pobre garota. Depois de algumas horas, o médico conseguiu estancar a forte hemorragia com que Elisa chegara à casa de saúde. Agora a garota estava entregue nas mãos de Deus, pois todo o possível já havia sido feito. Seu estado ainda era muito delicado, pois, apesar de Francisco ter aplacado o sangramento, Elisa havia perdido muito sangue e estava muito debilitada.

Cláudio estava orando por Elisa à cabeceira da cama de sua amada, quando Tobias chega e lhe conta que não haviam conseguido me encontrar, mas somente Júlio. Apesar de muito machucado e em estado grave, o pai de Elisa estava vivo. Ao ouvir que seu pai fora encontrado com vida, Elisa abre os olhos e solicita que a deixem vê-lo.

- Melhor não, Elisa, seu estado ainda é grave, você acaba de sair do centro cirúrgico e não pode se mexer - advertiu Cláudio.

- Por favor, Cláudio, permita que eu veja o meu pai. Ele precisa saber que eu o amo. Não deixe que ele se vá sem antes saber que eu nunca deixei de amá-lo e que não tenho raiva dele. Por favor! - suplicou Elisa.

Ao ver nos olhos de sua amada o desejo de ver o pai uma última vez, Cláudio não pensou duas vezes: pegou-a em seus braços e levou-a até o quarto ao lado. Júlio estava desacordado e muito machucado; havia quebrado as duas pernas e várias costelas. Diante do estado do pai, Elisa não conteve as lágrimas. Como se fosse um milagre, ao ouvir o choro da filha, Júlio, com muito esforço, conseguiu abrir os olhos e sorriu ao ver a filha querida.

- Não chore, minha filha - suspirou Júlio. - Você deve ser forte. Eu fiz o que tinha de ser feito. Errei e devo pagar pelo que fiz. Chegou o momento de me desculpar com sua mãe.

- Papai, eu o amo, me desculpe se o abandonei. Eu sempre pensei no senhor, me perdoe, eu nunca devia tê-lo abandonado - disse Elisa, aos prantos.

- Não se preocupe, minha filha, quem tem que se desculpar sou eu. Eu fui egoísta e quis tê-la somente para mim, mas eu estava errado. Vejo que você merece ser feliz e estar com alguém que a ame e a mereça. Por isso, eu também quero pedir que me perdoe, Cláudio; eu estava completamente errado a seu respeito. Eu lhe suplico: cuide de Elisa para mim, por favor. Chegou a hora de pagar pelos meus erros. Deus, por favor, me perdoe pelos pecados que cometi e permita que minha filha se recupere. Ela não merece sofrer mais do que já sofreu... - rogou Júlio.

- Papai, eu o amo! O senhor vai ficar bem!

- Não se preocupe, minha filha, o papai vai ficar bem... Eu a amo... - suspirou Júlio, cerrando de vez seus olhos.

- Papai, papaiiii! - gritou Elisa.

Após se arrepender, do fundo de seu coração, por tudo de ruim que fizera, Júlio desencarna consciente de que sua filha o perdoara, e de que ela estaria em boas mãos.

Júlio é, então, recebido no plano espiritual por sua saudosa esposa, Matilda, que o acolhe com um amoroso sorriso e de braços abertos pelo reencontro tão esperado. Finalmente, Matilda estava

livre e podia seguir, pois, graças a Cláudio, seu marido havia recobrado a noção de valores e voltado a sentir amor no coração.

Essa era a verdadeira missão solicitada a Cláudio por Matilda, quando foi ter com ele na cachoeira, no dia em que o jovem saíra à procura de Pedrinho. E graças à força de vontade de Cláudio e a seu amor por Elisa, mesmo diante de tantas dificuldades, ele seguiu firme, lutando por ela. Não fosse Cláudio, Júlio não teria relembrado o verdadeiro amor que sentia pelos filhos. A missão de Cláudio solicitada por Matilda era, então, a de manter-se firme ao lado de Elisa, ajudando-a a fazer o pai voltar a ter consciência do bem.

Matilda também orou pela melhora da filha, e agradeceu ao querido amigo Cássius, que se mantivera o tempo todo firme ao lado do pupilo Cláudio, dando-lhe forças quando necessário. Agora, iniciar-se-ia uma nova etapa na vida de Júlio. Ele seria conduzido às zonas purgatórias para sanar todos os seus débitos, e aí, enfim, poderia juntar-se de vez à sua querida esposa Matilda.

Enquanto Júlio era acolhido no plano espiritual, no plano físico, ao ver o desencarne do pai, Elisa desmaia e é encaminhada com urgência por Cláudio ao Dr. Francisco, que critica o fato de o rapaz tê-la tirado da cama naquele estado. Elisa é encaminhada novamente à mesa de cirurgia, porque voltara a sangrar. Depois de alguns instantes, o médico descobre o verdadeiro motivo: Elisa estava grávida.

Enquanto a menina era atendida, do lado de fora, Cláudio, Pedro e Dona Marta aguardavam apreensivos por notícias.

- Calma, devemos ter confiança em Deus, que Ele há de ajudar Elisa, meu filho - disse Dona Marta a Cláudio.

- Eu sei, mãe, mas é que só de imaginar a dor que Elisa está sentindo, me parte o coração. Se não fosse por ela, eu nem estaria vivo.

- Tem razão, ela foi muito corajosa tendo ido sozinha atrás de você. Mas, Cláudio, você sabe que a Elisa é uma garota muito forte e com certeza irá ficar boa.

Após horas de angústia, finalmente Dr. Francisco avisa Cláudio do estado de Elisa.

- E então, doutor, como Elisa está?

- Calma, Cláudio. Graças a Deus a cirurgia foi muito bem-sucedida e nós conseguimos mais uma vez estancar a hemorragia. Elisa é uma menina muito forte. Neste momento, ela está descansando. Devido à gravidade do ferimento, ela deverá permanecer um bom tempo aqui conosco, até termos a certeza de que está tudo bem - afirmou o doutor.

- Ai, que bom, graças a Deus! E quando nós poderemos vê-la?

- Como foi uma cirurgia muito delicada, devemos deixar que ela repouse. Infelizmente, hoje ainda não poderão vê-la, mas acredito que amanhã isso já será possível - adianta o médico. - Sugiro que

vocês vão para casa descansar e voltem amanhã. Principalmente você, Cláudio, imagino o quanto deve estar sendo doloroso esse ferimento no olho.

- Não se preocupe comigo, doutor, o mais importante é a saúde da Elisa. Será que eu posso ficar aqui esta noite, até que ela acorde? - pediu Cláudio.

- Infelizmente, não poderei permitir, Cláudio. Elisa se encontra muito fraca por ter perdido muito sangue, e sua situação ainda é bastante instável. Quero que pelo menos esta noite ela fique isolada. Mas não se preocupe. A enfermeira ficará de olho. Qualquer alteração em seu quadro, ela me avisará imediatamente.

Sem a possibilidade de permanecer na casa de saúde, esperando que Elisa acordasse, Cláudio entende a preocupação do médico e aceita ir para casa descansar, prometendo retornar no dia seguinte, o mais cedo possível. Francisco não comentou sobre a gravidez de Elisa, porque logo imaginou que ninguém estava sabendo do fato, já que não tocaram no assunto. Além do mais, achou mais prudente conversar primeiro com Elisa antes de comentar com alguém.

No dia seguinte, ao acordar, e antes mesmo da chegada de Cláudio, Elisa solicitou à enfermeira que chamasse o Dr. Francisco. Assim que o médico entrou no quarto de Elisa, esta logo o inquiriu:

- Doutor, chamei o senhor aqui porque ontem, enquanto era operada, ouvi o senhor dizer que eu estava grávida... Eu ouvi

direito? Era isso mesmo? – questiona Elisa, espantada com o que escutara.

– Bem, foi isso mesmo, Elisa. Admira-me que você não soubesse, pois você já estava com cerca de três meses de gestação – explicou o doutor.

Elisa fica perplexa com a confirmação do médico. Como poderia estar grávida e não ter percebido? Assustada, não consegue dizer sequer uma palavra.

– Você ainda é uma menina, Elisa, por isso não compreendi como isso ocorreu. Porém, infelizmente, a criança não sobreviveu. Nós tivemos de tirá-la para poder salvar a sua vida. Posso lhe perguntar quem era o pai? – indagou o doutor.

– Na realidade, aconteceram tantas coisas nestes últimos tempos, doutor. O senhor sabe que eu fui estup... O senhor sabe o que aquele monstro me fez, mas eu também me entreguei ao Cláudio – confessou Elisa, começando a chorar.

– Calma, Elisa, mantenha a calma. Sei do momento difícil que está passando, mas peço que não se exalte. Você acabou de ser operada e isso não lhe fará bem – lembrou-lhe o médico.

– Desculpe-me, doutor. É que estou assustada com tudo isso. Onde está o Cláudio?

– Pedi que ele fosse para casa descansar. Creio que logo mais deva estar por aqui.

- Doutor, será que o senhor poderia não contar isso a ele? Nem a ele nem a ninguém! Não quero que saibam disso. Por favor, doutor, eu lhe imploro.

- Mas, Elisa... - estranhou Francisco.

- Por favor, Dr. Francisco! O meu pai acabou de falecer. Eu e o Cláudio sofremos nas mãos daquele monstro. Eu lhe imploro, doutor, por favor.

Com pena da situação de Elisa, que acabara de perder o pai, quase perdera a vida e agora teria de encarar a perda de um bebê, o médico, mesmo não concordando, decidiu aceitar o pedido da pobre garota. Ficaria somente entre eles aquela gravidez.

Minutos depois, Cláudio chegava à casa de saúde para visitar sua amada, trazendo consigo o pequeno Pedro, que não aguentava mais ficar sem ver a irmã. Diante de Elisa, Pedro não contém as lágrimas, sendo prontamente consolado pela irmã. Cláudio também não segura a emoção e cai em prantos.

Pedro estava inconformado com a perda do pai, não conseguindo entender o que acontecera. O enterro de Júlio aconteceria logo mais. Elisa, por estar de cama e recém-operada, não poderia comparecer para dar o último adeus ao querido pai. Mas, felizmente, Elisa era uma garota bem espiritualizada e sabia que, no fundo, Júlio estava em um lugar melhor, e que, se não fosse por ele, talvez nem ela nem Cláudio estivessem vivos. Estava triste pela perda do pai, mas

contente por este ter se arrependido de tentar prejudicar Cláudio e ter aceitado que eles realmente se amavam.

Elisa lutava contra o sentimento de ódio que tinha por mim (Matheus), por ter-lhes tirado o pai e por tudo de ruim que eu fizera aquela família passar. A menina sabia que, se continuasse cultivando aquela raiva, aquele sentimento a consumiria pouco a pouco, e que deveria entregar tudo nas mãos de Deus. Solicitou a Cláudio que cuidasse do pequeno irmão até que ela se recuperasse e pudesse voltar para casa. Após quase um mês em recuperação na casa de saúde, finalmente Elisa recebeu alta do hospital, voltando para a casa de Dona Marta.

39. FORÇAS PARA RECOMEÇAR

- Seja muito bem-vinda, Elisa. Sentimos bastante a sua falta, mas graças a Deus você está de volta – disse Dona Marta.

- Muito obrigada, Dona Marta. Eu também estou muito contente por estar de volta. Serei eternamente grata à senhora e ao Cláudio por todo o amparo que me deram durante o período em que estive na casa de saúde. Não somente a vocês, mas ao querido padre Antônio; suas visitas eram sempre muito reconfortantes – lembrou Elisa.

- Mana, mana, que bom que você voltou! – gritou Pedro, feliz.

- Ah, maninho! Como é bom ver você. Desculpe-me por ter-lhe causado tanta preocupação. Mas agora prometo que não vou mais me afastar de você. E muito obrigada por ter cuidado do Pedro durante esse período, viu, Dona Marta? Agradeço do fundo do meu coração.

- Imagina, Elisa, não precisa agradecer. Eu já considero você e o Pedro como se fossem meus filhos.

Nesse instante, Elisa se lembra do falecido pai e fica emocionada. Ainda não conseguia compreender por que tudo aquilo acontecera.

Júlio tivera um enterro muito simples, que contara somente com a presença de Cláudio, Dona Marta, o pequeno Pedro e padre Antônio. Como Júlio havia se afastado dos poucos amigos que tivera enquanto sua esposa era viva, se não fosse pela família de Cláudio, talvez ninguém tivesse comparecido.

Pedro também não se conformava com a morte de Júlio. Mesmo com todo o apoio dado por Cláudio e sua mãe, nada substituiria a presença física do pai de quem, apesar de tudo, o garoto tanto gostava. Por ser muito criança, Pedro nunca conseguira entender os reais motivos que haviam feito com que ele e sua irmã saíssem de casa. Vendo que a tristeza estava começando a tomar conta de todos, Cláudio foi logo mudando de assunto:

- Ei, Pedro, por que não levamos a Elisa pra ver como ficou o quarto dela, hein? Aposto que ela vai adorar a surpresa que preparamos.

- Surpresa para mim? Ah, não precisava, gente - espanta-se Elisa, enxugando as lágrimas.

- Muito bem lembrado, Cláudio, tenho certeza de que a Elisa mal pode imaginar - salientou Dona Marta.

Como Elisa ainda caminhava com certa dificuldade, Cláudio tomou-a nos braços e levou-a até o pequeno quarto. Ela mal podia conter a emoção ao ver como havia ficado o recinto. A cama velha havia dado lugar a uma bela cama, toda trabalhada pelo próprio

Cláudio, que às vezes arriscava esculpir pequenas peças de madeira. E, sobre a cama, uma linda colcha, toda bordada pela mãe de Cláudio. E, espalhados por todo o quarto, inclusive na cama, desenhos feitos pelo pequeno Pedro. A maioria deles retratava Pedro com sua querida irmã Elisa, caminhando sob um lindo arco-íris. A emoção foi tanta, que Elisa não conseguiu conter as lágrimas. Não chorava tanto pelos agrados recebidos, mas sim por todo o carinho demonstrado, que havia anos não recebia.

- Por que está chorando, Elisa? Você não gostou? - questionou Cláudio.

- Não é nada disso, eu adorei! É que vocês têm me dado tanto carinho e têm sido tão bons comigo desde que nos conhecemos, que não sei se mereço tudo isso.

- Ah, que é isso, Elisa? Como poderíamos tratar diferente alguém tão bondosa e gentil como você? Além do mais, é como minha mãe falou: você faz parte da família e merece todo o nosso amor - completou Cláudio.

- Cláudio tem razão, Elisa. Nesta casa é proibido agradecer. Somos uma família e não fazemos nada de mais. Todos são merecedores de carinho e respeito - advertiu Dona Marta.

- Muito obrigada, Dona Marta. Agradeço por tudo o que vocês têm feito por mim e por meu irmão. Mas às vezes penso se não seria

melhor se nós dois voltássemos a morar em nossa antiga casa. Não quero dar mais trabalho a vocês.

- De jeito nenhum, Elisa. Eu e a minha mãe jamais permitiríamos que vocês dois ficassem lá sozinhos naquela casa. Ainda mais no estado em que você está. Queremos que fiquem aqui conosco. Nós até já trouxemos a maioria das roupas de vocês para cá. Por favor, Elisa, sei que não está sendo fácil superar tudo o que aconteceu, mas peço que fiquemos unidos. Sei que juntos teremos muito mais forças para recomeçar - pediu Cláudio.

Nos meses que se seguem, a nova família de Cláudio busca forças para esquecer as difíceis provações que enfrentaram e tentar seguir em frente. Cláudio volta a trabalhar com seu tio Alberto e, apesar de ter perdido a visão de um dos olhos, continua firme e forte, se dedicando ao que sempre fizera. Aos poucos, Elisa vai ficando cada vez mais forte e bem disposta. Começa, inclusive, a “ensaiar” caminhar sozinha, uma vez que, devido ao local onde fora causada a ferida, qualquer tipo de movimento mais brusco causava grandes dores. Constantemente, Elisa recebia visita de padre Antônio, que vinha trazer uma palavra de consolo e carinho à jovem que, por causa de seu estado ainda delicado, não podia frequentar a missa como era de costume.

Tobias, que ficara amigo de Cláudio, sempre que podia passava para saber como seguia a vida do jovem casal. Em decorrência dos

violentos acontecimentos que haviam culminado com a morte do pai de Elisa, o casal, mesmo unido e se amando muito, havia deixado um pouco de lado o relacionamento que mal havia começado, para se dedicar mais às respectivas recuperações. De vez em quando, o fogo da paixão se fazia presente e eles acabavam se beijando, mas a prioridade naquele momento era se auxiliarem a superar as dificuldades de uma nova vida, agora com novos desafios.

Enquanto no plano físico Cláudio apoiava Elisa, no plano superior o amigo e orientador Cássius dedicava-se ao estudo e ao preparo para que pudesse voltar a auxiliar seu querido amigo Cláudio, uma vez que pretendia acompanhá-lo por longo período. Além de Cássius, Balthazar também continuava dedicado a seguir fortalecendo cada vez mais seu espírito, em um centro localizado em uma faixa de vibrações diferente da faixa onde Cássius se encontrava.

Matilda seguia acompanhando Júlio e aguardando que ele fosse se purificando a fim de saldar suas dívidas, para que enfim pudessem ficar novamente juntos; era esse o caso de sua irmã Madalena, que, após ser resgatada, vinha recebendo intenso tratamento em um dos postos de atendimento aos que eram trazidos das regiões inferiores, a fim de que pudesse começar seu período de preparo para a nova etapa. Madalena era constantemente visitada e acompanhada por Matilda.

Os dias foram se passando, os meses, os anos, e, no plano físico, completamente recuperada, Elisa, que havia voltado a auxiliar padre Antônio na igreja, decide retomar seu namoro com Cláudio, dando prosseguimento assim a um grande e verdadeiro amor, disposto a superar qualquer barreira imposta pela vida. O jovem casal estava, finalmente, vivendo feliz e livre para desfrutar sem medo daquele belo sentimento. Quase todas as tardes, depois que Cláudio chegava do trabalho, eles passeavam pela vila, trocando carícias e juras de amor eterno. Por ser uma vila pequena, a maioria das pessoas acabou sabendo do drama envolvendo os jovens, e todos se admiravam do quanto eles eram fortes por terem conseguido superar tantas dificuldades e permanecerem firmes no sentimento que possuíam.

- Elisa, eu a amo.

- Eu que o amo, Cláudio. Muito obrigada por ter ficado ao meu lado sempre que precisei.

- Imagina, Elisa. Desde a primeira vez em que a vi lá na igreja, eu já sabia que não conseguiria mais me afastar de você. Sentia como se eu já a conhecesse havia muito tempo.

- Acredita que eu também senti a mesma coisa, Cláudio? É como se você fosse parte da minha família, sabe? Desde o início eu sabia que poderia confiar em você - lembra Elisa.

- E pode confiar, meu amor. Sempre estarei ao seu lado, pronto a estender-lhe as mãos. Eu a amo com todo o amor que possuo em meu coração... Elisa, posso lhe perguntar uma coisa?

- Claro, pode sim, Cláudio.

- Você está feliz vivendo lá em casa?

- Eu não poderia estar mais feliz, Cláudio. Serei eternamente grata pelo que você e sua mãe fizeram por mim e por meu irmão ao nos acolherem em sua casa. Não sei se teríamos conseguido suportar sozinhos a perda do meu pai, e ainda termos de morar só os dois lá na minha casa. Além do mais, Cláudio, eu acredito que meu pai está muito melhor agora do que quando ficava isolado do mundo em seu quarto. Tenho certeza de que ele deve estar ao lado da minha querida mãe, que zela por todos nós.

- Tem razão, Elisa, pelo pouco que conheci seu pai, pude perceber que ele estava muito mais liberto e feliz em seus últimos instantes do que quando ficava trancado em casa... Bem, mas venha, Elisa, o sol já está se pondo e quero aproveitar este momento a seu lado.

Cláudio não aguentava mais segurar seu desejo de fazer uma pergunta muito importante a Elisa, tendo-se passado quatro anos do incidente vivenciado por ambos; para isso, pretendia levá-la a um lugar muito especial.

- Anda, vem comigo, Elisa!

- Espere, Cláudio, por que a pressa? Aonde vamos?

- Você já vai descobrir. Vem, vem! Não podemos nos atrasar.

Sem saber do que se tratava, Elisa corre junto a Cláudio, em direção a um lugar conhecido do casal.

- Vem, Elisa, me dê as mãos, é logo ali, atrás daquelas árvores.

Então, após contornar as árvores, finalmente Elisa avista uma imagem que não via havia muitos anos.

- Meu Deus, Cláudio! Que maravilhoso! - surpreende-se Elisa.

- Você se lembra daqui, Elisa? Foi onde eu declarei o meu amor para você.

- Como poderia não me lembrar? Nossa, eu havia me esquecido o quanto era lindo este campo de rosas, Cláudio.

- Gostou? - questiona Cláudio.

- Eu adorei. Parece estar muito mais lindo do que quando viemos aqui da outra vez - lembra Elisa.

- Veja o pôr do sol. Olha como ficam lindas as rosas quando bate a luz.

- Maravilhoso! Não tenho palavras para descrever imagem tão bela. Nunca vi nada igual - suspira Elisa.

- Que bom que você gostou, Elisa. Eu a trouxe aqui por um motivo muito especial. Acredito que este seja o lugar ideal para lhe perguntar uma coisa...

- Perguntar o quê, Cláudio?

- Elisa, você quer se casar comigo?

Sem conseguir conter todo o amor que sente por Elisa, Cláudio toma coragem e decide pedir a mão de sua amada, que fica sem palavras. Porém, há muito tempo Elisa imagina que isso possa acontecer. Vendo que sua querida demora a responder, Cláudio decide perguntar novamente. Mas, mesmo antes que ele complete a pergunta, Elisa responde:

- Eu aceito! Aceito, sim! Eu o amo do fundo do meu coração, e não poderia dar-lhe outra resposta!

Então, diante daquela bela paisagem que surgia para presentear o jovem casal apaixonado, eles selaram com um lindo beijo aquela maravilhosa tarde. Finalmente, eles poderiam ficar unidos para sempre e seguir em mais uma etapa de suas vidas, permitindo que aquele amor que sentiam um pelo outro pudesse ser completo.

40. O CASAMENTO

Cláudio e Elisa marcaram a data do casamento para 30 de março de 1867, faltando pouco mais de dois meses. Ao contarem a maravilhosa notícia a Dona Marta, esta quase desmaia de tanta emoção. Parecia um sonho que se tornava realidade. Elisa já era considerada uma filha pela mãe de Cláudio, e o matrimônio com seu filho só confirmaria esse sentimento.

A poucos meses do casamento, a ansiedade era geral. Em pouco tempo, a notícia do enlace do casal que escapara da morte começou a se espalhar por toda a vila e pela cidade vizinha. Todos queriam presenciar acontecimento tão importante e felicitar os pombinhos. O carinho de todos para com eles era evidente. Não havia quem não se emocionasse ao conhecer a história que os envolvia.

- Mãe, estou começando a ficar preocupado. Nunca poderia imaginar que os tristes acontecimentos do nosso passado pudessem tomar tamanha proporção - espanta-se Cláudio.

- Esse é o preço que se paga por vivermos em uma vila pequena. Se alguém der um espirro aqui, o morador do final da rua deseja saúde. Mas não se preocupe, meu filho, as pessoas lhes querem bem.

Ficaram sensibilizadas com tudo o que vocês enfrentaram, e é normal a curiosidade. Não se preocupe com isso. O casamento já é daqui a algumas semanas e quero que aproveite esse momento tão esperado.

- Verdade, a senhora tem razão, mãe. Finalmente eu e Elisa iremos nos casar, e eu preocupado com o que todos andam dizendo. Prometo que irei me concentrar só em coisas boas.

Enquanto a família de Cláudio ajustava os últimos detalhes para a data tão especial, no plano superior, Dionísio vinha felicitar o amigo Cássius pela ótima notícia.

- Ah, meus parabéns, meu amigo. Quem poderia imaginar que, depois de todas as dificuldades que esse casal teve de enfrentar, nós iríamos ter o prazer de presenciar essa união?

- Tem razão, meu amigo Dionísio. O casamento é uma das demonstrações mais lindas que podem acontecer entre duas almas. Você não sabe como me sinto feliz por poder assistir a esse acontecimento.

- Cássius, você acredita que Matilda virá para ver a união da filha?

- Matilda tem se dedicado intensamente ao acompanhamento de seu marido Júlio, que ainda busca se depurar nas regiões purgatórias. Mas confio que ela estará presente, sim. Que mãe não gostaria de estar presente no casamento da filha? Lembre-se de que,

mesmo em planos diferentes, o laço do amor ainda permanece – lembra Cássius.

De volta ao plano físico, finalmente era chegado o grande dia. O casamento seria na igreja Nossa Senhora e realizado com muito prazer pelo querido padre Antônio.

A igreja fora muito bem decorada pelas amigas de Dona Marta, que haviam caprichado nos enfeites tornando o ambiente ainda mais emocionante. A igreja estava cheia, principalmente de curiosos, ávidos por ver o casal.

O ambiente estava muito tranquilo e harmonioso. Finalmente, Cláudio, agora um homem de 21 anos, entra na igreja acompanhado por sua mãe, que não continha as lágrimas. Muito elegante, o jovem vestia um belo terno emprestado por seu tio Alberto, que se encontrava posicionado ao lado dos padrinhos. Após depositar um beijo carinhoso na testa de Dona Marta, Cláudio se posta em seu lugar, aguardando, ansioso, a entrada de sua querida noiva.

Notava-se nitidamente a ansiedade no rosto dos presentes, que se postavam de costas para o altar e de frente para as portas da igreja, aguardando Elisa. Passados alguns instantes, finalmente as portas se abrem e surge aquela que todos aguardavam. A beleza da jovem de 19 anos não poderia ser mais encantadora. O vestido, utilizado por Matilda no dia em que se casara com Júlio, sequer precisara de ajustes, pois o corpo de mãe e filha era bastante semelhante. Ao ver a

igreja cheia, Elisa pensou em seu pobre pai, que não estava ali para acompanhá-la. A jovem esforçava-se para conter as lágrimas, mas a emoção era muito mais forte e a dominava. “Radiante” seria a palavra correta para descrever a bela moça.

No plano superior, Cássius, Dionísio, Matilda e alguns companheiros transbordavam de alegria ao acompanhar o belo acontecimento. O deslumbramento dos presentes só foi interrompido com a chegada de um amigo que havia muito não viam, Balthazar. E, pela expressão séria e preocupada que trazia, logo perceberam que algo havia acontecido.

- Meus amigos, me desculpem por interromper suas atenções, mas trago uma notícia um tanto quanto perturbadora - interrompe Balthazar.

- Claro, Balthazar! Percebo pelo seu tom que deve ser algo de extrema importância - diz Cássius.

- Sim, é verdade, meu amigo. Como todos sabem, ausentei-me por um tempo porque me dediquei a estudos profundos realizados em outras faixas vibratórias. Devo advertir-lhes que durante esse período soube de um fato significativo.

- E que fato é esse, Balthazar? - questiona Matilda.

- Diferentemente do que muitos pensavam, Matheus não desencarnou ao cair no precipício. Teve sua queda amortecida por

uma pequena árvore que se prendia à encosta e que fez com que ele tivesse somente fraturas no rosto.

- Não compreendo, Balthazar! Se Matheus está vivo, como não conseguimos detectar a sua presença? – espanta-se Dionísio.

- Enquanto estive em estudos, pude conhecer mais a fundo sobre algumas criaturas que permeiam as trevas e o tipo de influência que exercem. Matheus é fruto maduro que tem sido cultivado durante longo período por essas criaturas, que veem nele uma porta aberta para a realização dos seus atos cruéis. Vinculando-se irrestritamente a Matheus, elas mantiveram sua faixa vibratória em um nível bem distinto, o que dificultou sensivelmente sua visualização. Tentei por diversas vezes ultrapassar essas poderosas barreiras, mas, infelizmente, o poder exercido por elas e a aceitação de Matheus não permitem qualquer contato. Durante estes quatro anos em que estive acompanhando de perto Matheus, pude identificar que ele possui ferramentas capazes de propiciar-lhe percepção de diferentes faixas vibratórias. Em outras palavras, Matheus possui alguns dons que nunca foram trabalhados. Em certa ocasião, enquanto eu tentava influenciá-lo a seguir o caminho do bem e do amor ao próximo, ele pôde me ver diante de si, e, como era de esperar, ficou completamente assustado e imaginou estar sonhando de olhos abertos. Sonhos estes que iam se transformando em pesadelo para ele, à medida que eu ia tentando auxiliá-lo a entender o que

aconteciam. Por diversas vezes, surti diante dele tentando ajudá-lo, mas ele sempre começava a gritar e a dizer que estavam tentando pegá-lo. Vendo que tal auxílio era absolutamente infrutífero, eu desisti, pois não queria causar-lhe maiores disfunções.

Cássius e seus amigos mal podiam imaginar que eu ainda estivesse vivo, diante de tanto tempo que estivera afastado. Vendo a preocupação estampada no rosto dos amigos, Balthazar prosseguiu:

- Novamente, peço-lhes desculpas pela minha chegada tão repentina, mas é que, desde os acontecimentos na encosta, Matheus não faz outra coisa senão pensar em vingança. Seu ódio contra Cláudio e Elisa só tem aumentado. Então, quando soube da notícia do casamento, jurou que não permitirá que isso aconteça - explica Balthazar.

Infelizmente, antes que Balthazar prosseguisse, enquanto o casamento ia se desenrolando, eis que eu entro na igreja, anunciando minhas intenções de acabar com tudo e com todos, para espanto dos presentes.

- Malditos! Pensaram que haviam acabado comigo? - gritava eu.

- Meu Deus! Eu não posso acreditar que ele ainda esteja vivo! - espanta-se Cláudio.

- Isso mesmo... Eu voltei dos mortos e não permitirei que esta palhaçada continue. Farei com que paguem por tudo o que me

fizeram passar! Durante estes quatro anos, eu só pensava em uma única coisa: vingança!

- Você enlouqueceu. Perdeu completamente o juízo -
surpreende-se Elisa.

Eu já não era mais o mesmo rapaz de antigamente. Tinha agora 33 anos, havia ficado com uma enorme cicatriz estampada no rosto por causa da queda, e todo e qualquer tipo de sentimento puro que pudesse existir em mim fora extinto, dando lugar somente ao ódio e ao desejo de vingança. Estava completamente entregue às influências negativas, vindas diretamente dos senhores das trevas.

- Mas, afinal, quem é esse maluco? - pergunta Tobias.

- Eu vou lhe dizer quem sou. Sou aquele que estuprou a noiva diante de seu querido irmãozinho, enquanto ela implorava para que eu parasse, de tanta dor que sentia... Sou aquele que matou o maldito fedelho que quis me denunciar... Qual era mesmo o nome dele? Ah... Alexandre!

- O quê? Seu canalha, então foi você que sumiu com o Alê? Como pôde, miserável? - grita Cláudio, querendo correr em minha direção, mas sendo impedido por Elisa.

- Isso mesmo, fui eu quem o matou. Não sabem o quanto foi prazeroso sentir sua miserável vida bem aqui nas minhas mãos.

- Ora, seu... - novamente, Cláudio é seguro por Elisa.

- Está com raiva? Isso não é nada perto do ódio que sinto por você ter me tirado a mulher que eu amava. Maldita Elisa, como pôde fazer isso comigo? Nós poderíamos ter sido tão felizes!

- Cale essa sua boca, miserável! Depressa, segurem-no! - grita Tobias.

- Fiquem longe de mim! - adverti, abrindo a sacola que trazia, que estava carregada com pólvora suficiente para destruir a igreja inteira.

- Sim, é isso mesmo que estão vendo, aqui tem pólvora suficiente para mandar tudo pelos ares.

- Esse ordinário enlouqueceu... - surpreende-se Tobias.

- Eu posso ser um maluco, mas levarei todos vocês comigo para o inferno! Mas, antes, vamos nos divertir um pouco. Venha cá, seu amaldiçoado! - ordenava eu, apontando para Cláudio, que ainda não acreditava que aquilo pudesse estar ocorrendo no dia de seu casamento.

Sem poder fazer nada, e temendo que eu pudesse machucar os presentes, Cláudio decide atender à minha exigência e segue em minha direção. Elisa se desespera e implora para que eu deixe Cláudio em paz. Porém, eu estava disposto a me vingar dele, por acreditar que tinha sido o responsável por me tirar Elisa.

No plano superior, os amigos de Cláudio, através de grande dissipação de energia, conseguem remover de mim as criaturas que

me acompanhavam, por acreditar serem estas as grandes responsáveis por minhas atitudes. Contudo, descubrem que, mesmo sem os obsessores, minha atitude permanece a mesma.

- Mas como pode ser isso? Ele já não está mais entrelaçado com aquelas criaturas das trevas e, mesmo assim, ainda está determinado a praticar a maldade... Mas que tipo de ser humano é esse? - espanta-se Cássius.

Tendo feito o que podia para evitar que eu caísse totalmente em trevas, Cássius vê Cláudio sendo obrigado por mim a ficar de joelhos.

- Isso mesmo, seu maldito fedelho, se ajoelhe e implore por sua vida, miserável! - ordenava eu.

Contrariando minhas expectativas, Cláudio não demonstrava medo e sim compaixão pela criatura que estava ali diante dele, disposta a acabar com ele.

- O que foi? Não está com medo de morrer? - vociferava eu.

- Não! Se quer saber, eu sinto pena de você.

- O que é que você disse???

- Exatamente isso que você ouviu. Eu tenho pena de ter conhecido alguém tão sem Deus no coração quanto você. Tão distante daquilo que deveríamos ser uns para os outros. Todo esse ódio, esse desejo de vingança... Se quer saber, eu vejo você como um

irmão que necessita de ajuda. Eu lhe peço desculpas se lhe causei algum mal. Saiba que essa nunca foi a minha intenção – diz Cláudio.

Embora não soubesse, Cláudio havia sido induzido por Matilda, no plano superior, a não desejar o mal ou vingança a mim por tudo o que lhes causara e continuava causando. Como Cláudio era muito espiritualizado e consciente de si, ela somente deixara que ele anulasse o medo que estava experimentando e pudesse demonstrar o que realmente sentia.

- Pena? Quem você pensa que é para ter pena de mim? Guarde para si suas malditas palavras. Deus não existe e irei provar que quem rege este mundo é a lei do mais forte.

Após cuspir em Cláudio, e ignorar seu sentimento, retirei do cinto uma faca que trazia para me vingar do rapaz. Ao ver que eu possuía uma faca, Elisa corre para ajudar Cláudio, porém é segura por padre Antônio. As pessoas começam a ficar desesperadas com tudo aquilo e a sair correndo. Eu, no entanto, já não me importava com quantos fossem morrer; só o fato de ter bem ali, diante de mim, aquele a quem eu tanto odiava já me bastava.

Cássius, no plano superior, não acreditava que, mesmo com todos os esforços, eu teria a vingança que queria:

- Eu sei que nós não podemos interferir, mas não posso aceitar que ficaremos aqui, de braços cruzados, vendo Matheus matar Cláudio. Deve haver algum meio de auxiliá-lo.

Vendo a apreensão do amigo, Balthazar explica que infelizmente eles não podiam interferir nas atitudes dos que ainda se encontravam na carne, mas que ele tinha fé de que eu não iria cometer aquele ato.

Na igreja, agora quase vazia, eu me deleitava com a cena: tinha Cláudio ajoelhado diante de mim, e Elisa implorando desesperada para que eu os deixasse em paz. Padre Antônio, na tentativa de me convencer a desistir, suplica:

- Por favor, meu filho, eu lhe imploro que não mate ninguém. Saiba que Deus o ama e irá perdoá-lo por todos os seus pecados.

- Você está surdo? Não ouviu o que eu disse? Deus não existe e nunca existiu, padre.

- Existe, meu filho. Arrependa-se e peça perdão, que Ele, misericordioso como é, irá acolhê-lo em seus braços.

- Ora, cale a boca, seu velho maldito! Chega de falar de Deus! Se ele existisse, nunca teria permitido que eu ficasse sozinho. Foram arrancados de mim minha mãe e meu pai. Você acha que isso é justo, hein? Tomaram de mim tudo que eu tinha, e não tiveram piedade. Onde estava esse Deus sobre quem tanto prega quando eu mais precisei dele? Mas isso vai acabar hoje! Eu vou primeiro matar esse maldito, por ter me tirado a Elisa, e depois vou destruir todo este lugar para que vejam que Deus não existe e parem de induzir as

pessoas a acreditar nele. Está preparado, Cláudio? Então, diga adeus!

Enquanto eu seguia em direção a Cláudio para pôr um fim à sua vida, dezenas de entidades das trevas, que me acompanhavam havia longo tempo, e que aguardavam ansiosas por mais aquele assassinato, surgiram bem diante de mim. Eu pude ver claramente em seus olhos desesperados a saciação por verem mais um ato como aquele sendo praticado. Finalmente, as entidades obsessoras que havia muito me induziam e me “vampirizavam” haviam decidido mostrar as caras. Loucos, assassinos ensandecidos estavam bem ali diante de mim, quase que implorando por aquele ato. Estavam alimentando-se com as minhas atitudes, e deterioravam-se cada vez mais.

Assustado com a horrível cena, imaginei estar enlouquecendo, e então levei as mãos à cabeça, implorando para que aqueles seres monstruosos me deixassem em paz.

- Deixem-me! Deixem-me em paz! - gritava eu, desesperado.

Sem compreender por que eu agia daquela forma, Cláudio, aproveitando a oportunidade, levantou-se e afastou-se de mim, indo ao encontro de sua amada.

Como Cláudio conseguira fugir enquanto eu buscava me orientar em relação a tudo aquilo, as dezenas de entidades começaram a ficar agitadas pela oportunidade que eu perdera. Elas gritavam

enraivecidas e começavam a se debater desesperadamente. Algumas tomavam a forma de animais grotescos, e outras simplesmente perdiam a forma, tornando-se um aglomerado de matéria escura. Assustado com tais cenas, não vi outra alternativa a não ser sair correndo da igreja o mais rápido que podia.

E, assim que saí da igreja, minha vida naquele corpo chegaria ao fim. Aflito e desorientado, acabei tropeçando e caindo sobre a faca que carregava, fincando-a em meu próprio peito. Cláudio, Elisa e as pessoas que restavam na igreja não acreditavam no que havia ocorrido: eu mesmo acabara me matando.

Em poucos instantes, eu já não pertencia mais àquele plano. Contudo, logo perceberia que a vida não cessa com a morte do corpo físico. Antes que me desse conta, fui cercado por diversas criaturas e arrastado por elas, para as camadas mais inferiores, a fim de pagar por meus atos.

Na frente da igreja, as pessoas ainda não acreditavam no que seus olhos haviam visto. Para Cláudio e Elisa, o sentimento era um misto de pena e angústia. Aquele não era o fim desejado por eles. Mesmo com todos os meus atos de crueldade, eles não desejavam a minha morte, ainda mais de uma forma tão trágica. Acreditavam no arrependimento.

No plano superior, Cássius, Balthazar e os demais também não acreditaram que eu fosse agir de tal forma. Todos estavam dispostos

ao auxílio e, no entanto, neguei suas mãos estendidas e lhes virei as costas. Então, em sinal de respeito, todos se prostraram em oração, solicitando que o irmão que acabara de desencarnar fosse perdoado por seus atos. Contudo, cada ser é responsável por seus atos e deverá ser julgado pelas faltas que cometeu.

No plano físico, como se sentissem as vibrações vindas dos queridos servos do alto em consideração àquele irmão que acabara de partir, Cláudio e Elisa, em sinal de respeito, decidem não mais realizar o casamento – apenas seguiriam vivendo juntos. Então, o jovem casal, com os corações tristes por tudo o que haviam tido de enfrentar e presenciar, também se prostrou em oração. Eles desejavam ali que eu, mesmo com toda a dor e o sofrimento que lhes causara, fosse perdoado por todos os atos cometidos, e que um dia pudesse, enfim, compreender tudo o que de mal provocara.

Enquanto os que ainda se encontravam presentes na igreja seguiam prostrados em oração, rogando por minha alma, se alguém pudesse mergulhar em meus olhos e ver o que se passava comigo após a morte, descobriria que no lugar para onde eu havia sido arrastado a situação era completamente diferente.

Jogado em um ambiente de quase total escuridão, eu, desorientado, me debatia em dor. Fraco e muito machucado, estava preso ao que pareciam ser pesadas correntes ardendo em brasa. Confuso, eu logo perceberia que nada mais seria como antes.

Dezenas de criaturas horríveis e desfiguradas, que em nada lembravam o aspecto de homens, rodeavam-me parecendo querer devorar-me. Seria aquele local as “trevas” reservadas aos pecadores?

- Onde eu estou e quem são vocês? Soltem-me! Não façam isso!
Não, nãoooooo...